

Science WONDER Stories

June

25 Cents
Canada 30¢

HUGO GERNSBACK Editor



NEW
SCIENCE NEWS
OF THE MONTH

Science Stories by
H.G. WELLS
DR. D.H. KELLER
STANTON A. COBLENTZ



Science Wonder

Vol.1 No1

June, 1929

Editorial and General Offices, 96-98 Park Place, New York City.

Published by Stellar Publishing Corporation

“*Science Wonder, vol.1 n°1*”, marcou sua estreia em junho de 1929. Foi fundada por Hugo Gernsback após ele ter perdido o controle da revista “*Amazing Stories*”, quando sua empresa de mídia, Experimenter Publishing, faliu. A revista recebeu diferentes títulos após sua estreia: *Wonder Stories, Thrilling Wonder Stories, Startling Stories*.

Título original: Science Wonder Vol.1 No1

Tradução: Yan Viana

Publicado em: atomicvintage.com.br

Email: atomicvintage10@gmail.com

Imagens retiradas do Site <https://archive.org/>

H. GERNSBACK, Pres. I. S. MANHEIMER, Sec'y. S. GERNSBACK, Treas.

Hugo Gernsback, Editor-in-Chief

DAVID LASSER, Literary Editor

FRANK R. PAUL, Art Director

ASSOCIATE SCIENCE EDITORS

ASTRONOMY

Professor Samuel Q. Barton University of Pennsylvania

Professor Donald H. Mensel Lick Observatory, University of California

Dr. Clyde Fisher, Ph.D., LL.D. Curator, The American Museum of Natural History.

BOTANY

Professor Elmer G. Campbell Transylvania College

Dr. Margaret Clay Ferguson Wellesley College

Professor C. E. Owens Oregon Agricultural College

ELECTRICITY

Professor F. E. Austin Dartmouth College

MATHEMATICS

Professor C. Irwin Palmer Dean of Students Armour Institute of Technology

Professor James Byrnie Shaw University of Illinois

Professor W. A. Titsworth, S. M. Alfred College

MEDICINE

Dr. David H. Keller Western State Hospital

PHYSICS AND RADIO

Dr. Lee deForest, Ph.D., D.Sc.

PHYSICS

Professor A. L. Fitch University of Maine

ZOOLOGY

Dr. Joseph G. Yoshioka Illinois State Institute for Juvenile Research

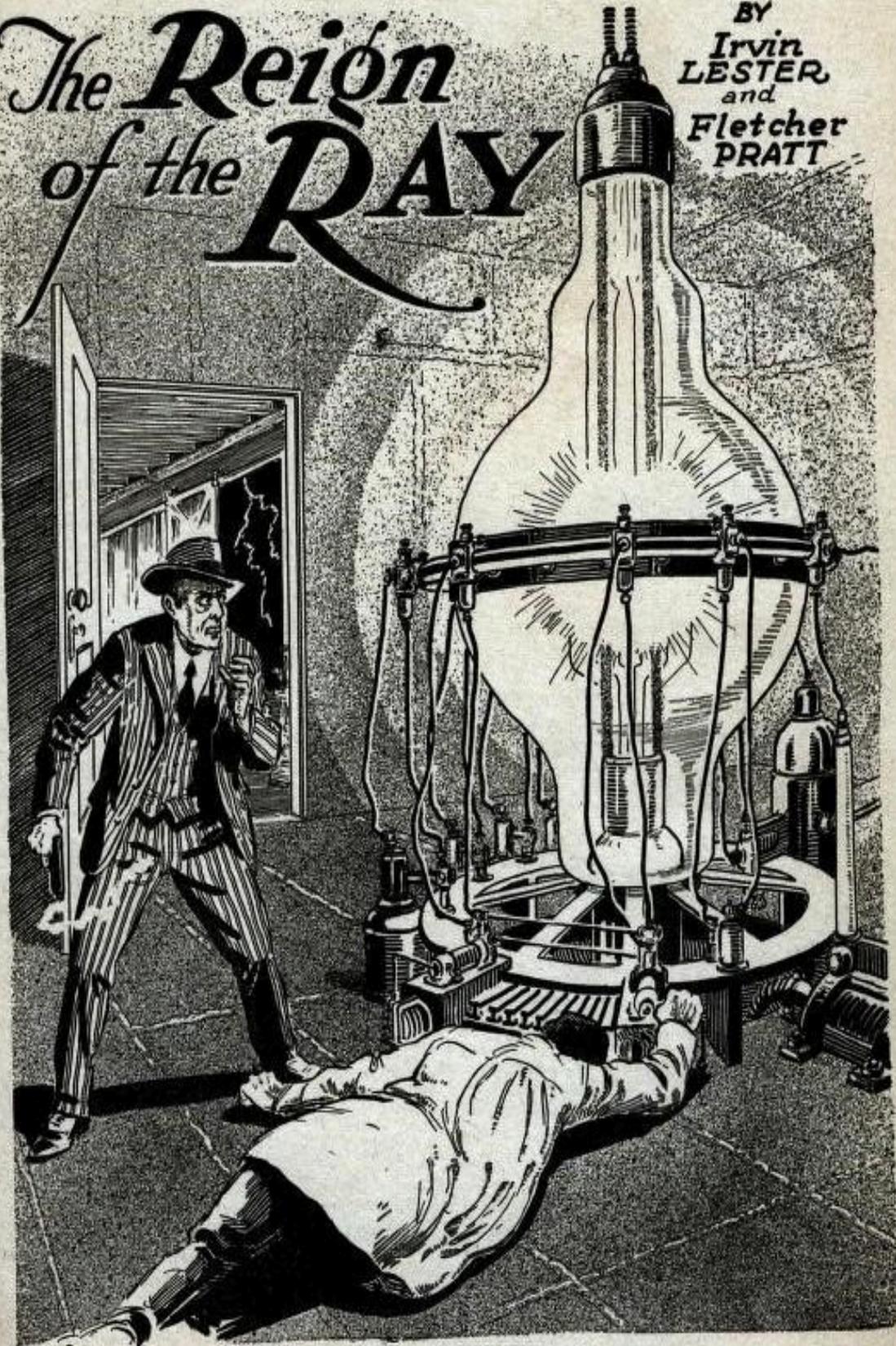
Editorial, Advertising and General Offices, 96-98 Park Place, New York, N. Y.

Science Wonder	2
O Reinado do Raio	7
PRÓLOGO; Uma Palavra do Editor.....	7
PARTE I.....	8
CAPÍTULO I.....	8
A História de Bob Adams (Data: 1900 — 10 de Julho de 1926).....	8
CAPÍTULO II.....	13
Três Homens se Encontram em Washington (Tempo — Setembro de 1926).....	13
CAPÍTULO III.....	16
Relatório do Operativo Secreto Cl 17 (Data — Junho - Outubro, 1926).....	16
CAPÍTULO IV.....	19
Trechos do Diário de Bob Adams (Data — 1924 - Julho de 1926).....	19
CAPÍTULO V.....	24
Retrato de um Cavalheiro em Exílio (Data — Inverno de 1929-1930).....	24
CAPÍTULO VI.....	29
Uma Odisseia de Dois (Data — Final do Verão de 1930).....	29
PARTE II.....	32
PRÓLOGO; Outro Aviso do Editor.....	32
CAPÍTULO I.....	33
O Primeiro Golpe (Data — Primavera de 1932).....	33
CAPÍTULO II.....	36
A vinda do caos (Data — Primavera de 1932).....	36
CAPÍTULO III.....	39
A Casa no Mato (Data — Primavera ao Outono de 1932).....	39
CAPÍTULO IV.....	45
Dois Cavalheiros Recebem as Notícias (Data — Primavera, 1932).....	45
CAPÍTULO VI.....	50
O Raio Vai à Guerra (Data — Novembro-Dezembro, 1932).....	50
PARTE III.....	54
NOTA PRELIMINAR.....	54
CAPÍTULO I.....	56
Os Cães Estão Soltos (Data — 1932).....	56
CAPÍTULO II.....	59
O Choque das Armas (Data — 1932).....	59
CAPÍTULO III.....	63
O Raio no Campo de Batalha (Período—1933-1934).....	63
O fabricante de diamante	69
Guerreiros do Espaço	77
CAPÍTULO I: Trinta Anos Depois.....	77
CAPÍTULO II: Um Chamado na Noite.....	79
CAPÍTULO III: O Primeiro Golpe.....	84
CAPÍTULO IV: Algumas Coisas Acontecem.....	87
CAPÍTULO V: Uma Ideia e uma Confissão.....	92

CAPÍTULO VI - A Conferência.....	94
CAPÍTULO VII: A Ideia de Donald Maynard.....	97
CAPÍTULO VIII: Preparativos e a Partida.....	101
CAPÍTULO IX: O Passar de um Mundo.....	102
CAPÍTULO X: O Coração do Universo.....	106
A Virgem de Mármore.....	110
CAPÍTULO I: Últimas palavras.....	110
CAPÍTULO II: Professor Huxhold.....	113
CAPÍTULO III: A Inspiração Toma Forma.....	116
CAPÍTULO IV: Uma Proposta Surpreendente.....	120
CAPÍTULO V: Naomi Vive!.....	124
CAPÍTULO VI: A Traição de Huxhold.....	128
A Ameaça do Robô.....	134
CAPÍTULO I: O Retorno de um Viajante.....	134
CAPÍTULO II: Uma Explicação.....	138
CAPÍTULO III: Um Sonho Ominoso.....	146
CAPÍTULO IV: Uma Surpresa.....	151
A Construção da Ilha Nebulosa.....	158
CAPÍTULO I: Quatro Conspiradores.....	158
CAPÍTULO II: Grandes Preparativos.....	161
CAPÍTULO III: A Inspeção.....	165

The Reion of the RAY

BY
Irvin
LESTER,
and
Fletcher
PRATT



For a moment Schneider stood over him, a thin curl of smoke rising from the revolver still held in his hand. Then he became aware of a low humming sound and a violet glow thru the giant tube . . . a thunderstorm was gathering outside and the trees outlined black against a flash of lightning.

O Reinado do Raio

Irvin Lester e Fletcher Pratt

PRÓLOGO; Uma Palavra do Editor

É com alguma hesitação que adicionamos outra obra à já numerosa lista de histórias sobre os eventos que seguiram a descoberta do Raio Adams. A única razão para fazê-lo é que, em nossa opinião, a história da descoberta nunca foi devidamente contada. Foi um evento de importância mundial, e com o tempo sacudiu o mundo com muito bons propósitos. Mas quando o mundo tomou conhecimento dele pela primeira vez, foi através de uma cadeia de eventos externos, e a conexão do Raio Adams com esses eventos não foi percebida na época. Assim, praticamente todas as histórias, mesmo as mais eruditas que abordam o período, tratam o Raio Adams e sua descoberta como um evento fortuito, uma descoberta casual ocorrida no meio da grande Guerra da Aliança do Norte. Ele teve uma influência distinta no curso e término deste conflito. O Wagstaff é tratado da mesma maneira; como se ambos fossem invenções como a paravane e o tanque, nascidos da Guerra de 1914.

O Wagstaff, até certo ponto, realmente merece essa descrição. O Raio Adams não merece de forma alguma. Na realidade, ele não foi apenas a causa imediata da guerra, mas o determinante de toda a história subsequente. A guerra poderia ter acontecido de qualquer maneira; mas a época em que irrompeu, o curso que tomou e os principais eventos em seu meio foram todos alinhados pelo Raio.

Por esta razão, adotamos o curso, incomum na escrita de uma história geral, de lidar em grande detalhe com eventos que parecem comparativamente pequenos. Reconhecemos que isso tem desvantagens. Faz com que o que se pretende ser uma história séria pareça mais um romance, e causa uma interrupção no meio de nossa narrativa. Mas a última parte da história já foi contada, e apenas uma narrativa resumida dos eventos é necessária para uma geração que já os conhece de cor. O historiador discriminador não pode fazer mais do que colocar os fatos em sua relação própria e tirar as inferências filosóficas deles.

A primeira parte da história — a parte mais detalhada — nunca foi contada como um todo conectado. Este é, na verdade, nosso principal motivo para escrever esta história. A recente publicação das memórias de Walker Adsill, ex-chefe do Serviço Secreto dos Estados Unidos, lançou uma luz intensa em muitos dos cantos escuros da história inicial do Raio Adams. Essas memórias iniciaram uma busca por mais documentos, e o escritor, felizmente, teve acesso aos que foram encontrados nos arquivos soviéticos após a queda de Tula. Com a

ajuda destes, tentamos delinear os eventos que giram em torno da descoberta do Raio Adams de maneira semelhante à forma como ocorreram. Se o fizemos de uma maneira que às vezes parece fantasiosa, é porque acreditamos que dessa forma fornecemos um quadro mais fiel dos acontecimentos reais do que poderia ser obtido de qualquer narrativa histórica comum.

A história do início está bem documentada. Para a vida de Robert C. Adams, temos os registros do Instituto Politécnico Rensselaer e as memórias de todos aqueles que tiveram algum contato com ele e que, depois que ele se tornou famoso, apresentaram suas pequenas informações para adicionar ao fundo geral. A carta de Epstein e a conferência de Adsill com ele vêm, é claro, das memórias do chefe do Serviço Secreto. O relatório do Operativo C117 é dos arquivos soviéticos e o diário de Adams, com sua misteriosa mensagem codificada, foi encontrado em uma livraria de Munique por um professor alemão de matemática interessado em criptogramas. Ele o comprou ao vislumbrar por acaso as sequências de números que indicavam algum material para seu hobby. Estava bem rasgado e algumas partes estavam faltando quando foi descoberto.

PARTE 1

CAPÍTULO I

A História de Bob Adams (Data: 1900 — 10 de Julho de 1926)

O filho de Jerry Adams aprendeu sobre a solidão cedo. Um órfão com dinheiro vive em uma posição verdadeiramente lamentável; e para Bob Adams logo ficou claro que as pessoas estavam cultivando sua amizade pelo que poderiam ganhar com isso. Privado de todos os recursos, exceto os que ele próprio criava, e feito alvo de piadas cruéis de meninos devido à suspeita com a qual ele se via obrigado a se isolar, ele nunca fez amigos da sua idade.

Como acontece com todos aqueles que são deixados por conta própria, Bob Adams carecia de um senso de proporção. Quando formou sua única e verdadeira amizade — com o professor de matemática da escola para órfãos para a qual fora enviado por parentes ansiosos por se livrar da responsabilidade — sua mente jovem e perspicaz tornou-se completamente absorvida pelas ideias e contatos apresentados pelo matemático. Ele se interessava mais por geometria do que por beisebol, uma péssima característica para um rapaz tão jovem, e foi justamente por essa absorção em matemática que ele acabou se separando de seu único amigo.

Foi numa noite durante o último ano de Bob Adams na escola, pouco antes de ele ir para a faculdade. O professor de matemática já estava na cama há algum tempo quando foi

despertado por uma batida estrondosa e abriu a porta para encontrar o jovem Adams, todo radiante com uma ideia.

“Eu descobri como trissectar o ângulo”, declarou ele.

“De fato”, disse o professor. “Bem, conte-me sobre isso de manhã. Este não é o momento adequado...”

“Mas veja. Não vai demorar um minuto. Deixe-me mostrar a você,” e, tirando um lápis e um pedaço de papel do bolso, o garoto começou a explicar.

Talvez o temperamento do matemático não fosse dos melhores ao ser forçado a ficar de pijama e ter que ouvir um problema de geometria. “Mas isso é ridículo”, disse ele. “Seu jovem tolo, você não sabe que trissectar o ângulo é o mesmo que quadrar o círculo, que é a mesma coisa que encontrar o valor de pi, sobre o qual os matemáticos têm trabalhado por séculos? Sua solução é uma falácia.”

“Mas onde está a falácia?” perguntou Bob Adams, um pouco irritado e ansioso para provar que estava certo...

“Não importa, acredite em mim que existe uma falácia. Vou explicar de manhã.” Ele bocejou. “Boa noite.”

Bob Adams se viu diante de uma porta fechada. Talvez fosse natural que, tendo sua grande descoberta tratada dessa forma pela própria pessoa de quem ele contava com ajuda e encorajamento, ele fosse levado a uma raiva irracional. Ainda fervendo de raiva, ele caminhou pela estrada até a estação, pegou um trem noturno para Nova York e se alistou no exército, acrescentando dois anos à sua idade.

Ele foi encontrado e enviado para o Rensselaer Poly, onde viveu uma existência solitária por seis anos. Quando voltou para Mt. Hope, onde havia nascido, ele tinha um pouco mais de conhecimento sobre os homens e a cultura do que quando partiu, mas tinha uma impressionante coleção de títulos de engenharia em seu nome. E com base em seu trabalho de pós-graduação, já era considerado um dos engenheiros elétricos mais promissores do país.

Disso, Bob Adams sabia pouco e não dava a mínima. O repúdio que sua descoberta inicial havia recebido o tornou sensível a críticas hostis, e ele cuidadosamente as evitava, não contando a ninguém o que estava fazendo ou havia feito. De volta à vila em Nova Jersey, ele transformou um celeiro em um laboratório e começou a fazer trabalhos de pesquisa com a sublime indiferença ao mundo exterior que caracteriza o verdadeiro explorador de conhecimento.

Seus vizinhos olhavam para tudo aquilo com o mesmo espírito que camponeses medievais poderiam ter olhado para as operações de um alquimista. O celeiro de Bob Adams

era chamado de “Manicômio” e o próprio experimentador era referido como um “maluco, mas um cara muito brilhante,” com aquela curiosa mistura de orgulho e desprezo que uma habilidade excepcional sempre desperta naqueles cujas vidas são moldadas como a de um relógio de oito dias.

Com o tempo, os moradores da cidade se acostumaram com o jovem estranho e silencioso, classificando-o como uma peculiaridade natural junto com Martin Haney, que tinha cem anos de idade. Ambos eram apontados aos veranistas como atrações da cidade.

Assim estavam as coisas em 1926, na primavera daquele ano, quando houve um número incomum de viajantes chegando excepcionalmente cedo. A Jersey House e a maioria dos chalés ao redor do lago estavam lotados no final de maio. Entre os veranistas, podia-se notar um jovem de Nova York com traços judaicos que não era de modo algum um exemplar comum da classe a que pertencia. As danças locais não lhe interessavam; ele não parecia se importar com garotas, passeios de barco ou pesca. Tudo para ele era menos do que o pó. Suas ações, em resumo, confirmavam sua alegação de que estava ali apenas para descansar.

Talvez tenha sido por uma coincidência que, ao voltar de uma caminhada na estrada de Rockaway numa noite, ele acabasse passando ao lado de Bob Adams durante uma das raras jornadas deste último à vila para resolver alguma pequena necessidade. O jovem cientista, após um olhar e um educado “Boa noite”, continuou em silêncio. O estranho, após acenar em resposta à saudação do outro, parecia bem satisfeito.

Estavam passando pelas últimas casas da vila quando Adams quebrou o silêncio com um “Veio para o verão?”

“Não. Só vim para descansar. Muito estudo.”

De pequenas sementes crescem grandes coisas. Não houve mais conversa naquela noite, mas em outro encontro (também por acaso, curiosamente) algumas noites depois, os dois descobriram um interesse comum nos fenômenos elétricos relacionados a tubos de vácuo e um desejo mútuo pela solidão. O nova-iorquino, que se apresentou como Schneider, um estudante de engenharia elétrica, conquistou uma aprovação tão calorosa quanto Bob Adams jamais dera a qualquer ser humano e foi, por fim, convidado a visitar o laboratório.

Ele descobriu que o grande celeiro havia sido dividido por uma parede a cerca de um terço do final. A seção menor estava fechada com uma porta trancada, e Adams explicou que estava conduzindo um experimento de certa delicadeza ali. Mas o cômodo maior, cheio de aparelhos elétricos, era um tesouro para o visitante. Ele examinou tudo com interesse e inteligência e ofereceu sugestões que Adams considerou genuinamente úteis.

Adams pensou que nunca havia conhecido alguém tão completamente agradável. A amizade cresceu rapidamente e junho e parte de julho passaram sem que o jovem experimentador percebesse que Schneider estava ficando um pouco mais além do tempo em que se poderia esperar que ele retornasse à cidade.

Foi na tarde do décimo dia daquele mês que eles estavam sentados juntos na sala externa discutindo o tubo de Coolidge e suas possibilidades. “Pode ser que um dia,” disse Adams, “isso até leve à liberação da energia interatômica que os químicos têm procurado.”

“Mas mesmo que acontecesse,” protestou Schneider, “isso não poderia ser mais uma maldição do que uma bênção? Russell¹ acha que se o processo de liberação da energia atômica fosse iniciado, não poderia ser interrompido, e que se espalharia pelo mundo todo como um incêndio, reduzindo tudo a íons vibrantes. Além disso, olhe a quantidade de corrente necessária para produzir as mudanças provocadas pelo tubo de Coolidge. Dificilmente seria econômico como algo regular.”

“Isso não permaneceria assim,” disse Adams. “Coolidge obteve um conjunto de resultados com um tubo de vácuo construído de uma certa maneira. Se um tipo diferente de tubo fosse usado, você poderia obter resultados completamente diferentes. Ele certamente fez mudanças atômicas de algum tipo com seus tubos e se...” Mas então ele parou e olhou atentamente para Schneider. “Você pode guardar um segredo?”

Quando o outro assentiu, ele se levantou e, conduzindo pelo caminho até a parte trancada do laboratório, abriu-a com algum esforço (a porta parecia extraordinariamente pesada) e apertou um interruptor.

O Segredo de Adams

No brilho das duas ou três grandes lâmpadas elétricas instaladas no teto, Schneider viu uma sala sem janelas com cerca de três por quatro metros e meio, cujo centro era inteiramente ocupado por um enorme tubo de vácuo, com mais de três metros de altura. O tubo se expandia em uma esfera no centro e, no seu ponto mais largo, parecia estar coberto com algum tipo de metal. Um suporte com rodas o mantinha na posição vertical, e um emaranhado de pesados cabos elétricos saía dele para conexões na parede. A sala em si estava perfeitamente vazia, exceto por duas folhas de metal que estavam encostadas em um dos lados e que também revestiam as paredes, o chão e o teto. Schneider olhou para tudo isso com curiosidade.

¹ Bertrand Russell

“Isolamento de chumbo,” disse Adams, seguindo o olhar de Schneider. “O que você vê aqui é provavelmente o maior tubo de vácuo já construído. É o mesmo tipo de tubo de Coolidge, com modificações. Matei um coelho em dois segundos com suas emanações e causei uma perturbação atômica tão violenta na gasolina que a fez explodir em um recipiente fechado. Só Deus sabe o que mais ele pode fazer. Ainda não fiz um teste completo.”

Os olhos de Schneider se arregalaram. “Você poderia detonar explosivos à distância com isso!” ele exclamou. “Uma coisa dessas valeria milhões para qualquer país.”

“Suponho que sim,” disse Adams, “mas não quero vendê-lo no momento. Ainda é puramente experimental.”

“Eu tenho um amigo — quer dizer, conheço alguém — acho que poderia fazer os arranjos,” gaguejou Schneider, “se você permitir que sejam feitos testes, acho que poderia conseguir um bom preço para você.”

“Mas eu não quero vendê-lo,” disse Bob, sua desconfiança surgindo instantaneamente, “tenho dinheiro suficiente.”

“Mas você deve vendê-lo,” gritou Schneider, em uma excitação incontrolável, “eu te digo, uma coisa dessas — meu povo vai —”

“Seu povo! Diga, meu caro, quem é seu povo? Do que você está falando, afinal? Eu te digo que não vou vendê-lo, e os Estados Unidos da América são os únicos que o receberão. Eu deveria saber que haveria alguma tramoia quando você começou a andar por aqui. Vamos, saia daqui agora e volte para casa!” Ele deu um passo ameaçador à frente.

“Oh, sim, você vai vendê-lo, Sr. Robert Adams,” disse Schneider, seus olhos de repente se endurecendo enquanto ele recuava. “Você vai vender ou eu vou tomar,” e Bob Adams estava olhando para o anel de aço redondo da boca de um revólver. “Rápido, agora, como é feito?”

Em resposta, o jovem cientista se lançou para frente e para baixo, tentando desarmar o revólver com a mão estendida. Houve um estampido agudo, um clarão de chama, e Bob Adams caiu pesadamente, batendo com a cabeça em algum equipamento na base do enorme tubo.

Por um momento, Schneider ficou parado sobre ele, uma fina curva de fumaça azul subindo do revólver ainda em sua mão. Então, ele se deu conta de um baixo zumbido e um brilho violeta vindo do enorme tubo. Ele olhou através da porta aberta. A tarde havia escurecido como a noite; uma tempestade estava se formando do lado de fora, e por um instante ele viu as árvores ao longo da estrada se curvando à tempestade, contornadas de preto contra um clarão de relâmpago.

Então, uma grande fonte de fogo, distante, subiu em direção aos céus, brilhando mais intensamente do que o relâmpago que descia. Um rugido como o estrondo de uma montanha caindo abafou o trovão. O chão tremeu; as janelas na sala externa estouraram em uma chuva de vidro; um grito se ergueu em algum lugar na vila de Mt. Hope, e Schneider caiu suavemente para o chão ao lado de Bob Adams, seu revólver amassando o macio isolamento de chumbo enquanto ele caía.

CAPÍTULO II

Três Homens se Encontram em Washington (Tempo — Setembro de 1926)

“A posição é a seguinte, Sr. Epstein,” dizia o mais velho dos três. “O Almirante Downs não está, e nunca esteve, convencido de que a explosão do arsenal de Lake Denmark foi causada por um raio. Os jornais noticiaram assim e deixamos que o fizessem porque desejávamos continuar nossa linha de investigação discretamente.”

“Por que você não acha que a explosão foi causada pelo raio?” perguntou Epstein, sem tirar o charuto da boca.

O homem de uniforme olhou para o homem mais velho e, recebendo um aceno, se virou para o judeu. “Porque tomamos as maiores precauções contra essa tal possibilidade,” disse ele. “Os depósitos estavam em lugares diferentes e, em grande parte, subterrâneos. Eles não eram muito suscetíveis à ignição uns pelos outros. E o depoimento das únicas duas testemunhas oculares que temos concorda em uma coisa — que dois ou três depósitos explodiram ao mesmo tempo. Um raio poderia ativar um, mas três raios atingindo três depósitos diferentes ao mesmo tempo é quase impensável. É por isso que chamamos o Sr. Adsill.”

O homem mais velho retomou a conversa. “Outros agentes do departamento têm vasculhado a localidade há algum tempo em busca de qualquer coisa que nos dê uma pista. Digo isso para mostrar o que estamos enfrentando. Claro, uma imensa quantidade de confusão resultou da explosão em todas as cidades ao redor, e Lake Denmark em si estava desprovido de quaisquer indicações de uma origem incendiária para o caso. Mas em Mt. Hope, a poucos quilômetros a noroeste, encontramos algo promissor.

“Parece que um jovem chamado Bob Adams estava realizando experimentos elétricos com tubos de vácuo lá. O Departamento de Guerra relatou que ele estava experimentando um raio para parar aviões ou algo do tipo. Ele os informou sobre alguns sucessos no trabalho e pediu que enviassem um homem para acompanhá-lo. Eles deram pouca atenção a isso, estão

sempre recebendo tais relatórios de inventores, mas nossas investigações mostram que Adams tinha uma alta reputação como engenheiro elétrico e experimentador.

“Descobrimos que ele estava desaparecido desde o dia da explosão. Agora, Mt. Hope foi uma das cidades que foi fortemente bombardeada; ele pode facilmente ter perdido a vida na explosão. Mas o celeiro que ele havia transformado em laboratório estava intacto, exceto por alguns vidros quebrados. E o fato curioso era que todos os fusíveis elétricos estavam queimados.

“Em uma extremidade do celeiro havia uma sala revestida inteiramente com chumbo e equipada com conexões elétricas de tamanho incomum, mas de resto estava perfeitamente vazia. O medidor elétrico de Adams, que havia sido lido no dia anterior, mostra que ele usou uma quantidade imensa de corrente naquele dia; quase duzentas quilowatt-horas.

“Não havia nada que conectasse isso com a explosão além do fato de que ele estava fazendo experimentos com raios. Mas seguimos uma pista na vila, onde vários dos hóspedes de verão não foram encontrados, e vasculhamos os quartos que haviam sido ocupados por aqueles que estavam desaparecidos. Em um deles, que havia sido ocupado por um tal de Schneider, encontramos isso.”

Ele colocou um pedaço de papelão diante do homem a quem havia se dirigido como Sr. Epstein. Nele estavam colados vários pequenos pedaços de papel com várias lacunas. Algo havia sido escrito neles com uma máquina de escrever:

“RGUBJ JR QUKK DJPE NW Y (aqui veio uma pausa) YID AIIB (uma pausa) EOYJ REYXJ EOAA BIR JRDOYSYR RI (pausa) RI IAAE.”

“Mmm. E o que isso deve significar para mim? Eu ainda não sei ler grego,” disse o Sr. Epstein.

“Temos especialistas em códigos trabalhando nisso,” disse o homem mais velho. “Eles acham bastante simples. É feito ao pressionar não a letra correta na máquina de escrever, mas, em palavras alternadas, a letra antes da correta e a letra depois dela. Aqui está a solução que eles deram para isso:”

“Acho que ele vai me mostrar,” dizia a mensagem, “t- . . .tus em breve. . . com caminhão. Não vai hesitar em. . . para USSR.”

“O que é isso?” perguntou o Sr. Epstein, “t-u-s. Talvez devesse ser 'apparatus', não, almirante? Saftig!” Ele sorriu para o almirante, que fez uma careta.

“É muito sugestivo, Sr. Epstein,” disse o homem mais velho. “Especialmente considerando o fato de que um vendedor em Mt. Hope relata que seu caminhão de entrega de duas toneladas está desaparecido desde a explosão. Pode ter sido levado por alguém ansioso

para fugir — mas também pode não ter sido. Em todo caso, a URSS, com a qual esta mensagem termina, são as iniciais da República Soviética. Agora, pode ser uma busca sem sentido, e não podemos lhe dar nada mais definitivo para trabalhar além disso; mas queremos que você vá a Moscovo e encontre o que puder sobre a descoberta de um novo raio que possa detonar explosivos. Se tal coisa estiver nas mãos dos comunistas, é uma questão de extrema importância não apenas para este país, mas para o mundo inteiro, pois um exército equipado com tal raio seria absolutamente invencível. Na verdade, Sr. Epstein, estamos enfrentando uma crise nacional e contamos com você.”

“Eu devo acabar me tornando um bolchevique, hah,” disse o Sr. Epstein, girando o charuto na boca. “Isso é tudo o que vocês podem me dizer por enquanto?”

“Lamento dizer que sim.”

“Hmmm. Quanto de despesas eu recebo se for para lá? Já o departamento me deve dinheiro com impostos de renda.”

“Todo o necessário. Digo-lhe que isso é uma emergência nacional.”

“Hmmm. E então alguém neste departamento diz, ‘Este recibo não está completo.’ Vagabundo! ‘Onde está o recibo que você recebeu do rapaz do chapéu que você deu gorjeta?’”

“Vou garantir que você receba fundos suficientes. Você deve partir esta noite.”

“Sim, sim. Para agradar um amigo, eu faço isso. Negócios são negócios!” Ele se levantou e se inclinou sobre a mesa em direção ao homem de uniforme. “Prazer em conhecê-lo, Sr. Almirante. Da próxima vez que estiver em Nova York, quando eu voltar, me ligue, hein?” e, colocando um chapéu derby, saiu com arrogância.

O homem de uniforme olhou para o mais velho e levantou as sobrancelhas. “Você acha que... Não se pode ser muito cuidadoso em um assunto de tamanha importância...” ele começou.

“O melhor homem do departamento para o trabalho,” respondeu o outro incisivamente. “Com aquele jeito insolente de vendedor judeu, ele pode ir a qualquer lugar e descobrir qualquer coisa. Ninguém desconfia dele porque ele é óbvio demais para levantar suspeitas. E deixe-me dizer que ele tem uma mente afiada por trás do exterior engraçado. Ele poderia repetir cada palavra que foi dita aqui, exatamente como foi dita.”

“Bem, espero que você esteja certo,” disse o homem de uniforme, reunindo um punhado de papéis. “Superficialmente, ele certamente não é impressionante, e, francamente, temo que estamos enfrentando algo muito sério.”

CAPÍTULO III

Relatório do Operativo Secreto CI 17 (Data — Junho - Outubro, 1926)

Aos altos Comissários do Eschgan, Camaradas Stensoff, Voyonovich e Zaninin: Relatório sobre operações no Estado de Nova Jersey, América, conforme solicitado:

1. Fui designado para investigar as possibilidades em relação ao raio de alta explosão relatado como sendo desenvolvido por Robert C. Adams, engenheiro elétrico americano, em Mt. Hope, Estado de Nova Jersey.
2. Os operativos E32, C212 e C96 foram designados para agir sob minhas ordens.
3. O operativo E32 foi designado para fazer contato e exame técnico.

O operativo E32 alugou um quarto em Mt. Hope como veranista, dando o nome de Schneider e sua profissão como engenheiro elétrico. Relatórios foram transmitidos digitando-os e deixando-os na gaveta superior de sua cômoda para inspeção quando estivesse fora, ou em um local previamente combinado sob uma pedra na beira do lago.

Em 1º de junho, o Operativo E32 relatou o contato preliminar com Robert C. Adams. Em 4 de junho, ele relatou o segundo contato, acrescentando que Adams tinha uma natureza extremamente desconfiada e egocêntrica e seria um sujeito difícil, exigindo muito tempo.

Enviei uma reprimenda a ele, enfatizando a necessidade de urgência, pois Adams poderia completar seu dispositivo a ponto de fazer uma demonstração pública ou, de outra forma, persuadir os oficiais do exército americano a dar atenção ao projeto. Em 14 de junho, ele relatou que Adams certamente nunca faria uma demonstração pública e abominava qualquer tipo de publicidade.

Em 18 de junho, ele relatou que Adams estava evidentemente fazendo progressos com o dispositivo de raio, dedicando muito tempo a ele. O relatório também afirmou que provavelmente se tratava de um tipo de tubo de vácuo. Em 20 de junho, o relatório afirmou que o dispositivo estava guardado em uma seção separada do laboratório de Adams, um grande celeiro reformado para esse propósito, e que Adams sempre mantinha a porta trancada.

Em 24 de junho, o relatório afirmou que Adams estava ressentido com a falha do Departamento de Guerra de seu governo em dar atenção à sua invenção e que o dispositivo poderia ser comprado. Incentivei o Operativo E32 a obter algum conhecimento sobre a construção e as possibilidades do dispositivo.

Em 8 de julho, o relatório afirmou que E32 acreditava que Adams mostraria o dispositivo em alguns dias. O relatório solicitou que eu preparasse um grande caminhão para emergências, pois o dispositivo era evidentemente grande. O relatório também solicitou que eu estivesse preparado para invadir o laboratório, se necessário. Instruí, portanto, os Operativos C212 e C96 a chegarem a Mt. Hope em 11 de julho.

Em 10 de julho, houve uma forte tempestade no início da noite. Achando que a oportunidade era boa, aproximei-me do laboratório de Adams para fazer um reconhecimento. Enquanto estava ocupado nisso, pensei ter ouvido um tiro dentro do laboratório, mas, não tendo certeza, não me atrevi a me aproximar, pois Operativo E32 e Adams haviam sido vistos entrando.

Alguns minutos depois, houve uma terrível explosão ao sul e a leste, onde um grande arsenal do governo americano está localizado, não muito longe dali. A explosão foi tão violenta que algumas casas foram demolidas; e foi seguida por novas explosões na mesma direção. Desde então, soube que todo o arsenal explodiu, um depósito após o outro. Cápsulas e foguetes começaram a cair na vila. Enquanto isso, não houve som dentro do laboratório e, após esperar um curto período de tempo, entrei pela porta da frente, que estava aberta.

Encontrei um grande número de aparelhos de laboratório em uma sala externa, muitos deles quebrados pelo impacto da explosão. Havia uma sala interna nos fundos, com a porta aberta.

Entre e encontrei o Operativo E32 deitado no chão junto com Adams. Adams estava sangrando de um ferimento de bala no corpo e estava inconsciente. O Operativo E32 estava morto por causa não identificada. Seu revólver estava no chão ao lado dele e havia pequenas queimaduras em sua testa. Ambos os homens estavam deitados ao pé de um grande tubo de vidro passando por uma esfera metálica. O tubo tinha cerca de três metros de comprimento e conexões elétricas pesadas em cada extremidade. Havia um interruptor na base do tubo no chão, que estava ligado. Descobri que todos os fusíveis elétricos no prédio estavam queimados quando tentei acender a luz.

A explosão do arsenal ainda estava em curso e a vila estava em grande confusão quando retornei para lá. As pessoas estavam saindo ou tentando sair por todas as estradas. Vários mortos estavam pelas ruas. Peguei um pequeno caminhão coberto e retornei ao laboratório com ele.

Dentro do caminhão, coloquei os corpos do Operativo E32 e de Adams, e após algum esforço, desencaixei as conexões do tubo, que eu presumi ser o dispositivo no qual Adams estava trabalhando; e também coloquei-o no caminhão.

Na parte traseira do caminhão, coloquei várias cadeiras que encontrei na sala externa (para dissipar suspeitas) e parti. No extremo oeste da vila, encontrei um carro de passageiros quebrado e troquei as placas de licença com ele. Em seguida, dirigi para oeste a partir daquele ponto e por estradas rurais até Easton, no Estado da Pensilvânia, chegando na manhã seguinte.

Imediatamente chamei o Operativo C212 por telefone de longa distância de Nova York, escondendo Adams em um pequeno bosque próximo à cidade, juntamente com o caminhão.

O Operativo C212 chegou na manhã seguinte com um carro fechado, no qual confinamos Adams após amarrá-lo de forma segura e tratar de seus ferimentos. O tubo encontrado no laboratório foi embalado em um grande pacote, obtido em uma loja em Easton, rotulado como “Instrumentos Musicais” e enviado para o endereço do Operativo C212 em Nova York.

Voltamos para Nova York no carro, pois Adams continuava a fazer ameaças violentas, e julgamos ser inseguro transportá-lo de trem.

Em Nova York, o Operativo C212 comprou um grande piano que foi entregue em seu endereço. Um manifesto de exportação foi preparado para o piano, com o endereço de envio indicado como sendo do agente norueguês (Operativo A145) em Oslo. Fizemos uma solicitação especial à alfândega para examinar o piano no endereço de envio, pois, devido à delicadeza do instrumento, ele poderia ser danificado se fosse aberto tanto no cais de Nova York quanto no destino. Um inspetor foi chamado e mostrou o piano. O grande tubo do laboratório de Adams foi embalado em sua caixa e enviado no lugar do piano, com instruções encaminhadas ao Operativo A145 por cabo. Este instrumento deve agora estar em suas mãos.

Temendo que o dispositivo fosse inútil sem alguma explicação sobre seu funcionamento, e estando certo de que apenas Adams poderia fornecê-la, ele foi enviado a você, sob a responsabilidade do Operativo C212, no navio mercante “Creole” para Londres, de onde será encaminhado pelos canais usuais.

Estou certo de que a explosão foi causada pela operação do tubo, que provavelmente também causou a morte do Operativo E32 (Companheiro Chanin), para o qual recomendo honras póstumas e uma condecoração. O dispositivo não pode ser de menor importância para nosso país e para a Revolução Social. No entanto, evidentemente, há perigos consideráveis associados ao seu uso, e somente Adams pode explicar esses riscos. Recomendo que se faça todo o esforço para explorar sua vaidade, pois os relatórios do Operativo E32 indicam que ele é um sujeito extremamente difícil e este é o único método que oferece sucesso.

Mais uma coisa a respeito de Adams, não posso enfatizar demais a importância do diário encontrado em seu bolso quando foi revistado em Easton, Estado da Pensilvânia, após minha chegada lá. Este diário está sendo transmitido em anexo. Notará que algumas passagens estão em cifra, mas os esforços neste escritório até o momento falharam em decifrar essa cifra. Estamos retendo uma cópia do diário na esperança de que nos forneça algo para trabalhar aqui.

Há pouca chance de que o governo americano siga o caso, já que é amplamente divulgado por oficiais conectados ao governo que a explosão foi causada por um raio que atingiu a porta aberta de um armazém. Isso é citado pelos jornais, que também publicaram o relato de uma testemunha ocular da explosão que mantém a mesma opinião.

O relatório é respeitosamente submetido.

Operador 017.

CAPÍTULO IV

Trechos do Diário de Bob Adams (Data — 1924 - Julho de 1926)

11 de Novembro de 1924 — Pergunto-me se pode haver alguma conexão entre o raio cósmico do qual Milliken fala (a propósito, “raio cósmico” é uma frase terrível, mas suponho que os jornais precisam ser jornais) e as emanações do tubo Coolidge? Seria interessante investigar.

3 de Dezembro — Comprei um tubo Coolidge. Certamente a ideia de superaquecer o cátodo é muito engenhosa. Suponho que o Dr. Coolidge já tenha pensado em aquecer o ânodo também, mas talvez valha a pena repetir o experimento por conta própria.

8 de Janeiro de 1925 — O que um alquimista medieval daria para ter um desses tubos de Coolidge! A Pedra Filosofal realizada! Imagine reduzir um gás a um sólido amorfo, simplesmente por emanações invisíveis, e imagine fazer uma pedra brilhar com luz. Coolidge escreveu que anunciará seus resultados ao mundo científico na próxima reunião da Associação Americana. Isso será em 1926 e me dá um ano ou mais para trabalhar em melhorias.

24 de Janeiro — Se as emanações do tubo Coolidge produzem resultados tão notáveis, por que não construir um tubo maior e obter resultados ainda mais notáveis? Acredito que vale a pena tentar.

19 de Março — Bem, foi um fracasso. O grande tubo está construído — seis pés de altura, cátodo de platina, arranjo de aquecimento extra, obturador de níquel e tudo o mais. Hoje eu o testei em um coelho branco da Policlínica. Eu deveria ter pensado melhor; claro

que a carga seria pesada demais para qualquer corrente comum. Me pergunto se consigo uma conexão com as Cataratas do Niágara via Easton.

23 de Março — Parece que vou conseguir o cabo de energia. Essas grandes empresas! Agem como se estivessem fazendo um favor ao vender algo para você. Felizmente, Howells, terceiro vice-presidente, ou panjandrum ou algo assim, conhecia meu velho professor em Rensselaer e consegui me safar. Enquanto isso, me pergunto se não obteríamos uma emissão mais poderosa usando algo diferente de platina ou tungstênio para o cátodo aquecido? Parece-me que esses metais refratários emitem a menor quantidade possível de emissão.

28 de Março — Um cátodo de aço claramente não serviria; nem o molibdênio; são muito inertes. Quero algo quase radioativo por si só. Tório ou urânio, talvez —

12 de Abril — Consegui a energia hoje e testei o tubo gigante. Resultado: um coelho careca e uma mão queimada. Preciso ter cuidado com essas emissões ou ficarei aleijado. Não que isso importe, mas seria um obstáculo no trabalho. Me pergunto como o coelho se sente?

15 de Abril — O Coelho não sente mais nada. As emissões foram demais para ele, pelo que parece. Seu pelo começou a crescer novamente, mas não branco, e sim preto e grosso. Singular transmutação. Evidentemente, essas emissões são muito poderosas, e posso me considerar sortudo com apenas uma mão queimada. Pedi algumas folhas finas de chumbo para construir um escudo para mim e para a parede do meu laboratório.

20 de Maio — Fiz um pequeno tubo com um cátodo de tório. Obtive resultados interessantes enquanto durou. Apliquei-o a um tubo de ensaio de metano (experimento de Coolidge com seu tubo) e não obtive o pó marrom amorfo, mas uma leve explosão, com vestígios de propano como produto final. Isso parece promissor. Mas o tório derreteu em aproximadamente dez segundos.

15 de Junho — Tentei um cátodo de urânio. Obtive outra explosão, mais violenta, mais vestígios de propano e um corte no braço devido aos estilhaços de vidro. Novamente, o cátodo derreteu antes que o experimento fosse concluído. Claramente, terei que encontrar uma maneira de endurecer meu metal ou então usar um metal mais duro. Mas que metais mais duros existem? Há os tipos mais ou menos inertes, como o ferro — estes são inúteis; e os extra-duros, como o tungstênio, que é o que Coolidge tem usado. Não, a única maneira é endurecer meu urânio ou tório. Pergunto-me também se as emissões causariam distúrbios tão violentos em outros compostos voláteis a ponto de causar uma explosão?

18 de Julho — Tentei 00-7 5-29-23-16-21 35-14-12-3-28-25-35-20-14-35-00-24-12 36-3-14 21-4-1-26-7-36-3 20-2 9-14-17-28-32-22-16² e consegui um cátodo que durou 45 segundos sob a potência que apliquei. Isso é uma melhoria genuína. Ainda assim, o 00-18-10-28-2 não foi totalmente satisfatório; foi difícil de misturar e se separou sob o calor; as emanações não deram o efeito que eu esperava. Evidentemente, a tela de níquel bloqueia algumas delas, por mais fina que seja. No entanto, consegui explodir um tubo de ensaio de gasolina com isso; e o tubo de ensaio estava selado com cera.

26 de Julho — Ainda trabalhando no processo de endurecimento do meu cátodo. Enviei um telegrama para Schuckert e Merck pedindo mais metais de terras raras. Alguns desses podem ser a solução para o meu problema — já tentei a maioria dos metais comuns.

9 de Agosto — Mesmo que o cátodo só dure alguns segundos, tal tubo deve ter um valor considerável. À curta distância, ele produzirá explosões, mas e se eu pudesse aumentar o alcance? Consegui outro cátodo que durou 50 segundos — desta vez com 0-14-28-3-31-15-29 5-28-36 3-35-7-27-12-22-4-28 18-35 4-22-15-14-34 19-26-0-26-22-0-12-13-17-25-2-18. Matei um porquinho-da-índia com ele a três pés de distância. Parece que estou lidando com forças verdadeiramente elementares.

20 de agosto — A tela de chumbo que eu preciso usar para me proteger é um incômodo perpétuo. Eu deveria ter algum tipo de tela ao redor do tubo que me protegesse enquanto estou próximo dele. Ou melhor ainda, um refletor dentro do tubo, que me permitisse direcionar as emanações em um feixe pequeno e controlado em qualquer direção que eu desejar.

31 de agosto — Talvez o problema esteja na tela. É verdade que o níquel pode ser laminado, mais fino do que qualquer outra coisa. Mas parece que o níquel retém algumas das emanações. Eu me pergunto o que poderia ser feito com uma tela de cobalto puro?

8 de setembro — Tentei o tubo pequeno com o último tipo de cátodo e uma tela de cobalto puro, laminada o mais fina possível. Quase nenhuma emanação, mas estas são muito potentes e de um novo tipo de raio. Vou chamá-los de raios delta. Perdi a unha do dedo

² O trecho e todos os subsequentes códigos cifrados no diário de Adams, como agora foi determinado, estão no famoso roleta cifrada, o precursor de todos os códigos de roleta modernos. A cifra é baseada na roleta, na qual os números de 1 a 36, com um zero e um duplo zero, aparecem em ordem irregular. Para escrever (ou decifrar) uma mensagem, uma carta é preparada, contendo as letras do alfabeto em sua ordem normal, seguidas das letras mais comumente usadas (E, T, A, O, I, N, S, H, R, D, L, U), totalizando 38 para comparar com os números na roleta. Para cada letra na mensagem, o número correspondente que aparece acima dela é escrito. O primeiro A na carta é colocado sob o duplo zero. É uma cifra de "substituição simples" e seria fácil de resolver. Mas, após cada palavra ser escrita, a carta contendo as letras é movida um espaço para a direita, dando a cada número um novo valor.

mínimo direito em cerca de três segundos com isso por pura imprudência. Minha tela é muito espessa.

30 de outubro — No último mês e meio, tenho experimentado com cobalto, tentando deixá-lo mais fino. Decidi que a única maneira de fazer isso é inventar um processo especial meu.

12 de dezembro — Consegui, finalmente! A tela de cobalto perfeita. 16-36-26-24-3-31-12-0-13-28-7 12-20-3-0-35-36-20-15-8 4-16-1-7-14-20 26-3 21-26-31-9-4-2-28-9-22 32-29 25-0-21-18 17-3-12-35-6 3-22-19-7 28-12-34-32 12-34-29-8-35-31. Tão fina quanto a tela de níquel e permite que todas as emanações passem. Também aumenta a vida útil do cátodo. Experimentei em uma pitada de pólvora de espingarda e ela queimou imediatamente. Agora, preciso de um cátodo que aguente e de um refletor. O tubo é um verdadeiro demônio para consumir energia.

26 de janeiro — Pedi ao Departamento de Guerra que enviasse um homem aqui. O Exército dos EUA deveria saber sobre isso. Se eu tive a capacidade de descobrir esse raio, outra pessoa também pode, e eles deveriam saber o que está acontecendo. Investigadores estrangeiros poderiam usa-lo de uma maneira terrível neste país. Além disso, eu posso morrer a qualquer momento e alguém poderia se apossar disso. Ainda estou trabalhando no cátodo e no refletor; este último é um problema tão grande quanto o primeiro.

9 de fevereiro — Fiz uma grande melhoria com o novo cátodo. Aguentou por dois minutos antes de derreter sob o calor e o impacto. Também tive uma demonstração convincente e desagradável do alcance desses raios delta. Logo depois de ligar o aparelho — eu estava trabalhando com uma amostra de quartzo como alvo — ouvi gritos vindo da estrada e fui ver o que estava acontecendo. Um carro, que estava tentando passar pela neve, estava parado ali, pegando fogo, com o dono pateticamente tentando jogar neve nas chamas com as mãos. Era um carro grande e o fogo parecia vir do tanque de gasolina na parte de trás. “Não consigo imaginar o que a fez pegar fogo,” ele disse, enquanto assistíamos o carro queimar depois que ele desistiu. “Assim que passei aqui em frente, ouvi uma explosão e olhei ao redor e lá estava, queimando como nunca. Poderia ter sido o escapamento, mas inferno! O escapamento está bem longe do tanque de gasolina.” Deve ter sido mesmo as emanações do meu tubo. Senti pena do pobre rapaz, mas, claro, não pude contar a ele sobre isso. Espero que ele tenha seguro. Céus, imagine o poder das emanações que estou obtendo se elas podem incendiar gasolina em um recipiente fechado através da parede do laboratório a uma distância de duzentos ou trezentos metros! Bem, é um raio. No entanto, será necessário tomar precauções no futuro. Enviei um pedido de mais chapas de chumbo e vou revestir a sala

completamente com elas. Um escudo de chumbo ou roupas de rayon carregadas de chumbo para mim também não seria exagero, suponho. Posso arranjar o interruptor para o tubo ser operado do chão, por trás e sob o escudo de chumbo.

13 de fevereiro — O refletor está indo muito bem. Obtém-se um aumento de potência nas emanações diretamente na frente do tubo, sem dispersão. Mas funcionará em tamanho grande? E o cátodo! O cátodo! Se o novo falhar, estarei em desespero.

27 de fevereiro — Nenhuma resposta do Departamento de Guerra. Droga! Esse é o problema com essas agências governamentais. Elas são tão terrivelmente difíceis de se mobilizar. Maxim teve que vender sua metralhadora para os bôeres antes que alguém acreditasse nele em seu próprio país, e Fulton tentou metade dos governos da Europa com o barco a vapor e o submarino. Verdadeiramente, o caminho do inventor é difícil. Testei o novo cátodo. Melhores resultados até agora. Matei um coelho em dois segundos. 14-00-22-36 35-29-5-16-1-36-32-9-22-15 16-35-20-36-12-5 0-2-29-9-4 31-20-21-7-15-9-22 29-32-2-0-25-26-14-18 35-32-18-9-17-22-19-33 4-22-25-15-28-7 2-0-13-6-16-7 29-28-15-12 32-21 12-28-35-2 11-34-20-25 13-32 26-3-30-32-34-1-13-10.

19 de março — Ainda sem resposta do Departamento de Guerra, apesar de uma segunda e terceira carta. Como os governos são estúpidos!

12 de abril — Acho que finalmente tenho o cátodo perfeito. Ele resistiu por meia hora sob corrente esta tarde e fez minha conta de luz disparar, além de explodir tudo de natureza volátil que eu podia trazer ao alcance sem me expor. De fato, parece ser o principal propósito de vida do meu novo tubo; mas devo ter cuidado com essas queimaduras. As emanações parecem afetar o tecido nervoso de alguma forma. Não me surpreenderia se produzisse um tipo de insanidade em humanos.

14 de maio — Acho que vou construir um tubo grande, de três metros de comprimento, e então entrar no Departamento de Guerra lá embaixo e desafiá-los a me deixar testá-lo em alguns de seus explosivos ou gasolina. Testei querosene hoje. Obtive alguns gases e um resíduo pesado de carbono sob exposição prolongada; a princípio, muito pouco resultado. Não é volátil o suficiente. Evidentemente, não consigo nem explodi-lo nem incendiá-lo. Mas gasolina, isso é diferente. Essas emanações — ou esse raio, pois é o que realmente é — derrubará um avião em chamas em dez segundos, desde que não esteja tão alto a ponto de estar fora de alcance. E devo obter um bom alcance com um tubo grande. Imagino o que faria com um balão cheio de hidrogênio?

19 de maio — O tubo grande está progredindo satisfatoriamente. Testei o pequeno em um tubo de ensaio de hidrogênio. Sem explosão, mas obtive um resultado interessante do

ponto de vista químico. Aparentemente, agora tenho dois gases como resultado; um deles é um pouco turvo e mais pesado que o outro. Devo ter quebrado o átomo de hidrogênio. Vou enviar para o professor em Rensselaer e pedir aos meninos da química para analisá-lo. Isso deve lhes dar algo para se ocupar.

6 de junho — Conheci um jovem chamado Schneider, um cara bastante legal na verdade, que está aqui para um descanso. Ele é engenheiro elétrico também e está interessado em tubos de vácuo.

19 de junho — Mostrei a Schneider alguns dos primeiros esforços com tubos feitos antes de encontrar a tela de cobalto. Ele sugeriu por conta própria algum outro metal além do níquel como tela; acredita que o níquel retém as emanções. Estava certo sobre mais alguém seguindo minha linha de pesquisa? E aqueles idiotas em Washington não acreditam.

8 de julho — Terminei o tubo maior. Ele consome energia como uma dúzia de luzes de arco, mas certamente é uma maravilha. Eu poderia provavelmente explodir todos os automóveis e postos de gasolina por milhas ao redor com ele se eu liberasse, sem mencionar os suprimentos de cartuchos para as espingardas. Preciso mostrar a Schneider. Ele vai ficar interessado.

CAPÍTULO V

Retrato de um Cavaleiro em Exílio (Data — Inverno de 1929-1930)

“Sim, papai, ficarei feliz em colocar mais lenha em Y na lareira. Há algo mais que o papai deseje? Talvez o comissário nos visite hoje com um presente para o papai.”

“Mmmmp,” comentou Bob Adams, para quem a maior parte desta torrente de palavras havia sido perdida, e que não estava interessado no pouco que havia compreendido.

No pouco mais de um ano em que estivera ali, ele havia aprendido o suficiente de russo para comunicar as necessidades ordinárias da existência de maneira um tanto hesitante, e estava tão confortável quanto é possível estar em uma pequena cabana cercada pela floresta coberta de neve e com nenhuma distração além dos próprios pensamentos e dos ocasionais livros trazidos pelo seu carcereiro.

Quanto ao modo como ele havia chegado lá, estava mais ou menos em um turbilhão mental. Lembrava-se do anel sombrio do revólver de Schneider apontando diretamente para ele, do fio de chama de sua boca; e tinha uma consciência confusa após ter despertado, fraco e morrendo de dor, em um carro fechado balançando por estradas rurais em alta velocidade. Havia uma lembrança atordoante de horas intermináveis sobre uma prateleira com um cheiro horrível, tapada por cobertores fétidos no escuro — uma prateleira que balançava pra lá e pra

cá acompanhando o movimento enlouquecedor da água batendo do lado de fora. Lembrava-se de um repentino flash de luz solar e ar, seguido de mais horas em um cubículo como o primeiro. Finalmente, lembrava-se, sentindo-se fraco e lento, sendo conduzido ao longo de um cais de madeira entre pessoas que usavam chapéus de astracán e falavam russo.

Após longas horas em um trem, um jardim e atendentes corteses, onde ele havia recuperado suas forças e o interesse pela vida. Finalmente, havia um escritório e um cavalheiro educado que falava um inglês perfeito, lhe ofereceu um charuto e pediu da maneira mais calma possível as fórmulas para o cátodo, a tela de cobalto e o refletor de seu tubo de raios, sobre o qual o cavalheiro parecia perfeitamente informado.

Agora ele estava ali há mais de um ano. Era impossível manter uma contagem exata. Ali — onde? Ele não sabia. Achinsk, diziam os dois guardas com a estrela vermelha do Bolchevismo em seus chapéus, mas ele não era geógrafo para saber onde Achinsk poderia ficar, apenas que era a várias viagens de distância de onde ele havia encontrado o homem com os charutos. Da porta da frente, ele só podia ver árvores — principalmente cedros — mostrando um verde escuro contra uma interminável vista de neve, com o gelo de um rio congelado brilhando ao longe, no final da colina.

Uma ou duas vezes por mês, um homem que se apresentou como “Stensoff, Comissário dos Eschgan, ao seu dispor” o visitava e trazia um livro — geralmente uma tradução francesa ou alemã de algum escritor russo elogiando a Revolução Social, de forma sutil ou aberta. Stensoff, Comissário dos Eschgan, estava prestes a chegar naquele dia. Bob se perguntava se receberia um jornal. Às vezes, um era concedido a ele como um grande favor.

Stensoff estava disposto a falar sobre literatura naquela tarde, o assunto do tubo de raios já tendo sido barrado há muito por um acordo depois que Bob se recusou a falar sobre qualquer coisa se esse tópico fosse introduzido na conversa.

“Você realmente deveria manter um diário, meu caro Adam,” disse ele (ele sempre chamava Bob de “Adam”, um fato que irritava intensamente o americano). “O diário de um americano às margens do Yenisei, ha — ha! Seria digno de se igualar aos de Marie Bashkirtseff e Pepys. Vocês, homens de talento, são sempre bons escritores quando querem.”

“O que haveria para registrar?” perguntou Bob, “que Gavril atirou em uma perdiz e que mais neve caiu esta tarde? Não, obrigado.”

“Pensamentos, meu caro Adam, pensamentos. Os gregos estavam certos ao atribuir aos pensadores o mais alto lugar na comunidade. É por isso que nós, russos, acabaremos por suceder ao domínio do mundo. Nossos grandes homens são todos pensadores, homens que

dedicam tempo à meditação. É um hábito que vocês ocidentais deveriam cultivar. E se não quisessem que seu diário fosse público, poderiam mantê-lo codificado, como Pepys.”

“Ah, sim,” disse Bob. Era realmente muito óbvio. “Então você conseguiu o diário que eu costumava manter, não é? E quer que eu lhe dê mais amostras do código que usei para que você possa decifrá-lo. Pensei que, para manter as relações harmoniosas aqui, tínhamos concordado em não discutir sobre a minha invenção?”

“Qual a diferença, realmente, meu caro Adam? Seu código será lido algum dia. Você apenas está adiando. Sabe que foi dado como morto e desaparecido na América. Aqui você tem a oportunidade de ouro para fazer seu nome. Mude seu nome e o que dizem? — ‘prenda seu carruagem à estrela que está subindo’, diz o seu provérbio. O sistema soviético certamente se espalhará pelo mundo — que glória para você se for o instrumento de sua vitória imediata! Pense em trezentos bilhões de pessoas gratas a você!”

“Posso viver sem essa gratidão,” disse Bob, levantando-se para indicar que a entrevista estava encerrada.

Stensoff permaneceu sentado. “Você é tolo,” comentou, amigavelmente. “A solidão é um tempo para reflexão, não é? Pense mais sobre isso. Vamos analisar seu tubo com o tempo e então onde estará a gratidão? E qual será o ganho para você? Você apenas está adiando.”

“Sim? Então por que está tão ansioso para que eu conte? Adeus.”

Stensoff corou. “Deixe-me lhe dizer, meu caro Adam,” disse ele, levantando-se também, “que a Cheka central autorizou a tomar medidas sérias se não nos honrar com informações em breve. Tenho sido muito paciente com você, e é minha intervenção que o preservou de medidas mais sérias até agora. Tenha em mente que, pessoalmente, você tem uma dívida de gratidão, pois o tratei bem. Isso não será sempre assim.”

Era evidente que os soviéticos estavam ficando apressados em obter as informações que procuravam, refletiu Bob, depois que Stensoff foi embora. Ele se perguntou até onde o Comissário do Eschgan ousaria levar suas “medidas sérias”. Não muito longe, ele decidiu, pois ele, Bob Adams, era muito parecido com a galinha dos ovos de ouro, e a Cheka, por mais que favorecesse medidas enérgicas, não cortaria de bom grado sua última chance de aprender o segredo de seu tubo. Ainda assim, ele tinha ouvido falar de torturas.

“O curto dia de inverno siberiano havia terminado, e Gavril, um dos guardas, havia entrado com dois galos silvestres, que começara a preparar para o jantar, cantarolando para si mesmo alguma melodia camponesa russa. Vladmir, o outro guarda, estava dormindo, roncando pesadamente, como um porco.

Houve uma batida na porta. Gavril largou o galo silvestre e pegou seu rifle, gritando, “Quem está aí?” Vladimir sentou-se em seu beliche, resmungando sonolento.

Uma voz disse algo ininteligível em russo. “Não queremos visitantes. Vá para a aldeia”, disse Gavril em voz alta, sem se mover em direção à porta. Novamente, a voz respondeu, aparentemente tentando persuadir. Gavril atravessou a sala com má vontade e destrancou a porta. A porta se abriu para revelar um homem gordo de altura média, obviamente judeu, que engasgou e ofegou na atmosfera enfumaçada da pequena cabana. Ele carregava uma mochila nas costas.

“Graças aos gentis senhores que são tão bons em me deixar entrar,” disse ele, colocando sua mochila no chão. “Os gentis senhores aceitariam um pouco de tabaco?” E, desfazendo a mochila, ele puxou dela um enorme pedaço de tabaco turco de cor clara, que Gavril aceitou com um olhar de suspeita silenciosa. “Estou a caminho de Krasnoyarsk e, perdido na floresta, não consegui encontrar meu caminho no escuro. O gentil senhor poderia ser cortês a ponto de me permitir passar a noite aqui?”

Gavril resmungou sem muita articulação e voltou a preparar o galo silvestre. Vladimir piscou estupidamente para o recém-chegado e depois deitou-se novamente no beliche.

Quando o frugal jantar de galo silvestre, pão preto e chá quente foi preparado, foi Adams quem ofereceu um pouco ao vendedor ambulante. Ele achou que viu os olhos deste se arregalarem ao ouvir o seu russo hesitante, mas como não houve comentário além de um murmúrio de agradecimento, descartou a ideia como imaginária. Pouco depois, todos os quatro se prepararam para a noite, o judeu espalhando seu pesado casaco no chão diante do fogo e colocando a mochila como travesseiro.

Ainda pensando em Stensoff e suas “medidas sérias”, Bob acabou adormecendo. Devia ser por volta da meia-noite quando ele acordou e encontrou a sala mais cheia de fumaça do que o habitual, com uma doçura sufocante no ar. O fogo tinha diminuído. Apenas visível de onde estava, parecia os olhos flamejantes de dragões. Eles pareciam se mover; os dragões estavam em marcha; ele quase podia ouvir o som pesado de seus passos — dragões belíssimos, armados com jade e calcedônia. E ele, Robert C. Adams, era o rei e governante desses dragões e de reinos imensuráveis. Eles viriam ao seu chamado, devorariam Stensoff, Comissário do Eschgan, e em suas asas ardentes, o levariam através do oceano para sua casa. Eles o conheciam e obedeciam porque ele tinha o segredo do tubo. Ele era príncipe de muitos reinos mágicos, e esses dragões, encantadores que ele havia domado, eram seus servos. Ele podia ouvir multidões gritando, esperando sua chegada. O Selo de Salomão — o que era? — O Selo de Salomão que invocaria os gênios da terra e do mar, era dele. Havia um, agora, um

poderoso gênio feio e atarracado, com grandes olhos esbugalhados e um nariz absurdamente comprido entre ele e seus dragões, curvando-se diante dele para fazer sua vontade. O gênio estava o agarrando para levá-lo pelo ar e mostrar-lhe os reinos que eram dele. Ele podia ver os músculos dos ombros fortes da enorme forma obediente...

Bob Adams acordou com a sensação de mil agulhas espetando sua pele, uma sensação indescritível de agonia e frio. Acima dele, um galho de cedro balançava e rangia suavemente na brisa noturna, e suas mãos sentiam o toque gelado da neve. Olhando para ele estava o rosto do judeu que havia entrado na cabana.

“Nu. Você está começando a acordar. Não é que você é Robert Attams?”

A cabeça de Bob estava clareando. “Sim, eu sou Robert Adams. E daí?”

“Talvez eu devesse contar-lhe uma história para dormir, mas não tenho tempo. Seus amigos virão atrás de nós. Rápido!”

O judeu ajudou Bob a se levantar, e eles começaram a se mover rapidamente através da neve, fugindo da cabana. Cada passo era doloroso, mas a urgência da situação deu a Bob a força necessária para continuar. Eles se moveram em silêncio, com apenas o som suave da neve sob seus pés e o ocasional farfalhar das árvores ao redor.

“Para onde estamos indo?” perguntou Bob, ofegante.

“Para um lugar seguro”, respondeu o judeu. “Há pessoas que querem ajudar você. Mas precisamos sair daqui antes que seus guardas percebam que você sumiu.”

Bob não sabia se podia confiar plenamente no estranho, mas a promessa de liberdade era irresistível. Eles continuaram correndo através da floresta, a escuridão da noite os envolvendo enquanto se afastavam cada vez mais do lugar onde Bob havia sido mantido prisioneiro.

Bob sentou-se ereto e pegou o pesado chapéu de pele que o outro lhe oferecia. “Quem é você? Como você me tirou de lá?”

“Sou Abe Epstein. Tenho uma loja de tabaco na Bowery, perto da Broome Street. Alguns amigos seus ficaram preocupados e disseram: ‘Abe, você vai para a Rússia, não é? Procure um amigo meu,’ então, para agradar a um amigo, eu fiz isso. Aqui está uma arma.”

Bob pegou a arma oferecida e a mochila que o outro lhe entregou, e juntos começaram a caminhar, seus passos rangendo na neve, sob o céu gelado de um inverno russo.

CAPÍTULO VI

Uma Odisseia de Dois (Data — Final do Verão de 1930)

Carta recebida por Walker Adsill do Serviço Secreto dos EUA de Abe Epstein, datada de Baku, e encaminhada por membros da Missão Naval de Petróleo dos EUA lá.

Por favor, me envie mais dinheiro para despesas e o coloque em meu crédito com o Sr. Pappanikolou em Constantinopla, para quando eu chegar lá, ou como você espera que eu consiga me virar sem dinheiro? Custa muito viajar quando você tem que pagar as despesas de outra pessoa além de si mesmo.

Bem, eu encontrei o Sr. Adams, como telegrafei hoje, e ele está comigo agora. Demorei muito para encontrá-lo e nós demoramos muito para escapar dos russos. Veja, foi assim.

Fui para a Rússia como você me disse, passando pela Polônia, e disse que eu era um comerciante de tabaco procurando novos tipos de tabaco, o que era verdade, e me perguntando se poderia ser cultivado na Rússia. Bem, fui primeiro para Moscou e comecei a falar sobre iniciar plantações de tabaco na Ucrânia, que é o sul da Rússia, e logo a notícia começou a se espalhar e, aos poucos, enviaram um comissário soviético para me ver e falar com o comitê central sobre a indústria e eu comecei a fazer progresso. Há um negócio grande lá se um homem puder entrar nisso, mas eles querem impor um imposto enorme sobre seus lucros, então eu fiquei hesitante e disse que não sabia sobre isso e como seria a proteção porque ouvi dizer que havia muitos ladrões soltos na Ucrânia.

“Isso está certo,” disse o Comissário e alguns membros do comitê. “Nós lhe daremos proteção contra os cossacos. Que diabo, não conseguimos manter a paz em nosso próprio país?”

Então eu perguntei sobre a garantia disso e eu não sabia se o tabaco cresceria lá de qualquer forma, era muito frio. Então discutimos um pouco mais, mas enquanto isso eu consegui o contato de um primo de um cunhado meu que conhecia alguém no exército lá e o coloquei para tentar descobrir o que pudesse sobre o raio e o Sr. Adams.

Ele disse que algumas coisas muito estranhas estavam acontecendo no exército e que o homem com quem eu me conectei pertencia a um batalhão especial que estava recebendo um treinamento especial. Ele disse que estavam vestindo todos com armaduras de chumbo, o que era a coisa mais tola que ele já tinha ouvido falar, e que o treinamento especial envolvia algum tipo de bomba coberta com chumbo. Eu pensei que isso parecia meio suspeito, como se estivessem usando algo novo, e talvez tivesse algo a ver com o raio do Sr. Adams, então eu continuei por perto e discuti mais sobre o tabaco, e então o primo do meu cunhado disse que

muitos dos soldados no batalhão especial ficaram cegos e os restantes receberam óculos muito grossos. Então eu achei que isso parecia muito mais com algum tipo de raio e continuei por perto.

Não consegui descobrir muito mais sobre a questão do raio, exceto que eles só o usaram por um curto período e não tinham muito dele, então comecei a procurar nosso jovem amigo, o Sr. Adams.

Outro amigo de um parente meu, que é cantor e tem um parente na polícia bolchevique, me contou que estavam enviando prisioneiros ao longo da ferrovia Trans-Siberiana, que os antigos czaristas costumavam usar, mas agora mantendo-os em pequenas yurtas com guardas. Então pensei que isso poderia ter acontecido com nosso jovem amigo, e comecei a seguir a linha férrea com uma carga de tabaco, como um desses vendedores ambulantes de tabaco. Eles estão muito interessados em tabaco e eu teria ganhado dinheiro com a viagem, se não fossem alguns vagabundos que roubaram muito do meu tabaco numa noite em Chelyabinsk.

Bem adiante, em uma Taiga, comecei a encontrar as pequenas yurtas como me disseram. Em cada uma delas havia um prisioneiro importante e dois guardas armados. Encontrei uma com um alemão que disse saber o suficiente para condenar Leonid Krassin e me ofereceu muito dinheiro e uma nota para entregar a alguns amigos dele, mas achei que seria uma boa ideia ter uma grande reputação entre os vermelhos, então entreguei a nota e eles me deram um dinheiro polonês.

Depois comecei a pensar que, se encontrasse nosso amigo em uma dessas yurtas, como faria para desativar os guardas, então encontrei onde estava crescendo um pouco de cânhamo perto da Taiga e consegui um pedaço de churrus. Talvez você não saiba o que é, Sr. Adsill, mas é como um chiclete e, quando você queima, faz um ótimo anestésico porque quem o usa tem uma experiência incrível e desmaia por um dia.

Bem, eu continuei e estava ficando muito frio, já era janeiro nessa época, e numa noite encontrei uma yurta fora de Achinsk onde havia alguns guardas e um jovem que falava russo meio ruim com um forte sotaque inglês. Achei que ele poderia ser o homem que estávamos procurando, então pensei que dar a esses guardas o anestésico não lhes faria mal. Então saí e coloquei uma tábua sobre a chaminé para ‘meio’ que sufocar o ar e, quando todos começaram a dormir, eu me deitei na frente da lareira e joguei uma quantidade de churrus sobre o fogo e coloquei um lenço sobre o rosto. Mais tarde, levantei e arrastei o jovem e o trouxe para fora.

Ele era o Sr. Adams, então voltei e roubei as armas e mochilas dos soldados para nós, e suas botas, e joguei tudo no rio através de um buraco no gelo. Foi uma pena, porque eram valiosas, pelo menos 15 dólares cada par.

O Sr. Adams diz que eles conseguiram pegar um grande tubo dele que faz o raio, e você estava certo, era isso que havia explodido o arsenal. Mas ele diz que eles não sabem como fabricá-los (os vermelhos, quero dizer) e pegaram um diário dele que mostra as para fazer o tubo de raio funcionar, mas estava tudo em código, e eles não conseguiam ler o código ou fazê-lo falar. E a razão pela qual muitos da divisão bolchevique ficaram cegos é porque eles não sabiam como manusear o tubo da maneira certa.

Eu sabia que, se isso fosse tão importante assim, eles começariam a nos perseguir logo, então nos apressamos. Sr. Adsill, tivemos um trabalho danado. Eu tenho um certo medo de armas, sabe, meu pai foi morto por um pistoleiro quando eu era criança, não que eu seja medroso, mas eu não gosto delas, então o Sr. Adams teve que fazer a maior parte da caçada, e às vezes a comida estava escassa e tivemos que comer um tipo de rato grande que vive por aqui e tem um longo rabo.

Logo chegamos a Minusinsk. Eu imaginei que estaríamos nos procurando, então pedi ao Sr. Adams para se esconder fora da cidade e fui sozinho. E, claro, estava cheia de soldados do exército bolchevique, e alguns deles estavam nos procurando. Mas eu disse que era um Bhoziyat, que é um muçulmano, e estava fazendo uma peregrinação para Meca, então eles me venderam alguns cavalos e partimos novamente em direção a Baku.

Em Biysko, achamos que tínhamos passado por eles, então entramos na cidade e minha bunda estava toda dolorida da sela. E quem eu encontro bem em frente a uma casa senão um dos Comissários que conheci em Moscovo? Ele ficou animado de imediato e quis que eu entrasse na casa, mas eu subi no cavalo novamente e comecei a sair. Então ele gritou por ajuda e logo vimos que estavam vindo atrás de nós. Sr. Adsill, não havia lugar para se esconder, se houvesse uma árvore naquele país, eles a mantinham como souvenir, então seguimos em frente por um tempo e depois paramos, e o Sr. Adams começou a atirar neles. Ele acertou um de qualquer jeito e derrubou o cavalo de outro, então eles se afastaram e continuamos. Mas nossos cavalos estavam cansados e não tínhamos comida, então tivemos que atirar em um deles, e foi sorte para nós termos chegado tão longe quanto chegamos.

Então, nos dirigimos para as montanhas e nos escondemos por lá por um mês ou mais até acharmos que tinham parado de nos procurar. Tivemos que matar o outro cavalo também, e foi um trabalho danado chegar à próxima cidade, que era Semiplatinsk.

Lá, comprei alguns camelos para nós, mantendo a história antiga sobre ser um Bhoziyat a caminho da Meca — isso funcionou bem. Mas eu estava um pouco nervoso em me juntar a qualquer uma das caravanas, então tivemos que tentar o deserto sozinhos, e estou te dizendo, Sr. Adsill, nós comemos bastante areia antes de chegarmos. Mas aqui estamos, e talvez os

soviéticos não saibam que escapamos, mas eu não contaria com isso, então provavelmente chegaremos a Constantinopla sem problemas.

Atenciosamente,

Abe Epstein

PARTE II

PRÓLOGO; Outro Aviso do Editor

Não é elegante que o gerente de palco entre no meio da cenografia enquanto a peça está em andamento e explique o que acontece a seguir. No caso presente, a desculpa é que os atores parecem ter desaparecido. Se o gerente de palco não se preocupasse em explicar o curso dos eventos, o público ficaria a olhar para um palco vazio e conjecturando sobre o que aconteceu no intervalo até a abertura do próximo ato.

Para ser mais breve e claro, nossa informação termina com a chegada de Robert Adams e Abe Epstein a Baku. Isso aconteceu no outono de 1930. Ambos os homens pareciam estar em péssimo estado quando chegaram, fracos de fome e sofrendo de febre. Baku era então, ainda mais do que agora, um cruzamento do mundo, onde pessoas de todas as partes da Terra se amontoavam nas ruas. E é bem provável que os dois americanos não tenham passado uma hora em Baku antes que a notícia de sua chegada estivesse a caminho do governo soviético.

Em todo caso, duas noites após sua chegada, houve um grave tumulto nas ruas entre os Uzbeigs e os Georgianos, que a polícia se mostrou impotente para conter. O edifício ocupado pela Missão de Petróleo Naval Americana foi um dos primeiros a ser incendiado na confusão. Vários ocupantes foram gravemente feridos durante a fuga, entre eles Robert Adams. Parece não haver dúvida de que o tumulto foi orquestrado de Moscovo. A combinação da lesão que ele sofreu e seu já enfraquecido estado parece ter causado em Adams um caso de amnésia, ou perda de memória, pois há um registro do Hospital Bellevue em Nova Iorque, datado da primavera de 1931, registrando sua entrada lá como paciente com amnésia.

Ele deve ter comunicado a Abe Epstein ou a alguma outra autoridade americana informações sobre onde a fórmula de seu tubo estava escondida. Apesar do fato de que a singular solidão de sua vida tornou sua recuperação da amnésia uma questão de anos, nada é mais certo de que o governo dos Estados Unidos conseguiu as fórmulas em algum momento.

Entre os escassos registros restantes do período de confusão que se seguiu, há um do outono de 1930 que menciona que um modelo do tubo de raio de Adams foi montado e testado no campo de provas de Indian Head da Marinha dos EUA, onde detonou vários tipos de munição. Também temos o testemunho de Albert Rodman, um mecânico naval que mais tarde se tornou governador e major-general de New Hampshire. Em sua autobiografia, ele relata que foi empregado para revestir o casco do encouraçado “West Virginia” com chumbo, citando o fato de que era um trabalho urgente como a razão pela qual não conseguiu obter folga de Natal em 1931.

Ele também menciona que o novo cruzador “Minneapolis” teve um tubo instalado na torre de proa. Evidentemente, a Marinha dos EUA adotou o raio de Adams tanto do ponto de vista ofensivo quanto defensivo de maneira total. O governo soviético dificilmente poderia ignorar esse fato, já que seu serviço secreto era excepcionalmente eficiente e deve ter determinado desferir o golpe planejado há muito tempo antes que o desenvolvimento do raio o tornasse impossível.

Mas a partir deste ponto estamos imersos em guerras, rumores de guerras, tumultos e confusão. O grande combate da Aliança do Norte estava começando, e há pouca informação segura sobre eventos e locais menores. Só conseguimos discernir os contornos gerais. Até mesmo o nome do grande pioneiro que primeiro experimentou o dispositivo mais tarde aperfeiçoado como o Wagstaff é desconhecido para nós.

Tentamos reunir os registros, como eles são, e inserimos documentos sempre que estão disponíveis. Mas o principal objetivo deste livro é fornecer uma narrativa coerente dos eventos subjacentes que realmente influenciaram o curso da história, e se parece desconexa e impressionista, é porque os registros dos quais foi compilado estão em uma confusão tão desesperadora que talvez nunca sejam desvendados.

CAPÍTULO I

O Primeiro Golpe (Data — Primavera de 1932)

Era um daqueles dias quentes que a primavera envia a Washington como um prenúncio do que o verão trará, e o jovem que entrou na loja de medicamentos da avenida Pennsylvania tirou o chapéu e abanou-se com ele enquanto se acomodava em uma cadeira.

“Coca-cola com um pouco de limão, Ed”, disse ele, “você pediu esse clima?”

“Não fui eu. Eu não saberia o que fazer com ele se o tivesse”, respondeu o responsável pelo balcão, manipulando a torneira. “Diga, o que você acha? Aquela moça Bella nunca me deu atenção quando a chamei. Disse que estava toda ocupada para a semana.”

“Você não sabe como lidar com essa garota. Você tem que tratá-la com firmeza. Diga a ela que o Jim Blunt disse que se ela não sair com você, ele não a levará mais ao Grotto... Ei, você pode ficar doente ou algo assim amanhã à noite? Eu tenho um casal de...”

“Shh, lá está o Doc White.” Um homem careca com uma barriga saliente havia aparecido no final do balcão. “O que foi isso?”

“Pneu estourado, eu acho.”

“Deve ter sido um caminhão,” disse o atendente do balcão de refrigerantes. “Foi um barulho grande... O que você vai querer, senhora?”

Bang! “Lá vai outro,” disse o jovem que se apresentou como Jim Blunt. “Não é de se estranhar. Está quente o suficiente para derreter borracha.”

Boom! Uma explosão profunda e pesada desta vez. O edifício tremia levemente.

“Diga, o que está acontecendo?” perguntou o atendente do balcão de refrigerantes, olhando por cima do ombro, como se uma inspeção da janela da frente revelasse a fonte dos sons.

“Provavelmente algum embaixador ou algo assim. O que você tem no terceiro em Latonia?”

Boom, boom... “Annie Lee. Seis para um. É uma boa aposta de curto prazo.”

“Ah, não sei. Ela não é tão boa. O formulário de corrida diz que Little Michael é um sopro.”

Boom, boom, boom... Um homem lá fora havia parado com a mão na porta e virou-se, olhando para cima.

“Aquele burro! Por que ele ficou em último no Withers? Não passa de um cavalo medíocre.”

Boom, boom... Doc White, o homem com a barriga saliente e a cabeça careca, estava deslizando por trás dos balcões, em direção à porta.

“Sim, mas eu tenho uma dica da boa. Você conhece o Augie Colman, aquele carinha que vem aqui? Ele tem um amigo que era um dos Stewards e ele diz que Little Michael foi puxado da última vez que saiu.”

Boom, boom, bang! As pessoas estavam parando do lado de fora. Uns rapazes correram passando, gritando algo incompreensível. Doc White estava na entrada, com o seu jaleco branco balançando de um lado para o outro a cintura volumosa na brisa suave, olhando para baixo na rua com a mão sombreando os olhos.

“Ah, vai se danar. Não me importo com o que o Augie Colman diz. Essas dicas não são tão...”

Boom, boom, boom! O edifício balançou; o homem ao lado de Doc White estava gesticulando violentamente. Alguém passou correndo. Gritos.

“Diz aí, o que está acontecendo?” disse Jim Blunt, levantando-se e começando a se dirigir para a porta. Boom — um estrondo terrível que pareceu provocar um pequeno terremoto. Ele se agarrou a um balcão para não cair. Meia dúzia de garrafas e pacotes despencaram no chão. Havia gritos e uma correria universal em direção à porta.

O homem com a barriga saliente estava tentando se levantar em meio a um emaranhado de pés. Sangue, de um corte em sua cabeça calva, manchava o jaleco branco. As pessoas estavam correndo. Uma coluna de fumaça, como a exalação de um gigantesco cigarro, pairava sobre as árvores a um pouco mais adiante na avenida e algo estava emaranhado na calçada abaixo dela. Um carro destruído estava estranhamente pendurado na parte inferior de uma vitrine quebrada.

“Um acidente com uma dessas bombas”, Jim Blunt pensou, e começou a se aproximar. Boom, boom — e então, enquanto corria, um jato de galhos e fragmentos explodiu da calçada não a duzentos metros à frente e ele foi lançado contra um carro por um soco gigantesco.

Ele se levantou, meio atordoado, de joelhos e percebeu um rasgo em suas calças. Outras pessoas também tinham sido derrubadas; algumas delas estavam feridas. Boom, boom — bang! Ele olhou em direção ao capitólio e percebeu que havia um buraco negro em sua cúpula arredondada e que a figura no topo estava inclinando-se de uma forma maluca. A rua parecia estar girando — ou ele estava tonto. Uma nuvem negra surgiu repentinamente na direção da Biblioteca do Congresso. Havia chamas descendo pela rua.

Um terror absoluto e impotente tomou conta dele. Boom, boom, boom. Um dedo apontado acertou sobre seu ombro e uma voz gritou em seu ouvido, “Estão nos bombardeando.” Ele olhou na direção do dedo e viu o contorno em V de uma esquadrilha de aviões cortando o azul pálido do céu de primavera. Ele podia ouvir o zumbido deles mais alto que o rugido de um carro passando, conduzido de forma frenética com o escapamento aberto. Boom, boom, boom. Alguém gritou.

Havia um bonde virado na rua H com pessoas tentando sair pelas janelas do lado de cima. Sangue, pensou Jim Blunt, sangue embaixo daquele bonde. Ele se sentiu enjoado. Boom, boom... Eles estavam chegando! Ele percebeu com surpresa que estava correndo. Um monte de tijolos com uma cadeira quebrada no meio, onde um redemoinho da multidão em fuga fluía ao redor da cena de uma daquelas explosões — meia dúzia de casas desabadas e queimando ferozmente com gritos vindos dos escombros. Todos estavam correndo, montando, fugindo do terror que desabava dos céus.

Uma mulher gorda vestida com uma roupa de baixo lilás e uma meia saia desalinhada foi jogada contra ele por um carro que passava, quase fazendo-o cair de joelhos. Seu rosto estava torcido pelo terror. Dois homens tentavam furiosamente dar partida em um Ford. Boom, boom, boom. Negros, brancos correndo e gritando, todas as outras emoções submersas no oceano de medo. Um odor curioso misturava-se ao cheiro de madeira queimada no ar, um cheiro doce, quase enjoativo. Ele viu uma mulher negra se lançar ao pavimento com um suspiro sufocante, incapaz de ir mais longe, e ficar lá chorando, com a cabeça coberta. A cidade estava queimando. Boom, boom, boom.

Mais carros passavam, um deles com o radiador exalando uma vapor, todos carregados, escurecido de gente nas laterais. Ele passou por uma loja de câmeras com as janelas quebradas e viu dois homens robustos se servindo do conteúdo da loja sem que ninguém lhes desse a menor atenção. Um caminhão de bombeiros tentava abrir caminho na corrente de fuga, os bombeiros com rostos pálidos e resolutos, valorosos e sem esperança. Malditos tolos, pensou Jim Blunt. Uma família italiana abarrotada com pacotes e um bebê chorando puxava ainda mais pacotes em um carrinho de criança. Boom, boom, boom, iam os bombardeios, atrás dele.

A rua parecia ter milhas de comprimento, o cheiro doce e enjoativo ficava mais forte. Por um momento ele pausou na maré de medo e olhou para trás, vendo um manto de fumaça cobrindo o centro de Washington, com o brilho vermelho das chamas por baixo. O Capitólio já não era visível, a rua lá atrás inundada de fugitivos, a pé e em veículos, mas movendo-se aparentemente com uma curiosa falta de pressa.

Acima da fumaça, como moscas em uma vidraça, os aviões giravam e giravam, derramando morte, destruição e guerra na primeira cidade dos Estados Unidos, sem ninguém para impedi-los.

CAPÍTULO II

A vinda do caos (Data — Primavera de 1932)

O Ford, no qual ele conseguiu uma carona na lateral, quebrou algumas partes depois de sair de Washington, e Jim Blunt o deixou para seguir a pé entre um grupo cada vez menor de viajantes. Ele jantou frugalmente com um punhado de morangos encontrados entre as plantas já bem pisoteadas em um campo por onde passou. Ao longo da estrada quase deserta, ele podia avistar outros grupos de fugitivos, como ele, dirigindo-se para Baltimore, mas não sentia grande desejo de se juntar a nenhum deles. No crepúsculo, avistou uma cabana

abandonada no matagal arenoso ao longo da estrada e desviou-se para passar uma noite desconfortável, marcada por pesadelos horríveis, no seu chão.

Ele foi despertado na luz incerta das primeiras horas por uma dor aguda na panturrilha e se arrastou até ficar de pé diante de uma aparição com enormes olhos esbugalhados e um nariz preto de comprimento indeterminado, que a princípio lhe deu a impressão de que ainda estava sonhando. Levou alguns minutos para perceber que era um marinheiro com uma máscara de gás que o estava cutucando com uma bayoneta. Fora, na estrada, havia mais dessas aparições, que o apontavam na direção de Baltimore e o incentivavam a se apressar com gestos silenciosos, antes de se afastarem, enclausurados em suas máscaras inexpressivas, em direção à montanha de fumaça no horizonte sudoeste que indicava a posição de Washington.

Seus músculos estavam pesados, e Jim Blunt cambaleava pela estrada vazia. Ele teria dado qualquer coisa por uma bebida, mas viu um cavalo morto caído sobre o único riacho que ele passou. Uma vez encontrou um caminhão carregado de soldados com metralhadoras, indo em direção a Washington, e uma vez um grande carro marrom passou na direção oposta. Ele soou a buzina furiosa para ele, mas não parou, apesar do apelo de sua mão estendida, e ele vislumbrou outras figuras mascaradas dentro do carro enquanto ele passava rapidamente.

Salvo por essas interrupções, a estrada era uma monotonia de areia e vegetação baixa, da qual moscas irritantes surgiam com o sol. Seu relógio tinha parado mas passara um tempo do nascer do sol para ser por volta das nove horas quando avistou outra figura (indo em direção a Baltimore) ao redor de uma curva à frente e acelerou seus membros cansados para alcançar seu companheiro de viagem. Revelou-se ser um velho que recebeu suas investidas com suspeita não disfarçada, e por algum tempo, caminharam juntos em silêncio.

Finalmente, o outro falou. “Você não teria um pouco de tabaco com você, amigo?”

Jim Blunt apalpou os bolsos. “Não”, disse ele, “mas eu tenho um cigarro.” Estendeu o pacote, murchado por ter sido amassado enquanto dormia.

“Não sou muito fã de cigarros”, disse o velho. “Vai para Annap’lis Junction?”

“Acho que sim”, disse Jim. ... De repente, lhe ocorreu que ele não estava indo a lugar nenhum em particular. Houve um silêncio novamente por um momento.

“São esses malditos alemães”, o velho explodiu com convicção repentina. “Alemães e bolcheviques. Deveriam ter enforcado aquele Kaiser quando tiveram a chance. Não me importo. Estou coberto com seguro. Mas você nunca recebe o valor total dessas companhias de seguros.”

“Está tudo queimado?” perguntou Jim, olhando por cima do ombro para a nuvem de fumaça atrás dele.

“Queimado. Explodido. Gás venenoso também. Todo mundo morto,” disse o velho. “Estou indo para Boston, Massachusetts. Tenho um filho lá no ramo de bicicletas. Ele vai entrar no exército, eu espero. Há guerra, jovem. Tem parentes em Washington? Não tem um pouco de tabaco, tem? Eu tenho um cachimbo, mas usei todo o meu tabaco.”

“Não-o-o!” disse Jim. Queimado, explodido, pensou. Gás venenoso, todo mundo morto. Bella — e a loirinha que era garçoneiro no restaurante Childs. Todo mundo morto, gás venenoso. Guerra

“Deveriam ter enforcado aquele Kaiser quando tiveram a chance,” disse o velho vigorosamente de novo, e o silêncio caiu sobre eles mais uma vez. O sol estava ficando quente. Jim Blunt sentiu-se tonto e fraco. Mais meia hora de caminhada os levou a uma série de plantações arenosas de morangos, mas as fileiras haviam sido pisoteadas por visitantes anteriores e não havia mais nada além de frutas verdes nas videiras. As casas pareciam desertas, embora uma delas fornecesse uma acolhedora bebida de água da bomba. Ambos a beberam avidamente. De vez em quando, o velho tentava conversar novamente sobre os dois tópicos que o absorviam — a falta de tabaco e sua previsão em fazer um seguro.

Ao meio-dia, a estrada levou-os a um vale perto de um pequeno riacho, onde meia dúzia de homens, como eles, óbvios refugiados, estavam fazendo uma refeição de pão e batatas queimadas ao redor de uma fogueira. Jim se dirigiu a eles na esperança de conseguir comida e recebeu um punhado da sua escassa refeição.

“O que aconteceu?” ele perguntou entre bocados. “Quem fez isso?”

“Um dos soldados disse que viu no jornal de Baltimore que foram os bolcheviques russos,” disse alguém. “Eles vieram num navio, que suas almas sujas vão para o inferno. Todo mundo em Washington está morto. Estão lutando na Inglaterra e em São Francisco, ele diz, e Nova York está toda queimada. É guerra. Eu vou me alistar na marinha, não dou a mínima. Queimaram minha loja e cada centavo que eu possuo, que se dane. Ouça aqui”

“Ah, cale a boca,” interrompeu outro. “Você não perdeu nada. Eu tinha uma irmã —” ele parecia engasgar e mordida ferozmente o pedaço de pão que segurava.

“Mas por que eles queriam lutar contra a gente?” Jim continuou o assunto.

“Só por maldade, eu acho. Eles estão lutando contra todo mundo. Dizem que tem cem mil chineses vindo de Chicago, chineses e russos com mais gás venenoso. Vai ser uma guerra infernal, se me permite dizer.”

Terminada a refeição, Jim se levantou. “Ah, isso é conversa fiada,” dizia outra pessoa. “Aqueles chineses não sabem atirar. Eles nem sabem —” Ele foi para além do alcance do som, o medo e o cansaço combinavam-se para embotar sua mente para as impressões externas e empurrava ele para qualquer lugar ao longo do rio de tijolos entre suas margens arenosas que seguia para longe da ameaçadora nuvem de fumaça que se erguia sobre Washington. Parecia não haver mais sons no mundo e o tráfego em ambas as direções cessara completamente. Ele caminhava em um devaneio de miséria.

“...Você está procurando um emprego?” A voz o assustou como um tiro. Ao lado da estrada estava um homem de meia-idade, usando um chapéu Panamá surrado e segurando uma motocicleta que aparentemente havia acabado de sair de um caminho entre as dunas de areia.

“Hã? Que tipo de emprego?”

“Me ajudando. Vamos, suba. Vinte e cinco dólares por semana e comida. Vai me poupar muito trabalho.” Ele falava em rajadas curtas. Jim olhou por cima do ombro na direção de Washington, ainda fumegando.

“Ah, tudo bem. Eles não vão vir por aqui. Você vai ajudar mais o país do que no exército. Maior invenção da era. Segura firme.”

A motocicleta arrancou com um solavanco, e Jim teve que se agarrar firme ao estranho para não cair enquanto eles disparavam para dentro do matagal.

CAPÍTULO III

A Casa no Mato (Data — Primavera ao Outono de 1932)

O caminho através da areia logo se abria para um estabelecimento composto por três ou quatro barracos feitos de portas de carros e chapas de ferro ondulado, situados perto da margem de uma enseada na Baía de Chesapeake. Por uma boa extensão ao longo da costa, as dunas de areia pareciam ter sido niveladas por algum meio artificial, e no espaço aberto assim formado havia uma rede de trilhas feitas de rodas e pegadas. Um dos barracos era consideravelmente maior que os outros, e todos pareciam desertos.

O homem com o chapéu Panamá parou a motocicleta com uma curva elegante diante de um dos barracos e pulou dela. “Com fome?” ele perguntou, lançando um olhar atento a seu companheiro. “Entre. Espero que saiba pilotar uma motocicleta. Acho que você terá que ser o lavador de pratos. Eu sei cozinhar, mas os criados fugiram.”

Ele se ocupou em uma parte do barraco que estava separada, parecendo habitável o suficiente uma vez lá dentro. Jim Blunt notou que havia dois beliches contra a parede, um em cima do outro, e que uma confusão de objetos dos mais variados preenchia todo um canto do cômodo, de onde fluía para o espaço central — uma coleção heterogênea de baterias secas, pedaços de algo que parecia celuloide, plantas de construção e gigantescas faixas de borracha.

Em alguns minutos, o gênio da casa voltou com uma xícara de café e um prato com comida quente. “Sirva-se, jovem,” disse ele cordialmente. “Já comi. Qual é o seu nome?”

“Blunt,” disse Jim, enchendo a boca com a comida bem-vinda. “Jim Blunt, de Washington.”

“Bem, Jim Blunt, o meu é Hamilton. Acho que você vai gostar daqui. Estou fazendo experimentos. Não precisa se preocupar com a guerra. Temos provisões suficientes para um exército e podemos pegar peixes e ostras bem aqui na baía. Pode ser parecido com uma ilha deserta. Uns dez livros e tudo mais. É curioso? Não se preocupe, você está bem. Vou te contar. São aviões sem combustível. A maior invenção da era. Um camarada morreu e me deixou trabalhando no projeto. Você sabe pilotar uma motocicleta?”

“M-m-h-m,” disse Jim, com a boca cheia.

O barraco maior revelou-se ser o hangar onde o objeto das experiências estava guardado; uma estrutura desajeitada, de corpo curto, com asas curvas que tinham uma estranha semelhança com uma galinha, uma semelhança que se acentuava quando corria pela areia atrás da motocicleta que a rebocava, como se estivesse tentando escapar de um falcão perseguidor. A motocicleta, ao que parecia, era necessária para dar-lhe um impulso inicial em seu estágio atual de desenvolvimento; uma vez lançada no ar, a máquina conseguia manter seu próprio progresso. Nos longos dias que se seguiram, ela fez muitas dessas corridas e voos semi-aviários, com Jim guiando a motocicleta barulhenta ao longo da praia, ocasionalmente olhando por cima do ombro para ver o grande objeto, semelhante a um pássaro, levantar voo atrás dele, eventualmente soltando a corda de reboque e planando em um tipo de voo vacilante.

Após o pouso, sempre havia um período de ajustes e correções. Uma das enormes faixas de borracha que, de alguma forma obscura para Jim, forneciam a energia para o aparelho, seria apertada ou trocada ao mostrar sinais de desgaste; uma bateria seria substituída ou uma ponta de asa alterada. Houve uma vez em que uma semana inteira de ajustes resultou no alongamento das asas e em uma maior envergadura para a cauda plana.

De vez em quando, Jim era instruído a subir no assento da estranha máquina enquanto Hamilton observava seu desempenho do chão. A primeira dessas tentativas terminou em um pequeno desastre quando Jim ficou tão ocupado em manter a máquina estável que esqueceu de soltar a corda de reboque. O avião prontamente puxou a motocicleta, que havia chegado ao fim de sua corrida, fazendo-a capotar de nariz na areia, jogando Hamilton de cabeça para baixo, e Jim compartilhou da experiência um momento depois, quando o puxão repentino no final da linha o desequilibrou completamente.

Felizmente, nem o avião nem a motocicleta sofreram grandes danos, e conforme Jim repetia sua experiência de voo, ele ganhava conhecimento e confiança ao mesmo tempo. Ao final de alguns meses, ele já conseguia controlar a máquina quase tão bem quanto Hamilton, e ambos realizavam voos de duração considerável, durante os quais perturbavam as gaiotas que gritavam ao longe na baía ou subiam alto e longe o suficiente para ver os raros passageiros na estrada entre Baltimore e Washington.

Jim teria chamado o avião de ornitóptero se conhecesse tal palavra. Consistia em uma estrutura leve de tubos em que o operador se sentava como em uma bicicleta, com pedais para os pés. Através de um sistema complicado de faixas e cordas de borracha grossas, esses pedais forneciam a energia para o movimento das asas, cada uma com trinta pés ou mais de comprimento e surpreendentemente leves e estreitas para seu tamanho. Na construção dessas asas, Hamilton seguira a fórmula aviária, com as penas feitas de uma composição de celuloide não inflamável e abrindo-se automaticamente na subida para diminuir a resistência.

Um sistema semelhante ao de um freio de bicicleta permitia que as asas fossem travadas na posição aberta para voos planados ou na posição elevada para uma aterrissagem rápida e segura. Na frente do assento do operador, estava disposta uma fileira das novas baterias Bell & Wyatt, inventadas recentemente. Essas baterias tinham duas conexões. A primeira era automática, acionada pelo movimento dos pedais, e fornecia energia adicional ao movimento das asas, reforçando o impulso das pernas do operador. Na segunda conexão (para a qual havia um interruptor manual), elas operavam uma pequena hélice em forma de lâmina, de design engenhoso, localizada no nariz do pássaro mecânico. Essa hélice era projetada para ser ativada durante o voo planado; ela fornecia ao avião a potência adicional necessária para manter a altitude e a velocidade durante essa operação, permitindo que a aeronave deslizesse pelas correntes de vento, naturalmente sem movimento, por longos períodos. A máquina era controlada parcialmente ajustando a velocidade de uma asa em relação à outra e parcialmente por meio de um volante que manipulava a cauda.

Ficou claro que Hamilton estava mais preocupado com a questão de lançar sua máquina no ar do que com qualquer outra coisa. Uma vez lançada, o avião não causava problemas, mas tirá-lo do chão envolvia o uso da motocicleta de reboque ou uma corrida extremamente longa e muitas vezes infrutífera na areia, com a energia fornecida pela pequena hélice. Parecia não haver nenhuma maneira de imitar o salto rápido de um pássaro para o ar. Tentativas de bater as asas na decolagem resultavam apenas em danos a essas estruturas quando colidiam com o solo.

Jim Blunt viu Hamilton tentar várias alternativas. Alterar o trem de pouso para inclinar as asas na frente, permitindo uma subida mais rápida, fazia com que a cauda batesse com um estrondo na aterrissagem seguinte e quase a quebrasse. Em seguida, veio um período de tentativas com diferentes tipos de trem de pouso semelhantes a guindastes. Esses permitiam um uso limitado das asas durante a decolagem, mas tornavam a máquina quase impossível de manobrar e davam a ela um movimento pesado e desajeitado no ar devido ao peso baixo das rodas. O tipo guindaste foi seguido por uma tentativa de conseguir uma subida rápida ajustando as asas em um ângulo mais acentuado em relação à vertical. Esse experimento terminou abruptamente em um mergulho no mar quando Hamilton descobriu que a configuração fazia o avião entrar em uma série de mergulhos descendentes sempre que ele tentava fazer algo além de subir. Ele preferiu um mergulho à queda nas areias e, como recompensa, teve que passar quase uma semana revisando o avião depois de, com muito esforço, resgatá-lo da água.

Nenhum dos dois direcionava suas expedições aéreas em direção a Washington, e o assunto do bombardeio e do conflito que certamente estava acontecendo ao redor deles era evitado tacitamente, ficando apenas para especulação. Os olhos de Hamilton estavam muito fixados nas estrelas para se preocupar com essas questões, e os de Jim estavam muito focados no solo. Eles viviam a vida solitária e feliz de eremitas, consumindo gradualmente as imensas reservas de alimentos enlatados que Hamilton havia armazenado para uma equipe de meia dúzia de homens durante vários meses. Dessa forma, maio se transformou em junho, junho em um julho quente, e julho em um agosto escaldante. Nenhum rumor do mundo exterior alcançava seu refúgio, nenhuma brisa da chama de guerra universal passava por ali. Eles realmente poderiam estar em uma ilha deserta, como Hamilton havia dito, e essa semelhança era aumentada pelas visíveis plumas de fumaça que se moviam para cima ou para baixo no Chesapeake, apenas visíveis à distância. E então a guerra os alcançou.

Era uma manhã quente no início do outono, fresca e limpa após a chuva da noite. Eles haviam acabado de tomar café, e Jim tinha saído da cabana onde viviam para preparar o avião

para o voo do dia, enquanto Hamilton se ocupava em arrumar a louça. Enquanto se inclinava para apertar uma trava na cauda, Jim ouviu o som de passos sobre a areia e olhou para ver três ou quatro homens entrando na cabana. Algo metálico brilhava na mão de um deles; todos vestiam calças de soldados americanos, combinadas com uma variedade de camisas e chapéus sem padrão definido. Ele se perguntou, distraidamente, quem eram e o que tinham vindo fazer ali, enquanto continuava sua tarefa.

Uma murmuração de vozes se elevou dentro da cabana. Ele subiu no assento, ligou e desligou as baterias, e testou os controles. Um tom de exasperação começou a aparecer no que era dito lá dentro. Ele se virou para olhar. “Não! Saiam daqui!”, ouviu as palavras de Hamilton, seguido de um som parecido com o de um baú caindo no chão. A porta foi violentamente aberta, e um dos homens saiu cambaleando, caindo no chão. Gritos; Hamilton saiu de repente pela porta aberta, correndo, com o outro homem e mais dois caras atrás dele. Jim Blunt ouviu um rosnado de fúria, captou o olhar de ferocidade animal no rosto do perseguidor e notou, com uma precisão assustadora, que havia sangue na cabeça de Hamilton e uma faca na mão do inimigo. Ele viu o homem pular de repente nas costas de Hamilton, derrubando-o no chão. Com um pânico febril rasgando suas entranhas, Jim acionou o interruptor que fez a hélice começar a girar e começou a se mover lentamente pela areia.

Ele ouviu um grito gorgolejante, uma ordem para parar, e olhou por cima do ombro para ver uma massa indistinta de membros se contorcendo no chão, o subir e descer da faca e uma figura correndo em sua direção. A máquina ganhava velocidade. Ele mexia desesperadamente na cauda na tentativa de decolar. Será que conseguiria? Bateu, bateu. “Pare!” Um tiro; os solavancos cessaram — ele estava no ar! Ele pedalava com a energia do desespero, sentiu as asas roçarem a superfície da água e viu um spray de gotas brilhantes. Ele estava no ar, voando devagar e baixo sobre a água.

Ele pedalava; o avião subia penosamente no ar parado, depois saltava para a frente quando uma brisa agitava a superfície da enseada abaixo. Subindo, subindo — ele ousou se virar e viu os homens lá embaixo pequenos como aranhas de duas pernas, correndo animadamente pela areia. Um estava estendido junto à porta da cabana, imóvel. Esse seria Hamilton. Não havia mais como voltar. A brisa ficava mais forte à medida que ele subia. Ele travou as asas, ligou o interruptor da hélice novamente e subiu como uma grande gaivota, enquanto os quatro homens lá embaixo olhavam boquiabertos para sua figura que se afastava.

Jim Blunt tinha apenas uma noção bem básica de geografia. Baltimore, e além dela Filadélfia e Nova York, ficavam ao norte, em algum lugar. Ele poderia chegar a uma ou outra facilmente. Mas — e o pensamento do bombardeio e do que os homens na enseada haviam

dito há tanto algum tempo o atingiu de repente. Baltimore, Filadélfia, Nova York — não estariam como Washington, “todas queimadas” com chineses e bolcheviques, armados com gás, assombrando as ruínas sombrias? Não seria algum posto avançado desses que os havia atacado na enseada?

Ele subiu mais alto, pedalando as asas. Seria melhor encontrar alguma fazenda em algum lugar. Havia algumas nuvens no noroeste. Novamente ele travou as asas e planou em grandes varreduras, rumando para o norte com apenas o sol como guia de direção.

Talvez uma hora depois ele encontrou a tempestade. O país abaixo dele mostrava um caráter mais verde e mais assentado, mas se ele havia passado por Baltimore ou não, ele não sabia. Sua atenção estava completamente voltada para a questão da tempestade, que se anunciou com um tamborilar de gotas de chuva em seu rosto. Simplesmente não lhe ocorreu pousar onde estava. Sabendo pela experiência anterior da dificuldade de voar com a máquina através das rajadas de vento que viriam, ele deu uma última olhada no sol para mantê-lo à sua direita e começou a pedalar novamente para ganhar altura. Por mais meia hora o vento assobiou ao seu redor e estava escuro como a noite. Ele tentou manter sua direção. Quão bem ele estava conseguindo, ele não sabia. Quando finalmente emergiu para a luz do sol, estava encharcado, terrivelmente cansado e infeliz.

Ele notou a linha prateada de um grande rio em algum lugar abaixo dele, sentiu o sol nas costas em seu ombro direito. Devia ter desviado um pouco para o oeste, pensou, e começou a descer para observar o país. Estava se aproximando de uma cidade. Edifícios brancos brilhavam à luz do sol e, à medida que ele se aproximava, podia ver pequenas figuras entre eles. Ele se aproximou mais e começou a distinguir movimentos definidos entre os minúsculos seres no chão. Eles estavam apontando para ele, gesticulando. No telhado de um dos edifícios, vários homens pareciam estar ocupados com algum tipo de aparelho que parecia uma bola de empurrar com uma haste atravessada, emitindo vagos clarões como os de um fio de bonde quando está molhado.

A larga rua, sem fios de telefone, passava por esse edifício. Quase sem pensar, Jim Blunt travou as asas na posição vertical, ligou a hélice e pousou suavemente no pavimento em frente ao edifício, completamente exausto e com uma estranha dormência se apoderando dele. Ele ouviu vozes distantes perguntando o que era aquilo, depois uma palavra de comando e alguém disse: “O raio o derrubou. Chame o Capitão Hargitt.” Então, Jim Blunt perdeu a consciência.

CAPÍTULO IV

Dois Cavalheiros Recebem as Notícias (Data — Primavera, 1932)

A enfermeira estava oferecendo-lhe um ovo.

Ele parecia estar em melhores condições do que o outro paciente que ocupava a cama ao lado no hospital. Por um lado, ele era mais jovem do que o homem que estava na cama ao lado com os olhos fechados, uma barba grisalha escassa se projetando sobre o cobertor. Por outro lado, ele havia conseguido alcançar uma posição semi-sentada e estava se movendo um pouco.

O jovem levantou um braço como se fosse doloroso movê-lo, enfiou a colher no ovo e tomou uma colherada.

“Você se sente melhor?” perguntou a enfermeira.

“Eu não sei,” ele respondeu, “Eu não senti nada até agora. O que aconteceu?”

“Você sofreu um acidente. Vamos contar tudo para você mais tarde. Pode nos dizer seu nome?”

“Mason. H. Mason, Tenente, Marinha. O que aconteceu?”

“Não se preocupe com isso agora. Aqui, beba isso e durma se puder.”

O Tenente H. Mason aceitou a bebida, olhando ao redor através do fundo do copo enquanto o esvaziava. Seus olhos caíram sobre o homem ao seu lado, e ele deu um sobressalto repentino de surpresa, seguido por uma pequena careta de dor. “Como — como ele veio parar aqui?” ele disse, indicando o homem mais velho.

“Você sabe quem ele é?” perguntou a enfermeira.

“Almirante de Roebeck, secretário interino da Marinha,” respondeu o jovem, recostando-se entre os travesseiros, e o silêncio caiu sobre a enfermaria do hospital.

O silêncio durou toda a tarde dourada, e só foi quebrado quando as luzes foram acesas. Então se ouviu o som de passos no corredor, e de vozes sussurradas em conferência, seguido pela abertura abrupta da porta e a entrada na enfermaria de uma pequena e curiosa procissão. Havia duas enfermeiras, um homem de terno escuro com óculos de aro preto, cuja aparência nervosa lhe dava o aspecto de alguém sobrecarregado com grandes responsabilidades, e um homem alto, de cabelos brancos e uma longa túnica de seda preta sobre seu terno. Através da porta, dois ou três mais eram visíveis, e logo também entrou um homem em uniforme e polainas que parecia um aviador, e um médico.

O homem com os óculos de aro preto olhou para a figura barbada na cama, balançando a cabeça vigorosamente. “Sim, esse é o Almirante de Roebeck, com certeza,” ele disse, “ele está gravemente ferido?”

O paciente que havia sido identificado abriu os olhos languidamente e agora os observava. O homem de cabelos brancos com a túnica de seda avançou e se sentou ao lado da cama.

“Almirante de Roebeck,” ele disse, “você está bem o suficiente para me compreender?” O homem ferido assentiu lentamente, e o outro continuou: “Houve uma — catástrofe, na qual o Presidente e vários membros do gabinete estiveram envolvidos. Sou o Juiz Kenyon da Suprema Corte. É importante que o empossamos como Presidente dos Estados Unidos e que você nomeie um gabinete imediatamente. Você acha que consegue fazer isso?”

“Sim,” disse o homem na cama com uma voz tão fraca e distante que poderia ter vindo de outro mundo. O juiz olhou para o médico que o havia seguido até o quarto. Este último assentiu.

“Devo pedir que todos vocês testemunhem esta cerimônia,” disse o juiz, levantando-se. “Há algum taquígrafo no prédio?”

Houve uma breve pausa, enquanto uma das enfermeiras saiu do quarto e voltou com outra moça, também em um uniforme de enfermeira, impressionada e silenciosa diante da importância de sua missão, trazendo um pedaço de papel de carta e o toco de um lápis.

O homem com os óculos de aro preto retirou uma Bíblia de algum lugar, aparentemente por mágica, e ali, na enfermaria do hospital, sob a luz enfraquecida e ao lado das duas camas, foi realizada a solene cerimônia de posse de um sucessor para as grandes tradições de Washington, Lincoln e Roosevelt, com um homem doente, três enfermeiras, um aviador, um médico e um advogado como audiência; certamente o grupo mais estranho que já assistiu à posse de um Presidente dos Estados Unidos.

O novo Presidente permaneceu com os olhos fechados, respondendo com uma voz tênue, e quando o Juiz Kenyon terminou, o médico se aproximou dele com um copo de algum bem estimulante. Ele o bebeu e pareceu ficar um pouco mais forte, olhando de um para outro do grupo com olhos perspicazes e amáveis. O homem com os óculos de aro preto falou. “Seria pedir demais que você nomeasse um gabinete, senhor?” ele disse.

O Presidente de Roebeck olhou ao redor novamente. Seus olhos caíram na cama ao seu lado, onde o Tenente H. Mason estava observando-o.

“Qual é o seu nome?” ele perguntou.

O braço do Tenente H. Mason se moveu dolorosamente em um gesto de saudação. “Tenente Mason, Marinha dos EUA, senhor.”

“Você atuará — temporariamente... como Secretário de Estado, para fazer nomeações se eu não sobreviver?”

Houve um murmúrio na sala. O homem com os óculos de aro preto se aproximou da cama. “Embora eu não duvide que você tenha total confiança neste jovem — ” ele começou, mas a voz fraca do almirante o interrompeu.

“Eu confiaria primeiro em um homem da marinha... Nomeie o Tenente Mason como meu Secretário de Estado... J. P. Morgan, Jr., Secretário do Tesouro. General Slocum, Secretário da Guerra...”

“Duvido que o General Slocum possa ser localizado, senhor,” disse alguém.

“Tudo bem, então, o oficial de mais alta patente do exército... Ralph D. Paine, Secretário da Marinha... A. E. Smith do Interior —” a voz foi se apagando e os olhos se fecharam novamente. O médico correu para o lado da cama, olhou para o paciente por um momento e depois se virou para os demais. “Receio que o presidente não esteja em condições de falar mais,” ele disse, “Posso pedir que vocês saiam?”

CAPÍTULO V

Conferência em uma Varanda (Data — Outono, 1932)

PAUL DE ROEBECK, Presidente dos Estados Unidos, reclinava-se em uma cadeira de rodas na varanda do Mercy Hospital em Alexandria, olhando através do Potomac em direção às ruínas do que havia sido a capital dos Estados Unidos. Herbert Mason, seu Secretário de Estado, estava sentado ao seu lado. Ao redor dos dois estavam reunidos os outros membros do gabinete, e do outro lado de uma pequena mesa, a varanda estava cheia com talvez duas dúzias de homens agrupados em cadeiras. A maioria deles expressava vários graus de irritação ou surpresa em suas atitudes e rostos.

“Mas eu digo que é impossível,” declarou um deles, provavelmente pela vigésima vez. “O povo americano nunca se submeterá a uma imposição dessa maneira. Eles exigirão um Congresso e uma eleição presidencial imediata.”

Mason olhou para o presidente, que assentiu. “Vocês concordam conosco, não é, que uma eleição no momento atual é praticamente impossível?” ele perguntou com o ar de quem repete algo pacientemente para crianças pequenas.

“Não em Vermont!” explodiu um deles.

“Mas Vermont não pode eleger um presidente e um Congresso sozinha, e muitos estados inteiros estão em uma condição que, para ser franco, é nada menos do que anarquia. Dificilmente poderíamos garantir que a maioria dos membros não se revelasse inimigos declarados do sistema de governo atual. A Constituição, senhores, faz do presidente a principal responsabilidade de garantir que cada estado tenha uma forma de governo republicana. As propostas que delineamos aqui são direcionadas para esse fim.

“Além disso, todo o nosso esforço seria paralisado até que o novo Congresso tivesse sido organizado e tivesse investigado, mais ou menos lentamente, várias características da guerra e tivesse apropriado fundos para elas. Vocês foram convidados para esta conferência, senhores, porque, como governadores de vários estados, são suficientemente grandes para entender que o tempo que levaria para esperar pelo Congresso, já seria tarde demais. O exército polonês está à beira do colapso; os italianos estão derrotados, Alemanha e Inglaterra não podem fazer nada, e Deus sabe o que está acontecendo na França. Em um ano, senhores, seremos invadidos por um exército de dois milhões de homens. As medidas que propomos são revolucionárias, mas são necessárias nesta luta pela existência nacional.

“Proponho ler a agenda desta reunião em detalhes, e depois podemos apresentar cada ponto para uma votação separada.”

Um assentimento um tanto relutante veio do grupo enquanto ele pegava várias folhas de papel.

“Primeiro — que a lei marcial seja declarada em vigor em todo o país.”

“Eu concordo com isso,” disse um dos presentes. “É um passo necessário, especialmente porque a lei marcial já está praticamente em vigor em grandes distritos.”

Houve oposição, e o artigo foi claramente aprovado quando a chamada nominal foi concluída.

“Segundo,” continuou Mason, “que os governadores dos vários estados sejam comissionados como major-gerais do exército e colocados no comando dos vários estados como áreas militares.”

“Uma medida muito sábia,” disse um dos governadores, esfregando as mãos levemente, e sua opinião encontrou tal concordância geral que Mason prosseguiu sem demora para o terceiro artigo.

“Terceiro — que o alistamento no exército seja exigido de todos os cidadãos, por proclamação presidencial, e...”

Ele não conseguiu continuar devido à torrente de críticas que surgiu. Quando se acalmou um pouco, o Presidente falou pela primeira vez, elevando a voz com esforço óbvio para que todos pudessem ouvir.

“Estou ciente das objeções a este plano, e elas foram declaradas por vocês, senhores, de várias formas. No entanto, estou convencido de que é um passo lógico decorrente da declaração da lei marcial, e que, na prática, está nos interesses da eficiência. O procurador-geral me assegura que, legalmente, minha posição é sólida e pretendo levar isso adiante, mesmo que signifique impeachment. Por favor, continue.”

“Terceiro,” Mason leu, acima do coro de murmúrios que lembrava trovões distantes, “que o alistamento no exército seja exigido de todos os cidadãos por proclamação presidencial, e que todos aqueles em indústrias essenciais sejam designados para seus respectivos deveres em suas indústrias atuais.

“Quarto — que as pessoas assim envolvidas sejam pagas através das agências governamentais a serem estabelecidas para esse fim, e sejam pagas em títulos que denotem tanto trabalho realizado, a ser eventualmente resgatado a um valor justo... Isso,” ele interrompeu sua leitura para explicar, “é o plano do Sr. Morgan. Em vista do estado atual da moeda, da perda da casa da moeda e da destruição de grande parte das reservas de ouro, bem como da disrupção mundial dos mercados monetários, somos praticamente forçados a adotar algum meio de inflação ou moeda fiduciária. Os perigos de qualquer um dos cursos são tão grandes que este sistema é sugerido como um substituto. Acredita-se que esses títulos de trabalho servirão como um meio de circulação secundário.”

O círculo explodiu em murmúrios, e com sua voz clara, Mason começou a chamar a lista: “Alabama — não; Arizona — sim...” Quando ele terminou, havia uma maioria de dois a favor do artigo, com três não votando.

“Quinto — que toda fábrica capaz de produzir aparelhos elétricos seja requisitada imediatamente e direcionada para a produção de tubos para a construção do raio anti-explosivo de Adams.”

Este, como o segundo artigo, foi aprovado sem comentários ou objeções.

“Sexto — que nenhum Congresso seja convocado até que a guerra tenha sido concluída, ou até que os Estados Unidos Continentais estejam livres de perigo, e que, em seu lugar, cada um dos governadores nomeie um único representante para servir como um comitê da União.”

Novamente surgiram murmúrios e alguns comentários abertos, e novamente a votação foi tão apertada que não se poderia dizer que houve uma maioria clara. Mas, como os demais, foi declarado aprovado.

“Isto encerra a agenda da conferência, senhores,” disse Mason calmamente, e ao fazer isso, o Presidente se endireitou em sua cadeira. “Espero,” disse ele, “que, independentemente de suas opiniões, eu possa contar com a sua cooperação. Uma grande parte do sucesso de nosso esforço e, com isso, posso dizer, a continuidade da existência destes Estados Unidos, depende disso.”

CAPÍTULO VI

O Raio Vai à Guerra (Data — Novembro-Dezembro, 1932)

Das Memórias de Sir Evelyn Oldmixon, Antigo Membro da Força Expedicionária Britânica na Polônia.

...Fiquei extremamente contente quando minha solicitação de transferência da guerra monótona e suja nas sebes da Irlanda foi aprovada, mas estava longe de estar preparado para ser enviado para o outro lado da Europa no comando de um tanque contra os soviéticos.

Na verdade, se eu soubesse de antemão que o governo pretendia enviar a divisão de tanques, teria pensado que isso beirava aquela arrogância britânica da qual sempre somos acusados. A data era o outono de 1932 e nossa sorte estava em seu ponto mais baixo. A imensa conspiração dos soviéticos contra a paz mundial havia sido acompanhada por um sucesso extraordinário. Pela primeira vez desde os dias do Príncipe Charlie, um exército britânico estava lutando contra súditos britânicos na ilha da Grã-Bretanha (refiro-me, é claro, ao problema nos Grampians após a revolta dos lojistas de Glasgow); Londres e Liverpool estavam em cinzas; a Irlanda era uma vasta chama de pequenas guerras e assassinatos. O Egito estava perdido; Índia e África do Sul oscilavam, e de todos os domínios, apenas o Canadá e a Austrália permaneciam firmes ao lado da pátria-mãe.

Apesar dessas dificuldades, o gabinete considerou imperativo que dessemos suporte aos poloneses; eles estavam enfrentando os principais exércitos russos e, pelo que entendi, nos pediram o fornecimento de tanques e homens que entendessem dessas máquinas.

...Chegamos a Dantzig no cruzador “Cumberland” em uma noite tempestuosa de novembro. Graças ao tempo ruim, havia pouco perigo de submarinos, e quando estávamos perto do porto, fomos escoltados por um esquadrão aéreo alemão que nos protegeu efetivamente dos ataques aéreos soviéticos.

Minha impressão de Dantzig foi a de uma cidade ao mesmo tempo esplêndida e deprimente. Sobre os imensos cais e estabelecimentos pairava um ar de solidão e derrota. Raramente se encontrava civis, e os soldados poloneses e alemães que se viam eram um grupo desanimado. Soube mais tarde que os soviéticos haviam jogado algumas bombas de fosgênio na cidade nos primeiros dias da guerra e quase dizimado a população civil.

Chegamos a tempo de receber a notícia indesejada da queda de Koenigsberg e da derrota do exército do General Ruskiewilicz antes de Thorn, o que significava que os soviéticos haviam conseguido criar uma cunha entre os alemães no norte e os poloneses diante de Varsóvia, jogando os dois para trás como um par de portas dobráveis e abrindo caminho para o coração da antiga Brandenburg.

O General Moorsom, chefe da nossa missão, estava cheio de energia. Em um dia e meio, ele conseguiu desembarcar os tanques e entregar vários deles às autoridades alemãs como modelos para fabricação futura. Partimos para a frente imediatamente com o restante, em um trem destinado ao transporte de rações, que Moorsom corajosamente requisitou, alegando que era o representante pessoal da Rainha.

Quando estávamos prontos para partir, um homem vestido de caqui apareceu na plataforma. Ele se revelou um americano, recém-chegado de um de seus navios, que havia chegado com uma carga de tubos do raio anti-explosivo de Adams, um novo dispositivo milagroso dos Estados Unidos. Ele estava determinado a nos tirar do trem e segurá-lo enquanto carregava sua mercadoria. O General Moorsom, é claro, não quis saber de nada disso, e partimos.

Chegamos a Chojnice, na margem esquerda do Vístula, naquela noite, e começamos a desembarcar imediatamente. A cidade estava cheia de tropas polonesas, a maioria delas desorganizadas e muitos dos soldados sofrendo os efeitos do gás. Tivemos muita dificuldade para passar pelas ruas. Não havia comida em lugar algum, então, depois que os tanques foram estacionados no bosque de uma propriedade perto da estação, os oficiais da nossa divisão fizeram o melhor que puderam com chá quente e algumas barras de chocolate. Cavendish, meu colega de divisão, passou a maior parte da noite tentando localizar munição para nossos canhões de oito libras, já que ele falava alemão razoavelmente bem. Eu fui até o castelo, mas descobri que ele havia sido ocupado pelo quartel-general de uma divisão polonesa e, após uma tentativa idiota de conversar usando linguagem de sinais, voltei para dormir com os homens atrás dos tanques.

Perto do amanhecer, uma bateria pesada alemã se posicionou logo atrás de nós e começou a disparar com uma explosão de som que tornou o sono impossível. Ficamos em

volta dos tanques esperando por ordens e desejando ter algo para comer. Mas o dia foi um completo desperdício. O general levou Cavendish com ele para a ligação, e eu assumi o comando do tanque dele, além do meu próprio. Sem nada em particular para ocupar minha mente, fui até a estação ferroviária, o lugar mais provável para encontrar algo para comer.

Por volta do meio-dia, chegou um trem carregado com americanos e seus aparelhos de raios, grandes coisas que pareciam teodolitos crescidos, montados em caminhões. Eles eram um grupo animado e pareciam bem abastecidos de tudo, exceto tabaco, então arranjei uma troca com um major americano — cigarros Woodbines por carnes enlatadas — e voltei para meus tanques seguido por meia dúzia de oficiais carregando caixas. O major americano estava preocupado com a falta de linhas elétricas, aparentemente era necessária muita corrente para operar seu equipamento. Ele tinha bastante em algumas baterias Bell & Wyatt, mas queria economizá-las para uma emergência. Parecia que nunca lhe ocorreu que isso já era uma emergência.

As ruas de Chojnice ainda estavam cheias de tropas polonesas, todas se movendo em direção a Dantzig. Um pouco mais tarde, um avião soviético sobrevoou e lançou uma bomba perto do castelo, que matou um homem nos terrenos. Em seguida, veio um alarme de gás, e todos colocamos nossas máscaras, mas foi um alarme falso. No entanto, a bomba foi um prelúdio para um bombardeio de artilharia. Os projéteis começaram a cair ao redor do castelo, que evidentemente era o alvo, e todos os poloneses saíram e se afastaram apressadamente. Coloquei os homens dentro dos tanques, o que pelo menos os protegeria dos estilhaços, e esperamos que algo acontecesse.

O Raio Entra em Ação

No final da tarde, os americanos avançaram bem à nossa frente. Estavam ansiosos para chegar às linhas de frente, embora ninguém parecesse saber onde exatamente a linha de frente estava, exceto a artilharia alemã, que continuava surgindo de todos os lados. Por volta das sete da noite, os soviéticos começaram a bombardear a cidade com gás, e os alemães despertaram para uma atividade frenética de retaliação.

Os tanques estavam espremidos e o barulho era terrível, mas acabei adormecendo de puro tédio, para ser acordado à meia-noite por um ordenança. Havíamos recebido alguma infantaria de apoio e, ao amanhecer, devíamos atacar em direção a um bosque que mal podíamos distinguir ao pé da longa colina baixa em que estávamos localizados. Fomos avisados para usar máscaras de gás, pois os soviéticos estavam inundando tudo com uma

verdadeira enxurrada de fosgênio e gás Alfa. As baterias alemãs estavam a todo vapor, e eu não consegui dormir novamente.

Um pouco depois, chegou uma mensagem dos americanos, nos alertando para não cruzar o campo de ação do raio deles, pois poderiam detonar a munição em nossos tanques. Isso nos colocou em um dilema, e fui acordar o Major Chamberlain.

Juntos, descemos até onde os americanos haviam instalado seus tubos de raio atrás de uma grande parede de tijolos que margeava a propriedade. Do pequeno outeiro onde estávamos, podíamos ver as colinas onduladas se estendendo sob nossos pés numa noite sem estrelas. Um brilho tênue aparecia no céu distante, onde algo estava queimando, e havia um foguete ocasional ao oeste. O bosque que devíamos atacar formava uma massa escura, pouco visível. Ao redor, a artilharia alemã fazia um barulho irritante, bombardeando as estradas soviéticas intermitentemente.

Encontramos os americanos ao lado de suas máquinas, vestidos com capuzes e túnicas disformes que os faziam parecer espectros na escuridão. Um oficial que estava manuseando um telefone o colocou de lado quando nos aproximamos. O serviço técnico deles devia ser maravilhoso para conseguir instalar uma linha telefônica tão rapidamente.

“Vamos começar agora”, ele nos disse. “Ah, vocês são dos tanques. Fiquem por aqui e assistam à diversão. Aqui, Post, veja se consegue encontrar um par dessas vestes isolantes.”

O homem chamado Post tirou um par das vestes disformes de algum canto e nos ajudou a vesti-las. Elas eram pesadas e desconfortáveis. Dois dos americanos começaram a fazer ajustes em seu tubo e, após um ou dois minutos, se afastaram. Houve um breve silêncio de expectativa enquanto o oficial que havia estado ao telefone acionava um interruptor.

Um zumbido começou a surgir de dentro do tubo, que oscilou um pouco enquanto um brilho violeta começava a emanar dele, refletindo nos homens ao redor e aumentando sua aparência espectral.

Lembro-me de como fui cético sobre a operação. Não percebi que estava tendo a sorte de presenciar um evento tão revolucionário quanto a primeira explosão de pólvora até algum tempo depois. Por alguns minutos, havia pouco ou nada para ver. Então, alguns flashes provenientes do bosque à nossa frente e o som de disparos de metralhadora chegaram até nós, vagamente audíveis sobre o barulho da artilharia alemã.

Lembro-me de me perguntar o que os soviéticos achavam que conseguiriam atingir com metralhadoras naquela distância e, quando me virei para Chamberlain para comentar sobre isso, o primeiro depósito de munição explodiu.

Não estava muito longe do bosque, e houve uma verdadeira exibição pirotécnica de foguetes e projéteis subindo das chamas acumuladas abaixo, claramente visível de onde estávamos. Um momento depois, houve outra explosão semelhante mais a leste e, em seguida, outra.

Virei-me, surpreso, para o oficial americano. Ele estava praticamente dançando de alegria, o que na época me pareceu exagerado. “Funciona! Funciona!” ele gritou. “Tudo o que vocês precisam fazer é descer lá e capturá-los.”

A cena parecia um pouco exagerada, mas notei que o som da artilharia soviética não era mais perceptível...

De fato, quando a hora zero chegou e avançamos além dos tubos, agora silenciosos, e descemos a colina, não houve sequer um disparo de metralhadora para nos saudar. Encontramos o bosque meio cheio de homens mortos e um batalhão inteiro de tanques soviéticos parado em um vale, todos simplesmente despedaçados. Avançamos direto para as ruínas de uma aldeia que presumi ser Kornow-Galice, e, não vendo nenhum sinal do inimigo, o Major Chamberlain nos parou e enviou mensageiros de volta para receber instruções. Havíamos alcançado nosso objetivo e ido além sem uma única baixa.

PARTE III

NOTA PRELIMINAR

Até agora, tentamos apresentar, não a narrativa histórica usual dos eventos externos e das causas superficiais, mas uma reconstrução dos incidentes subjacentes centrados na descoberta do Raio Adams, conforme apareceram para os atores naquele drama. O Raio Adams é o pivô central sobre o qual a Guerra da Aliança do Norte aconteceu. Em menor grau, o desejo soviético de conquista e a invenção de Wagstaff (que teve uma influência tão profunda na sociedade moderna como meio de comunicação) foram os principais motores. Por trás de todos os três, as figuras do sinistro Stensoff e do solitário Adams emergem como os verdadeiros arquitetos da sorte de suas nações.

O Presidente dos Estados Unidos, Zinovieff, General Hauschildt, Lord Melton — esses homens estão em primeiro plano e teriam sido descritos nas antigas histórias como os protagonistas da guerra que mudou a história. Mas, na realidade, eles eram pouco mais do que marionetes eminentemente corretas e adequadas, que desempenharam seus papéis como líderes inconscientes dos fios que controlavam suas ações.

Se Bob Adams, nos bastidores, tivesse puxado outro conjunto de cordas, eles teriam desempenhado outros papéis igualmente bem. Seus cálculos estavam constantemente sendo frustrados por algum cientista em um sótão (ele próprio talvez uma marionete de forças superiores) injetando um novo elemento nas artes da política e da guerra.

Para nós, hoje, parece semelhante que os heróis da guerra anterior (a de 1914) não foram Foch e Hindenburg, Tirpitz e Allenby, mas o obscuro capitão austríaco que inventou o torpedo, o singular arqueólogo britânico que incitou os árabes, e o literário coronel cuja mente deu origem ao tanque. A era científica havia chegado ao mundo, e, quer a ciência fizesse guerra com mecânica, balística ou psicologia; só a ciência poderia responder. A habilidade militar, a partir de 1914, tornou-se tão importante quanto a habilidade no xadrez. Só agora percebemos que os grandes homens daqueles dias muitas vezes eram muito pequenos e que devemos buscar entre os trabalhadores de um laboratório e técnicos para encontrar os verdadeiros árbitros do destino.

A intrusão de uma figura leiga como Jim Blunt em uma narrativa que lida com causas fundamentais talvez precise de alguma justificativa. Blunt deu ao mundo o Wagstaff; ele acabou ascendendo à cadeira de presidente de uma grande indústria e a um assento no Senado dos Estados Unidos (onde se destacou pela grave insignificância de todas as suas declarações), mas permaneceu ao longo de sua vida como um daqueles homens que são controlados pelos eventos, em vez de controlá-los. A justificativa para sua inclusão nestas páginas reside no fato de que ele foi o elo de ligação entre Stensoff e Hamilton, assim como Abe Epstein foi o elo de ligação entre Adams e Stensoff.

Dessa forma, levamos a narrativa até o primeiro uso do Raio Adams em guerra real e à entrega do primeiro Wagstaff (como o ornitóptero em que Hamilton trabalhava passou a ser chamado) às autoridades americanas. Esses acontecimentos foram quase contemporâneos.

A partir deste ponto, nossa história não pode mais ser sobre causas internas. Nossos principais protagonistas saíram de cena. Robert Adams ainda não saíra do sanatório em Michigan, onde ele foi deixado por um tempo, até que emergiu como um homem de meia-idade para se descobrir famoso em um mundo que pouco se assemelhava àquele que ele conhecia. Hamilton estava morto; Epstein desaparecido; Jim Blunt, após recuperar sua saúde depois de uma batalha duvidosa com os efeitos do raio ao qual foi submetido, tornou-se instrutor e construtor das máquinas que ele havia levado à proeminência. Stensoff estava perseguindo seu curso tortuoso e soturno nos bastidores da diplomacia soviética, mas ele havia desencadeado um furacão, e homens de ação, em vez de pensamento, eram necessários

para guiá-lo. Ele aparece apenas mais uma vez na história, como líder partidário na região do Lago Baikal após a queda de Tula. Depois, ele também desaparece para sempre.

Mas a bola de neve havia começado a rolar ladeira abaixo, acumulando mais e mais consequências para si.

Se Stensoff e Hamilton, Bob Adams e Jim Blunt não mais despertam nosso interesse do ponto de vista histórico (pois não influenciam mais o curso da história), devemos ao menos mostrar como a cadeia de eventos que eles colocaram em movimento se desenrolou, pois só assim podemos entender como o palco foi preparado para o próximo conjunto de atores. É obrigação do historiador não apenas apresentar incidentes e personagens, mas também o meio em que eles operaram. Pois as condições mundiais após a Guerra da Aliança do Norte eram tão diferentes daquelas que a precederam que uma descrição desse conflito é necessária, mesmo que apenas para mostrar o estado de coisas sob o qual a geração seguinte de cientistas teve que trabalhar.

CAPÍTULO I

Os Cães Estão Soltos (Data — 1932)

O defeito da ciência dos primeiros anos do século XX estava em enfatizar o mecânico em detrimento do psicológico — ou talvez devêssemos chamá-lo de moral. A ciência havia ensinado seus filhos a andar sem ensiná-los para onde ir, e ficou por um momento, impotente, enquanto eles caminhavam para a beira de um abismo. Com a descoberta do avião, dos explosivos de alta potência e dos gases venenosos, colocou forças tremendas à disposição de quem quisesse usá-las e (mudando a figura) como um homem que presenteia um idiota com um revólver, corria o risco de ser aniquilada por seus próprios presentes.

A oportunidade aproveitada por Stensoff estava ao alcance de qualquer líder de seu tempo. Ele era meramente o filho de sua era — a era científica; que havia agregado o conhecimento do poder das armas modernas à habilidade e à obliquidade moral de um político da velha escola.

Mas, para Stensoff, Comissário do Eschgan, suas ações não pareciam de obliquidade moral. Ele era dominado por uma única ideia — a de uma civilização dos trabalhadores, na qual o proletariado seria não apenas a força dominante, mas a única. Ele acreditava que até mesmo as artes e as ciências das nações mais antigas estavam contaminadas com um sutil veneno capitalista e contemplava nada menos do que a destruição de todo o edifício, que ele considerava podre demais para perdurar.

Toda a Rússia estava com ele em acreditar que a condição que permitia a existência do Soviético ao lado das “nações capitalistas” era uma de equilíbrio instável. Toda a Rússia considerava um conflito inevitável e concordava com Stensoff que seria uma guerra santa na qual qualquer meio seria justificável.

Mas Stensoff foi além disso. Ele estava mirando a destruição; ele percebia que uma guerra conduzida sob as formas e cortesias antigas colocaria as probabilidades contra seu país, e ele havia compreendido o imenso poder das armas modernas para desferir um golpe súbito e devastador.

Como chefe do Eschgan (o Comitê de Preparações para a Guerra), ele havia planejado que o golpe fosse desferido em um momento de sua própria escolha, quando ele tivesse usado todos os fatores a favor dos Soviéticos. Seus planos tinham uma abrangência grandiosa. Os comunistas do mundo deveriam se reunir em certas cidades e ali fomentar agitações trabalhistas de todos os tipos, culminando em vastas greves onde quer que pudessem ser provocadas. No momento das greves (os agitadores sabiam apenas disso e nada mais sobre seus planos), alguns poucos, implicitamente confiáveis de Moscou, foram designados para “ação direta”, consistindo em sabotagem, interrupção dos meios de transporte, bombardeio de prédios governamentais e de autoridades.

Simultaneamente, uma campanha de propaganda de uma intensidade jamais vista seria lançada. Os trabalhadores do mundo seriam instigados a se levantar contra seus “opressores” e elementos insatisfeitos em todos os países (por exemplo, Tirol, Sicília, Filipinas, Irlanda) seriam persuadidos e ajudados a iniciar rebeliões armadas.

Quando essas agitações tivessem atingido o ponto ideal, Stensoff lançaria seu grande golpe. Os Soviéticos começaria a guerra atacando as capitais dos maiores países no mesmo dia e pelos mesmos meios — esquadrões de aviões decolando de navios mercantes aparentemente inofensivos em um tempo de profunda paz e desconfiança, carregados de gás e bombas incendiárias com o objetivo de destruir todas as formas de vida nas cidades selecionadas. Com os governos do mundo assim desorganizados e paralisados, Stensoff contava, e não injustamente, em fazer com que os exércitos soviéticos invadissem a Europa e a América com pouca oposição, talvez até com a ajuda dos elementos insurgentes que ele havia incitado.

Felizmente para o mundo, o golpe teve que ser desferido antes que as preparações estivessem completas. A fuga de Robert Adams e o conhecimento certo de que o Raio de Adams, nas mãos do governo americano, tornaria esses planos de largo alcance ineficazes ao tornar obsoletas as armas de guerra então conhecidas, tornaram necessário que Stensoff

lançasse seu raio antes que ele pudesse ser produzido em quantidade requerida. O maior tributo à sua sagacidade é que o golpe esteve perigosamente próximo do sucesso, mesmo tendo sido lançado prematuramente.

A própria confusão dos registros existentes daquela época é a melhor prova de quão bem-sucedido foi o plano de Stensoff. Na América, como sabemos, Washington foi completamente destruída, junto com o Congresso dos Estados Unidos, o Presidente e todos os membros de seu gabinete, com exceção do Almirante de Roebeck, o Secretário Interino da Marinha que, seriamente ferido como estava, se viu de repente elevado à presidência. Centenas de pessoas morreram em Nova York, onde os comitês de ação direta bombardearam os metrô e muitos edifícios e fizeram um forte esforço para tomar a cidade. Chicago, Boston, Filadélfia e Detroit foram cenários de violentos combates nas ruas; houve uma greve ferroviária e St. Louis e São Francisco tiveram que enfrentar motins raciais desastrosos.

Na Europa, a República Irlandesa foi proclamada e uma força aérea republicana bombardeou Liverpool até a destruição total. Os trabalhadores dos estaleiros de Clyde e os mineiros da Cornualha tentaram organizar alguns soviéticos, e as colinas da Escócia ressoaram com batalhas. Na França e na Espanha, houve guerras sociais obscuras e selvagens. Paris foi quase destruída pelos poucos bombardeiros soviéticos que a alcançaram, e comunistas e brancos travaram um conflito feroz entre as ruínas. Berlim queimou até os céus sob o impacto das bombas russas, e os camponeses romenos se juntaram aos exércitos soviéticos em sua marcha sobre Bucareste.

Somente na Itália, onde menos se esperava, o primeiro esforço de Stensoff encontrou completo fracasso. Mussolini controlou o Tirol com mão de ferro e extinguiu os problemas na Sicília com um banho de sangue. Problemas no motor atrasaram o navio que transportava os bombardeiros soviéticos destinados a Roma. Eles tentaram voar a distância mais longa a partir de um ponto próximo a Nápoles e foram interceptados por um esquadrão aéreo italiano. Os italianos parecem ter confundido os soviéticos com um esquadrão aéreo francês vindo do Marrocos e estavam decididos a escoltá-los até Roma. O comandante aéreo russo perdeu a cabeça e abriu fogo contra eles; os italianos prontamente pediram ajuda pelo rádio e, sendo aviões de combate leves, rapidamente derrubaram todos os bombardeiros pesadamente carregados no mar.

Em Constantinopla e Angora, pregou-se uma Jihad e um exército muçulmano se juntou aos insurgentes egípcios que expulsaram os britânicos do vale do Nilo e os franceses da Síria. A Índia irrompeu em uma revolta latente, e exércitos negros com líderes russos iniciaram uma devastadora batalha de guerrilhas na África do Sul.

Este é o panorama em suas linhas gerais. Nem todos os detalhes são conhecidos agora e talvez nunca sejam conhecidos. O indivíduo foi perdido na massa; homens que pareciam destinados a durar contra as eras desapareceram, esmagados pela pressão dos eventos ou mortos nas lutas em todo o mundo. Uma geração totalmente nova de líderes assumiu a condução dos assuntos, uma geração que passou a considerar a guerra como o estado natural e a paz como algo quase inalcançável.

Dinheiro e propriedade perderam, em certo grau, seu antigo significado. Uma curiosa anedota flutua na superfície da história, ilustrando a totalidade da revolução geral. Um repórter do jornal de Chicago, no ano seguinte ao fim da guerra, reconheceu no recepcionista de um albergue barato um ex-governador do estado, famoso pela enorme fortuna que havia acumulado e pela habilidade com que havia evitado processos legais por seus imensos peculatos. Ao que parecia, ele ainda possuía o dinheiro.

CAPÍTULO II

O Choque das Armas (Data — 1932)

Stensoff viu os primeiros exércitos Vermelhos saírem de Moscou rumo às fronteiras, e então retirou-se para seu gabinete para dirigir o serviço de suprimentos. Seu trabalho estava feito; pelo menos, tanto quanto lhe dá o direito a um lugar em uma história tão geral quanto esta.

Nos novos estados bálticos, os soviéticos alcançaram sucesso rápido e fácil. Já quase comunistas, a mudança foi apenas de nome para esses países. Seus governos tornaram-se unidades no sistema federal das Repúblicas Soviéticas, seus exércitos partes das forças Vermelhas. A Romênia também entrou do lado Vermelho. Comunistas se juntaram a líderes do partido camponês para capturar o jovem rei Mihail em uma emboscada no palácio de verão em Cetate Alba, e embora a grande família Bratianu tenha lutado com bravura, o chão foi demolido debaixo de seus pés. A Turquia, há muito tempo secretamente aliada a Moscou, agora se declarou abertamente armada ao lado dos Vermelhos.

Somente na Polônia houve um revés. Stensoff contava com os radicais lá para realizar uma reviravolta semelhante à da Romênia, mas com a chegada dos exércitos russos à fronteira, o partido radical desapareceu. Restou apenas a lembrança de mil injustiças e aquela luz intensa do nacionalismo polonês que sempre brilha mais forte em lugares sombrios.

O exército russo, sem suspeitar de resistência, havia simplesmente avançado em trens ferroviários. Três divisões inteiras se encontraram em Kowel quando um ataque polonês, apressado, mas bem planejado, foi desferido. Ele exterminou a vanguarda completamente

antes que Bourdakoff, o comandante Vermelho, percebesse que os poloneses estavam determinados a lutar. Ele fez uma retirada desastrosa para Kiev, chamando freneticamente as forças romenas e lituanas para ajudar.

Quando ele lutou para cruzar as fronteiras novamente, encontrou-se comprometido com uma guerra de extermínio. Seus homens foram emboscados em cada casa e esfaqueados pelas costas à noite a tal ponto que quase tantos pereceram nesse conflito furtivo quanto nos combates na linha de frente.

Mas, à medida que a pressão dos exércitos russos, auxiliados pelos golpes romenos e lituanos pelos flancos, começou a se fazer incômodo, Bourdakoff ganhou terreno. Ele foi poderosamente auxiliado pelo recurso que os Vermelhos adotaram em toda a primeira parte da guerra sempre que enfrentavam resistência rígida — enormes quantidades de gás venenoso. Os poloneses haviam entrado na guerra confiando em artilharia, metralhadoras e homens, e esse constante bombardeio de gás, que exterminava todos os seres humanos, soldados ou civis, no caminho dos exércitos Vermelhos, os deixou abalados e desorientados.

O fogsênio e o novo e mortal “Gás Alfa”, um produto dos laboratórios soviéticos, parecem ter sido usados em quantidades aproximadamente iguais. O primeiro atacava os pulmões, produzindo uma agonia intensa e uma morte lenta. Era um legado da guerra de 1914. O “Gás Alfa” era sólido em baixas temperaturas, passando para o ar a partir dos projéteis que o continham em um estado tão finamente dividido que era capaz de penetrar em qualquer máscara de gás então conhecida.

Produzia espirros violentos, muitas vezes forçando a vítima a tirar sua máscara de gás, expondo-a assim aos efeitos do fogsênio de ação rápida. Aqueles que inalaram esse composto e morreram de imediato foram afortunados. O novo gás produzia poucos efeitos diretos além dos espirros no primeiro dia. No segundo, sinais de putrefação se manifestavam em todos os pontos onde o indivíduo havia sido tocado pelo gás, seja nas passagens nasais ou nas mãos, e essa podridão viva se espalhava até que o infeliz que havia sido gaseado literalmente se dissolvia enquanto ainda estava vivo.

Atrás das nuvens desses gases, o ataque russo começou a desintegrar as forças polonesas. Bourdakoff tomou Lublin e os lituanos tomaram Bialystok em agosto; ambos os exércitos se uniram diante de Varsóvia no início de setembro, e parecia certo que as forças vermelhas do norte varreriam a Alemanha com a mesma facilidade que os exércitos do sul estavam avançando pelo vale do Danúbio.

Diante de Varsóvia, os Vermelhos encontraram seu segundo revés. No início da guerra, uma força comparativamente pequena sob o comando do General Tolovieff havia sido

destacada das forças lituanas para invadir a Prússia Oriental, a pequena ilha da Alemanha além do Vístula. O governador alemão da Prússia Oriental era um veterano que havia servido com Mackensen nos Bálcãs em 1915 e com Ludendorff na Frente Ocidental em 1917, chamado General Hauschildt. Sob sua inspiração, a defesa da Prússia Oriental tornou-se uma das passagens heróicas da guerra.

Com o espírito implacável de um soldado daquela era passada, ele requisitou tudo na província; homens e mulheres, dinheiro, fábricas, materiais e provisões. Até mesmo as crianças foram colocadas para trabalhar em tarefas leves nas fábricas de munição. Na verdade, ele fez em uma escala mais completa o que o Almirante de Roebuck realizou na América (embora este provavelmente tenha se inspirado em Hauschildt) — transformou toda a Prússia Oriental em um campo armado atrás da fina cortina de tropas que conseguiu enviar para a frente enquanto treinava seus batalhões inexperientes e mobilizava suas fábricas de munição.

Hauschildt teve a sorte de ter em seu campo armado alguns dos melhores químicos da época. Colocados para trabalhar no problema dos gases russos, que estavam causando tanto pânico entre os alemães quanto entre os poloneses, eles finalmente produziram o “Tetra”, um composto de lítio análogo ao tiosulfato de sódio. Ele tinha a vantagem de ser gasoso, preservando o poder do hipossulfito de absorver cloro. Com esse novo composto, os ataques de fogsênio dos Vermelhos foram enfrentados finalmente. Bastava abrir tantos cilindros do novo “Tetra” e o fogsênio do qual os Vermelhos dependiam era reduzido à impotência sem sequer a necessidade de usar máscaras de gás.

Dias Tempestuosos

À medida que as fábricas de Hauschildt começaram a entrar em operação, os bolcheviques se viram enfrentando um inimigo melhor organizado, melhor equipado com artilharia e aviões e imune à sua arma mais eficaz. Tolovieff foi repellido de Koenigsberg, e a força do contra-ataque alemã levou seu avanço até Memel.

No entanto, o efeito do primeiro golpe esmagador de Stensoff contra os inimigos das Repúblicas Vermelhas estava sendo sentido. A Alemanha como um todo havia sido desorganizada pela destruição do coração do governo; havia pouca coordenação entre o governo provisório do Reich, os poloneses e o corajoso, porém isolado, esforço de Hauschildt. Na verdade, este último havia sido deixado um tanto de lado por um governo que estava muito contente por ter parte de seus problemas embaraçosos resolvidos dessa forma. O resultado foi que Hauschildt estava tomando Memel em uma direção tangente ao campo

principal da guerra enquanto Bourdakoff estava empurrando os poloneses de volta para Varsóvia. Hauschildt finalmente percebeu a situação e apressou-se em voltar. Sua pequena, mas bem liderada e bem equipada força atacou o flanco dos soviéticos em Mlawa; houve uma batalha feroz, e os Vermelhos não apenas foram detidos, mas também empurrados de volta por cerca de oitenta quilômetros.

Se Hauschildt tivesse chegado mais cedo, poderia ter repellido todo o exército Vermelho até os Cárpatos. Ele estava agora com escassez de mão de obra, e a brilhante vitória em Mlawa foi sua última. Enquanto ele derrotava Bourdakoff ali, as defesas alemãs cederam sob as pesadas forças que Tolovieff reuniu no leste, e Hauschildt teve que abandonar seu avanço e se refugiar em Koenigsberg. Em novembro, após uma defesa épica, o velho leão rendeu a cidade em termos aceitáveis.

Ele conseguiu atrasar a captura soviética de Varsóvia por dois meses e a de Koenigsberg por um período ainda mais longo — e nesses meses tão importantes, os americanos chegaram com os primeiros tubos do Raio de Adams, justamente quando os poloneses finalmente cederam em Thorn e os conquistadores Vermelhos atravessaram a brecha em direção a Frankfurt e Breslau. Mas pela defesa valente de Hauschildt, os americanos teriam chegado tarde demais, pois o exército de Bourdakoff estaria no Elba, talvez no Reno, em dois meses, e nas condições atuais da França, isso significaria toda a Europa continental nas mãos dos Vermelhos.

Derrotado no fim, o veterano de 1914 segurou o inimigo até que o exército germano-polonês de Dantzig, liderado pelos invencíveis tubos do Raio de Adams, atacasse o flanco russo e suas linhas de suprimento, interrompendo seu avanço e finalmente transformando-o em uma retirada. E o mundo não esquecerá, na glória maior concedida aos químicos desconhecidos que eliminaram os terrores da guerra química, que foi através das medidas conscricionais de Hauschildt que eles foram colocados para trabalhar no problema.

A frente polonesa foi o principal teatro da guerra, mas ela prosseguiu com igual ferocidade ao sul dos montes Erzgebirge, onde os exércitos Vermelhos varriam quase sem oposição pelos estados balcânicos resultantes do desmembramento do antigo Império Austríaco. Eles conseguiram vitórias fáceis na Hungria, Romênia e Iugoslávia (seguindo-se a revoltas internas de caráter tão confuso que desafiam o historiador), mas logo encontraram forte oposição italiana.

A Itália, a única nação que não havia sido paralisada pelas greves e ataques de bomba, entrou na guerra unida e com determinação, e sua participação não foi pequena. Na verdade, há razões para acreditar que foi de Mussolini que trouxe a sugestão original para uma

conferência em Munique. Essa conferência, como todos nós sabemos hoje, resultou na união de Inglaterra, Itália, Estados Unidos, Japão e os legitimistas franceses naquilo que veio a ser conhecido como a Aliança do Norte.

Um poderoso exército italiano foi desembarcado na Albânia, e outro avançou pelas montanhas a partir de Fiume. Ambos alcançaram vitórias consideráveis; as táticas de guerra com gás dos russos não eram bem adaptadas para combates em montanhas, uma espécie de combate para o qual os italianos estavam excelentemente preparados e equipados. No meio do verão, a Itália falava de um novo Império Romano.

Então o golpe veio. Um enorme esquadrão aéreo soviético, no qual todos os aviões da frente foram empregados, partiu das linhas soviéticas. Apenas dois aviões chegaram a Roma (onde causaram consideráveis danos antes de serem abatidos), mas as sedes gerais e divisionais italianas, cujas localizações os soviéticos pareciam estar extremamente bem informados, foram visitadas por esquadrões. Toda a força diretora do exército italiano foi destruída; o novo Império Romano colapsou como um balão furado e os remanescentes sem os líderes das forças italianas foram deixados lutando desesperadamente para se manter na linha costeira do Adriático.

Era simplesmente a utilização, pelos bolcheviques, de uma outra possibilidade da guerra moderna; e, por estarem livres de tradições e fórmulas, que eles puderam ter total vantagem. Na guerra de 1914, nenhum general teria ousado concentrar sua força aérea dessa maneira; todos se apegavam à velha fórmula de enfrentar o esforço inimigo em cada ponto, esquecendo-se do fato de que foi justamente ao desguarnecer um ponto para desferir um golpe esmagador em outro que Napoleão venceu suas batalhas.

O tipo mais antigo de generais negligenciava o fato de que um golpe como esse, apesar das inevitáveis perdas, garantiria a vitória; e um golpe desferido em um ponto específico com toda a força aérea de uma nação dificilmente deixaria de sobrecarregar as defesas locais, por melhores que fossem.

CAPÍTULO III

O Raio no Campo de Batalha (Período—1933-1934)

Com a entrada do Raio de Adams no conflito, a Guerra da Aliança do Norte entrou em uma nova fase, cujo primeiro sinal foi a retirada soviética na Polônia. A grande brecha em sua frente, causada pelo primeiro uso dos tubos de raio, foi rapidamente fechada pelos soviéticos, mas sem propósito; pois o raio destruía sucessivos contingentes de artilharia tão

rapidamente quanto eram enviados. Eventualmente, os poloneses, se reagrupando, atacaram o flanco bolchevique; Bourdakoff foi forçado a recuar para uma linha com base em Bialystok e Kowel antes de conseguir parar.

Por um tempo, os dois exércitos ficaram frente a frente em um estado de coma, com os Aliados relutando em atacar sem mais tubos de raio e os soviéticos construindo febrilmente um sistema de defesa e experimentando dispositivos de contra-raio.

À medida que era utilizado na linha de frente, o valor do Raio de Adams se tornou evidente. Ele podia explodir qualquer tipo de munição a uma distância de pouco mais de onze quilômetros. Como o raio atravessava o ar com a velocidade de ondas elétricas, as tentativas de bombardear as instalações de raio a partir de distâncias fora de seu alcance eram inúteis. Os projéteis eram explodidos no ar muito antes de atingir seu objetivo por um ou dois tubos de cada bateria de raio, designados para direcionar suas emanações em ângulo alto para esse propósito.

Para contrapor-se a isso, os soviéticos lançaram (na primavera de 1933) um canhão pesado que disparava um projétil sólido de uma distância de vinte e quatro quilômetros, mas a dificuldade de acertar qualquer alvo com precisão a tal distância sem a observação por aviões logo se mostrou insuperável.

E a observação por aviões foi eliminada pelo Raio de Adams; logo se descobriu que o raio incendiava gasolina a uma distância de mais de três quilômetros e a decompunha em vários alcatrões e gases a uma distância um pouco maior, derrubando qualquer avião que se aventurasse dentro do alcance dos tubos. Isso forçou os aviões a subir uma altura superior a 11.500 metros para ter segurança — uma altitude que os tornava inúteis para fins militares. Aviões a foguete, que foram testados por ambos os lados, mostraram-se ainda mais vulneráveis, e o avião a Diesel e o motor de balão só apareceram no final da guerra.

Tentativas foram feitas para revestir os motores dos aviões, canhões de campo e câmaras de munição com chumbo como proteção contra o raio. Essas tentativas fracassaram quando se descobriu que o revestimento tinha que permanecer absolutamente hermético, pois os raios transportados pelo éter penetravam na menor fissura.

Mais tarde na guerra, os soviéticos conseguiram usar explosivos em uma medida limitada, virando contra seus adversários o próprio dispositivo do qual tanto dependiam. Projéteis revestidos de chumbo foram feitos em salas herméticas também revestidas de chumbo. Esses projéteis eram colocados em armas que permitiam que um esporão fosse empurrado através do revestimento externo de chumbo por meio de uma mola quando o gatilho era puxado. Os onipresentes raios, ao entrar no buraco assim feito, acionavam a carga

de propulsão e disparavam a arma. Quando o projétil chegava ao seu objetivo, um dispositivo de concussão perfurava a câmara de explosão do projétil de maneira semelhante e o raio acionava a carga de explosão.

Este plano nunca foi usado além de uma medida limitada. Logo se descobriu que, a menos que a carga de propulsão no projétil fosse muito pequena (dando assim pequenos alcances), o revestimento de chumbo macio na carga explosiva tendia a ser rompido pela explosão da carga de propulsão, ou perfurado pela concussão, e tudo explodia na arma com resultados desastrosos. Quando isso foi corrigido dando à câmara de explosão um revestimento adicional de aço fora do revestimento de chumbo, o dispositivo de concussão que deveria perfurá-la não funcionava. Eventualmente, o arranjo teve que ser restringido ao disparo de projéteis sólidos para pequenos alcances, e assim o reinado da pólvora, iniciado na Batalha de Crécy, teve um fim abrupto e sem importância.

Até cerca de oitocentos metros, descobriu-se que o Raio de Adams produzia cegueira e queimaduras graves naqueles que não estavam protegidos contra seus efeitos, e a distâncias próximas (trezentos ou quatrocentos metros) causava morte instantânea por decomposição das células nervosas. A regra geral parecia ser que, quanto mais volátil e delicada a substância, mais poderosamente era afetada pelo Raio de Adams.

De Volta à Idade Média

Durante o verão de 1933, uma quantidade cada vez maior desses tubos mortais tornou-se aparente na linha de frente, e, embora os exércitos aliados fossem pequenos, eles foram capazes de atacar ora aqui, ora ali, e empurrar as forças bolcheviques consistentemente para trás. Vilnius caiu em suas mãos em agosto, Kovno logo depois, Riga e Petrogrado no início do outono. No sul, os italianos, encorajados pela chegada dos tubos de raio e reforçados por forças alemãs e austríacas, avançaram novamente e agora mantinham a frente cruzando a Europa em uma longa linha ondulante que se estendia através de Tirana, Belgrado, Oradea Mare e Siret.

Lá, o avanço dos Aliados desacelerou e chegou a um impasse. Os soviéticos, através de ataques surpresa com gás, de desesperadas tentativas sem esperança e dos mil e um acidentes de guerra, conseguiram se apoderar de tubos suficientes do Raio de Adams para causar um impacto. Eles também estavam construindo alguns por conta própria, de acordo com as fórmulas anteriores de Adams. Embora, até o fim, não tenham conseguido desvendar a fórmula do tubo melhorado, eles conseguiram produzir um tipo impermanente que, junto com

as capturas que fizeram, era bastante capaz de silenciar as armas das potências aliadas e trazer seus aviões ao chão.

Imagine a situação. Aqui estavam centenas de milhares de homens que haviam saído de suas casas para matar uns aos outros, parados em trincheiras lamacentas e olhando para o inimigo sem qualquer meio de causar dano. As armas haviam sido arrancadas de todas as mãos; e a perplexidade dos soldados se refletia na perplexidade dos altos comandos, que viam assim seus planos reduzidos a nada.

Por alguns meses, de fato, houve uma torpor quase universal; um período de discussões inúteis nos quartéis-generais, de planos testados apenas para demonstrar sua total futilidade. A essa época pertence a invenção, pelos soviéticos, do canhão de projétil sólido de longo alcance, da arma de esporão e de dispositivos similares. Do lado dos Aliados, foi testada uma granada de mão baseada no princípio do projétil de chumbo perfurado por esporão (falhou quando se descobriu que, se o local onde a granada caísse não estivesse no momento banhado por raios, a granada poderia não explodir até que o terreno em que se encontrava fosse ocupado por tropas aliadas); também foram experimentados vários tipos de granadas contidas em vidro fortemente revestido de chumbo, que deveriam explodir por ação química — armas pouco confiáveis e ineficazes.

A compreensão de que a guerra havia sido empurrada de volta à Idade Média veio lentamente; quase tão lentamente quanto a compreensão de que mais combates seriam necessários. Havia uma tendência crescente em ambos os grupos de exércitos a considerar todo o negócio como fútil. Os homens começaram a se dispersar e voltar para suas casas, e se não fosse pelo antigo ódio entre teutônicos e eslavos, é provável que nem a disciplina alemã nem o fanatismo comunista teriam mantido a chama acesa.

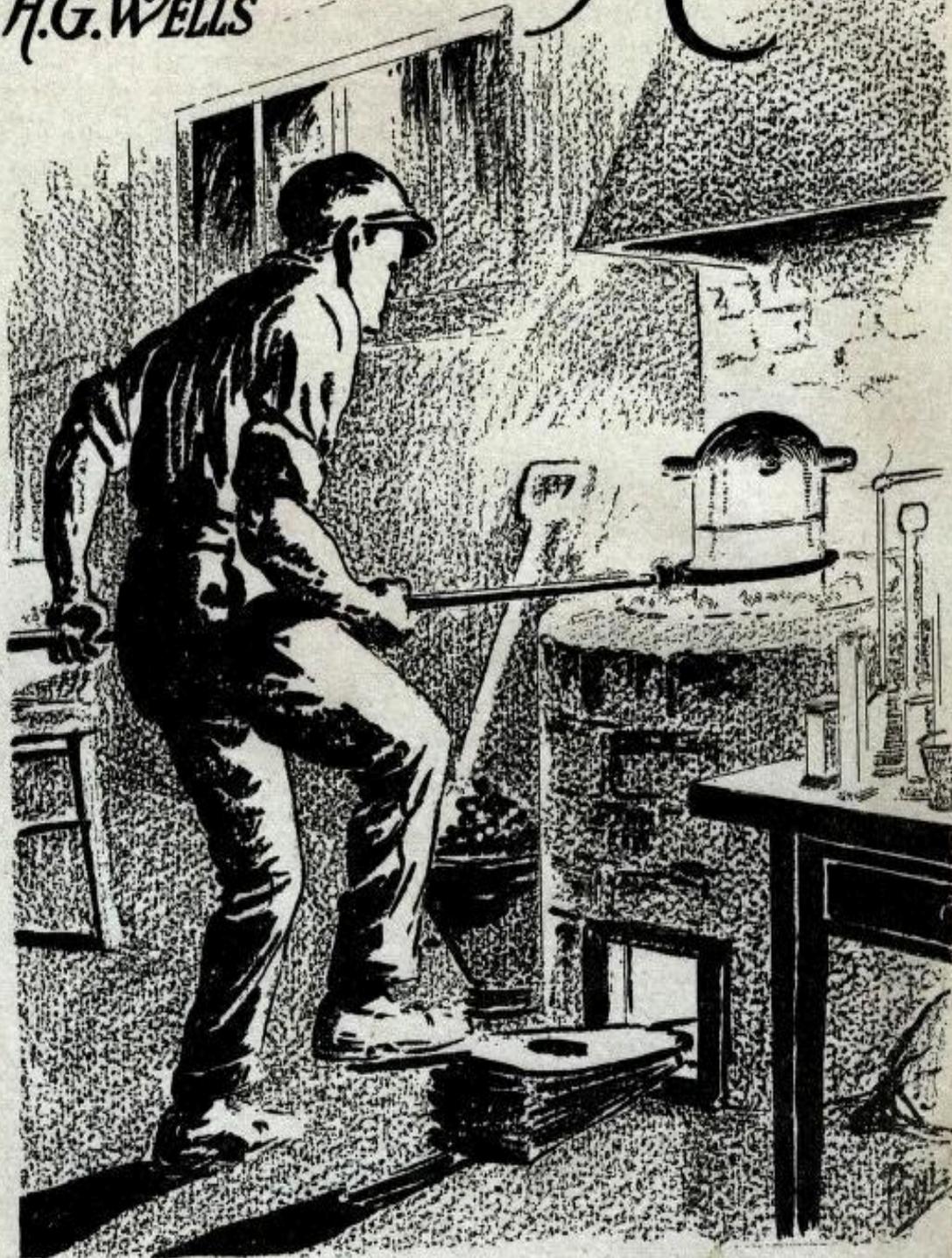
Este período foi marcado por combates esporádicos e desesperados corpo a corpo em torno dos pontos onde alguma nova arma ou invenção estava sendo testada; pequenas batalhas que sempre terminavam em conflitos com baionetas fixadas aos rifles agora inúteis ou empunhadas na mão como uma espada. À medida que o outono de 1932 avançava para o inverno, ambos os lados começaram a treinar e a usar cavalaria em proporções crescentes, pois com o declínio das armas de projéteis e da tração a gasolina, veio a percepção de que o cavalo estava prestes a ser restaurado ao seu antigo lugar no campo de batalha.

Quando o ano seguinte começou — o terceiro da guerra — começamos a ver evoluções de cavalaria em grande escala e, com elas, curiosas misturas do antigo e do novo. Felizmente, temos desse período o testemunho de um observador direto nas inestimáveis memórias de Sir

Evelyn Oldmixon, que foi à Polônia como membro do corpo de tanques britânico.
(Continua...)

The Diamond Maker

By
H.G. WELLS



But I got nearer and nearer to the thing. At last, three weeks ago, I let the fire out. I took my cylinder and unscrewed it while it was still so hot that it punished my hands, and I scraped out the lavalike mass with a chisel.

O fabricante de diamante

H.G.Wells

Alguns compromissos me prenderam na Chancery Lane até as nove da noite, e depois, sentindo uma pontada de dor de cabeça, não estava inclinado nem para entretenimento nem para mais trabalho.

A parte do céu que os altos penhascos desse estreito cânion deixavam visível falava de uma noite serena, e decidi descer até o aterro para descansar os olhos e esfriar a cabeça observando as luzes diversas sobre o rio. Comparado com outros momentos, a noite é a melhor hora para este lugar; uma escuridão misericordiosa esconde a sujeira das águas, e as luzes deste momento de transição — vermelhas, laranja brilhante, amarelo e branco — estão colocadas em contornos sombreados de todos os possíveis tons entre cinza e roxo profundo. Através dos arcos da Ponte de Waterloo, cem pontos de luz marcam o contorno do aterro, e acima do parapeito erguem-se as torres de Westminster, cinza quente contra a luz das estrelas. O rio negro passa com apenas uma rara ondulação quebrando seu silêncio e perturbando os reflexos das luzes que nadam em sua superfície.

Uma Proposta Estranha

“Uma noite quente”, disse uma voz ao meu lado.

Virei a cabeça e vi o perfil de um homem que estava encostado no parapeito ao meu lado. Era um rosto refinado, não feio, embora pálido e magro, e a gola do casaco levantada e presa ao redor do pescoço marcava seu status na vida tão nitidamente quanto um uniforme. Senti que estava prestes a pagar pelo preço de uma cama e café da manhã se respondesse a ele.

Olhei para ele com curiosidade. Será que ele teria algo para me contar que valesse o dinheiro, ou era apenas um incompetente comum — incapaz até mesmo de contar sua própria história? Havia uma qualidade de inteligência em sua testa e olhos, e uma certa tremulação em seu lábio inferior que me fez decidir.

“Muito quente,” disse eu; “mas não tão quente para nós aqui.”

“Não,” ele disse, ainda olhando para o outro lado da água, “é bastante agradável aqui... por enquanto.”

“É bom,” ele continuou após uma pausa, “encontrar algo tão tranquilo como isso em Londres. Depois de passar o dia inteiro se preocupando com negócios, com se sair bem,

cumprindo obrigações e evitando problemas, não sei o que faríamos se não fosse por esses cantos pacíficos.”

Ele falava com longas pausas entre as frases. “Você deve conhecer um pouco do trabalho cansativo desse mundo, ou não estaria aqui. Mas duvido que você esteja tão exausto mentalmente e com os pés doloridos quanto eu... Bah! Às vezes duvido que esse jogo valha a pena. Sinto vontade de abandonar tudo — nome, riqueza e posição — e me dedicar a algum ofício modesto. Mas sei que se eu abandonasse minha ambição — por mais que ela me maltrate — não me restaria nada além de remorso pelo resto dos meus dias.”

Ele ficou em silêncio. Olhei para ele com espanto. Se alguma vez vi um homem desesperadamente falido, era o homem à minha frente. Ele estava todo maltrapilho e sujo, sem se barbear e sem se cuidar; parecia como se tivesse sido deixado em uma lixeira por uma semana. E ele estava falando comigo sobre as preocupações cansativas de um grande negócio. Eu quase ri alto. Ou ele era louco ou estava pregando uma peça triste em sua própria pobreza.

“Se grandes ambições e posições elevadas,” disse eu, “têm suas desvantagens de trabalho árduo e ansiedade, elas também têm suas compensações. Influência, o poder de fazer o bem, de ajudar aqueles que são mais fracos e mais pobres do que nós; e há até mesmo uma certa gratificação na exibição...”

Minha zombaria, dadas as circunstâncias, foi de muito mau gosto. Falei no calor do contraste entre sua aparência e discurso. Lamentei mesmo enquanto falava.

Ele virou um rosto abatido, mas muito composto, para mim. Disse ele: “Esqueci de mim mesmo. Claro que você não entenderia.”

Ele me analisou por um momento. “Sem dúvida é muito absurdo. Você não acreditará em mim mesmo quando eu lhe contar, então é relativamente seguro contar. E será um alívio contar para alguém. Eu realmente tenho um grande negócio em mãos, um negócio muito grande. Mas tenho problemas no momento. A verdade é... Eu faço diamantes.”

“Suponho,” disse eu, “que você está sem trabalho no momento?”

“Estou cansado de não acreditarem em mim,” ele disse impacientemente, e de repente, desabotoando seu casaco miserável, ele puxou uma pequena bolsa de lona que estava pendurada por um cordão em volta do pescoço. Dela, ele produziu um seixo marrom.

“Será que você tem conhecimento o suficiente para saber o que é isso?” Ele me entregou o objeto.

Agora, há cerca de um ano, eu tinha ocupado meu tempo livre fazendo um curso de ciências em Londres, então eu tinha um conhecimento superficial de física e mineralogia. A

coisa não era muito diferente de um diamante bruto do tipo mais escuro, embora fosse grande demais, quase do tamanho da ponta do meu polegar. Peguei o objeto e percebi que ele tinha a forma de um octaedro regular, com as faces curvas características dos minerais mais preciosos. Tirei meu canivete e tentei riscá-lo, mas sem sucesso. Inclinando-me em direção ao lampião a gás, tentei riscar o vidro do meu relógio com o objeto, e consegui fazer uma linha branca com a maior facilidade.

Olhei para meu interlocutor com crescente curiosidade. “Certamente parece um diamante. Mas, se for, é um diamante bem bruto. Onde você o conseguiu?”

“Eu já disse que o fiz,” ele respondeu. “Devolva-me.”

Ele o guardou apressadamente e abotoou seu casaco. “Eu o vendo para você por cem libras,” ele sussurrou repentinamente com entusiasmo.

Com isso, minhas suspeitas retornaram. A coisa poderia, afinal de contas, ser apenas um pedaço daquela substância quase igualmente dura, o carbeto de silício, com uma semelhança acidental na forma de um diamante. Ou, se fosse um diamante, como ele o teria conseguido, e por que deveria oferecê-lo por cem libras?

Nos entreolhamos. Ele parecia ansioso, mas honestamente ansioso. Naquele momento, acreditei que era um diamante que ele estava tentando vender. No entanto, sou um homem pobre; cem libras deixariam uma lacuna visível em minhas finanças, e nenhum homem sensato compraria um diamante à luz de um lampião a gás vindo de um mendigo esfarrapado, confiando apenas na garantia pessoal dele. Ainda assim, um diamante daquele tamanho evocava a visão de muitos milhares de libras. Então, pensei eu, uma pedra desse tipo dificilmente poderia existir sem ser mencionada em todos os livros sobre gemas, e novamente me lembrei das histórias de contrabando e dos astutos Cafres no Cabo. Deixei de lado a questão da compra.

“Como você conseguiu isso?” perguntei.

“Eu o fiz.”

Eu tinha ouvido algo sobre Moissan, mas sabia que seus diamantes artificiais eram muito pequenos. Balancei a cabeça.

“Você parece saber algo sobre esse tipo de coisa. Vou lhe contar um pouco sobre mim. Talvez então você considere melhor a compra.” Ele se virou de costas para o rio e colocou as mãos nos bolsos. Suspirou. “Sei que você não vai acreditar em mim.”

“Diamantes,” ele começou — e enquanto falava, sua voz perdeu o leve tom de mendigo e assumiu algo da clareza de um homem instruído — “são feitos ao se retirar o carbono de uma combinação em um fluxo adequado e sob uma pressão adequada; o carbono se cristaliza,

não como grafite ou pó de carvão, mas como pequenos diamantes. Isso já é conhecido pelos químicos há anos, mas ninguém ainda acertou exatamente qual é o fluxo correto para derreter o carbono, ou a pressão exata para obter os melhores resultados. Conseqüentemente, os diamantes feitos por químicos são pequenos e escuros, e sem valor como joias. Agora eu, sabe, dediquei minha vida a esse problema, dediquei minha vida a isso.

“Comecei a trabalhar nas condições de fabricação de diamantes quando tinha dezessete anos, e agora tenho trinta e dois. Parecia-me que isso poderia tomar todo o pensamento e as energias de um homem por dez ou vinte anos, mas, mesmo que levasse tanto tempo, o esforço ainda valeria a pena. Suponha que alguém finalmente acerte a fórmula certa, antes que o segredo seja revelado e os diamantes se tornem tão comuns quanto o carvão, essa pessoa poderia ganhar milhões. Milhões!”

Ele fez uma pausa e olhou para mim, buscando simpatia. Seus olhos brilhavam com avidez. “Imagine,” disse ele, “que estou à beira de conseguir tudo isso, e aqui estou eu!”

A História do Estranho

“Eu tinha,” ele continuou, “cerca de mil libras quando fiz vinte e um anos, e pensei que isso, complementado por um pouco de ensino, manteria minhas pesquisas. Passei um ano ou dois estudando, principalmente em Berlim, e depois continuei por conta própria. O problema era o sigilo. Veja, se eu deixasse escapar o que estava fazendo, outros poderiam ser incentivados pela minha crença na viabilidade da ideia; e não pretendo ser um gênio tão grande a ponto de ter a certeza de que ia chegar em primeiro lugar numa corrida pela descoberta. E veja, era importante que, se eu realmente pretendesse ganhar uma fortuna, as pessoas não soubessem que era um processo artificial e capaz de produzir diamantes em massa. Então, tive que trabalhar sozinho.

“No início, eu tinha um pequeno laboratório, mas conforme meus recursos começaram a se esgotar, tive que conduzir meus experimentos em um quarto miserável e sem mobília em Kentish Town, onde acabei dormindo em um colchão de palha no chão, entre todos os meus aparelhos. O dinheiro simplesmente desaparecia. Eu me negava tudo, exceto aparatos científicos. Tentei manter as coisas funcionando com um pouco de ensino. Mas eu não sou um bom professor, não tenho diploma universitário, nem muita educação além da química, e descobri que precisava dedicar muito tempo e trabalho para ganhar bem pouco. Mas fui chegando cada vez mais perto do objetivo. Três anos atrás, resolvi o problema da composição do fluxo, e me aproximei da pressão correta ao colocar esse meu fluxo e uma certa

composição de carbono dentro de um cano de rifle fechado, enchendo-o com água, selando-o bem e aquecendo-o.”

Ele fez uma pausa.

“Bastante arriscado,” disse eu.

“Sim. Ele explodiu e quebrou todas as minhas janelas e muitos dos meus aparelhos; mas consegui um tipo de pó de diamante, mesmo assim. Seguindo com o problema em obter uma grande pressão sobre a mistura derretida da qual as coisas deveriam cristalizar, deparei-me com algumas pesquisas de Daubrée no Laboratório des Poudres et Salpêtres, em Paris. Ele explodiu dinamite em um cilindro de aço bem apertado, forte o suficiente para não se romper, e descobri que ele conseguia esmagar rochas em uma lama não muito diferente do leite sul-africano onde os diamantes são encontrados. Foi um tremendo gasto dos meus recursos, mas consegui fazer um cilindro de aço para o meu propósito, seguindo o modelo dele. Coloquei todo o meu material e os explosivos, acendi uma fogueira na minha fornalha, coloquei tudo lá dentro e... saí para dar uma volta.”

Não pude deixar de rir do seu jeito direto. “Você não pensou que poderia explodir a casa? Havia outras pessoas no lugar?”

“Era pelo interesse da ciência,” ele disse finalmente. “Havia uma família de vendedores ambulantes no andar abaixo, um escritor de cartas de mendicância no quarto atrás do meu, e duas vendedoras de flores no andar de cima. Talvez tenha sido um pouco imprudente. Mas, possivelmente, alguns deles estavam fora. Quando voltei, a coisa estava exatamente onde a deixei, entre as brasas brancas. O explosivo não havia rompido o invólucro. E então eu tinha um problema para enfrentar. Você sabe que o tempo é um elemento importante na cristalização. Se você apressa o processo, os cristais são pequenos — é apenas com uma longa espera que eles crescem até um tamanho considerável. Decidi deixar este aparelho esfriar por dois anos, deixando a temperatura cair lentamente durante esse tempo. E eu estava completamente sem dinheiro; e com uma grande forja, o aluguel do meu quarto e minha fome para satisfazer, eu mal tinha um centavo nesse mundo.

“Mal posso lhe contar todas as dificuldades que enfrentei enquanto fazia os diamantes. Vendi jornais, tratei cavalos, abri portas de táxis. Durante muitas semanas, enderecei envelopes. Trabalhei como assistente de um homem que possuía uma barraquinha e eu costumava gritar ofertas um lado da rua enquanto ele gritava do outro. Uma vez, por uma semana inteira, não tive absolutamente nada para fazer e mendiguei. Que semana foi aquela! Um dia, o fogo estava se apagando e eu não tinha comido nada o dia todo, e um rapazinho, saindo com sua namorada, me deu seis moedas — para se exhibir. Graças a Deus pela vaidade!”

Como as peixarias cheiravam bem! Mas fui e gastei tudo em carvão, e deixei a fornalha novamente em brasa, e então — bem, a fome faz de um homem um tolo.

“Finalmente, após três semanas, deixei o fogo se apagar. Peguei meu cilindro e o desparafusei enquanto ainda estava tão quente que queimava minhas mãos, e raspei a massa desintegrada, parecida com lava, com um cinzel, e a transformei em pó sobre uma placa de ferro. Encontrei três grandes diamantes e cinco pequenos. Enquanto estava sentado no chão martelando, minha porta se abriu e meu vizinho, o escritor de cartas de mendicância, entrou. Ele estava bêbado — como geralmente estava.

“Anarquista,” disse ele.

“Você está bêbado,” disse eu.

“Escória destrutiva,” disse ele.

“Vá para o seu pai,” disse eu, referindo-me ao Pai das Mentiras.

“Não se preocupe,” disse ele, e me deu uma piscadela maliciosa, e soluçou, e, apoiando-se contra a porta, com o outro olho contra o batente da porta, começou a balbuciar sobre como ele havia bisbilhotado em meu quarto, e como ele havia ido à polícia naquela manhã, e como eles anotaram tudo o que ele tinha a dizer — “se era uma joia,” disse ele. Então, de repente, percebi que estava em uma enrascada. Ou eu teria que contar à polícia meu pequeno segredo e expor tudo, ou ser preso como um anarquista. Então fui até meu vizinho, agarrei-o pela gola e o sacudi um pouco, depois juntei meus diamantes e fui embora. Os jornais da noite chamaram meu refúgio de Fábrica de Bombas de Kentish Town. E agora não consigo me livrar das minhas coisas nem por amor, nem por dinheiro.

“Se vou a joalheiros respeitáveis, eles me pedem para esperar, vão cochichar com um funcionário para chamar um policial, e então eu digo que não posso esperar. E descobri um receptor de bens roubados, e ele simplesmente ficou com o que eu lhe dei e disse para eu processar se quisesse de volta. Estou andando por aí agora com várias centenas de milhares de libras em diamantes ao redor do pescoço, e sem comida nem abrigo. Você é a primeira pessoa em quem confiei. Mas eu gosto do seu rosto e estou desesperado.”

Ele olhou nos meus olhos.

“Seria loucura,” disse eu, “comprar um diamante nessas circunstâncias. Além disso, não carrego centenas de libras no bolso. Mesmo assim, eu mais do que meio que acredito em sua história. Se quiser, posso fazer o seguinte: venha ao meu escritório amanhã.

“Você acha que sou um ladrão!” disse ele com perspicácia. “Você vai chamar a polícia. Não vou cair em uma armadilha.”

“De alguma forma, estou convencido de que você não é um ladrão. Aqui está meu cartão. Pegue-o, de qualquer maneira. Você não precisa comparecer a nenhum encontro. Venha quando quiser.”

Ele pegou o cartão e um símbolo da minha boa vontade.

“Pense melhor e venha,” disse eu.

Ele balançou a cabeça, em dúvida. “Vou devolver sua gentileza com juros algum dia — juros que o surpreenderão,” disse ele. “De qualquer forma, você manterá o segredo?... Não me siga.”

Ele atravessou a rua e foi para a escuridão em direção aos degraus sob o arco que levava à Essex Street, e eu o deixei ir. E essa foi a última vez que o vi.

Depois disso, recebi duas cartas dele pedindo que enviasse notas de banco — não cheques — para certos endereços. Pesei a situação e tomei o que considereei ser o curso mais sábio. Uma vez ele me procurou quando eu estava fora. Meu menino de recados o descreveu como um homem muito magro, sujo e esfarrapado, com uma tosse horrível. Ele não deixou recado. Isso foi o fim dele no que diz respeito à minha história.

Às vezes me pergunto o que aconteceu com ele.

Ele era um monomaniaco engenhoso, um traficante fraudulento de pedras, ou ele realmente fez diamantes como afirmou? O último é suficientemente plausível para me fazer pensar às vezes que perdi a oportunidade mais brilhante da minha vida. Ele pode, é claro, estar morto, e seus diamantes terem sido jogados fora sem nenhum cuidado — um deles, repito, era quase do tamanho do meu polegar. Ou ele ainda pode estar vagando por aí, tentando vender suas coisas. É possível que ele ainda possa emergir na sociedade, e, cruzando meu caminho numa altitude serena, sagrada aos ricos e bem divulgada, e me repreender silenciosamente pela minha falta de iniciativa. Às vezes penso que eu poderia, ao menos, ter arriscado cinco libras.”

Warriors of Space

By J. P. Marshall



One by one that whole vast fleet took to the air. Resting motionless half a mile up the column took form, one hundred cars abreast, two hundred deep. Awe'd by the sight the spectators stood in the shadow that lay over the desert like some huge carpet of ebony.

Guerreiros do Espaço

James P. Marshal

CAPÍTULO I: Trinta Anos Depois

O professor Arthur Maynard despertou de sua abstração ao ouvir o som de uma leve risada vindo do corredor. Uma garota vestida com roupas de tênis entrou na biblioteca, seguida de perto por um jovem alto de vinte e seis anos.

Louise Leighton era uma vizinha próxima do professor! Quase dois anos antes, sua família tinha vindo ocupar a propriedade ao lado da dele, e por quase metade desse tempo ele estava ciente do crescente afeto de seu filho por sua bela vizinha.

“Oh, Professor!” A risada dançava nos olhos azuis da garota enquanto ela jogava para trás seu cabelo curto e bem cortado. “Cuidado com o Donald! Ele está fervendo!” “Olá, pai. Louise me deu uma surra terrível. Eu nem tive chance durante toda a tarde. Eu não a deixei ir para casa. Ela tem que jantar conosco. Estamos famintos! Quanto tempo temos que esperar?”

O fluxo de conversa leve parou abruptamente quando Donald Maynard notou as feições abatidas de seu pai.

“O que foi, pai?”, perguntou ele, instantaneamente preocupado, “alguma coisa está errada?”

Como resposta, o professor lhe entregou um telegrama datado de Washington. A mensagem era curta:

“Globos verdes vistos perto da costa do Pacífico esta manhã. Detalhes mais tarde. Esteja pronto para conferir com o Escritório de Ciência de Guerra amanhã.”

Os olhos escuros de Donald se estreitaram enquanto ele olhava para cima novamente. “E então?”, perguntou ele.

“Você viu os jornais da tarde?”

“Não. O que foi?”

O professor lhe entregou um jornal de uma mesa próxima. As manchetes ocupavam toda a largura da folha. Donald se virou para que a garota também pudesse ler:

GLOBOS VERDES AMEAÇAM NOVAMENTE A TERRA.

E abaixo:

“O transatlântico Centurion, previsto para chegar a Seattle na quarta-feira desta semana, relata por rádio que vários grandes globos verdes foram vistos nesta manhã, pairando baixo sobre o Pacífico, perto da latitude 44 graus norte, longitude 154 graus oeste.

“O relatório surpreendente do transatlântico lembrará a muitos o terror da primeira visita de uma dessas estranhas naves quando apareceu sobre a cidade de Nova York, há trinta anos, no mês passado.

“Na tarde de 26 de julho de 19 —, um único globo de cerca de cento e cinquenta pés de diâmetro foi notado flutuando sobre a cidade. Na noite do mesmo dia, ele emitiu um raio verde muito peculiar que praticamente destruiu a estátua original de Bartholdi, a Estátua da Liberdade. Dois aviões de bombardeio antigos que tentaram derrubar o objeto estranho foram destruídos por um raio, que parecia ter o poder de reduzir a nada qualquer substância que tocasse.

“No dia seguinte, o globo pousou na Times Square. Por meio de uma espécie de comunicação telepática, seu comandante informou que era de Dione, um satélite de Saturno, e exigiu a rendição incondicional do país dentro de três dias.

“Um pelotão de policiais com metralhadoras, que tentou impedir a partida do globo, também se tornou vítima do raio, sendo inteiramente consumidos, exceto por vários artigos de ouro que tinham em suas posses.

“O país inteiro foi dominado pelo terror da coisa. As forças militares, navais e aéreas foram mobilizadas imediatamente para a cena do distúrbio, mas era evidente que as armas disponíveis não poderiam enfrentar aquele raio de destruição.

“Em um esforço para descobrir algum novo meio de defesa, astrônomos e cientistas proeminentes da época foram consultados, e, após alguma discussão, um jovem cientista chamado Arthur Maynard apresentou a sugestão surpreendente de que, já que o ouro era a única substância que resistia ao raio, os homens deveriam ser armados com ouro e equipados com espelhos de ouro para refletir o raio de volta à nave inimiga.

“O resultado é algo conhecido na história! Após visitar outras nações do mundo e exigir a mesma rendição incondicional, o globo retornou a Nova York para obter a resposta da América. Durante a breve batalha que se seguiu, quinze aviões de combate e um enorme couraçado foram completamente destruídos, assim como muitos dos orgulhosos arranha-céus de Nova York nas proximidades da Times Square.

“Vinte e quatro homens armados com ouro, liderados pelo jovem cientista, fizeram uma última resistência no meio da praça destruída. Corajosamente enfrentando o terror daquele globo, eles ergueram seus espelhos dourados e refletiram os raios destruidores de volta ao seu

projektor, consumindo o próprio globo da mesma maneira que ele havia destruído suas vítimas.”

“O cientista Arthur Maynard, agora Professor Maynard de Long Island, sempre insistiu que outros globos apareceriam algum dia. Ele dedicou toda a sua vida ao desenvolvimento de armas que colocariam a Terra em uma posição de combater com sucesso qualquer ataque futuro. De tempos em tempos, grandes somas de dinheiro foram concedidas pelo Congresso dos Estados Unidos para apoiar seus esforços e experimentos, alguns dos quais recentemente surpreenderam o mundo.

“Até o momento do fechamento desta edição , o Professor Maynard ainda não havia feito nenhuma declaração, embora parecesse calmo quando entrevistado por nosso correspondente.”

Rapidamente, Donald Maynard passou os olhos pelas manchetes menores:

“NAÇÕES ENVIAM DELEGADOS À CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE DEFESA!”

“CARRO ESPACIAL DE MAYNARD QUE DESAFIA A GRAVIDADE PODE SER NOSSA ÚNICA ARMA ÚTIL!”

“O PROFESSOR MAYNARD SALVARÁ A TERRA PELA SEGUNDA VEZ?”

Donald sentiu a mão da garota apertar seu braço, enquanto os músculos ao redor de seu coração pareciam se contrair com um temor inexplicável. Ele se endireitou e olhou seriamente para o pai.

“O que isso significa?” ele perguntou.

O professor lentamente levantou os olhos para os dois. Novas rugas surgiam em seu rosto a cada minuto que passava, à medida que ele compreendia a tremenda responsabilidade que era sua.

“Que Deus nos ajude,” ele sussurrou. “Isso significa guerra! Guerra entre dois mundos. Guerra para a destruição de um ou de outro! Não pode ser menos do que isso!”

CAPÍTULO II: Um Chamado na Noite

Duas horas da manhã. São Francisco dormia.

Longe, além da Golden Gate, dez objetos redondos e luminosos flutuavam facilmente a uma altura de cerca de um quilômetro acima da água, como um colar de pérolas celestiais.

Quatro batidas abafadas de um relógio de navio soaram suavemente sobre o porto, e de algum lugar veio uma voz:

“Quatro badaladas, e tudo está... Ahhh! Acordem! Acordem! Os globos estão aqui!”

A sirene de um navio rompeu a escuridão. Outra respondeu ao chamado, o longo lamento crescente de um barco de bombeiros se juntando ao alvoroço enquanto ele saía de seu cais para investigar a perturbação. Em terra, uma garganta rouca de latão gritou uma sequência de sons – um chamado de emergência! Menos de dois minutos após o primeiro grito assustado da vigia, parecia que cada apito no porto e em terra estava emitindo seu aviso.

Por dois dias, todo o país, especialmente a Costa do Pacífico, estava esperando, temendo ouvir esses sinais de alerta. O terror do desconhecido não morre rapidamente. Mesmo após trinta anos, havia aqueles que se lembravam do destino de Nova York, e, ao lembrar, seu único pensamento era fugir.

Das casas, a população da cidade corria para olhar e depois voltava para reunir os poucos pertences que podiam carregar. As ruas ficaram congestionadas com o êxodo de automóveis. As leis de velocidade foram ignoradas, enquanto cada motorista determinava, firmemente, fugir da zona de perigo.

A grande Estação de Radiodifusão do Pacífico, encerrando seu concerto da madrugada, pediu aos seus ouvintes que aguardassem; então, por toda a terra, foi transmitido o aviso. A estação do governo em Arlington ouviu e enviou a notícia para Washington. A capital entrou em ação. Os departamentos do exército, da marinha e da ciência militar tornaram-se ativos, fervilhando de atividades, e como passo final, o radiotelefone do Edifício de Ciência Militar emitiu o sinal:

1PAM. 1PAM.

Sintonizado na frequência, o receptor na biblioteca do Professor Maynard captou o chamado.

1PAM! 1PAM! O som ecoou pela casa.

O jovem Donald Maynard foi o primeiro a alcançar o painel de controle. Pegando um roupão enquanto corria de seu quarto, ele desceu as escadas de três em três degraus e ativou o controle.

“1PAM respondendo; aqui é Donald Maynard. O que é?”

“Queremos falar com seu pai!”

Donald entregou o instrumento ao homem mais velho.

“Sim, o que houve?”

“Dez globos estão chegando pelo Golden Gate às duas da manhã. São Francisco pode precisar de ajuda. O que você aconselha?”

No Edifício de Ciência Militar, um operador atordoado levantou os olhos para seu superior.

“Bem”, o último latiu impacientemente, “o que ele disse?”

“Ele disse... Ele disse que iria imediatamente. Estará lá em dez minutos ou menos — e então ele desligou.”

O professor Maynard se afastou do radiotelefone e, com uma velocidade que desmentia seus sessenta anos, correu para a porta lateral da biblioteca.

“O carro, Donald, o carro,” ele chamou por cima do ombro. “Não pare para se vestir. Venha!”

Através de uma passagem conectada, passando por um guarda alerta, até um hangar espaçoso, correu o cientista, seguido de perto por seu filho, o roupão ainda pendurado em um dos braços. O guarda girou para apertar um botão. Um gongo encheu o interior do hangar com seu estrondo.

“As portas!”

Atravessando o Continente

Evidentemente treinados para uma emergência como essa, vários homens saltaram para abrir as portas, escancarando-as diante do objeto volumoso que preenchia o hangar; o objeto que o jornal havia chamado de o carro espacial de Maynard que desafia a gravidade.

Em aparência, o carro parecia uma grande bala de aço revestida, pintada de preto, com seu nariz se afinando até uma ponta curta e afiada. Ao alcançar uma abertura em sua superfície lisa, o cientista escalou para dentro. Donald mal havia seguido seu exemplo quando outros dois se lançaram para dentro e fecharam as portas atrás deles com um estrondo.

Cada um sabia seu lugar. O professor subiu em uma cadeira bem à frente na nave, de frente para uma série de controles que mais se assemelhavam a um teclado de órgão de tubos do que qualquer outra coisa. Apressadamente, ele puxou ao redor de si as correias de um cinto de segurança preso à cadeira e apertou a última fivela.

Donald posicionou-se diante de uma máquina de calcular, acima da qual pendia um painel de medidores e instrumentos, enquanto os outros dois homens ocupavam-se em um quadro de distribuição.

Um zumbido suave soou de um painel de transformadores quando um dos homens acionou um interruptor. Em seguida, veio o drone de um ventilador — e uma onda de oxigênio fresco soprou pelo carro.

Ao longo de toda a curva das paredes havia configurações de tubos de vácuo, cada um contendo um tubo do tamanho de um pequeno barril. Ao redor de cada tubo havia um escudo de chumbo, completamente cercado o tubo, exceto por uma abertura em forma de cone em cada um, e que apontava para as paredes externas do carro.

O professor levantou os olhos para estudar um gráfico astronômico pendurado acima dele, então pressionou uma tecla. Um tubo brilhou suavemente dentro de seu revestimento de chumbo. Então, como um pedacinho de pluma, o carro subiu no ar alguns centímetros e permaneceu suspenso. O professor ergueu a mão.

“Cuidado! Não há tempo para distrações!”

Sua mão desceu, mas não antes que os outros três tivessem se agarrado desesperadamente aos balaústres mais próximos. Três teclas moveram-se sob os dedos do professor; três tubos mais brilharam com vida, e o carro disparou do hangar em um arco íngreme que apontava seu nariz afiado para cima em um ângulo de mais de quarenta e cinco graus.

“Ligue o tubo do chão, Henry,” sugeriu o professor, “estamos indo direto para cima!”

O homem chamado Henry acionou outro interruptor, enquanto os ocupantes do carro respiravam mais aliviados e soltavam suas mãos das travessas. A mão do professor moveu-se novamente. O carro inclinou-se até que seu nariz apontasse diretamente para cima, afastando-se da Terra.

Aparentemente, os três homens que estavam em pé deveriam ter sido jogados para a parte mais inferior quando o carro inclinou-se, mas caminharam facilmente pelas grades do chão, como se o carro estivesse repousando em uma quilha nivelada.

A explicação para isso foi o que surpreendeu o mundo pouco menos de dois meses antes, quando o professor tornou pública a notícia de seu sucesso. O público, já acostumado aos milagres modernos, estava disposto a admitir que os tubos de seis elementos do Professor Maynard podiam reverter a força da gravidade em uma direção e amplificá-la em outra, e assim fornecer o impulso para o carro. Mas parecia quase impossível que a energia de um desses tubos pudesse ser direcionada de tal forma que o chão do carro se tornasse um plano de gravidade separado que pudesse atrair objetos para si como a Terra fazia.

“Qual a altura, pai?” Donald perguntou, olhando para o pai.

“Por volta de quinze milhas, Don. Alto o suficiente para ficarmos bem acima da atmosfera e, assim, nos livrarmos do atrito do ar, então podemos começar a viajar.” Ele consultou o relógio. “Vinte e cinco minutos para as três! Nada mal, hein?” Havia uma nota de exultação em sua voz.

Não tinham se passado mais de trinta e cinco minutos desde que a primeira sirene ecoou seu aviso sobre o porto de São Francisco. E, ainda assim, nesse intervalo de tempo, uma nação foi alertada, e através do continente a ajuda estava a caminho da cidade para protegê-la da ameaça dos terríveis visitantes.

Donald estava contando:

“Doze, treze, quatorze, quatorze e meio, quinze. Aprumar, pai. Quinze e meio, dezesseis, quinze e meio, quinze. Mantenha aí!”

A quilha da nave se inclinou para uma posição paralela à Terra. O professor estudou novamente o gráfico sobre sua cabeça e então pressionou cerca de meia dúzia de teclas. Os homens tiveram a estranha sensação de que o carro estava tentando escapar por debaixo deles. Acelerando, ganhando velocidade a cada segundo, o carro disparou para o oeste.

“Posição?” gritou o professor.

Donald examinou seus medidores, depois correu os dedos sobre as teclas da máquina de calcular.

“Longitude da Terra noventa e seis graus oeste, latitude quarenta graus norte,” ele anunciou. “Acabamos de passar pelo Kansas.”

O professor levantou duas teclas e pressionou outras duas em seu lugar. “Posição?” ele chamou novamente, após uma breve espera.

“Longitude cento e vinte, oeste; trinta e oito norte,” veio a resposta. Donald observava os instrumentos atentamente.

“Para baixo!” ele exclamou.

O carro interrompeu seu voo vertiginoso. Seu nariz afiado abaixou-se, e através do espaço ele desceu em direção à Terra. As mãos do cientista flutuavam enquanto ele manipulava as teclas para controlar a descida. Um leve tremor percorreu a nave quando ela atingiu a camada de ar sobre a Terra. Após alguns segundos, o carro nivelou-se novamente e ficou suspenso enquanto seu navegador abria uma portinhola atrás de um pesado vidro.

Abaixo deles, estavam as luzes de uma grande cidade. Ao oeste, o Pacífico se estendia, e ligeiramente ao norte, quase no mesmo nível do carro, flutuavam dez globos brilhantes.

“Duas e quarenta e três,” resmungou o professor. “Oito minutos através do continente. Três mil milhas — e não acionamos nem metade da potência. Bem, vamos ver o que podemos fazer.”

CAPÍTULO III: O Primeiro Golpe

Mas no curto período desde que os globos começaram a flutuar sobre o porto, São Francisco havia sofrido.

Quando aquele transatlântico do Pacífico havia radiografado a notícia de sua presença em alto-mar, o alerta havia sido transmitido para todas as partes do mundo para permitir que os globos descessem em paz, se assim o desejassem. Nenhum holofote, nenhum avião ou canhão antiaéreo foi apontado contra os visitantes, e ainda assim eles escolheram o caminho da guerra. Dione deve ter criado uma raça de guerreiros cujo único objetivo era fazer uma nova conquista.

Os globos mal tinham alcançado uma posição sobre a cidade antes de liberarem aquele raio que era sua arma. Do globo mais próximo da cidade veio um pequeno traço de luz verde. Ele se alongou, esticando-se até repousar sobre os telhados abaixo. Algumas casas foram simplesmente queimadas, outras tiveram grandes seções destruídas enquanto o raio tocava apenas partes delas, mas aquelas sobre as quais o raio repousava completamente pareciam se derreter em nada. Absolutamente nada restou para estabelecer onde eles haviam estacionado, exceto uma série de crateras marcadas com uma leve névoa verde que pairava sobre elas. Os outros nove globos seguiram rapidamente o exemplo dado por seu líder. Sem objetivo aparente, eles lançaram seus raios sobre os prédios abaixo, deixando manchas de desolação onde quer que tocassem.

Não estava dentro dos limites da resiliência humana ser submetido a tal ataque por muito tempo sem pelo menos tentar uma represália. Mas uma tentativa foi tudo o que isso se tornou. Uma esquadrilha de aviões saiu para o ataque, e como naquela noite de julho, trinta anos antes, os aviões foram destruídos sob a maléfica corrente verde.

Então o carro espacial chegou.

Olhando através da escotilha, o professor rapidamente avaliou a situação. Pela segunda vez na vida, ele estava enfrentando esses globos da morte. Desde aquela experiência inicial, ele havia trabalhado com apenas uma coisa em mente: o momento em que o mundo seria novamente ameaçado por aquelas estranhas embarcações. Até mesmo seu filho havia sido criado com essa ideia, e ele estava pronto para assumir o trabalho após a morte de seu pai.

“Peguem cintos!” A voz do cientista estava aguda de excitação. “Peguem cintos e amarrem-se aos estaques. Depressa! Eles nos viram — e vamos levar a batalha até o inimigo.”

De fato, eles haviam sido notados! Os globos mudaram de repente para se reagrupar em um círculo fechado.

“Pronto!” Donald travou o último cinto com força.

“Temos um ponto fraco”, admitiu o professor com tristeza, “todos os outros tenho certeza, exceto isso. Aquelas escotilhas de vidro! Elas são feitas de camada sobre camada de vidro com filtros de raios de sais de ouro no meio. Se um raio as atingir e elas aguentarem bem, bom. Mas, se elas cederem,” ele encolheu os ombros expressivamente.

Sua mão caiu sobre o teclado. O carro moveu-se para frente, lentamente no início, depois ganhando impulso varreu os globos, acelerando muito para o norte antes de fazer um círculo largo e correr de volta direto para o centro daquele globo brilhante.

Um único raio verde brilhou do globo mais próximo, rastejando em direção àquela ameaça em queda livre. Os dionianos pareciam imperturbáveis, evidentemente confiantes de que nada poderia resistir à sua arma. Talvez eles acreditassem ser onipotentes.

O raio tocou o lado do carro, arrancando sua camada de tinta como um manto desaparecendo. Um flash verde apareceu através das escotilhas e passou. O vidro tinha aguentado! Do chão, os observadores viram seu campeão mudar de um preto opaco para um dourado brilhante, e um grito selvagem explodiu de suas gargantas. Ouro! O carro estava revestido de ouro — e seguro.

O constante avanço do carro estava perturbando os invasores. Os globos mudaram de repente, o círculo inclinando-se para que cada globo pudesse lançar seus raios. Então o céu noturno estava literalmente cheio de uma camada de serpentinas verdes.

Literalmente banhado em um mar de luz verde, o carro mergulhou.

“Agora — os espelhos! Em frente!”

Em resposta a esse comando, o homem chamado Henry agarrou um conjunto duplo de alças de controle e as girou. Fora do carro, dois espelhos dourados lançaram suas faces brilhantes para frente. Raios verdes foram capturados no ouro polido e disparados de volta para sua origem. Dois globos desapareceram — destruídos por sua própria arma. Então o carro espacial entrou na formação círculo.

Não demorou e mais um globo caiu da formação. O carro se desviou e o atingiu!

Viajando a uma velocidade tão grande, o esporão amassou o lado do globo como se fosse apenas papel, perfurando toda a embarcação com a frente do carro. Ainda carregando os

destruções, o carro subiu até que as luzes da cidade se tornassem apenas uma pequena mancha, depois virou e caiu, parando subitamente seu voo a menos de uma milha acima da baía.

Como uma maçã lançada de um bastão, o globo destruído foi disparado do esporão impalador, para baixo, e ainda mais baixo, até atingir com grande força as águas do porto, e as ondas se fecharam sobre ele.

“Três foram!”

Vitória

O cientista colocou sua máquina em uma curva fechada como um grampo de cabelo e voltou. Os sete globos restantes se dividiram em dois grupos, afastando-se até que um grande espaço ficasse entre eles. Com uma expressão de perplexidade cômica, o professor coçou a cabeça.

“É uma armadilha,” ele gritou, “mas como eu deveria cair nela? Vamos ver.”

Ele deslizou até uma posição a meio caminho entre os grupos e ficou ali imóvel.

Mas um tubo brilhou dentro de sua carcaça de chumbo; o tubo que roubava a gravidade do carro. Com aquele tubo desativado, a máquina se tornaria apenas uma massa comum de metal, sujeita a todo o poder da atração da Terra. O professor posicionou sua mão sobre a tecla de controle e esperou.

De repente, os globos se moveram! Os Dionianos não lançaram raios agora; eles não ousavam após a experiência anterior. De ambos os lados, eles correram em direção ao carro, evidentemente com a intenção de esmagar seu inimigo entre eles. A velocidade deles era inacreditável, tão rápida quanto a do próprio carro espacial; seria apenas uma questão de segundos antes que eles colidissem. Mais perto eles vinham — mais perto — A mão do professor se ergueu bruscamente. O brilho apagou-se daquele último tubo, e o carro caiu, girando de ponta a ponta enquanto caía em direção à Terra.

Lá de cima, no espaço que acabara de abandonar, veio uma mistura de batidas metálicas, enquanto os globos convergentes não colidiam com o inimigo que pensavam esmagar, mas entre si. O professor riu baixinho enquanto controlava aquela queda vertiginosa.

“Eles não são tão espertos, esses homens de Dione. Quão grande foi esse dano?”

Apenas três globos apareceram em formação. Ao oeste, outros quatro moveram-se lentamente sobre a água. Talvez em algum lugar no Pacífico eles tivessem uma base insular. O oceano estava pontilhado de atóis, dos quais serviria ao propósito deles.

O cientista cerrou os maxilares firmemente.

“Isso não é agradável,” ele rosnou, “mas é guerra. Vamos pegar os aleijados primeiro.”

O carro disparou atrás dos quatro globos mancando, que de repente fizeram uma tentativa patética de fugir — sem sucesso. Eles encontraram o mesmo destino que o terceiro. Um por um, o carro espacial os empalou naquela ponta mortal e os jogou no Pacífico. Voltando pela última vez, os homens vitoriosos procuraram pelos três que ainda precisavam ser enfrentados, mas eles já haviam desaparecido! Bem ao sul, subindo mais alto à medida que fugiam, três pontos luminosos estavam desaparecendo rapidamente de vista.

Um cientista muito cansado apoiou-se pesadamente na borda de seu painel de controle.

“Tome o controle, Donald; já tive o suficiente,” ele respirou. “Já são quase três horas. Vamos descer para ver os danos e depois correr para casa.” Ele sorriu de forma cansada. “Você sabe como a cozinheira fica irritada quando nos atrasamos para o café da manhã.”

CAPÍTULO IV: Algumas Coisas Acontecem

Dois semanas se passaram sem qualquer outro avistamento dos globos. A pausa nas hostilidades não era surpreendente. Os invasores haviam sido tão duramente derrotados em seu encontro com o carro espacial que era natural que considerassem cuidadosamente antes de fazer um segundo ataque. Se os três globos sobreviventes haviam retornado ao seu planeta com a notícia de sua derrota, então necessariamente algum tempo teria que se passar antes que qualquer outra ação pudesse ocorrer.

A espera não iludiu os poderes terrestres. Havia se passado trinta anos desde a última visita, e então havia apenas um globo que foi destruído. Os homens daquele planeta distante não poderiam ter previsto o destino daquela primeira nave. Levou anos, talvez anos de mais experimentação e aperfeiçoamento de seu transportador antes que a segunda tentativa fosse feita. Mas desta última vez três escaparam para levar a notícia de sua descoberta. Era só uma questão de tempo antes que o próximo movimento fosse feito, e a conferência das nações só poderia conjecturar quão forte seria a força que apareceria a seguir.

Os planos e especificações do carro espacial tornaram-se propriedade mundial. Cada nação estava construindo-os o mais rápido que podia. Linhas de rádio e cabo foram sobrecarregadas com a pressa das comunicações oficiais. O mundo estava armado!

Donald viu pouco seu pai durante aqueles dias. O professor havia entregue o cuidado do carro espacial ao filho, enquanto ele dedicava todo o seu tempo às muitas conferências. O carro espacial precisava de reparos. O banho de raios verdes não o havia prejudicado em nada, mas os cinco globos que encontraram destruição na ponta do esporão deixaram suas marcas.

O esporão em si foi construído com camadas alternadas de aço e ouro. Prevendo a dificuldade que poderia surgir se sua cobertura externa macia fosse danificada por uma colisão, o professor havia sabiamente construído seu aríete de forma que tal ocorrência causasse apenas a perda de uma ou duas camadas das muitas que compunham o esporão. Se aquela camada de ouro fosse quebrada, expondo o aço a um raio verde, o raio apenas destruiria o aço até a próxima camada de ouro, onde sua ação seria interrompida.

Louise passava muito do seu tempo com Donald enquanto ele trabalhava no carro. Muitas vezes, ela também vestia macacão e insistia em ajudá-lo.

Foi na noite do dia dois de setembro que um incidente aconteceu para lembrar ao mundo que eles estavam longe de estarem livres das atenções de seus inimigos.

Donald estava trabalhando até tarde no interior do carro espacial, com Louise, como de costume, ajudando-o. As enormes portas do hangar estavam abertas, enquanto do lado de fora os sentinelas sempre vigilantes patrulhavam.

“Vamos, Donald,” a garota inclinou-se perto dele, “você trabalhou duro o dia todo. Você precisa respirar um pouco de ar fresco antes de dormir, e — e eu quero que você caminhe comigo.” Havia uma nota melancólica em suas últimas palavras. Ela sentia falta dos antigos passeios noturnos sob as estrelas.

Donald juntou suas ferramentas e sorriu carinhosamente para ela.

“As coisas estão muito bem agora. Esta será sua noite. Sinto muito que as coisas tenham sido assim, mas você sabe...”

A garota colocou a mão suavemente em seu braço.

“Sim, Donald, eu sei. Sobre você e seu pai recai um fardo bem grande, e vocês não podem fugir dele. Eu não quero te impedir de continuar, mas você precisa manter-se saudável e não trabalhar tanto.”

Um Intruso

Donald deslizou silenciosamente pela escotilha lateral do carro. Estava escuro no hangar — e quieto. Somente do lado de fora vinha o som das pisadas dos sentinelas.

No canto mais distante, algo se moveu!

“É você, Jack?” Donald chamou em tom agudo.

Nenhuma resposta.

“Jack!”

“O que foi, Donald?” a voz da garota dentro do carro chamou por ele. “Cuidado. Estou descendo!”

“Não!” Um medo inexplicável tomou conta do coração de Donald. Havia algo naquele canto distante do hangar; algo que se movia e não respondia!

“Fique aí, Louise,” ele gritou. “Espere até que eu chame!” Então, mais alto, “Guarda! Ei! Guarda. Dentro do hangar; é Donald chamando!”

O som de passos correndo veio do lado de fora. Do canto veio um zumbido musical baixo, e um fino fio verde cortou o crepúsculo. O coração de Donald saltou para a garganta e ele reconheceu a cor.

“Algo está errado, Donald; estou descendo.”

Louise! Na pressa de seu temor por ela, Donald esqueceu seu próprio perigo. Ele deu um salto ágil para o lado, colocando a mão na abertura para acionar a trava da escotilha.

“Fique aí,” ele gritou.

A escotilha se fechou com um estrondo. Louise entenderia, e ela estaria segura dentro.

Aquele fio errante de luz verde tocou o ponto onde ele estava. Sua ponta moveu-se ao longo da lateral do carro espacial. A guarda nunca chegaria? Não havia mais som de passos correndo. Teriam sido dominados? Aquele pequeno e leal grupo de homens teria encontrado a morte nas mãos de algum cúmplice do portador do raio verde?

Donald amaldiçoou sua estupidez por estar desarmado. Mas então, quem na Terra poderia suspeitar de tal forma de ataque? O pequeno raio vagava de um lado para o outro. Donald se agachou, sem ousar se mover para não revelar sua posição. Fascinado, seus olhos seguiram o ponto de luz enquanto ele viajava ora perto, ora longe dele.

De repente, uma série de faíscas laranjas saltou das sombras ao redor da porta. Um rugido ensurdecedor encheu o hangar, e através do estrondo dos rifles veio um grito agudo e estranho.

Um Novo Ataque

As luzes se acenderam. Piscando rapidamente para acostumar seus olhos à mudança repentina, Donald olhou ao redor.

Perto das portas estavam os membros da guarda, prontos, rifles em punho — mas não havia mais necessidade deles. No canto jazia a figura encolhida de um homem. Chegando a figura com uma corrida apressada, Donald virou o corpo. Estava crivado de balas. O homem estava morto.

Embora de estatura baixa, o homem morto era pesado e musculoso. Havia uma força enorme naquele corpo atarracado. As feições também eram moldadas em um padrão estranho, mesmo na morte parecendo maldosamente cruéis.

“O que isso significa, Sr. Donald?” o capitão da guarda voltou um rosto severo para o jovem. “Ouvimos você chamar. Íamos correr para dentro, mas pensei melhor e nos aproximamos silenciosamente, e do canto vimos aquela luz verde vindo.” Sua mandíbula se contraiu de repente. “Verde não é uma cor muito popular na Terra agora — e eu não arrisco. As ordens do professor eram atirar primeiro e falar depois, se alguém tentasse mexer no carro espacial.”

“Você fez bem, Capitão, muito bem mesmo!”

Era a voz do cientista que falava. Ele havia chegado correndo, atraído pelo som dos tiros. Donald olhou para seu pai com admiração. Na noite em que haviam derrotado os dez globos, ele havia conhecido um novo tipo de homem como pai. Este era ainda outro que estava diante dele, olhos brilhando, dentes cerrados, uma pistola automática em cada mão. O professor se abaixou.

“O que é isso?”

“Não!” O grito repentino de Donald parou os dedos de seu pai a poucos centímetros de um longo cilindro de metal que estava perto do homem caído. “É morte, pai; tenha cuidado. Contém o raio verde!”

“O raio verde? Aqui? Conte-me rapidamente, o que aconteceu?”

Donald explicou em poucas palavras, “e Louise ainda está no carro,” ele terminou.

“Ela está segura. Deixe-a ficar lá,” resmungou o outro. “Não a deixe ver isso. Capitão, leve o corpo embora e dobre a guarda esta noite.” Novamente, ele se virou para o filho. “Deixe Louise sair quando eles se forem, mas não conte a ela a verdade. Apenas diga que a guarda atirou e feriu um sujeito que entrou no hangar.”

“Mas, pai,” os olhos de Donald penetraram nos de seu pai, “eu não sou a Louise, e você está escondendo algo. O que é?”

Cuidadosamente, o cientista se abaixou para pegar aquele cilindro de metal.

“Pense, Donald,” ele disse em tom áspero, “pense! Você leu os relatos de testemunhas oculares de trinta anos atrás, e este, este cilindro é a última prova, se for necessário. Você acha que foi em algum homem da Terra que a guarda atirou? Donald, esse é um homem de outro planeta! Esse é um homem de Dione!”

No silêncio de seu próprio quarto, Donald estava fumando. Um espião inimigo no hangar! Ele estava sozinho ou havia outros por aí? Qual tinha sido seu objetivo ao entrar? Se houvesse outros, quem poderia dizer em que instante aquele raio de destruição seria disparado na casa e em seus ocupantes?

Distraidamente, ele olhou pela janela do quarto escuro para os céus repletos de estrelas. Lá em cima, a milhões de milhas de distância, havia outro mundo, um mundo habitado por uma raça que buscava conquistar a Terra.

Um meteoro em queda marcou seu rastro brilhante pelo céu, arcando em direção à Terra. Meteoro? Antes que Donald pudesse reunir seus pensamentos dispersos o suficiente para perceber o verdadeiro significado daquele ponto de luz veloz, ele já havia crescido, e continuava crescendo. Com velocidade incrível, ele descia em direção à casa — um globo!

Não havia nada que pudesse ser feito. Aquela visão atravessou a mente de Donald enquanto ele observava, fascinado. Mas antes que o pensamento pudesse realmente se registrar, o globo passou, deslizando suavemente pelo ar até pousar em um campo a cerca de meio quilômetro da casa. Apenas parte de um minuto se passou antes que ele se movesse novamente, traçando uma longa e graciosa curva enquanto subia, diminuindo de tamanho; agora apenas um ponto de luz; depois perdido em meio às miríades de estrelas.

Donald esfregou os olhos. Não tinha sido uma alucinação, disso ele tinha certeza. Mas por quê?

A casa estava agitada cedo na manhã seguinte. Centímetro a centímetro, o professor e seus assistentes examinaram os arredores do hangar. Sob uma janela, encontraram pegadas — as pegadas de dois homens. Um conjunto de pegadas coincidiu com o calçado peculiar do espião morto, o outro conjunto, semelhante, mas menor, rodeava e se perdia na grama curta. Depois do café da manhã, um carro chegou da cidade trazendo dois cães farejadores. O trabalho deles foi feito rapidamente.

Por alguns minutos, os cães farejaram ruidosamente o local onde as duas séries de pegadas apareciam no chão, depois, virando-se, lideraram o caminho através do terreno, com o guia e os outros apressando-se atrás. Por cerca de meio quilômetro, eles avançaram constantemente. De repente, pararam. Em círculos cada vez maiores, os cães vasculharam o campo, apenas para retornar ao ponto onde os homens estavam e começar novamente.

Donald se virou para olhar de volta para a casa. Não havia dúvida! O lugar onde o rastro terminava era também o lugar onde aquele globo veloz havia pousado na noite anterior.

“Você estava certo, pai,” ele concedeu, “eles vieram buscar seu espião. Foi premeditado ou ele sinalizou? Eu me pergunto se algum dia saberemos.”

A tarde ainda estava jovem quando o rádio começou a emitir seu sinal: 1PAM. 1PAM.

Um operador excitado em Washington anunciou sua notícia ao professor:

“Três globos desceram rapidamente às 13h15, pairaram sobre a Casa da Moeda e dispararam os raios verdes. A Casa da Moeda se foi, totalmente destruída. Os cofres cederam

junto com o resto, deixando o chão coberto de barras de ouro. Os globos pousaram, carregaram todo o ouro que puderam e partiram novamente. Eu o chamarei se algo mais acontecer.” Ele encerrou a transmissão.

CAPÍTULO V: Uma Ideia e uma Confissão

Os eventos não demoraram a se desenvolver após aquele fim de semana surpreendente. Donald parecia ter se fechado em uma concha da qual mal conseguia ser retirado. Passava longas horas na biblioteca. Outras horas ele passava preenchendo folha após folha com cálculos. Até mesmo Louise não conseguia afastá-lo de sua abstração.

“Não me entenda mal, por favor,” ele implorou a ela. “Estou tentando resolver algo em minha própria mente. Não ousou contar nem mesmo a você até ter certeza, para que você não pense que estou louco.”

E porque Louise estava apaixonada, ela acariciou seu ombro e disse que entendia, mesmo sem entender nada.

Por uma semana ele continuou a se esconder. Então, uma tarde, chamou seu pai. Deitando de lado o maço de papéis que estivera examinando, ele olhou para cima quando o cientista entrou na biblioteca.

“O que foi, Donald?” ele perguntou.

A voz de Donald era baixa, como a de um menino assustado que propõe um plano maluco: “Pai, quando os globos apareceram pela primeira vez, você disse que significava guerra; guerra para a destruição de um dos dois planetas. Você se lembra?”

O professor assentiu. Donald continuou.

“Eu — eu mal sei como começar. Você pode pensar que estou louco, mas aqui,” ele indicou o monte de papéis, “aqui está a prova!”

Por meia hora, Donald falou, devagar no início, depois, à medida que se empolgava com o assunto, as palavras vieram em torrente. Inflamado por seu entusiasmo, o cientista pegou um lápis e ele mesmo cobriu muitas páginas com cálculos e equações. A tarde foi passando, e eles continuaram a discutir. Cabeças unidas, passaram folha após folha, conferindo e reconferindo os resultados de seu trabalho. Por fim, o professor empurrou a cadeira para trás.

“Meu filho,” ele sussurrou, “o que você me mostrou? Sou um cientista, Donald. Treinei-me para acreditar naquilo que é sustentado por provas. Mas isso! É quase inacreditável, apesar de todas as provas. Ainda assim, é a única maneira real de resolver essa guerra entre mundos.”

Por um longo tempo depois disso, ele ficou em silêncio, afundado na cadeira, queixo apoiado na mão, enquanto as sombras da noite se acumulavam na biblioteca. Novamente ele levantou a cabeça, então lentamente se levantou da cadeira para ficar ao lado do filho.

“Vou chamar as autoridades, Donald, e você lhes apresentará seu plano, mas não deve se decepcionar se o rejeitarem. Lembre-se, meu filho, será difícil convencê-los. Mesmo eu, com todo o meu conhecimento e treinamento, estou atônito com a ideia do que você propõe. Será sua tarefa convencê-los.”

Sozinho na biblioteca, Donald acendeu a luz da mesa. Sua cabeça caiu para a frente, descansando sobre os braços dobrados. Teria sido apenas algumas semanas antes, quando ele vivia tão despreocupado? Naquela época, ele via os experimentos e invenções de seu pai como passos necessários para alguma batalha das eras que nunca ocorreria em seu tempo. E agora! Sua cabeça latejava com uma dor ensurdecadora; o estresse da última semana tinha sido tremendo. E lá fora estava o mundo, suspenso, esperando sem fôlego para conhecer seu destino, enquanto sobre ele pairava a sombra obscura daquela estrela sinistra.

Ele não ouviu os passos leves atrás dele, não notou a presença da garota até que ela tocou suavemente seu ombro.

“Donald!”

“Louise,” ele levantou os olhos para encontrar o brilho profundo nos olhos dela. Ele sentiu a mão em seu ombro tremer, “Louise, o que foi?” Ele se levantou para encarar a garota.

Um soluço, meio sufocado em sua tentativa de controlá-lo, foi sua única resposta.

“Conte-me, querida,” inconscientemente a expressão carinhosa escapou de seus lábios.

“Seu pai me contou,” ela sussurrou, “e estou com medo por você.”

Donald lutou para controlar sua própria emoção. Sim, tinha sido apenas um mês desde que ele e essa garota eram companheiros tão felizes. Então, a felicidade parecia próxima. Com cada dia que passava, ele sentia o impulso de dizer a ela sobre seu amor crescer mais forte; e então os globos chegaram!

Donald havia envelhecido. O mês acelerou a transição normalmente lenta da juventude para a maturidade. Com a possível destruição pairando sobre a Terra, ele tentou afastar o pensamento de seu próprio amor de sua mente, mas agora — o tempo era curto. Se as autoridades aceitassem seu plano, ele partiria, talvez para sua morte. Poderia ele partir sem contar a ela? Seria justo para qualquer um dos dois deixar a doce confissão não dita?

“Meu pai te contou tudo? Todo o plano?” ele perguntou.

“O suficiente, Donald. O suficiente para saber o perigo para o qual você está indo. Eu — eu quero que você saiba.”

O abraço dele ao redor dela interrompeu suas palavras.

“Eu sei, Louise, sem precisar ser dito, e você também sabe que eu te amo. Eu queria te dizer há tanto tempo. Teria sido antes, querida, se os globos não tivessem chegado. Meu pai precisava da minha ajuda. O mundo precisava de nós dois. Teria sido egoísta de minha parte negligenciá-los enquanto confortava meu próprio coração.”

“Você falou de risco. Sim, haverá — algum! Eu não vou tentar te dar uma falsa sensação de segurança negando isso. Mas, minha querida, meu risco não será maior do que seria o perigo para o mundo inteiro se eu não tentar. Você precisa ser corajosa, querida. Se eu tiver sucesso, toda a Terra estará segura para o amor e a felicidade, e então eu voltarei para você e te pedirei para ser minha esposa. Se falharmos...” Ele não terminou. Em vez disso, ele se inclinou para encontrar os lábios dela.

Outro soluço sacudiu a garota, mas não havia lágrimas em seus olhos brilhantes.

“Você — você não deve se importar com os soluços, Donald. Eu não consigo segurá-los. Eu não te impediria de fazer a sua parte, mesmo que pudesse. Eu sei — eu sei o que o sucesso ou o fracasso significam — mas você deve vencer.” Seus braços de repente se apertaram ao redor dele.

“Meu homem,” ela sussurrou, “meu! A morte não pode te tirar de mim. Eu esperarei — por toda a eternidade, se necessário.” Ela encontrou seus lábios novamente com um pequeno suspiro trêmulo.

CAPÍTULO VI - A Conferência

O chamado do Professor Maynard às autoridades trouxe uma resposta rápida. Havia necessidade de urgência, pois não se sabia em que momento o planeta inimigo atacaria novamente. Para acelerar a reunião dos delegados, o próprio professor pilotou o carro espacial em um circuito pelo mundo para buscá-los. Havia outro motivo que o levou a essa ação, além da necessidade de pressa. Ele queria que os delegados conhecessem por experiência própria a maravilha do carro. Seria um problema descrever o plano de ação de Donald a um grupo de homens que conheciam vagamente o meio de transporte que seria usado. Convencê-los seria muito mais simples após eles mesmos terem viajado pelo mundo naquela nave.

Com as paradas necessárias, levou um dia inteiro para reunir a assembleia e trazê-los para a propriedade do professor em Long Island. Ele trouxe mais do que estadistas. Das nações, ele reuniu cientistas, astrônomos, físicos, e os adicionou ao grupo.

“Primeiro o jantar!” exclamou o cientista quando todos desembarcaram do carro, “Nada de negócios até depois do jantar.”

A refeição foi um evento solene, apesar dos esforços do anfitrião para manter seus convidados em um estado de espírito alegre. Os charutos foram oferecidos, e em meio a um silêncio expectante, o professor levantou-se de sua cadeira.

“Senhores, o que tenho a dizer não levará muito tempo. Não há necessidade de recapitular os eventos do mês passado, nem de apontar a gravidade da situação, mas faremos bem em considerar os desenvolvimentos mais recentes.

“Encontramos espiões em nosso meio, espiões que, acredito firmemente, são na verdade homens de Dione, uma lua de Saturno. Uma casa da moeda do meu país foi destruída e seu ouro levado. Por quê?

“Acredito que esses espiões descobriram que o ouro é a substância de nossa defesa. Talvez em seu próprio planeta não exista tal elemento como o ouro, pelo menos eles se deram ao trabalho de capturar uma grande quantidade do metal para levar embora.

“Este último ataque à casa da moeda foi feito por apenas três globos, o mesmo número que sobreviveu à batalha sobre São Francisco. Não é razoável supor que esses globos estiveram perto da Terra desde a noite daquela batalha? Um desses globos deixou espiões para coletar as informações que pudessem e, posteriormente, os pegou novamente. Com essas novas informações, eles apreenderam a maior reserva de ouro disponível, e sem dúvida agora levaram esse ouro para seu planeta natal.

“Ao chegar lá, eles devem ter contado sobre suas descobertas, sobre a batalha e sua derrota. Eles irão experimentar, descobrir que a substância que tomaram é de fato impenetrável ao seu raio, e imediatamente começarão a construir uma frota de globos que serão armados com um revestimento desse ouro. Isso significará que o raio deles se tornará uma arma inútil! Ele pode atingir nossos carros blindados de ouro e ser refletido para seus globos blindados de ouro, e o resultado será nada.

“Não temos conhecimento de quaisquer outras armas que eles possam ter. Ao experimentarem, eles podem alterar a frequência do raio verde para que destrua o ouro, e nesse caso estaríamos completamente à mercê deles.

“Quaisquer que sejam as armas que eles possam usar, e quaisquer que sejam as armas que possamos inventar para contra-atacá-los, parece que o futuro promete apenas uma

sucessão de batalhas, ataques e contra-ataques, até que um planeta, ou o outro, seja conquistado ou desista da luta.

“É impensável que possamos continuar assim! Nunca haverá um dia em que possamos nos sentir seguros de um ataque. Esses globos viajam com tal rapidez relâmpago que podem atacar e partir antes que possamos nos organizar no ponto de ataque. O outro extremo é igualmente insustentável. Não podemos construir uma frota tão grande de carros espaciais que possam patrulhar constantemente todo o mundo e mantê-lo seguro. Talvez possamos construí-los, mas manter tal patrulha exigiria dedicar toda a nossa atenção a essa única atividade. Toda a estrutura da civilização desmoronaria com o dreno de nossos recursos, e no final atingiríamos apenas aquilo que tentamos evitar — o caos!”

O professor fez uma pausa, observando atentamente os rostos ao seu redor; rostos que estavam sombrios diante da cena que ele havia pintado. Ele continuou:

“Até agora, supus que estaríamos na defensiva, sempre esperando que a luta fosse trazida até nós. Há uma alternativa. Podemos levar a luta para o outro planeta!”

Sentimentos Confusos

Havia uma necessidade real para o professor de fazer uma pausa após suas últimas palavras. O murmúrio de espanto que surgiu dos homens atônitos teria abafado qualquer palavra que ele pudesse ter dito. Um homem no final da sala levantou-se.

“E suponha que fosse possível? Suponha que levássemos a guerra ao inimigo; o que poderíamos fazer que resolveria a questão? Você disse que pode levar anos para que eles conquistem este planeta. Não estaríamos simplesmente revertendo a situação ao tentar conquistar aquele outro?”

“Sim!” A cabeça do professor se ergueu, seus olhos brilhando com o conhecimento do que ele ainda tinha a dizer. “Tentar esmagar o povo daquele planeta seria meramente o inverso do meu argumento. Só pode haver uma maneira que garantirá absolutamente uma paz duradoura — e essa é a maneira que devemos escolher! Devemos destruir aquela estrela! Destruindo Saturno e suas oito luas.”

Do meio da babel de vozes que encheu a sala, uma soou nitidamente.

“Ouçam-me! Ouçam-me! Em nome de Deus, Professor Maynard, você está louco?” Foi um astrônomo europeu que gritou as palavras. “Estamos separados de um planeta por milhões de milhas, um planeta que é vastamente maior do que o nosso próprio mundo — e você propõe destruí-lo! Você não pode! Você deve estar louco!”

“Você percebe o que aconteceria se tivesse sucesso? Todo o sistema planetário depende de suas unidades como um todo para lhe dar estabilidade. Destrua um de seus membros e você destruirá o equilíbrio de todo o sistema! Você tentaria destruir o universo?”

“Sim!” o professor cuspiu a palavra. “Eu preferiria destruir o universo inteiro do que tê-lo à mercê de um mundo de predadores de humanos. Não é melhor atacar com força pela paz e segurança e correr o risco de uma extinção rápida, do que ver o mundo morrer uma morte lenta com seu povo submetido a horrores desconhecidos?”

“Você diz que não podemos destruir a estrela inimiga. Em breve eu lhe darei provas de que podemos. Quanto ao perigo para todo o sistema, você não exagerou o risco? Um planeta é apenas uma pequena parte do nosso sistema solar. Se um planeta desaparecer, haverá mudanças; deve haver algumas mudanças, sem dúvida, mas essas mudanças não serão apenas um pequeno deslocamento dos membros para formar um novo estado de equilíbrio? Com esses números que vou lhe dar, espero convencê-lo.” Ele passou um maço de papéis ao astrônomo e voltou a falar para toda a companhia.

“A ideia não é minha, senhores. Estou envelhecendo e me tornando conservador. Coube à juventude apontar o caminho. Para mim, a ideia de planetas em guerra e carros que viajam pelo espaço ainda é uma novidade, mesmo depois de trinta anos, mas meu filho cresceu cercado por tais ideias. Toda a sua vida ele estudou meus trabalhos, seguiu meus experimentos, e a partir do conhecimento que ele reuniu, concebeu a ideia que nos permitirá puxar Saturno de sua órbita e enviá-lo em alta velocidade para o sol. Eu fui cético no início, mas ele me convenceu. Rezo para que ele também convença vocês, para que vocês lhe deem o apoio do poder de suas nações. Senhores, apresento a vocês meu filho, Donald Maynard.”

Em meio a um silêncio mortal, Donald levantou-se com dificuldade. Vagamente, ele estava ciente de um sentimento de hostilidade dentro da sala; uma hostilidade dirigida não a ele, mas à ideia que ele deveria explicar.

Ele começou com cuidado, escolhendo suas palavras para que transmitissem aos outros a fé que ele tinha.

CAPÍTULO VII: A Ideia de Donald Maynard

“Senhores,” Donald varreu a sala com seu olhar, “há muito que preciso abordar sem entrar em muitos detalhes. A maioria de vocês aqui hoje à noite são, antes de tudo, estadistas, não cientistas, e não quero insultar sua inteligência ao dizer que os detalhes mais minuciosos do meu plano trariam à tona muito do que vocês não entenderiam. Vou lhes contar o que proponho fazer e como isso pode ser feito. As provas da minha afirmação estão todas

incluídas nesses papéis que meu pai já entregou. Os cientistas entre nós examinarão esses papéis, e caberá a eles dizer que provei meu ponto.

“Hoje, cada um de vocês andou na máquina conhecida como o carro espacial. Sem dúvida, notaram a ausência de qualquer força motriz visível, e também seu método de controle único. Aquele teclado na frente controla os tubos que estão montados ao redor das paredes do carro. Esses tubos, cada um com seis elementos, são reversíveis em sua ação. Com a corrente fluindo em uma direção, eles aumentam a força gravitacional de qualquer corpo para o qual estejam direcionados. Se a polaridade da corrente for invertida, a gravidade se torna uma força de repulsão na mesma direção. Agora, então, se nosso carro espacial tivesse apenas dois tubos, um na frente e um atrás, e o carro estivesse apontado para o sol, ele se moveria em direção ao sol se o tubo frontal estivesse energizado de forma que a gravidade do sol o atraísse. Se agora o tubo traseiro fosse energizado de forma que, na prática, ele empurrasse contra a Terra, o movimento para a frente do carro seria aumentado. Estou me fazendo claro?”

Muitas cabeças acenaram, e Donald continuou:

“Na prática, temos muitos tubos, cada um direcionado em um ângulo diferente por meio do revestimento de chumbo ao redor deles. Quando o operador deseja que o carro se mova, ele simplesmente energiza os tubos adequados na direção certa e consegue o movimento. Mudanças de direção são feitas usando outros tubos para puxar ou empurrar os vários corpos celestes.

“Agora, por um momento, imagine tal carro viajando pelo espaço. Ao direcionar adequadamente a corrente dos filamentos pelos tubos, o operador pode equilibrar as forças de atração em todas as direções, de modo que o carro se torne imóvel e fique suspenso no espaço. Suponhamos ainda que o carro esteja suspenso de tal maneira entre o sol e Saturno. Mantendo todos os outros tubos constantes e aumentando o fluxo de corrente pelos tubos que estão direcionados para o sol e o planeta, uma tensão direta pode ser aplicada aos dois corpos, tendendo a puxá-los juntos. Como o sol é muito maior e mais pesado, é lógico concluir que a tendência real seria que o sol permanecesse estacionário, enquanto o planeta se esforçaria para se mover em direção a ele, junto com suas oito luas, incluindo Dione.

“O campo gravitacional do sistema planetário é uma fonte de energia tão grande que qualquer carro tem poder ilimitado à sua disposição. No entanto, o limite prático de potência seria alcançado quando a tensão no próprio carro se tornasse tão grande que o carro ficaria em perigo de ser despedaçado. Seria impraticável construir um carro tão forte que pudesse

suportar a enorme tensão necessária para tirar Saturno de sua órbita, mas é possível construir uma frota de carros, cujos esforços combinados moverão o planeta.”

“Você não pode! Você não pode; é impossível!” As palavras foram quase choradas por um dos delegados. “Homem, todo o poder do mundo não moveria uma massa tão grande!”

“Meu amigo,” Donald virou-se para o orador, “você deve considerar mais do que o poder de um mundo, estamos lidando com o universo. Você deve esquecer seu conhecimento atual de peso e massa como são conhecidos na Terra. Você já viu balanças delicadamente equilibradas, com talvez um peso enorme em cada lado. Basta uma fração de uma libra para perturbar esse equilíbrio. O universo é assim, cada membro delicadamente equilibrado por forças opostas. Precisamos apenas fortalecer uma dessas forças em um membro, e o equilíbrio desse membro será destruído, fazendo-o mover-se conforme a força mais forte o direciona

“Entre esses papéis à sua frente, você encontrará o peso estimado do planeta conforme a astronomia nos forneceu. Você encontrará uma análise de todas as forças que dão a Saturno e suas luas o equilíbrio. Você encontrará a potência segura de tensão de um carro espacial construído de acordo com as especificações fornecidas, e encontrará o número de tais carros que serão necessários para mover nosso inimigo. Esse número ultrapassa dezoito mil. Devemos levar em conta erros e a possível falha de alguns dos carros quando forem postos à prova.” Ele fez uma pausa, e mais uma vez seu olhar percorreu a sala. Então ele se inclinou para frente, em seu entusiasmo.

“Senhores, me comprometam com vinte mil carros, os cubram com uma camada de ouro para garantir sua segurança caso sejam atacados pelos globos; recrutem uma força para tripular esses carros sob minha direção, e eu prometo a vocês, dentro de dois meses a partir do momento em que eu assumir o comando, haverá um planeta a menos no sistema solar. A decisão está em suas mãos.”

Donald Vence

“Questão!” uma voz gritou, “só esta outra questão! Você tem oitocentos milhões de milhas entre você e seu objetivo, uma distância tão grande que, com a luz viajando a cento e oitenta e seis mil milhas por segundo, leva mais de setenta horas para um feixe viajar daquele planeta até nós. Hoje seu pai demonstrou que o carro espacial tem grande velocidade, mas ele pode alcançar uma velocidade grande o suficiente para percorrer tal distância no tempo ridiculamente curto que você mencionou? Diga-me, qual é a velocidade máxima do carro?”

“Não há limite,” respondeu Donald gravemente. “O que limita a velocidade, como a conhecemos, é o atrito. Dado uma certa quantidade de força motriz, uma máquina irá acelerar até que o atrito de suas partes móveis e o meio pelo qual ela viaja equilibre a força que a impulsiona. Então a velocidade se tornará constante. Se não houvesse atrito, a aceleração poderia continuar para sempre.

“Além da atmosfera, no espaço sideral, existe apenas o vazio, e assim não pode haver atrito. A única coisa que pode limitar o carro é sua própria inércia, seu próprio peso, que impede que ele atinja a velocidade máxima instantaneamente. No entanto, ele pode começar a se mover e ganhar velocidade continuamente, de modo que sua velocidade final é limitada apenas pelo tempo em que está em movimento. Quando se está extraíndo poder da força que mantém todo o universo sob seu domínio, tem-se poder infinito à disposição, e a aceleração pode ser infinita. Se você puder imaginar algo como velocidade infinita, com essa velocidade sendo constantemente aumentada por um número infinito de milhas por segundo, então você terá uma ideia da velocidade final do carro espacial!”

Mais uma vez, o burburinho de vozes encheu a sala. Os homens conversavam entre si, construindo argumentos e os derrubando. Um estadista tomou a palavra.

“As fases científicas do problema estou disposto a deixar nas mãos daqueles cujo conhecimento os capacita para a tarefa,” ele declarou, “mas há um problema de outra natureza a considerar. Blindar vinte mil carros com ouro esgotará tanto o estoque mundial de ouro que será necessário retirá-lo da circulação monetária. O que teremos então como padrão? Como podemos evitar a ruína financeira?”

“Facilmente,” gritou outro. “Nós representamos os poderes do mundo. Podemos estabelecer a prata como um padrão prático de trabalho, com seu valor atual em termos de ouro. Nós, como um corpo, podemos autorizar uma comissão a emitir títulos mundiais como certificados de dívida por todo o ouro que nos for entregue. Então, quando nossos guerreiros do espaço retornarem, com seus carros dourados, podemos recuperar o ouro e redistribuí-lo.”

Os cientistas subitamente se levantaram em uníssono, com seu porta-voz clamando por atenção.

“Examinamos as provas que nos foram dadas,” ele anunciou firmemente. “O plano apresentado é sólido, baseado no conhecimento estabelecido das ciências. Temos todas as razões para acreditar que ele pode ser realizado com sucesso.”

“Sua resposta, senhores, sua resposta?” Donald voltou-se para os estadistas, seus dedos apertando a borda da mesa até que os nós dos dedos ficassem brancos. “Vocês vão me prometer...”

A pergunta foi perdida em meio ao coro retumbante de concordância.

CAPÍTULO VIII: Preparativos e a Partida

Os dias transformaram-se em semanas, e as semanas em meses enquanto o mundo trabalhava arduamente. À medida que a frota de carros espaciais crescia, novos homens eram recrutados e instruídos em sua operação. Uma patrulha regular foi estabelecida com o duplo propósito de dar aos recrutas experiência de serviço real e, ao mesmo tempo, vigiar os globos inimigos. Nenhuma despesa ou cuidado foi poupado para tornar os novos carros aptos para sua ousada jornada. Paredes isoladas para excluir todas as variações de temperatura, plantas geradoras de oxigênio para renovar o ar, novas baterias quimicamente recarregadas, liberando oxigênio em vez de gás hidrogênio; essas foram apenas algumas das maravilhas dessas naves. Bem cedo ficou evidente a necessidade de um local adequado para o armazenamento dos carros acabados. Em todo o mundo, havia apenas um lugar que atendia ao propósito: um lugar de desolação e aridez; o grande deserto do Saara.

Os dois Maynard, pai e filho, viajaram pelo mundo, mantendo um olhar atento sobre a construção, forçando a produção até o limite da capacidade das nações.

O sexto mês se aproximava do fim. Dois grupos de cinquenta carros cada ainda estavam em construção. Então chegou o dia em que o radiotelefone rugiu sua mensagem: “Vinte mil carros espaciais aguardam ordens!”

O trabalho estava concluído!

Na companhia de seu pai e Louise, Donald deixou sua casa em Long Island e voou pelo ar até o Saara.

Não havia confusão, nem correria sem rumo no deserto. Estendendo-se pelas areias, até onde a vista alcançava, havia fileiras e mais fileiras dos enormes carros, cada um abrigando sua tripulação de quatro homens.

Donald apressou-se em chegar ao carro que ele comandaria. Enfiando a cabeça para dentro, chamou o operador de sinais.

“Dê o sinal,” ele ordenou, “partiremos dentro de uma hora.”

O silêncio do Saara foi subitamente rompido pelo som das sirenes de rádio. Homens correram para seus postos. Um estrépito de sons encheu o ar enquanto vinte mil portas de metal começavam a se fechar com estrondo. Agora restavam apenas alguns minutos!

Demonstrando um súbito interesse em um carro próximo, o pai de Donald se afastou, deixando a garota sozinha com seu amado.

“Querida,” ele sussurrou, “olhe! É maravilhoso. Milhares e milhares de carros. A resposta do mundo ao seu atacante.”

A garota não seguiu seu olhar. Em vez disso, baixou a cabeça para esconder as lágrimas que se acumulavam. Um braço forte de repente a envolveu.

“Você não deve chorar,” ele a repreendeu gentilmente, enxugando as lágrimas de suas bochechas. “Em três meses estarei de volta, e então conheceremos toda a felicidade da qual fomos privados nos últimos meses. Seja corajosa, minha querida.”

Por um longo tempo, ela se agarrou a ele, sem palavras. Então, finalmente, forçou um pequeno sorriso aos lábios.

“Não direi adeus,” ela sussurrou, “apenas... até nos encontrarmos novamente.”

O carro espacial da frente se ergueu do chão. Outro o seguiu, depois mais um. Um a um, toda aquela vasta frota tomou o ar. Descansando imóveis, a meia milha de altura, os primeiros carros aguardavam os restantes. Lentamente, a coluna tomou forma, cem carros lado a lado, duzentos de profundidade, com o carro que levava Donald no centro.

Impressionados com a visão, os espectadores no chão ficaram na sombra que se espalhava sobre o deserto como um enorme tapete de ébano entrelaçado com manchas de ouro.

A primeira fila de carros se moveu. Lentamente a princípio, depois aumentando rapidamente a velocidade, a coluna subiu e se afastou. Em cinco minutos, desapareceu de vista.

Quinze minutos se passaram. O professor suspirou profundamente. Talvez ele também desejasse estar com aqueles guerreiros que partiram.

“Vamos, Louise,” disse ele suavemente, “precisamos voltar para casa.”

Silenciosamente, a garota se virou e o seguiu para dentro de seu carro.

“Até logo, pai. Mantenha seus olhos em Saturno!” A voz de Donald ressoou pelo carro. Então a voz ficou mais suave. “Coragem, querida, coragem.”

O professor baixou a cabeça em uma oração silenciosa e depois falou em voz alta.

“Queria que o rádio pudesse trazer de volta a voz dele nos próximos dias, mas até a ciência tem limites.”

CAPÍTULO IX: O Passar de um Mundo

Donald se desvencilhou da abstração que o dominava e examinou pensativamente o painel de medidores.

“Henry, olhe!” ele sussurrou.

O homem a quem se dirigia levantou os olhos para o painel.

“O que é?”

“O medidor — o velocímetro; Dez mil milhas por minuto! Mais rápido que qualquer coisa no universo, exceto a luz!” Havia reverência na voz de Donald. Ele abriu rapidamente uma escotilha para espiar o vazio.

“Estamos nos aproximando de Beren. Menos de cem milhões de milhas agora. Vamos tentar quando chegarmos à marca de vinte milhões.”

O silêncio caiu dentro do carro por um tempo.

“Ainda estamos acelerando.” Foi Henry quem falou. “Estaremos lá em menos de uma semana. Não deveríamos começar a desacelerar?”

Donald assentiu e alcançou o transmissor.

Por um mês de tempo terrestre, a frota de carros espaciais tinha seguido disparando pelo espaço, ganhando velocidade a cada segundo que passava. Donald havia dito que eles tinham velocidade infinita. De propósito, ele se conteve de ordenar o máximo. Ele estava contente em conduzir sua frota a uma taxa operacional tranquila, reduzindo assim o perigo de tubos sobrecarregados e filamentos queimados.

Pelos próximos cinco dias, os carros avançaram, diminuindo constantemente a velocidade que vinham ganhando há dias. Donald olhou para o relógio do carro. Era meio-dia no tempo da Terra. Ele se virou novamente para o rádio.

“Reduzam toda a velocidade e preparem-se para parar!”

Tubos invertidos começaram a frear os carros. À medida que as horas passavam, os ponteiros dos velocímetros retrocediam lentamente. Donald foi até os beliches traseiros e acordou os outros dois homens.

“Está quase na hora,” disse-lhes calmamente. “Talvez eu precise de vocês.”

“Vinte e um milhões,” anunciou Henry.

O rádio emitiu sua ordem novamente:

“Parem!”

Lentamente, os ponteiros caíram até o ponto zero.

“Girem e equilibrem.”

O operador no carro de Donald manipulou o teclado com dedos ágeis. O carro circulou até que seu nariz apontasse para o orbe flamejante do sol, agora obscurecido pela distância. Os outros carros seguiram. Agrupados juntos, lado a lado sobre um vasto círculo, como um enorme feixe de charutos robustos suspensos no espaço, os carros descansaram com os narizes apontados para o sol, e as caudas em direção a Saturno.

À medida que um carro após outro reportava sua posição e estado, o coração de Donald começou a bater tão forte que parecia ecoar por todo o interior do carro. Ele se inclinou em direção ao transmissor novamente, tentando falar, mas apenas um guincho inarticulado saiu de sua garganta. Por aquilo que pareceram eras, ele lutou para recuperar a calma. Mas ela não vinha! Por mais que tentasse, aquele nó em sua garganta continuava a interferir em sua fala. Finalmente, o nó se dissipou; lentamente a constrição deixou sua garganta até que, de repente, ele se inclinou para o transmissor e gritou uma única palavra:

“Puxem!”

Uma hora se passou. Donald consultou o painel de instrumentos.

“O mesmo,” ele murmurou, em resposta ao olhar questionador do operador. “Nada se moveu!”

Outra hora! Ainda assim, aqueles milhares de carros puxavam seus cabos invisíveis sem nenhum efeito aparente. Tão imóvel quanto uma estátua, e quase tão branco, Donald sentou-se diante dos medidores imóveis.

“Tem que funcionar,” ele gemeu, “tem que funcionar. Mas para mover uma massa assim — vai levar tempo.”

Outro dia passou sem eventos, enquanto Donald mal deixava o painel. Acima, o relógio marcava os minutos. Cinco horas, no tempo da Terra. Seis horas. Sete! Donald cochilou. De repente, ele acordou e esfregou os olhos. Ele imaginou ou aquela agulha no velocímetro se moveu um pouquinho? Sim, ela se mexeu de novo, tão ligeiramente que apenas uma fração de polegada separava a ponta da agulha do zero na escala. A lacuna se alargou mais uma fração. Eles estavam se movendo — movendo-se em direção ao sol — e com Saturno a reboque!

Para o Sol

Atravessando o vasto vazio do espaço, o planeta indefeso se aproximava do sol. A vinte milhões de milhas à frente, a enorme frota de carros espaciais continuava a puxar, cada vez mais rápido — sempre mais rápido. À medida que o reboque cedia ao seu poder, a cautela foi esquecida. O carro de comando emitiu o sinal para atingir o limite de velocidade que os carros podiam suportar, e os tubos, antes brilhando fracamente, de repente tornaram-se radiantes! Velocidade infinita, Donald havia dito; velocidade infinita que eles rapidamente alcançaram!

O tempo passou despercebido; o maravilhoso cortejo avançava. À medida que os dias passavam, o orbe flamejante que era o sol crescia, aproximava-se, ofuscante em seu brilho deslumbrante.

Observando os medidores, Donald fazia cálculos ansiosos. A atração natural do sol começou a prender rapidamente o planeta em alta velocidade. A carga sobre os carros espaciais diminuiu perceptivelmente. Só mais um pouco! A máquina de calcular fez barulho bruscamente.

De repente, Donald girou para o transmissor. “Soltem,” ele gritou, “soltem e façam uma curva. Rápido, ou vamos direto para o sol!”

Milhões de milhas passavam a cada hora. Viajando a tal velocidade, seria impossível parar os carros espaciais, mesmo que os pilotos quisessem. Eles soltaram sua vítima. Em uma ampla e majestosa curva, afastaram-se. O medo os dominou de fato. Aqueles homens que ousaram o desconhecido, que arrancaram um planeta de seu lugar no universo, de repente estavam com medo. Com todos os tubos disponíveis que podiam ser usados empurrando contra o sol; com todos os outros tubos puxando para longe dele, eles fugiram da iminente catástrofe.

E Saturno?

À deriva no campo de força total do sol, já se movendo a uma velocidade tão grande que não podia ser registrada, ele se dirigiu diretamente para o coração daquela massa de fogo, levando consigo as oito luas.

Para os observadores nos carros, parecia uma eternidade; na verdade, foi apenas um breve momento antes de o impacto acontecer. À medida que a distância aumentava, a circunferência do planeta diminuía, encolhendo até parecer apenas uma bolinha preta contra um fundo de ouro derretido. Então — ele desapareceu! Raios deslumbrantes de brilho ainda maior pareciam saltar do sol, vibrar e morrer. Os carros espaciais balançaram vertiginosamente quando as duas grandes massas se encontraram e se fundiram em uma só. Um grito veio de um dos homens. Ele apontou um dedo trêmulo para uma série de pontos pretos, exatamente quando também desapareceram naquele mar de calor branco — as oito luas de Saturno, seguindo seu mestre para a perdição!

O comandante, sem forças, desviou os olhos. Como alguém que está cego, ele tateou em busca do transmissor de sinais.

“Lar!” A única palavra escapou pelo espaço, sendo ecoada por todos os homens da frota.

“Lar!”

CAPÍTULO X: O Coração do Universo

Noite após noite, o Professor Maynard sentava-se diante do telescópio. Noite após noite, ele voltava seu enorme olho de vidro para Saturno e depois para Dione, mal visível. Quando os olhos envelhecidos se cansavam do esforço, ele chamava Louise, e juntos mantinham sua vigília.

Na noite do trigésimo dia desde a partida de Donald, eles novamente entraram no observatório enquanto o crepúsculo começava a se transformar em escuridão. O longo esforço deixara marcas em Louise. Seus olhos azuis estavam sombreados por círculos cada vez maiores.

“Por que, oh, por que nada acontece!” ela exclamou. “Diga-me, Professor, diga-me novamente que ele deve estar seguro!”

O idoso cientista gentilmente colocou o braço sobre os ombros dela.

“Coragem, querida. Lembre-se de que essa foi a mensagem dele: coragem. Ele está seguro, tenho certeza. Ele tem um longo caminho a percorrer, e isso deve levar tempo. Não confie demais nas coisas que você vê — ou não vê acontecer. Lembre-se, menina, não podemos ver nenhum movimento daquele planeta até quase três dias inteiros depois que ele realmente se moveu. Levará muito tempo para que seus raios de luz cheguem até nós.”

A garota mordeu os lábios para conter a onda de emoção.

“Três dias!” ela sussurrou, “três dias antes que possamos saber! Oh, isso é cruel!”

Por um longo tempo, eles ficaram em silêncio, cada um ocupado com seus próprios pensamentos. A noite avançou.

“Você está cansada, Louise,” o professor a repreendeu gentilmente. “Não adianta nada nossa espera aqui. Posso mandar buscar um carro para te levar para casa? Eu te avisarei pelo rádio se algo acontecer.”

“Eu... acho que vou. Estou cansada.” A garota começou a se levantar, então, de repente, agarrou os braços da cadeira enquanto seus olhos procuravam os do cientista.

Pois, gradualmente, e depois aumentando em volume até se tornar um grande rugido aterrador, eles ouviram o vento açoitando a casa, e o terrível bater das ondas nas praias a quilômetros de distância. Sob eles, o chão se ergueu de maneira estranha, e eles tiveram a estranha sensação de estarem descendo para um grande...

“O que é isso?” ela gritou contra o estrondo do vento e das ondas. Com os sentidos alarmados e um medo terrível, ela aguardou a resposta dele.

“Estamos afundando, a Terra está afundando,” o cientista gritou em seu ouvido, movendo-se em sua direção. Então, com um salto, ele alcançou o telescópio e girou seu comprimento pesado sobre o arco dos céus.

Louise correu para a janela.

“A lua! Olhe para a lua!”

Acima brilhava a lua, mais de três quartos cheia. Por séculos — desde o início do tempo registrado, essa lua havia iluminado o mundo noturno, sempre apresentando o mesmo rosto, mas agora estava mudando. Lentamente, ela girava em seu eixo invisível. Novas linhas e sombras surgiam à vista. Os antigos contornos familiares estavam desaparecendo de vista.

“Eles conseguiram! Eles jogaram Saturno no sol! A Terra está afundando; a lua está girando; todo o universo está mudando!” Subitamente calmo, o professor atravessou a sala até onde Louise estava, agarrada à moldura da janela.

“Não tenha medo,” ele murmurou, “isso era de se esperar, mas me pergunto — onde vamos parar?”

Por dias, a sensação de uma estranha perturbação no mundo continuou, enquanto a fúria do vento e das ondas mal diminuía. Notícias chegaram até eles sobre a inundação de vilarejos ao longo da costa perto deles e ao longo da costa em todos os países. Ondas gigantescas foram vistas no mar, e os maiores navios foram varridos como pedaços de madeira. Nada podia sobreviver nesses mares. Também chegaram relatos sobre o mar varrendo terras inteiras e recuando de outras. A geografia inteira dessas áreas mudou. Antigas terras desapareceram e novas surgiram.

Então, um dia, enquanto eles estavam em pé, temerosos, no telescópio, assistindo, fascinados, a brilhante exibição elétrica do céu, o estranho movimento da Terra ao qual eles quase haviam se acostumado, cessou. A lua, também, ficou imóvel, um novo rosto brilhando sobre o mundo perplexo. Uma calma estranha se espalhou pelo mundo.

Muito gentilmente, o cientista, seu rosto desgastado por noites sem dormir, colocou o braço em volta da garota.

“Está feito! Agora só nos resta esperar.” Longos dias se passaram. Então, um dia...

Do alto do céu, desceu em direção à Terra um carro dourado brilhante. Levemente, ele desacelerou e flutuou até repousar diante da casa dos Maynard em Long Island. Uma porta em seu lado se abriu, e um jovem saltou para correr alegremente em direção à casa. No meio do caminho, ele foi encontrado por um homem idoso e uma garota que correram para encontrá-lo.

“Meu rapaz, meu rapaz!” o velho Maynard jogou os braços sobre os ombros do filho e apertou sua mão freneticamente. “Eu agradeço a Deus que você esteja seguro e que tenha conseguido. Ah, nós já sabemos sobre isso! Você ainda tem que ouvir sobre o impacto que você causou nesta velha Terra. Mas essas coisas podem esperar.” Havia uma umidade suspeita nos olhos do cientista enquanto ele virava Donald em direção à garota.

“Louise!”

Apenas uma palavra, mas ela expressava todo o pensamento no coração de Donald.

“Donald, meu Donald, volte para mim.” Os olhos da garota estavam brilhando com a luz de uma felicidade crescente. Ela levantou uma mão para tocá-lo levemente, como se estivesse com medo de encontrar apenas uma sombra. “Meu homem maravilhoso,” ela sussurrou, “arquiteto de um novo universo!”

Seus braços a envolveram, segurando-a bem perto. Por um minuto, ele ficou sorrindo para ela, então seus lábios se aproximaram de seu ouvido.

“Você é maravilhosa,” ele sussurrou. “Meu universo é construído em torno do seu coração.”

The MARBLE Virgin

By
Kennie McDowd



And the beam of light coming from the horn changed from fiery incandescence to gold. I held my breath
... Before my eyes I saw a wave of pink flood her body and climb into her face. Huxford whirled a dial,
the beam slightly ascended so that it swept no lower than the bottom of her toes. He was sobbing curses.

A Virgem de Mármore

Kenny McDowd

CAPÍTULO I: Últimas palavras

O tempo, como todos sabem, é valioso e não pode ser recuperado.

Daqui a uma hora, talvez até menos que isso, o tempo provavelmente não significará nada para mim; possivelmente será um fator com o qual eu não precisarei mais me preocupar — mas agora é de vital importância. Estou diante da tarefa, auto imposta é verdade, de relatar certos eventos, e ousar dizer que nenhum historiador jamais esteve tão impaciente para ver “Fim!” digitado no rodapé da última página. Em sessenta minutos, ou menos, irei me juntar a Naomi, a virgem de mármore!

Mas antes de partir, enquanto ainda habito um corpo vivo, respiro, raciocino e ajo de maneira normal e costumeira, quero registrar tudo o que aconteceu nos últimos quatro meses, começando com abril. Quando eu tiver ido para o grande vazio, com um corpo numa forma ou contorno que desconheço (se é que terei um corpo), quero que o mundo leia estas páginas. Assim, toda a humanidade entenderá por que agi como agi e por que ousei encarar possibilidades inconcebíveis de terror para me tornar invisível e, assim, poder novamente reivindicar a virgem de mármore.

Tornar-me invisível! Quero dizer nada menos do que isso, porém ainda mais! Quero dizer que eu, Wallace Land, entrarei no terrível gabinete criado pelo Professor Carl Huxhold; serei banhado nos terríveis raios de força invisível emanados do temível dissolvente de elétrons de Huxhold — e me tornarei nada! Nada, a menos que sua história seja verdadeira, e eu seja lançado num Universo cheio de vapor como uma massa de radioativos elétrons divididos, para encontrar Naomi.

É isso que espero que aconteça, e no que me sinto seguro, sem saber o porquê, isso acontecerá!

Tecnicamente, aos olhos da lei, sou um assassino. Não aceito essa acusação, pois acredito que fui apenas um carrasco, seja legalmente justificado ou não. O Professor Carl Huxhold merecia a morte. Só lamento que não tenha sido feito gradualmente, esfaqueando-o, uma por uma, com mil facas torcidas! Vocês dirão que estou louco. Contradigo essa declaração. Huxhold tirou de mim aquilo que eu mais prezava do que a própria vida — Naomi!

E quando vi que ela realmente se foi, e Huxhold, em sua hora de triunfo, zombou de mim e jurou que eu nunca mais a abraçaria em meus braços, e que nunca mais sentiria seus deliciosos beijos em meus lábios, eu o matei! Deus, foi um prazer enfiar a faca em seu coração cruel, ver seu rosto demoníaco empalidecer, seus olhos saltarem, e finalmente ver a torrente carmesim jorrar de seu peito enquanto eu puxava a faca e ele caía!

Mas preciso continuar:

Talvez meu nome, Wallace Land, não signifique nada para você. No entanto, em qualquer círculo de escultores, ele é proferido com respeito.

“Wallace Land?” alguém pergunta. “Ele irá longe!”

E a conversa é animada e cheia de entusiasmo. Por que não dizer isso, quando já recebi comissões que causaram inveja em escultores muito mais velhos que eu?

A História de um Escultor

Eu comecei cedo, com argilas. Aos doze anos, eu já conseguia usar meus dedos para modelar e formar figuras que pareciam ganhar vida nas pequenas estatuetas em que trabalhava. Embora meus pais fossem pobres, eles se esforçaram para chamar a atenção das pessoas certas para mim — de modo que me tornei protegido de um amante de escultura rico, e fui enviado a Paris, Roma e Berlim! Isso, quando eu tinha apenas dezoito anos. Você está certo em supor que eu estava orgulhoso!

Mas você sabe pelo que alguém deve passar para se tornar capaz de reproduzir em mármore a semelhança de, digamos, uma mulher? Assim como o artista tem que dominar a mistura de pigmentos e o julgamento de valores de cor; assim como o músico é implacavelmente escravizado à prática de certas escalas difíceis, assim também um escultor se submete à aquisição de conhecimento em modelagem. Ele geralmente estuda a partir de modelos nus, aprendendo como um corpo nu se parece em centenas de posições diferentes. Então, é uma questão de se esforçar infinitamente para replicar. Como em qualquer outra coisa, a prática deve completar sua formação. Foi dessa forma que eu, Wallace Land, estudei no exterior.

Durante três anos, após retornar da Europa, trabalhei arduamente. Alguém com a habilidade que possuo, nunca precisa ficar ocioso! Deus permitiu que eu chegasse aos vinte e oito anos, minha idade atual. Possivelmente foi o Destino que decretou que eu deveria encontrar o Professor Carl Huxhold, pois eu nunca o teria conhecido se não tivesse me mudado!

Vou voltar ao início: àquela manhã de abril, quatro meses atrás. Mal havia a neve desaparecido das colinas mais próximas, mas a primavera já se anunciava nos ventos suaves e quentes que sopravam, e as árvores de algodão já tinham novas e reluzentes folhas bem pequenas. Os campos verdes do parque eram aveludados, as lilases prestes a brotar, e aquele aroma de sebes revigoradas com seiva fresca chegava às narinas como um vinho picante. Era primavera! Gansos voavam alto, emitindo cantos que sempre excitavam a juventude aventureira!

O estúdio onde eu trabalhava desde que voltei para a América era um grande sótão no terceiro andar de um imenso prédio de arenito vermelho. Minha sala de estar ficava ao lado. Embora fosse impossível durante o frio, e eu pudesse facilmente ter quartos mais confortáveis, sou alguém que detesta mudanças e, por isso, suportei a falta de aconchego. O último inverno tornou seus defeitos ainda mais aparentes do que nunca, mas eu não havia feito nenhum esforço para procurar um lugar mais ao meu gosto. Mas abril, amanhecendo com suas sutis garantias de primavera, trouxe uma mudança.

De repente, senti-me respondendo ao chamado magnético da primavera. Queria saltar, pular como um potro brincalhão, correr! Lembre-se, tenho apenas vinte e oito anos! Não menos sensível do que qualquer artista, respondi a um impulso sazonal. Eu iria me mudar! Era uma época em que todas as coisas se moviam, de uma forma ou de outra; os pássaros migravam; os gansos voavam para habitats que sempre procuravam na primavera. Tomado pelo feitiço migratório, eu também me mudaria!

Um anúncio em um jornal matutino me trouxe aqui. Para um pequeno prédio de apartamentos, com um parque espaçoso e bonito adjacente ao norte. O que um homem magro, curvado e de meia-idade, que era o zelador, tinha a oferecer consistia em três cômodos no segundo andar. Ao inspecioná-los, eles se revelaram exatamente o que eu desejava, e os termos do aluguel eram satisfatórios. A curiosidade me faz pensar — quem será o próximo inquilino, quando eu partir para encontrar a virgem de mármore, Naomi?

“Professor Carl Huxhold” — li no cartão elegantemente gravado preso à porta do quarto número 12, diretamente em frente ao meu novo estúdio, enquanto me preparava para inserir a chave na fechadura. Era meu primeiro dia no apartamento. Eu acabava de voltar do café da manhã no centro da cidade.

Nenhuma premonição, seja de bem ou de mal, me veio à mente ao ler o nome. Tudo o que pensei foi que, pelo menos, sabia o nome de um inquilino, um vizinho do mesmo andar. Ele poderia se revelar um chato, um rabugento, ou um bom sujeito com quem seria interessante conversar; eu só sabia o nome dele.

Mas, enquanto eu estava lá, procurando a chave certa no meu chaveiro, a porta com o pequeno cartão preso a ela se abriu. Era o Professor Carl Huxhold em quem eu estava olhando.

CAPÍTULO II: Professor Huxhold

Mais baixo do que eu, ele tinha um corpo como um barril — ou como um gorila! Pendendo baixo ao lado de seu corpo, estavam as costas de suas mãos, e o que eu podia ver de seus pulsos, eram tão peludas quanto as pernas de um airedale terrier! O terno escuro que ele usava estava amarrotado e mal ajustado. No entanto, seu rosto estava bem barbeado e sorridente. E seus curiosos olhos verde-marinho, ligeiramente saltados, cintilavam para mim por trás do pincenê grosso!

Nunca esquecerei isso — minha primeira impressão do homem. Era tão diferente da opinião posterior, quando o conheci melhor. Nesse primeiro encontro, eu até gostei dele; era difícil não gostar dele.

“Um cientista!” eu disse a mim mesmo. “Acima de coisas como roupas. Inteligente — sem dúvida!” Pois o Professor Carl Huxhold tinha o formato de cabeça que os escritores de ficção gostam de atribuir aos marcianos: saliente e em forma de cúpula, afinando até um queixo pontudo que, no entanto, não recuava. Aqui estava um homem que voava por reinos infinitos de aprendizado, que mergulhava nas próprias entranhas do conhecimento!

Um magnetismo pessoal emanava dele. Sob seu olhar peculiarmente cintilante, senti que uma aura, invisível mas imponente, me envolvia. Então, minha pele arrepiou e senti a epiderme se contrair na parte de trás do meu pescoço! Foi porque de repente percebi minha proximidade com um ser que não reconhecia inibições diante de seu conhecimento científico? Eu temia por mim mesmo? Algum sentido além do sexto sentido, uma memória quase erradicada de uma era há milhares de anos, estava tentando me avisar?

Então, ele estendeu a mão e se apresentou. “Wallace Land?” ele sorriu. “Jamison (o zelador) disse que você estava se mudando! Venha me visitar alguma hora; quando você não estiver muito ocupado com suas argilas e mármore!”

Quase antes que eu pudesse murmurar alguma saudação em resposta, ele me deu um tapa no ombro e saiu apressado. Confuso, observei-o descer as escadas correndo, pulando os degraus três de cada vez. Mas eu aprenderia que isso também estava em sintonia com suas estranhas habilidades. Huxhold, descobri, era um viveiro de energia em alta tensão! Ele não conseguia andar devagar, mas saltitava como um garoto, meio correndo. De maneiras

estranhas, seu cérebro funcionava como um raio; cortava, saltava montanhas figurativas para alcançar objetivos lógicos — ou resultados tão ilógicos e verdadeiros que ninguém, exceto ele mesmo, podia entender!

Eu o visitei, e ele me visitou. Ele era muito interessante, sem dúvida! Mas muitas vezes eu ficava tão inquieto em sua presença como se fosse uma jovem trancada com um louco! Aquele cérebro dele — Deus! Por que ele suportava minhas visitas, minha ignorância desastrada; por que ele se importava em vir até mim e explicar suas maravilhosas deduções, estará sempre além da minha compreensão. Eu, Wallace Land, tenho muito pouco entendimento das ciências.

Rádio? Talvez eu pudesse me arriscar em uma descrição de um receptor simples, com um único tubo; nada mais complicado do que isso. Huxhold inventou um rádio com doze tubos com o qual, numa noite em que eu estava com ele, ele sintonizou duzentas e doze estações, neste país e na Europa, América do Sul e África! Em comprimentos de onda, ele explicou, que variavam de quinze metros a mil! Era como uma aventura em uma poltrona pelo mundo!

Huxhold falou de Steinmetz, DeForest, Marconi — e outros gênios em coisas elétricas.

“Bah!” exclamou ele, seus olhos verde-mar parecendo brilhar com cores de camaleão. “Que eles venham até mim! Eu lhes darei invenções maiores que a televisão! Bah!”

“Você os considera muito inferiores a você?” Perguntei, um tanto irritado.

O Professor Carl Huxhold riu. Nunca ouvi em outro lugar uma alegria como a dele. Era desdenhosa. Causava estranheza por sua nota zombeteira. Fazia o coração de quem ouvia bater com raiva. Sim — mesmo que a corrente subjacente de ridículo que o permeava fosse intangível; como era para mim!

Mas naquela ocasião, que era o início do anoitecer, ele não revelou nenhuma capacidade que eu pudesse temer. Estávamos sentados em sua sala de estar, um lugar desordenado, fumando. Abril havia chegado e passado. Aquela era a noite de um dia de Maio.

Naqueles dias eu estava fazendo muito pouco trabalho sério. Era primavera — talvez eu estivesse com a febre da primavera, embora sempre tenha acreditado que essa expressão é apenas uma desculpa para encobrir a preguiça. Ainda assim, estava achando impossível me concentrar como queria. A estranha personalidade de Huxhold estava afastando todos os pensamentos de arte da minha cabeça. Isso me enlouquecia. Eu não conseguia reunir o esforço direcionado — de vontade, imaginação e habilidade física, que é necessário se eu quiser fazer uma escultura artística!

Passei a evitar Huxhold. Ele percebeu e zombou de mim por isso, o que me irritou ainda mais.

“O que ele era para mim?” Eu me perguntava, amargamente. “Eu não era Wallace Land, o escultor?”

A Inspiração

“Quaisquer que sejam minhas falhas, considero que a arte é maior, de benefício infinitamente superior ao mundo, do que qualquer fria e cruel lei da ciência, ou máquina de hastes e rodas de metal. Sem dúvida, estas últimas são necessárias; mas não promovem o avanço da inteligência como a arte o faz. Huxhold apenas experimentava. Todo o seu apartamento se assemelhava a uma oficina mecânica; até mesmo uma loja de sucata; tal era sua confusão de engenhocas de todos os tipos! Havia mesas abarrotadas de produtos químicos, retortas, aparelhos e fornos elétricos, ferros e dispositivos, mais do que eu havia visto em qualquer laboratório!

Mas, pensei eu, todas essas coisas não se comparam a uma única peça de escultura, onde cada linha do mármore esculpido é como uma poesia!

Huxhold aparentemente tinha riqueza além de qualquer desejo que pudesse o entreter. Se ele escolhesse seguir maquinações científicas, que o fizesse. Certamente não era da minha conta! Percebi que estava sendo muito tolo ao permitir que alguém me distraísse de minha arte. Logo comecei a me sentir mentalmente restaurado, em paz de espírito e pronto para o trabalho. Deus me deu grande habilidade, e eu a usaria grandemente.

Sobre um pedestal em meu estúdio repousava um bloco de mármore branco cintilante. Ele tinha uma polegada a mais de cinco pés de altura, mais de dezoito polegadas de espessura. Por si só já era belo, mas eu via nele algo ainda mais belo! O assombro pulsava em meu cérebro, como o sangue às vezes pulsa nas têmporas. Será que eu — eu, Wallace Land, poderia esculpir esse bloco de mármore na semelhança de uma donzela à beira da idade adulta? Em uma virgem de mármore magnífica, parecendo estar no limiar de tudo o que Deus pretendia que Sua preciosa criação, a mulher, fosse? Será que eu poderia? A visão que me inspirava era impecável, perfeita! Eu poderia! Eu tremia com o poder que de repente parecia varrer através de mim!

Quando concluída, eu chamaria a virgem de mármore — “Naomi!”

Já podia ver como a estátua acabada pareceria. Já sabia qual seria a postura de seus membros. Já imaginava as deliciosas curvas de seus braços, seu pescoço e seios, a inclinação

de seu pequeno queixo redondo e a moldura de suas orelhas frágeis como conchas! Deus, ela seria linda! Se meu grande talento pudesse trazer a realidade à tona a partir da visão!

Huxhold deveria ser esquecido. No tremendo requisito de energia para aquela tarefa adorável, Huxhold deveria ser absolvido de meus pensamentos.

Eu viveria apenas para meu sonho em mármore; para que eu não errasse um único golpe de cinzel!

Tendo decidido por este curso de ação, fui direto ao trabalho. Por que tardar em uma tarefa tão gloriosa quanto a minha? Com o fogo da inspiração ardendo em brasa em meu cérebro?

Mas, no segundo dia, o homem que eu supunha que poderia apagar da minha vida como uma lousa é apagada, se intrometeu. Estava olhando para cima, para o trabalho no mármore, quando ouvi a porta abrir, vi o Professor Carl Huxhold entrando. Estranhamente, não fiquei triste em vê-lo. De certa forma, apesar da antipatia por sua personalidade, eu comecei a gostar dele. Não era amizade, mas interesse. Huxhold era interessante!

Ele acenou agradavelmente para o corte que foi realizado no mármore; e acenou novamente com uma compreensão do meu objetivo!

“Uma mulher?” ele perguntou, enfiando as mãos peludas nos bolsos das calças.

“Sim,” eu disse simplesmente.

Por alguns minutos, ele não disse mais nada, apenas observou enquanto eu trabalhava. Eu estava exasperado porque ele havia adivinhado qual era o meu objetivo e porque eu havia admitido isso, e com os olhares investigativos que ele lançava sobre o mármore! De alguma forma, parecia que a pedra branca era uma mulher nua e bela, e que Huxhold estava se deliciando com a nudez dela!

Eu larguei minhas ferramentas. O que eu teria dito foi contido, pois Huxhold me fez uma pergunta surpreendente!

“Não seria incrível, Land, se o mármore pudesse ser trazido à vida?”

Eu encarei o homem, duvidando de sua sanidade. Depois sorri. Ele estava brincando, claro; me zoando! Eu disse isso.

“Talvez,” Huxhold refletiu; e saiu sem dizer mais nada!

CAPÍTULO III: A Inspiração Toma Forma

Maio passou. Foi um mês de muitas chuvas. No abrigo do meu estúdio, focado na virgem de mármore, eu não me importava quando chovia — mal estava ciente disso quando acontecia. Mas todas as noites em que era possível sair, também nas manhãs frescas, eu fazia

longas caminhadas. Essas jornadas me revigoravam; elas resolviam o problema que sei que todo artista enfrenta — a queda de ânimo após um esforço tenso e concentrado, quando parece que o resultado do trabalho não é nem de perto tão perfeito quanto a visão prévia.

Eu me mantinha otimista, feliz. Acredito que tirei algo sutil da própria estação, que se refletia no meu trabalho de escultura.

Huxhold também estava ocupado. Mas com o quê, eu não sabia. Ele não aparecia, nem eu o visitava. Nos encontrávamos no corredor e trocávamos cumprimentos. Isso era tudo. Ainda assim, eu sentia, talvez pelo estranho olhar ardente dele quando repousava brevemente sobre mim, que eu estava em seus pensamentos. E eu me lisonjeava ao pensar que isso era respeito por mim, gerado pela minha arte!

Do apartamento de Huxhold vinha o som de marteladas, o estalo e um estrondo enquanto seu torno girava, e o zumbido de uma pequena serra. Uma vez, ouvi o crepitar como quando os carvões de uma lâmpada de arco são pegos e puxados separados em chamas; ou o som que o rádio faz, a descarga zumbindo através de uma lacuna antes que a energia elétrica salte para a antena — e daí para o espaço. Pensei que Huxhold estava ocupado com instrumentos de televisão, desenvolvendo um método pelo qual as baterias de armazenamento poderiam ser carregadas por rádio. Huxhold me disse que estava interessado nessa possibilidade.

Enquanto isso, dezesseis, dezoito, vinte horas por dia, eu usava as ferramentas da minha arte na estátua, a virgem de mármore. Era um trabalho árduo, mas eu me deliciava nele, o amava! Amava-o como amava o mármore sobre o qual trabalhava! Porque a cada dia ela se tornava mais bonita, mais a imagem perfeita de uma mulher, uma virgem como a própria Eva! E “Naomi”, o nome que eu lhe dei, era tão apropriado quanto o nome da primeira mulher na Terra!

E eu, Wallace Land, escultor, amava Naomi! Eu amava uma imagem que estava criando, uma jovem mulher em mármore!

Sem chegar conscientemente a tal conclusão, eu acreditava que o Destino, os deuses, ou como você quiser chamar, haviam decretado isso. Haviam predestinado que eu nunca amaria antes, mas seria atraído em uma fome de companheirismo irreprimível por ela! E eu sempre buscaria o desamor, porque Naomi era uma pedra! Era uma terrível percepção a se aceitar, não era? Afinal, com estas mãos, servas do meu talento, eu a criei na linda criatura que ela era?

Eu podia amá-la, mas a virgem de mármore não podia responder com uma única palavra carinhosa. Embora a expressão em seu rosto fosse agradável, Naomi nunca poderia

sorrir; e nada, a menos que eu colocasse ali, poderia trazer uma covinha para suas bochechas suaves e firmes.

Sim, por mais tolo que possa parecer, eu estava cada dia mais encantado pela virgem de mármore, Naomi. Não era tolice; recuso-me a admitir isso; nem estava agindo como um idiota se ela fosse de carne e osso. Eu a amava como qualquer artista ama uma obra querida, uma criação pela qual ele se orgulha e é responsável, e isso é tudo. Devo ser culpado por desejar que ela fosse real? Eu desejava isso com todo o meu coração!

Foi por volta dessa época, no início de julho, e os dias frequentes e desconfortavelmente quentes, que uma série de gritos altos, loucos e excitados emanando do apartamento do Professor Carl Huxhold me levou correndo até a sua porta. Eram seis horas da noite. Concluí instantaneamente que Huxhold devia estar machucado, talvez preso em alguma de suas máquinas, e gritou para atrair minha atenção.

Mas, não!

Sem estar machucado, Huxhold estava de pé perto de uma de suas bancadas de laboratório. Seu pincenê pendia da fita presa ao colete; ele evidentemente havia rasgado o colarinho da camisa em um desrespeito total por aquele bom tecido e botões; seu peito peludo estava exposto. A expressão em seu rosto era terrível, e eu recuei bruscamente depois de abrir a porta.

“Entre! Estou bem! Perdi a paciência e soltei alguns palavrões, porque aquele maldito bicho me mordeu!”

Huxhold apontou para debaixo de um banco, onde um pequeno cão indefinido, muito assustado, tremia e se encolhia. “Um cachorro? Que diabos?”

Eu falei.

Huxhold, por um momento, não respondeu, mas enfaixou a mão mordida. Agora ele tinha seus óculos de volta ao nariz. E seus olhos curiosos, verde-mar, brilhavam estranhamente por trás de suas pequenas lentes espessas. Então —

“Está feito, Land! A maior peça de tecnologia do mundo! Carl Huxhold é o inventor! Olhe!”

A Grande Invenção

Segui o aceno de sua mão enfaixada e, pela primeira vez, vi o dissolvidor de elétrons e o gabinete! Este último tinha dois metros de altura, com uma parte superior, inferior e três lados, mas aberto no quarto lado; o exterior era liso e simples, de madeira escura que eu julguei ser nogueira. O interior não era um espaço retangular aberto, mas era curvado em um

grande semicírculo de lado a lado, como um cocho ou banheira, colocado em pé. Esse semicírculo era uma única folha de chumbo espesso, fixada no topo e na base, e revestida com o que eu julgava ser esmalte ou vidro fino. O revestimento parecia cintilar e brilhar. Ora era de um vermelho profundo e opaco; ora um violeta vívido; parecendo abranger ambas as cores e, ao mesmo tempo, parecer um estranho verde!

O lado aberto do gabinete estava voltado para o dissolvedor de elétrons: um aparato baixo, com formato de caixa, muito parecido com um rádio, não muito grande, com pernas. Havia muitos mostradores, interruptores e pequenos amperímetros, tanto na parte superior quanto na frente; enquanto bem no centro da parte frontal havia uma espécie de abertura em forma de trompa. A trompa se estendia de seis a oito polegadas para fora da caixa, e não era redonda na boca. Tinha uma forma retangular, sua posição correspondendo à do gabinete, para o qual estava apontada.

“A maior invenção do mundo!” Huxhold repetiu. “Foi feita pelo grande Carl Huxhold! Vamos pegar aquele maldito cachorro, Land, para que eu possa te mostrar!”

“Um experimento?” Eu perguntei.

“Não! Uma certeza!” Huxhold pegou seu casaco de uma mesa onde o havia jogado descuidadamente e, protegendo as mãos com ele, mergulhou debaixo do banco onde o animal assustado e trêmulo estava. Ele conseguiu pegá-lo e se levantou triunfante, seus olhos brilhando.

“Olhe aqui!” Eu comecei. “Eu não vou participar de nenhuma tortura desse cachorro, Huxhold! Me tire dessa. Isso é desumano!”

“Bobagem, Land! Eu não vou machucá-lo nem um pouco! Observe e veja!”

Antes que eu pudesse objetar mais, Huxhold pegou uma seringa hipodérmica e injetou algum líquido no pescoço do animal. O cachorro quase imediatamente ficou quieto, letárgico, mas não perdeu a consciência. Agora seus olhos estavam luminosos, suplicantes, cheios de pena.

Eu o xinguei.

Huxhold colocou o cachorro dentro do gabinete, onde ele caiu de lado, nos observando com aquele olhar fixo e suplicante.

“Huxhold...” eu comecei. Mas ele segurou meu braço e me puxou para longe da área entre o gabinete e o dissolvedor de elétrons. Outro detalhe chamou minha atenção: havia fios pesadamente isolados saindo da caixa para um interruptor elétrico acima de um banco mais distante. Huxhold fechou esse interruptor, e imediatamente um zumbido baixo saiu do dissolvedor de elétrons!

“Observe!” Huxhold ordenou, sua voz subindo aguda e excitada. Seus olhos estalaram, brilharam — cintilaram com uma luz que beirava a insanidade!

Então Huxhold tocou um mostrador de precisão e começou a girá-lo lentamente. Uma radiação terrível saiu da boca da trompa retangular, banhando todo o interior do gabinete, a cerca de dois metros de distância, em uma luminosidade torrencial!

“Observe!” gritou Huxhold.

Ele pegou e girou outro mostrador. O pobre cachorro, que se agitava com membros lentos e se abaixava ainda mais, como se esperasse escapar de algum destino terrível que estava prestes a encontrar — de repente desapareceu! Sumiu! O gabinete ficou vazio!

“Grande Deus misericordioso!” O grito saiu de mim involuntariamente, enquanto eu piscava, sacudia a cabeça; e tentava não acreditar no que tinha visto!

Eu olhei para Huxhold como se ele fosse Satanás encarnado. Isso era necromancia, magia negra, demonologia! Conjuração elevada ao grau máximo, e auxiliada pela feitiçaria de um gênio da ciência!

E os olhos estranhos, verde-mar de Huxhold, brilhando com fogos que não se vêem nos olhos de uma pessoa normal, piscaram e cintilavam por trás de seu grosso pincenê!

“Funcionou!” ele disse calmamente. Suas palavras baixas tiveram todo o efeito de um suave chilrear de um rouxinol, após o raio, o trovão e a chuva terem passado.

“Sim,” eu me vi dizendo, “funcionou. Meu Deus!”

Mas Huxhold não aceitaria de outra forma a não ser que eu tivesse feito um elogio ao seu talento!

“Há outra coisa que quero que você veja,” continuou Huxhold na mesma tranquilidade confiante. “Eu notei uma perna de mármore no seu estúdio. Você ainda a tem? Pode ir buscá-la para mim? Ótimo! Mas seja rápido!”

CAPÍTULO IV: Uma Proposta Surpreendente

Eu atravessei o corredor até meu ateliê como um homem em um sonho; encontrei a perna, um membro quebrado de uma pequena estátua que eu tinha feito vários anos antes, e voltei com ela para o laboratório de Huxhold.

Huxhold pegou a perna de mármore, que pesava quase vinte quilos, e a colocou em pé dentro do gabinete. Mais uma vez, ele me mandou observar. Mais uma vez eu obedeci; meu coração batendo forte e minhas mãos cerradas. Que terrível revelação eu veria agora? A perna desapareceria como aconteceu com o cachorro de carne e osso?

Não desapareceu. Embora o feixe de luz radiante novamente inundasse o gabinete, e a curva de chumbo com superfície vidrada parecesse responder com reflexos de estranhas luminosidades multicoloridas, a perna permaneceu.

Mas houve uma mudança em sua aparência, mesmo enquanto eu observava. Ela ficou mais branca, um rosa pálido então tingiu, e então — o joelho se dobrou, e eu vi distintamente os dedos dos pés se mexerem! Um segundo depois, a perna desabou no fundo do gabinete, a ponta do coto, onde o mármore havia se partido quando a estátua foi quebrada, revelando-se como carne trêmula e ensanguentada!

Antes que eu pudesse me aproximar, Huxhold girou o mesmo mostrador que havia girado quando o gabinete segurava o cachorro, e então a perna desapareceu! Sumiu! E o terrível gabinete do Professor Carl Huxhold novamente ficou vazio!

“Agora,” anunciou Huxhold, seus olhos cintilantes fixos em mim com um olhar inabalável, “você viu o que os Raios Huxhold podem fazer! Controle radio-magnético? Bah! Televisão? Bah! Meus raios são uma descoberta muito maior! Você sabe o que eu fiz? Eu dividi elétrons e prótons, dissolvi eles em, infinitamente minúsculos, nada de calor e flash de luz! Nenhum cientista antes de mim conseguiu esse feito, e não há outro cérebro vivo que possa replicá-lo!”

“O que — o que aconteceu?” Eu perguntei de forma inexpressiva. “Como isso funciona?” Pois eu estava tremendo por completo, incapaz de falar de forma sensata.

Huxhold riu. Era uma nota de superioridade animada. “Ho-ho! O que o mundo daria para compartilhar meu segredo! Mas ninguém o terá — é meu, meu, MEU!” Sua voz subiu em um tom de exaltação.

“A perna de mármore era minha,” cortei-o friamente. “Você a fez se mover, e parecer carne viva; mas você não pagou por ela!”

Huxhold ignorou essa acusação. Ele tirou o pincenê, limpou cada lente e os recolocou no nariz.

Então —

“A perna era carne!” ele corrigiu. “Por um momento apenas. Então eu a projetei em elétrons dissolvidos, como fiz com o cachorro antes! Ela agora habita o plano dos elétrons divididos, e supondo que tenha algum jeito ou forma, é algo que nem eu, Professor Carl Huxhold, conheço! O cachorro sofreu? Não sofreu! E se aquela besta maldita tivesse sofrido? E a perna não tinha consciência! Seu movimento foi involuntário, de carne subitamente relaxada. Um corpo no necrotério às vezes se move levemente; Hah — minha descoberta deveria substituir a cadeira elétrica! Ela poderia livrar o mundo de criminosos!”

“Mas como?” insisti. “Eu não acredito...”

“Você viu? Mas ainda não acredita?” Huxhold riu novamente e deu de ombros. Ele continuou em um tom de aula: “Um átomo foi por muito tempo considerado a menor partícula de matéria indivisível. A ciência então aprendeu que os átomos possuem partes constituintes — ‘prótons’ positivamente eletrificados, com incontáveis ‘elétrons’ negativamente eletrificados agrupados em um sistema planetário giratório ao redor deles. E é o número deles que determina o elemento! Seja ouro, ferro, prata, um pedaço de potássio — ou carne viva!

“Você entende? Se por algum meio ou processo o número de elétrons pudesse ser alterado, subtraído ou adicionado à vontade, qualquer substância poderia ser transformada em outra substância! Eu descobri esse segredo! Os Raios Huxhold, quando aplicados em qualquer substância no meu gabinete, fazem os infinitesimais elétrons se dividirem e se multiplicarem! E uma força levemente aumentada no raio dissolve tanto prótons quanto elétrons, destrói o átomo e a molécula! A substância se torna nada; ela vai voando para o éter; buscando o plano dos elétrons divididos, porque meu raio a transformou em uma massa de elétrons divididos!”

Huxhold fez uma pausa. Sua mão direita repousava amorosamente sobre o dissolvedor de elétrons, a caixa parecida com um rádio com uma trompa. Então, com seus olhos piscando, verde-mar, fixos em mim, ele calmamente acrescentou: “Agora vou comprar sua estátua de mulher, Land. Quanto custa?”

Naomi Concluída

Comprar Naomi, a virgem de mármore? Meus ouvidos ouviram direito? Eu devolvi o olhar de Huxhold um tanto duvidosamente. Ele não podia acreditar que eu venderia minha bela obra de amor! Certamente ele estava falando de forma irônica! E ainda assim eu sabia que Huxhold desconhecia meu amor pela beleza de mármore!

“Ela não está à venda,” saiu dos meus lábios. Uma raiva que eu não entendia começou a crescer em mim. Eu acrescentei: “Por nenhum preço, Huxhold!” Eu me virei para sair do laboratório onde eu havia testemunhado tal uso demoníaco da ciência.

Huxhold agarrou meu braço. “Não seja tolo! Mil dólares, homem!”

Com raiva, eu o sacudi. “Não!”

“Dois mil! Cinco!”

“Não, eu te digo!” Huxhold achava que bastava dar lances por ela, como se fosse uma escrava de harém?”

“Mas, Land — pense!”

“Não! Absolutamente não! Isso é definitivo, Huxhold! Meu agradecimento por me deixar ver seu trabalho com os 'raios!'” Eu saí. Silenciosamente, Huxhold ficou e me encarou. Parecia que eu podia sentir seus olhos verde-mar, fixos em mim com um olhar hipnótico e louco, mesmo depois que eu havia fechado a porta dele e estava atrás da minha. Lá no meu ateliê. Eu peguei as ferramentas da minha arte. A virgem de mármore estava quase terminada. Eu sabia que nunca poderia deixá-la ir. Ela era perfeita, linda! Como Eva em pessoa! Vendê-la? Profanar sua glória esbelta aceitando um preço por ela? Huxhold certamente deve estar louco!

Era noite, duas semanas depois, que eu olhava maravilhado para Naomi — a virgem de mármore. Naomi! É assim que vou me referir a ela, enquanto continuo esta crônica. Branca, bela, em pé nas pontas dos pés, um braço de curvas deliciosas estendido para trás, o outro meio erguido à sua frente como se procurasse agarrar algo invisível no ar, seu delicado queixo levantado; ela era adorável!

Deus foi bom para mim, Wallace Land, ao me dar a habilidade pela qual ela nasceu! Naomi estava completa! Eu me ajoelhei diante dela, pressionando minhas mãos em seus pés e chorando. De forma semelhante, um escultor antes de mim uma vez apertou os pés de sua criação, enquanto se curvava e chorava! Mas o mármore, que sua arte havia transformado em uma mulher, tão bela que ele ousou rezar para que a vida a imbuísse, nunca viveria!

Mas, novamente, devo me lembrar de continuar. Se o visitante de Huxhold chegar na hora marcada, como tenho certeza que chegará, me restam menos de vinte minutos. O tempo não para pra ninguém. O visitante de Huxhold notificará a polícia; eles vão examinar o corpo; e serão atraídos para o meu ateliê do outro lado do corredor. É claro, eles não vão me encontrar!

Eu prometi ligar para o Professor Carl Huxhold quando a estátua estivesse terminada.

Após minha saída de seu laboratório, na ocasião em que ele testou o dissolvedor de elétrons e o gabinete, Huxhold e eu tivemos uma conversa. O conteúdo dela foi o seguinte: Ele havia gasto uma pequena fortuna na preparação de sua máquina científica de um poder tão titânico; ele a havia montado em um frenesi de genialidade com um único propósito: transformar minha estátua em um ser de carne e osso! Eu acreditava que ele poderia? Eu havia testemunhado a transmutação da perna de mármore!

Huxhold então explicou em detalhes intrincados como o dissolvedor de elétrons e o gabinete funcionavam. A maior parte disso estava além do meu entendimento, mas eu me lembrava das configurações dos mostradores tanto para a conversão de objetos quanto para

sua dissolução. Havia apenas uma pequena diferença de manipulação entre habilitar o Raio Huxhold para comutar a dissolução ou a metástase.

Maravilhoso, como nós, pessoas comuns, descrevemos algo incompreensível? Certamente! Eu, menos do que qualquer um, desmereceria o gênio do Professor Carl Huxhold!

Mas, enquanto escrevo, me lembrei das configurações dos mostradores. Eu não, por qualquer súplica de Huxhold, concordaria em vender-lhe Naomi. Eu a amava; fui contagiado pelo entusiasmo confiante de Huxhold de que seu raio traria vida a ela; e concordei em ajudá-lo a colocá-la em seu terrível gabinete somente depois que ele jurou com grandes juramentos desligar o dissolvedor de elétrons quando, se seu experimento fosse bem-sucedido, ela vivesse e respirasse!

Acredite em mim, enquanto me levantava de meus joelhos diante de Naomi e cambaleava pelo corredor até o apartamento de Huxhold, eu tremia tão desesperadamente que mal conseguia controlar meus pés!

“Ela — ela está pronta!” Eu gaguejei, ao enfrentá-lo.

“Droga!” Huxhold explodiu, em uma alegria blasfema.

Eu agarrei seus ombros com meu forte e jovem aperto. Olhei além de seus grossos pincenê, profundamente em seus curiosos olhos verde-mar cintilantes. O rosto do homem não era agradável para mim; era rubicundo, oleoso, e seu nariz tinha poros dilatados.

“Se você a machucar...” Eu disse.

“Bobagem!” Huxhold riu, e seus olhos brilharam. “Mas que diabo, Land, quero ver o que ela faz! Pense nisso — uma oportunidade de estudar as reações de uma mulher que entrou no mundo madura, sem a formalidade do nascimento!”

“Então venha, Huxhold! Ajude-me a carregá-la! E, se valoriza sua vida, tenha cuidado!”

CAPÍTULO V: Naomi Vive!

Vinte minutos depois, diante do dissolvedor de elétrons, Naomi estava dentro do gabinete! Huxhold ligou uma série de luzes brilhantes no teto para que pudéssemos ver claramente cada acontecimento. Eu estava ao lado dele. O interruptor na parede havia sido desligado. Um zumbido estranho emanava da caixa cujo chifre estava direcionado para Naomi no gabinete!

“Agora!” murmurou o Professor Carl Huxhold. Ele se inclinou; seus dedos giraram o mostrador do vernier para um número

Da boca retangular do chifre disparou aquela fosforescência refulgente. De cada lado de Naomi, a superfície côncava revestida de vidro do gabinete respondeu com dardos cintilantes e fluorescentes de violeta, vermelho profundo e verde!

“Agora!” gritou Huxhold.

Eu dei um passo mais perto do gabinete. Ao longe, mas o som se propagando claramente pelas janelas abertas do laboratório, um relógio em uma torre bem no centro começou a tocar:

Bum, bum! Bum!

Huxhold girou outro mostrador para um número.

Bum! Bum!

Ele apertou um pequeno interruptor.

Bum! Bum! O relógio parou de bater. Eram sete horas! E o feixe de luz que saía do chifre do dissolvedor de elétrons mudou de incandescente para dourado! Prendi a respiração. A transubstanciação estava ocorrendo em Naomi!

Huxhold girou um mostrador, o feixe subiu ligeiramente, de modo que pairava abaixo da ponta dos dedos dos pés dela. Ele estava soluçando maldições.

Diante dos meus olhos, vi algo delicado — como o tom rosado de uma concha de ostra inundar o que um instante antes havia sido mármore frio! Uma onda de rosa inundou seu peito e subiu até seu rosto! Suas bochechas brilharam; entre lábios de repente carmesins, vi as pérolas brilhantes de duas fileiras de dentes perfeitas e brancas. Os olhos de Naomi tomaram cor — azuis como o céu de uma baía italiana, refletido em Nápoles! Vi cabelos castanhos escuros se formarem em sua cabeça, e vi pequenos cachos deles escaparem do calor suave de suas têmporas, ondulando no ar! Naomi vivia!

Ela respirou! Seu peito subiu e desceu! Então o lindo braço que estava meio erguido diante dela tremeu e caiu ao seu lado! Seu outro braço balançou para frente, os dedos se contorceram! Um pé foi levantado e esfregado suavemente contra o tornozelo do outro!

O Professor Carl Huxhold desligou o dissolvedor de elétrons. Exultante, ele se virou para a garota.

Eu o empurrei rudemente para o lado. “Naomi!” Eu chamei. “Oh, Naomi!” Tirando meu casaco, dei um salto à frente e o envolvi ao redor de sua forma nua e adorável. Naomi virou a cabeça e me deslumbrou com seu sorriso! Confiantemente, sua mão segurou a minha. “Naomi!” Eu disse novamente. Graciosamente, ela saiu do gabinete!

“Idiota!” gritou Huxhold. “Idiota! Eu a fiz viver! Deixe-a em paz!” E ele teria arrancado meu casaco e a deixado novamente nua!

Sim, é a verdade. Eu me senti ofendido com seu olhar sobre ela quando ela era mármore, no processo de escultura. Agora ela vivia; e os olhos de Huxhold refletiam um desejo profano! Ele não deveria vê-la! O homem havia se tornado um demônio! Eu gritei com ele: “Você está esquecendo-se, Huxhold! Afaste-se — saia daqui! Naomi é... vai comigo!” Eu corri. “Ela — eu a amo!”

Mas Huxhold agarrou o braço de Naomi. Ela deu um pequeno grito de dor: “Oooo!” — seu primeiro som no mundo foi uma nota de dor!

“Deixe-a em paz!” Huxhold gritou. Ele reiterou as palavras como se estivesse tomado por uma fúria. “Deixe-a em paz!” Então, como um louco, ele avançou sobre mim!

Empurrando Naomi para trás de mim, eu a soltei e desferi um soco furioso no rosto de Huxhold. Eu lhe daria muita luta! O golpe acertou. A cabeça de Huxhold foi jogada para trás, ele tropeçou e caiu. Sem esperar para ver o resultado, apressei-me a levar Naomi para o outro lado do corredor e para dentro do meu ateliê. Lá, tranquei a porta!

“Naomi”, eu disse — e quando a soltei, ela prontamente deixou meu casaco cair no chão. “Naomi, você pode falar comigo?”

“Oooo!” ela respondeu, rindo como um bebê feliz. “Oooo!” E suas bochechas se enrugaram, e ela deu uma risada alegre!

Então, de repente, Naomi correu para mim, lançou seus braços rosados e deliciosamente frios ao redor do meu pescoço, e seus lábios pressionaram beijos doces e indescritíveis em minha boca!

Novos Problemas

Faltam DOZE minutos para mim, nos quais devo concluir esta crônica! Uma dúzia de períodos de sessenta segundos cada!

Não existe homem mortal que possa descrever a felicidade de duas semanas como as que se seguiram para mim, em um tempo tão limitado!

Deixe-me destacar, por mais difícil que seja, o que aconteceu. E eu, Wallace Land, não sou tão habilidoso em escrever quanto sou com o cinzel e as ferramentas de escultura!

Primeiro, havia a questão do que eu deveria fazer com Naomi — e isso foi quase humorístico! O fato surpreendente era que eu tinha em minhas mãos uma garota, uma jovem mulher, que não conhecia o significado de roupas! Parecia perfeitamente contente em ficar sem elas; correndo pelo meu ateliê como uma Safo, pegando coisas, largando-as; e sempre com movimentos tão leves e sem esforço quanto os de uma dançarina. Tive um trabalho

considerável para fazê-la manter um longo avental meu; ele a incomodava, e imediatamente ela se livrava dele!

Conversar com Naomi era impossível. “Oooo!” que ela pronunciava com alegria a cada nova descoberta que fazia, parecia ser o limite de seu vocabulário.

Quando eu a chamava, Naomi parecia pensar que era um convite para correr até mim, lançar seus braços ao meu redor e me beijar com beijos suaves e perfumados!

Acredite, não é tão fácil escrever sobre essas coisas! No entanto, enquanto escrevo sobre elas, estou consciente de um certo prazer. É como se eu estivesse revivendo minhas experiências maravilhosas com Naomi, em um sonho muito raro.

Houve duas semanas de bela companhia com Naomi, algo que eu sei que o mundo é incapaz de compreender.

Sendo madura de corpo e mente, Naomi aprendeu rápido — não, como um relâmpago! Em quatro dias, ela falou algumas palavras, sabia seu nome, e que um aceno de minha cabeça significava que ela deveria parar o que estava prestes a fazer. Em cinco dias, ela me chamava de “Wally” — pronunciando “Wal-ly!” — tão docemente, com uma voz tão suave, que me trouxe lágrimas quentes aos olhos!

Em oito dias, vestida com um lindo vestido de voile francês, meias de seda e sapatos pretos de couro, exteriormente ela era como qualquer outra linda mulher de sua idade; e eu me aventurei a sair para uma caminhada com ela. Encantadora foi sua reação ao mundo exterior, visto anteriormente apenas das janelas dos meus aposentos! Flores a fascinavam, assim como os pássaros. Ela estava sempre saltando levemente no ar, como se esperasse conseguir tocar seus corpos emplumados com seus dedos aveludados. Eu ri ao vê-la se curvar e bater palmas na grama do parque, ou afundar seu nariz delicado nas pétalas das flores!

O Professor Carl Huxhold nos encontrou quando voltávamos dessa caminhada. Ele parou abruptamente. Então, com uma expressão estranha no rosto e as mãos estendidas, ele veio em nossa direção. Notei que seus curiosos olhos verde-mar não brilhavam como de costume atrás de seus óculos espessos; eles estavam sombrios, eu pensei. Ele parecia muito solitário, envergonhado, como alguém que não tem amigos. Foi por causa disso, e do fato de que eu devia a Naomi, como ela era, a ele, que eu esperei — com um braço, no entanto, levantado protetoramente em volta de Naomi.

“Meu Deus”, Huxhold explodiu. “É realmente ela?” Ele agarrou minha mão, e falou rapidamente: “Não leve aquela noite contra mim, Land! Eu estava descontrolado — me perdi de mim mesmo! Quando pensei no que ela era — mas que diabo!” Huxhold assobiou. Eu permiti que ele cumprimentasse Naomi.

“Como vai você!” ela disse corretamente, como se a cortesia fosse comum para ela!

“Céus!” gaguejou Huxhold. “Agora sei que estou louco! Ela já aprendeu a falar?”

“Sim.” Eu deixei que ele apertasse minha mão. “Se quiser, Huxhold, pode subir conosco.”

Só posso acreditar que o que estava para acontecer estava destinado, predestinado. Caso contrário, por que nenhum sentido intuitivo me alertou contra o convite que estendi a Huxhold? Eu o fiz, sem saber que isso levaria a algo que selaria o destino de Naomi e o meu.

Huxhold ficou até tarde naquela noite. Ele aparecia todas as noites seguintes. E eu, enquanto isso, continuava a educar Naomi. Como eu a amava!

Sua voz em meus ouvidos era como uma canção! O toque suave de suas mãos, seu jeito de repentinamente lançar ambos os braços lindos ao redor do meu pescoço e me beijar com um toque suave de lábios tão vermelhos quanto cerejas, tão perfumados quanto jacintos, sempre traziam lágrimas quentes de felicidade aos meus olhos! Como eu a amava! Uma dúzia de vezes por dia eu jurava minha servidão a ela e renovava meu voto de proteção. E meu coração ameaçava explodir quando meu nome, pronunciado de maneira inimitável e doce por Naomi, saía de seus lábios! “Wal-ly!” ela sempre dizia.

CAPÍTULO VI: A Traição de Huxhold

Mas a atitude de Naomi em relação às roupas era a de uma selvagem. Parecia que ela achava muito estranho que alguém precisasse cobrir o corpo com roupas! A nudez não tinha qualquer significado para ela; mais ou menos como ocorre com um índio sul-americano, que viveu ao ar livre toda a sua vida sem considerar a necessidade de cobrir o corpo! Naomi era completamente inocente.

Enquanto ela estava confinada ao meu ateliê e apartamento, o que ela vestia não importava. Alguém que a observasse veria apenas o ser mais belo da Terra. Mesmo assim, achei melhor que ela usasse algum tipo de vestimenta; e mandei fazer uma túnica de chiffon cinza transparente, com comprimento até os joelhos. Com isso, e sandálias nos pés, junto com os colares de jóias e braceletes que eu havia dado a ela, e o hábito travesso de Naomi de prender uma rosa de um lado do cabelo escuro e fofo, ela parecia mais do que nunca uma linda princesa de um período muito anterior.

“Naomi, Naomi!” eu me pegava dizendo. “Eu te amo!”

“Oooo!” ela respondia, pronunciando com alegria o primeiro som que havia aprendido. “Eu te amo, Wal-ly!” E novamente eu sentia seus beijos intensamente doces nos meus lábios!

O professor Carl Huxhold, espírito demoníaco de terrível e maligna genialidade, continuava a ser um visitante regular todas as noites. Eu não percebia o que estava acontecendo diante dos meus olhos, nem qual seria sua inclinação vingativa quando fosse frustrado! Não, eu estava cego; cego e desprovido de qualquer discernimento de caráter, ou não teria falhado tanto em meu voto de proteger Naomi!

Agora vejo o que eu não percebi até então. Agora percebo que Huxhold, a besta vil, estava tentando conquistar o favor de Naomi, estava cortejando-a! Acreditando, por ela ser carente de sofisticação e desconhecer os homens do mundo, que suas palavras gentis e um verniz de boas maneiras sobre seu propósito nefasto arrancariam o afeto de Naomi por mim e o dirigiriam a ele!

Huxhold estava fadado a uma desilusão completa; e eu deveria tê-lo matado então! Antes que seu cérebro, inflamado por um ódio ciumento e insano, concebesse a atrocidade maligna que se tornaria seu objetivo!

Quatro noites atrás, voltando do telefone no hall inferior, depois de deixar Naomi sozinha com Huxhold na minha sala de estar por no máximo cinco minutos, subi as escadas rapidamente e parei assim que abri a porta!

Huxhold tinha seus braços peludos ao redor de Naomi! Ele estava tentando pressionar seus lábios grosseiros e brutais na boca pura e bela de Naomi! Naomi, com o terror refletido nos olhos, os músculos do rosto contraídos de medo, lutava para afastá-lo; e Huxhold havia rasgado o chiffon cinza transparente de seu corpo!

“Wal-ly!” gritou Naomi. “Wal-ly! Ele — machuca!”

Então, torcendo-se para o lado, ela conseguiu libertar um braço do seu aperto. Tap! Tap! Tap! Furiosamente irritada, Naomi acertou três vezes a bochecha direita de Huxhold com força! Derrubando seus óculos pincenê e fazendo-o, meio cego, cambalear para trás!

“Vadia maldita!” gritou Huxhold. E —

Então eu o peguei! Com minhas mãos em sua gola, eu o sacudi com tanta força que seu casaco se rasgou com um único puxão! Eu socava seu rosto, atingindo seu nariz, olhos e boca! Apliquei golpes esmagadores, movidos por uma raiva intensa! Ele não podia resistir!

E Naomi, uma criatura gloriosa de olhos azuis brilhantes, nua, exceto pelas sandálias nos pés, os colares balançando e as pulseiras tilintando, dançava ao nosso redor como uma verdadeira selvagem, emitindo “Oooos!” de prazer!

Naomi teria saltado sobre ele, enquanto ele jazia inconsciente e supino, finalmente, no chão; mas eu a contive.

“Não”, eu disse. “Não, querida Naomi, já é suficiente!”

Depois arrastei Huxhold até seu laboratório. Eu o joguei no chão, e quando me virei para sair, seus olhos se abriram. Privado dos óculos, seus olhos inflamados pelos efeitos dos meus golpes, ele não podia me ver claramente; mas murmurou: “Por sete infernos de demônios, eu vou me vingar, Land, por isso!”

“E eu vou te matar, Huxhold! Esteja certo disso quando você atravessar meu caminho novamente!” Eu respondi às suas ameaças. Sentindo-me um pouco enjoado, voltei para minha sala de estar e para Naomi.

A Vingança de Huxhold

Por mais cuidadoso que eu fosse depois disso, foi inútil. Eu não imaginava a direção que a vingança implacável de Huxhold tomaria. Uma ligação telefônica — para me fazer deixar Naomi desprotegida por um instante!

Foi há uma hora e meia. E talvez tenha sido a intuição feminina de Naomi sobre os perigos inumanos que se aproximavam que a fez se levantar de repente da pequena mesa de chá onde estávamos no meio do jantar, e me abraçar com força, apertando-me contra seu peito em um abraço de amor enquanto seus lábios perfumados com cheiro de mel derramavam beijos ternos e trêmulos em mim!

“Wal-ly!” ela murmurou com uma voz que era música celestial para meus ouvidos. “Wa-lly — eu te amo tanto!”

E eu retribuí seus beijos, e respirei palavras de amor em resposta para ela; e fui para o hall e descii as escadas com lágrimas quentes de felicidade embaçando meus olhos!

Eu havia levantado o telefone quando ouvi Naomi gritar!

Acho que fiquei paralisado por um instante. Ou talvez tenha ficado entorpecido, enquanto meu cérebro me lembrava que uma ligação telefônica anterior havia dado a Huxhold a oportunidade de tocar em Naomi!

Subi as escadas de quatro em quatro degraus, deixando o telefone pendurado, sabendo, em um lampejo inspirado, para que servia aquela ligação! No entanto, parecia uma eternidade até que eu arrombasse minha porta.

“Naomi!” Eu chamei. “Naomi! N-A-O-M-I!”

Mas nenhuma voz querida e doce me respondeu; minha sala de estar e ateliê estavam estranhamente silenciosos e quietos — vazios!

Naomi havia desaparecido!

Ainda assim, “Naomi!” — Eu gritei, em um frenesi louco novamente; antes de me lançar pelo corredor e em direção à porta do laboratório do Professor Carl Huxhold!

Estava trancada, e eu bati nela, puxei-a com a força do desespero! Sem perceber a ferida que meu ombro recebeu, recuei alguns passos e me lancei para frente com toda minha força! E a porta de Huxhold se abriu com um estrondo!

Eu o vi de pé ao lado do terrível dissolvedor de elétrons, ouvi-o virar-se com um rosnado animal enquanto eu invadia a sala; e vi Naomi, a quem eu sabia que amava com toda a minha capacidade de amar, de pé contra a superfície vidrada da curva dentro do terrível gabinete de Huxhold!

Gritei um grito humano de medo e agonia! Mas enquanto eu corria com a velocidade de um raio, os dedos de Huxhold foram mais rápidos!

Naomi evidentemente havia sido dopada com a mesma injeção hipodérmica que Huxhold usara para acalmar o cachorro, naquela ocasião em que ele testou pela primeira vez sua destreza científica. Mas a injeção não foi suficiente para subjugar-la completamente; ela estava de pé, atordoada, mas recuperando os sentidos; e se tivesse mais um instante, ela teria escapado para meus braços!

Infernalmente desprezível foi a velocidade com que Huxhold acionou os interruptores e girou os botões do dissolvedor de elétrons!

Do chifre retangular daquela caixa terrível disparou aquele feixe espantoso de potencialidade voltaica, brilhante! O feixe varreu Naomi, foi refletido de volta na curva brilhante do terrível gabinete em flashes vertiginosos de violeta, vermelho e verde!

Naomi meio que ergueu seus belos braços para mim; seus lábios emitiram um grito baixo e trágico — “Wal-ly!” Então o feixe, como uma onda de malignidade viva, tornou-se um eixo cor de sangue! Mal pronunciada, tremendo no próprio ar, a voz de Naomi cessou! Ela... estava... desaparecida!

Eu vi que o gabinete de Huxhold estava vazio; apenas a luminosidade do dissolvedor de elétrons atingindo e sendo rebatida e repelida pela capacidade científica daquela curva de chumbo brilhante! Completamente, irrevogavelmente, Naomi havia sido arrancada de mim!

O resto foi escrito no início desta crônica. Como eu esfaqueei Huxhold, e ele morreu. Estou feliz por tê-lo matado. Sei que ele planejava, depois de enviar minha amada Naomi para o plano dos elétrons divididos, seguir o mesmo caminho e juntar-se a ela! Porque Huxhold acreditava que um ser, dissolvido pelo seu raio, tinha algum tipo de vida lá, e uma forma, embora ele não soubesse qual era!

Arrastei o dissolvedor de elétrons e o gabinete até meu ateliê, fazendo sulcos e arranhões profundos no chão, que sei que a polícia que virá investigar seguirá, e está montado aqui, pronto. Conectei os fios a um interruptor, e os botões na caixa estão devidamente

ajustados. Só falta me colocar dentro do gabinete e puxar o interruptor elétrico mais distante por uma corda presa, que também está pronta para mim! Então, num piscar de olhos, eu me lançarei na eternidade do espaço, eu mesmo uma massa giratória de elétrons divididos, para encontrar Naomi — a garota dos meus sonhos, cuja forma criei com minha habilidade em escultura!

Para encontrar Naomi! Alegre é a promessa contida nessas três palavras!

Meu tempo acabou. Há passos na escada. É o visitante de Huxhold, vindo cumprir seu compromisso! A porta de Huxhold está destrancada; em um instante o homem a abrirá.

Lá está!

O homem está gritando alguma coisa. Descontente, sem dúvida, por encontrar Huxhold morto, quando deveria estar contente!

O que devo escrever para encerrar isso? Um “Adeus”? Não, acho que não. Será lindo partir com o nome dela nos meus lábios!

Agora vou entrar no terrível gabinete de Huxhold e puxar a corda do interruptor!

“Naomi!”...

The Threat of the Robot

By David H. Keller M.D.



He was given as a present to the city. He had an automatic eye which was extremely sensitive to light. A beam of light shone persistently into his eyes so that when a car crossed this beam, he moved his arms in such a way that the traffic signals were changed.

A Ameaça do Robô

David H. Keller M.D.

CAPÍTULO I: O Retorno de um Viajante

“Uau!”

“Que sorte chegar bem a tempo para o grande jogo do ano!” exclamou o gigante de meia-idade.

Ed Ball não havia percebido quão oportuna era sua volta a Nova York até começar a ler a seção esportiva do jornal enquanto esperava pelo café da manhã. Observando o anúncio, alheio ao seu entorno, ele se lembrou do último jogo de futebol que jogou de maneira tão brilhante, vinte anos atrás. Por três temporadas, ele jogou de forma extraordinária, e então se formou e deixou Nova York para explorar os lugares mais distantes da Terra. Ele pensou naquele último jogo, como pessoalmente marcou a maioria dos pontos e, finalmente, saiu correndo do campo sob os aplausos dos oitenta mil espectadores.

Por vinte anos, ele explorou lugares onde o homem branco era quase desconhecido, em busca de ovos de répteis em Ásiafa, as cidades perdidas de Salomão na África do Sul e fósseis raros na Austrália. Deliberadamente, ele havia deixado a civilização e sabia mais sobre o mundo de vinte e cinco mil anos atrás do que sobre o mundo de hoje.

Finalmente, ele percebeu que estava com mais de quarenta anos e que poderia ser uma boa ideia voltar a Nova York para ver como estavam seus vários investimentos. Sem planejar, ele chegou à metrópole na noite anterior ao grande jogo entre Nova York e Pensilvânia. Ele não percebeu isso até ler sobre o jogo no jornal da manhã. Não é de se estranhar que estivesse animado!

O relato do jogo no jornal parecia peculiar, mas ele simplesmente pensou que era algum tipo de gíria moderna com a qual ele sabia que estava um pouco desatualizado. Ele apoiou o jornal contra a cafeteira e leu:

“Pensilvânia Coloca Equipe Poderosa em Campo Contra Nova York.

“A Universidade da Pensilvânia promete colocar uma poderosa equipe de robôs de futebol em campo esta tarde contra a equipe de destaque da Universidade de Nova York. Os especialistas da Pensilvânia afirmam um grau de habilidade mecânica para seus jogadores nunca antes superado na história do futebol. Vinte milhões de pessoas esperam assistir ao jogo. Pare de trabalhar e sintonize em W2RX. Permissões custam apenas um dólar. Por que trabalhar quando você pode se entreter? Sente-se em casa e veja o esporte dos reis, o

confronto do século. Este jogo decide o Campeonato de Robôs Interuniversitário do país e certamente vale a pena assistir. Os especialistas mecânicos das maiores faculdades do Leste encenarão uma batalha de habilidade, inteligência e força. Certifique-se de sintonizar em W2RX. Um dólar é tudo o que custará para entreter toda a família.”

Ball chamou o garçom à mesa. Apontando para o jornal, perguntou o que significava W2RX.

“Esse é o código da estação de televisão, senhor”, foi a resposta educada. “Mas não precisa se preocupar com isso enquanto for hóspede deste hotel. A administração tem o prazer de fornecer esse serviço gratuitamente aos seus hóspedes. Às três da tarde, basta ir ao seu quarto, senhor, e sintonizar, e se não for um especialista, basta chamar um dos mensageiros, e ele ficará feliz em sintonizar W2RX para você.”

“E o que acontecerá quando ele sintonizar W2RX para mim?”

“Então você verá o jogo. Pelo que entendo, é um jogo muito bom, embora eu mesmo não me interesse muito por esportes.”

Ed Ball olhou para o garçom com espanto. “Você não quer dizer que eu posso ver o jogo do hotel?” ele perguntou.

“Certamente. É assim que quase todos fazem hoje em dia. Pelo que entendi, os espectadores costumavam ir ao campo, senhor, mas isso foi antes do meu tempo.”

Havia muito sobre isso que o ex-astro do futebol não entendia, mas como ele não queria revelar sua ignorância ao garçom, dispensou-o e terminou seu café da manhã. Questões de negócios ocuparam parte do dia, mas às duas e cinquenta Ed Ball estava no portão principal do estádio da Universidade de Nova York, que certamente parecia muito parecido com o que era há vinte anos, quando estava no auge da sua fama. Quer dizer, parecia muito com o que costumava ser, no que diz respeito a pedra e cimento e localização. Era muito diferente em todos os outros aspectos. Em primeiro lugar, não havia multidão. Alguns homens estavam relaxando no portão, mas os oitenta mil espectadores que haviam lotado o estádio para ver o jogo nos anos passados estavam estranhamente ausentes. Estava tão tranquilo e pacífico quanto uma vila do interior. Caminhando até a bilheteria, Ball ficou surpreso ao descobrir que não havia ninguém ali para atendê-lo; e, como o portão estava aberto, ele entrou sem um ingresso.

Era um maravilhoso dia de Verão indiano. A grama do campo de futebol estava verde, o céu azul. A natureza estava em seu estado mais ensolarado. Ball viu um pequeno grupo de homens nas arquibancadas de um lado no centro e um grupo semelhante no lado oposto. Havia algumas grandes caixas peculiares colocadas a intervalos regulares ao redor do campo.

Até então, não havia jogadores e praticamente nenhum público. Ball pensou que devia estar um dia atrasado em seu cronômetro. Sentia-se completamente desconfortável; havia algo estranho na quietude, que era tão diferente do rugido faminto que vinha das milhares de pessoas reunidas quando ele era jogador.

Caminhando até um dos grupos de homens sentados nas arquibancadas, ele perguntou casualmente: “Quando o jogo vai começar?”

“Em cerca de dez minutos”, respondeu um dos jovens de forma bastante agradável. “Veja, temos que esperar até que o W2RX esteja no ar, mas isso será em breve. Nossos homens estarão prontos em alguns minutos; os mecânicos estão fazendo uma última revisão neles agora. Não quer se sentar e assistir, senhor? É tão raro termos espectadores reais que seremos honrados com a sua presença.”

“Por que... sim, acho que vou”, Ball respondeu lentamente. “Qual é o lado de Nova York?”

“Bem aqui. Veja, somos o verdadeiro time, senhor. Onze de nós e os substitutos”, e ele acenou com a mão, incluindo em seu gesto cerca de vinte homens de aparência estudiosa.

“Isso é bom”, disse Ball, bastante surpreso. “Eu torço por Nova York. Na verdade, eu jogava como centro do time há cerca de vinte anos. Meu nome é Ball, Ed Ball, talvez alguns de vocês já tenham ouvido falar de mim?”

Os jovens se aglomeraram ao seu redor.

“Claro que sim. Bom e velho Ball! Um dos antigos, quando homens eram homens. Ora, você é um dos nossos heróis, senhor. Venha e sente-se com o time e veja-nos defender a honra da boa e velha Varsity. As coisas mudaram agora, mas estamos felizes em tê-lo conosco. Sua presença aqui vai dar muita energia ao jogo.”

A Grande Batalha

Eles rodearam o gigante veterano e o fizeram se sentir totalmente à vontade. Levando-o para a arquibancada, deram-lhe um lugar de honra. “Bem com o time, onde você pertence”, disseram. Então, de repente, o silêncio foi quebrado por um apito estridente, e cada um dos membros da equipe tornou-se estranhamente alerta e silencioso enquanto se inclinava sobre uma máquina peculiar que estava em uma mesa à sua frente. Por alguns minutos, Ball pensou que os homens estavam brincando com ele. Ele tinha certeza de que eles eram na verdade repórteres de jornal e que essas máquinas eram algum novo tipo de aparelho telegráfico. Então os jogadores apareceram em cada extremidade do campo, alinharam-se na velha

posição, a bola foi chutada e o jogo começou. Ball estava tão interessado que esqueceu os homens sentados perto dele e seus instrumentos peculiares.

O jogo era bastante semelhante ao que ele lembrava de jogar vinte anos atrás. As coisas estranhas que ele viu ele imaginou que fosse uma mudança nas regras. Ocasionalmente, um jogador era derrubado e os médicos iam ao campo para tratá-lo. Cada lado parecia jogar bem, mas para Ball o silêncio era opressor. Até mesmo os gritos de incentivo de um jogador para outro estavam ausentes. Mesmo os estudantes nas arquibancadas sussurravam uns para os outros.

Finalmente, o primeiro quarto terminou. Nenhum dos lados havia marcado. Os onze nova-iorquinos pararam de mexer em suas máquinas e olharam para cima. Eles estavam evidentemente satisfeitos com os resultados.

“Bem, Ball, velho camarada!” exclamou um dos homens. “Nós os seguramos dessa vez. Pensamos que eles tinham algumas novas invenções em seus robôs, mas nossos homens foram igualmente bons. A maquinaria de direção funcionou perfeitamente, e nossa equipe trabalhou em bela harmonia. Haverá um intervalo de quinze minutos e depois voltaremos. É muito cansativo para nós jogarmos mais de vinte minutos por vez. Muitas vezes descobrimos que os quatro quartos completos de vinte minutos são muito exaustivos. Você não faz ideia da quantidade de concentração que isso exige. Muitas vezes vi um homem desmaiar.”

“Mas esses homens parecem ser sujeitos fortes,” respondeu Ball.

“Oh! Eu não estava falando deles. Quero dizer o verdadeiro time, os rapazes que estão lutando aqui nas máquinas de direção pela honra de nossa querida velha faculdade.”

“Bem, eu estou pasmo!” exclamou Ball, de repente. “Me contem tudo. Estive na Ásia, África e Austrália por vinte anos. Acabei de chegar a Nova York na noite passada. Deixei de ler um jornal por anos e anos. Tudo mudou, e, ou eu estou louco ou vocês estão. Então, me contem tudo, e eu vou entender qual é o meu problema.”

Mas antes que pudessem começar a lhe contar sobre as mudanças no jogo de futebol, o apito soou e cada homem correu de volta para seu assento. Desta vez, Ball foi convidado a se sentar perto do centro do grupo, e um dos homens sussurrou apressadamente para ele, para que assistisse ao robô que estava jogando como centro, pois esse era o jogador que estava sendo controlado pelo pequeno estudante que era o capitão do time.

Por alguns minutos, o jogo foi equilibrado e então a Pensilvânia marcou. A bola foi colocada novamente em jogo e novamente levou apenas alguns minutos para que o time visitante marcasse. Os jogadores de Nova York estavam sendo repetidamente derrubados; eles começaram a correr pelo campo de maneira desorientada, enquanto os onze jogadores da

Pensilvânia continuavam a jogar com precisão e suavidade. Ball olhou ao redor para os onze homens que manipulavam as máquinas semelhantes aquelas máquinas de escrever; seus rostos estavam exaustos, não havia dúvida quanto à preocupação deles. Finalmente, o quarto terminou com o placar de trinta e seis a zero a favor da Pensilvânia.

Os jogadores de Nova York saíram do campo, mas vários precisaram ser auxiliados pelos técnicos. Imediatamente, os onze homens na arquibancada entraram em uma conferência com o eletricista chefe.

“Algo está errado com a energia!” anunciou aquele oficial. “De alguma forma, as correntes de direcionamento estão sendo bloqueadas e mal conduzidas. Talvez seja alguma nova onda que o outro time está usando contra nós.”

Nesse momento, vários dos técnicos correram e anunciaram que três dos robôs estavam completamente fora de ordem e que as máquinas antigas teriam que ser usadas como substitutas. Reinou uma consternação entre eles.

Seria inútil contar o resto da história daquele jogo. Embora os onze pequenos rapazes na arquibancada do lado de Nova York tenham feito o melhor que podiam, trabalhando até o ponto da exaustão, foi impossível fazer qualquer coisa contra os visitantes conquistadores, que finalmente terminaram o jogo com o placar de cento e trinta a zero.

Ed Ball era cavalheiro demais para fazer qualquer comentário sobre o placar, mas não pôde deixar de lembrar os velhos tempos, quando uma derrota assim teria sido impossível, até mesmo para uma pequena faculdade. Embora deprimido, ele estava cheio de uma profunda curiosidade e decidiu satisfazê-la convidando o time para jantar com ele naquela noite. Ele tinha uma ideia de que eles seriam mais falantes após a refeição que ele providenciaria para eles no hotel.

Como a temporada tinha acabado e o período de treinamento estava encerrado, os onze homens estavam livres para aceitar o convite. Eles sugeriram que o técnico e o eletricista também fossem, e Ball ficou encantado com a ideia. Assim, foi uma grande reunião que encheu uma das salas privadas do Hotel Lostmore, o mais recente hotel de cem andares na grande cidade.

CAPÍTULO II: Uma Explicação

Ball descobriu, para sua alegria, que o técnico realmente tinha jogado futebol no estilo antigo; então, ele sugeriu, depois que o café e os charutos foram servidos, que o homem mais velho contasse sua história primeiro. Sigmund Haggard tinha apenas trinta e nove anos, mas

nesse tempo ele havia visto todo o sistema de atletismo ser revolucionado de todas as maneiras. Ele tinha sido um dos últimos jogadores e um dos primeiros técnicos do novo sistema e estava eminentemente qualificado para explicar a mudança.

“O que começou a causar problemas, Sr. Ball,” começou ele, “foi a popularidade do jogo. Não importava o tamanho dos estádios que eram construídos, eles não conseguiam acomodar as multidões que queriam ver os grandes jogos. Finalmente, as autoridades perceberam que o pico de saturação havia sido atingido, no que dizia respeito ao tamanho do público. Os estádios podiam ser construídos ainda maiores, mas, mesmo como eram, uma grande porcentagem do público ficava tão longe dos jogadores que eles precisavam usar binóculos para ter uma ideia do que estava acontecendo. Outra coisa que tornou impossível aumentar o tamanho do público foi a dificuldade de levá-los aos seus lugares. A maioria achava necessário ir de carro. E quando cem mil pessoas chegam a um campo de atletismo de automóvel, em uma hora, a congestão é terrível. Não havia lugar para estacionar os carros. Levava horas para chegar ao jogo e horas para sair, e em todo grande jogo havia cinco vezes mais pessoas recusando ingressos do que as que eram acomodadas. Mesmo os formados não podiam ser acomodados, e isso causou muito ressentimento e custou muito dinheiro às faculdades porque, naturalmente, os ricos não gostavam de fazer grandes doações às escolas quando não conseguiam ingressos suficientes para seus amigos verem os grandes jogos.

“Por volta desse tempo em que você deixou o país, a televisão estava começando a fazer grandes avanços. Claro, você estava familiarizado com o cinema e a combinação de som e imagem na filmagem dos chamados filmes falados. A televisão, você deve se lembrar, tentava transmitir imagens pelo ar por ondas de rádio, assim como o primeiro rádio transmitia som. Acreditava-se que o som e as imagens podiam ser sincronizados no que diz respeito ao tempo. Pelo que me lembro, eles estavam começando a fazer isso de uma maneira muito simples há cerca de vinte anos. Um homem ficava em frente ao aparelho de transmissão e fazia uma breve palestra. Sua imagem aparecia na placa receptora a cem milhas de distância, e enquanto o rádio transmitia seu discurso, a televisão reproduzia o movimento de seus lábios e seu sorriso. Lembro-me das primeiras tentativas que foram mostradas nos cinemas. Um cachorro latindo, um trem apitando, um tenor famoso cantando algumas notas, foi o máximo que eles conseguiram. Mais tarde, a técnica foi aprimorada e os detalhes das imagens foram tornados mais claros, e, finalmente, a imagem foi projetada em uma tela, assim como um filme e com a mesma clareza. Por essa época, artistas de vaudeville começaram a apresentar pequenos esquetes que eram transmitidos. Foi realmente notável a rapidez com que os avanços foram feitos nessa nova arte.

“Claro, o impacto financeiro sobre o teatro legítimo foi logo antecipado pelo cartel teatral. Por meio de uma manipulação astuta do mercado, eles conseguiram o controle de todas as empresas que possuíam as patentes originais. Eles perceberam que a televisão era inevitável e que poderia acabar com as peças e óperas legítimas, como o cinema havia ameaçado fazer. Então eles decidiram controlá-la. Eles se recusaram a vender aparelhos receptores, mas os instalaram em residências particulares por uma pequena taxa anual, além de uma cobrança nominal por cada apresentação que fossem transmitidos. Esse arranjo lhes proporcionou uma boa renda e possibilitou manter os serviços de seus artistas principais.

“Além disso, eles começaram a transmitir outros eventos, como desfiles, lutas de boxe e partidas de tênis. Suas taxas eram baixas, e contavam com o volume de negócios para trazer retornos. Por exemplo, o jogo de futebol desta tarde custou a cada pessoa que tinha uma das telas de televisão um dólar pelo privilégio. Claro, quantas pessoas pudessem se amontoar em um cômodo poderiam assistir por aquele um dólar. Desses um dólar, trinta centavos vão para cada uma das equipes e os quarenta centavos restantes para a empresa.

“O efeito no teatro foi logo percebido, mas ninguém imaginava o que essa invenção faria pelos esportes. Parecia que todos chegaram à mesma decisão ao mesmo tempo: a saber, que era mais fácil ficar em casa e assistir a uma luta de boxe ou a um jogo de tênis por um dólar do que enfrentar as multidões e pagar de cinco a cinquenta dólares por acomodações ruins. A assistência a todos os esportes caiu de maneira surpreendente, e os diversos promotores teriam falido se não fosse pela generosidade das empresas de televisão. Eles podiam se dar ao luxo de agir de forma justa, porque, embora a assistência real aos jogos tenha diminuído, o interesse pelos esportes aumentou e, finalmente, em vez de setenta mil pessoas assistirem a uma luta de boxe, estimava-se que cerca de cinquenta milhões de pessoas em todo o país parariam tudo para assistir e ouvir a luta em suas próprias casas ao mesmo tempo e pelo pequeno custo de um dólar por casa.

“Houve um tempo em que óperas completas eram realizadas em uma casa de ópera sem um único espectador. Pois a ópera podia ser transmitida pelo ar para os proprietários das telas de televisão. E a mesma coisa rapidamente se tornou verdade para os esportes. Pode parecer estranho para você, mas a última luta pelo campeonato dos pesos pesados ocorreu com menos de cem espectadores ao lado do ringue, e os dois homens lutaram tão ferozmente quanto antes, porque sabiam que uma audiência de cinquenta milhões os estava assistindo.

“É por isso que não havia pessoas assistindo ao jogo de hoje, Sr. Ball. Na verdade, havia milhões que estavam cuidadosamente observando cada jogada, mas estavam em suas

casas ou em cem mil pequenos cinemas espalhados pelo país. Eles ainda estão interessados, mas preferem assistir ao jogo com conforto.”

“Bem, isso é quase demais para mim!” exclamou Ed Ball. “Eu vi e ouvi algumas coisas peculiares nos cantos mais distantes da terra, mas nada assim. Agora, e quanto ao jogo que vi hoje? Que tipo de jogo foi aquele, afinal? E que tipo de jogadores você tinha? E pelos Sete Sagrados Bois Roxos de Benares; o que eram aquelas pequenas máquinas de escrever engraçadas que vocês trabalhavam com tanto afinco?”

“Eu vou te contar essa parte”, disse Rudolph Drach, o eletricitista-chefe. “O novo jogo realmente caiu na minha área da ciência. Claro, Haggard estava te contando sobre a importância da televisão, e não há dúvida de que ela é importante, mas não haveria jogo de futebol para mostrar a esses milhões de fãs de televisão se os eletricitistas não tivessem aperfeiçoado o robô em um verdadeiro jogador de futebol. O jogo como é jogado agora cresceu a partir de um pequeno começo em algo que é quase mecanicamente perfeito e, claro, esse desenvolvimento foi causado pelas invenções de muitos cientistas. Mas, na verdade, eu fui o homem que primeiro propôs isso e coloquei o primeiro uniforme em um robô.”

“Bem, o que é um robô?” interrompeu Ball. “Suponho que pareço bastante ignorante para vocês, mas estive longe da civilização por vinte anos. Então, comece do início e seja simples; estou entendendo que aqueles jogadores de hoje eram apenas algum tipo de máquinas engraçadas?”

Novos Começos

“Exatamente isso,” disse Drach rapidamente, “um robô é uma máquina complicada, composta de baterias, motores e molas. O primeiro foi trazido para Nova York de Londres em janeiro de 1929. Era um aparato bastante rudimentar, mas podia andar, falar e obedecer a alguns comandos simples. Parecia uma máquina — na verdade, ninguém o confundiria com outra coisa. Tinha algum equipamento de rádio nele, e as vibrações do ar pela voz acionavam o equipamento de rádio e colocavam em movimento um motor. Por esse meio, o homem-máquina acenava com a mão, começava a andar ou começava a fazer um discurso que, claro, não era nada além de um fonógrafo habilmente arranjado em seu interior. Houve muita empolgação em torno disso, mas em pouco tempo isso desapareceu, porque as máquinas se tornaram tão comuns que perderam seu encanto. Cerca de um ano depois, tive muita dificuldade em encontrar o tipo certo de centro para meu time de futebol, então concebi a ideia de usar um robô apenas para treinar. Veja bem, eu joguei futebol enquanto estudava engenharia elétrica, e pensei que poderia treinar por alguns anos para ajudar nas despesas da

minha família. Eu construí esse robô, configurei-o para se inclinar e lançar a bola entre as pernas, e para bater na linha, além de alguns movimentos simples. Eu ficava perto dele e gritava o sinal, e ao som correto ele fazia o movimento desejado e depois voltava à sua posição normal de se inclinar para frente com as mãos nos joelhos. Fizemos um rosto combativo para ele, colocamos ele em roupas de futebol, e ele se tornou bastante popular com a equipe. Descobri que ele era melhor do que qualquer centro que eu pudesse treinar, porque sempre podia contar que ele faria a mesma coisa ao mesmo tempo, exatamente da mesma maneira perfeita. Ele era um jogador incansável. Mais tarde, ensinei o quarterback a dar os sinais para ele, coloquei músculos de borracha mais fortes nos braços e pernas e o usei em jogos de treino com os reservas. Depois, fiz dois deles, e os rapazes ficaram loucos de alegria ao ver as duas máquinas se chocarem uma contra a outra.

“Então, a televisão começou a nos prejudicar. O técnico Haggard já explicou como isso matou a presença do público, mas ele não mencionou como isso afetou o jogo de futebol americano. Claro, dois boxeadores podem estar dispostos a se matar sem uma plateia porque estão ganhando meio milhão de dólares ou mais com isso. Mas esses universitários jogavam pelo aplauso, e quando isso parou, eles simplesmente desistiram de aparecer para o time. Isso era especialmente verdade para os jogadores mais famosos. Os rapazes menores ainda gostavam de correr e lançar a bola de forma espetacular, mesmo que não houvesse ninguém para ver. Mas os grandes não gostavam de ter seus ossos quebrados sem que ninguém estivesse lá para assistir. Precisávamos de times e jogos. Precisávamos do dinheiro para financiar nossas atividades esportivas. Então, propus a algumas universidades que substituíssem secretamente alguns jogadores por robôs para jogar como centro e fullback. Mantivemos esse plano por duas temporadas sem que o público percebesse. Havia onze jogadores em cada time, e os homens de verdade e as máquinas eram quase indistinguíveis.

“Claro, eles precisavam ser manipulados com muito cuidado. A questão dos sinais era a mais importante. Se o time adversário descobrisse esses sinais, eles poderiam usá-los no momento errado e confundir toda a jogada. Isso não era considerado esportivo, mas acontecia às vezes no calor da batalha.

“Foi necessária uma invenção final para revolucionar o jogo de futebol americano. Comprimentos de onda elétricas múltiplas e sobrepostas estavam sendo estudados com mais cuidado e usados de maneiras mais peculiares e inéditas. Um inventor surpreendeu a nação ao colocar um pequeno barco a motor no mar, com o motor ligado, mas sem ninguém a bordo. Ele dirigiu os movimentos desse barco da costa enviando ondas de rádio para um mecanismo que movia o leme. Três milhas depois, ele virou o pequeno barco e o guiou com segurança de

volta à costa, até mesmo desligando o motor a gasolina no momento certo. Da mesma forma, carros foram guiados, sem ninguém ao volante, e até aviões foram controlados. As possibilidades de tal controle de corpos em movimento eram imensas. Imagine se quinhentos aviões fossem enviados sobre uma cidade inimiga, cada um carregado com explosivos, e quando um certo botão fosse pressionado no painel de controle em casa, toda a carga de TNT fosse lançada sobre uma cidade indefesa? Uma nova forma de guerra surgiria. Imagine robôs guiados por rádio sendo enviados para atacar a posição inimiga?

“Mas todas essas possibilidades não têm nada a ver com futebol. Pelo menos, não no que diz respeito ao que estou contando a você esta noite. Você está interessado no jogo e não na guerra. Então, direi simplesmente que comecei a experimentar com o controle dos movimentos de um robô de futebol por ondas elétricas em vez de pela voz. Vários estudantes entusiastas me ajudaram, e finalmente tivemos a satisfação de ver um robô no campo fazer praticamente tudo o que um homem pode fazer, e inteiramente sob nosso controle. Criamos um teclado de controle, a evolução final do que você viu hoje. Pressionar uma tecla fazia o robô levantar o braço direito, enquanto outra tecla o fazia correr. Segurando essa tecla e pressionando outra, ele desviava para a esquerda.

“Como máquina, era praticamente perfeito, mas, em si, não tinha inteligência. Ainda era necessário que a mente humana guiasse seus movimentos. Então, tornou-se nossa tarefa selecionar homens e treiná-los para usar essas máquinas; para se sentarem nas arquibancadas e trabalharem nos teclados de controle de maneira a obter cem por cento de eficiência dos jogadores de futebol robóticos.

“Descobrimos que, para operar uma dessas máquinas corretamente, era necessário um alto grau de inteligência. E, quando se tratava de selecionar onze homens que pudessem trabalhar como uma equipe, em perfeita harmonia uns com os outros, para que os onze robôs agissem como uma única máquina bem coordenada, isso era uma tarefa quase impossível. Logo foi descoberto que o melhor tipo de universitário para isso eram homens pequenos com cérebros inteligentes. Jogadores de xadrez e bridge se saíam bem, se pudessem ser treinados para usar as mãos com rapidez suficiente. Alguns dos nossos melhores jogadores vieram das escolas de música, como violinistas e pianistas.

“Finalmente, ocorreu-me uma grande ideia. O público da televisão não se importava muito se os jogadores eram máquinas ou homens, desde que vissem um jogo rápido e interessante. Tornava-se cada vez mais impossível obter jogadores reais, então, por que não formar equipes de onze robôs e fazer a competição intercolegial consistir na habilidade de criar robôs mais rápidos e melhores e treinar uma equipe de onze estudantes para operar os

teclados? Propus esse plano há dez anos, e ele foi entusiasticamente adotado como um novo jogo. Mas era tão superior ao futebol americano que o jogo antigo foi abandonado, e o novo jogo recebeu o nome do antigo. Os jornais agora falam dos estudantes que se sentam aos teclados e dos estudantes que são capazes de construir as máquinas mais perfeitas. Ainda temos treinadores, mas o especialista em eletrônica de cada grande universidade é o homem principal, e ele é elogiado ou culpado pela vitória ou derrota.”

Ball faz um apelo

“Bem, vocês foram severamente derrotados hoje,” resmungou Ball, que ainda estava sofrendo com a humilhação de ver sua Alma Mater ser tão derrotada.

“Fomos realmente muito mal hoje,” concordou Drach. “Honestamente, não sei o que aconteceu. Acho que eles descobriram alguma nova onda lá em Penn., e a usaram hoje para perturbar nossas correntes de controle. Alguns de nossos robôs foram severamente danificados, e um foi completamente destruído por dentro. Pessoalmente, estou feliz que a temporada acabou. Foi difícil para todos nós, e esses garotos que ficaram nos teclados todos os sábados estão bastante desgastados, no que diz respeito aos seus nervos. Foi uma temporada razoavelmente boa, e acho que arrecadamos mais de cinco milhões para a Universidade, o suficiente para construir um novo edifício. Ao mesmo tempo, é um trabalho duro, e duvido que seja realmente apreciado pela maioria da faculdade. Claro, estamos esgotados. Mas recuperaremos nosso ânimo, e na próxima primavera estaremos passando longas horas em nosso laboratório experimental, construindo robôs mais fortes e melhores. Descobriremos o que a Penn fez conosco, e aprenderemos como bloquear essas ondas e talvez atingi-los com uma nova onda de nossa própria invenção.”

Ball olhou para os dois homens mais velhos e depois para o grupo de pequenos universitários que suportaram o peso da temporada de futebol recém-passada. Então, ele pediu que trouxessem algo pré-guerra e propôs um brinde à boa e velha faculdade.

“Eu costumava lutar por ela, rapazes,” disse ele. “Eu costumava ir lá e jogar como esses robôs que vocês manipularam esta tarde. Lembro-me dos homens que jogavam comigo, e acho que nós não tínhamos, entre nós, tanto cérebro quanto um de vocês pequenos tem. Mas, pelos Sete Porcos Sagrados, como nós corremos e lutamos e suamos pela honra da querida velha escola! Eu não fiquei muito impressionado com o jogo de hoje, como um jogo, mas admirei o seu espírito de luta. Mesmo quando vocês sabiam que estavam derrotados, continuaram batendo naquelas teclas. Então, estou a favor de vocês, e realmente os amo, porque, mesmo que estejamos separados por vinte anos no tempo e cerca de dois mil anos em

nossas ideias de esporte de verdade, vocês sacrificam tudo para vencer pela sua faculdade, assim como nós fazíamos anos atrás. É o mesmo espírito, então, vamos brindar à querida velha escola e ao seu sucesso no futuro.”

Depois que a equipe saiu, Ball levou o treinador e o eletricista para seu quarto para uma conversa final.

“O que eu quero dizer, homens,” ele começou, “é apenas isso. O que a Penn fez conosco hoje não foi esportivo. Pelo que entendi, eles quase arruinaram algumas de nossas máquinas. Isso parece ser futebol sujo. O que acham?”

“Isso faz parte do trabalho,” respondeu o treinador Haggard, encolhendo os ombros. “Pessoalmente, sempre fui a favor do futebol de máquina puro e sem truques, mas Drach acha que eles têm o direito de usar qualquer coisa nova que consigam descobrir.”

Ball olhou para o eletricista, questionando-o.

Drach tamborilou no braço da cadeira e finalmente respondeu.

“É bastante difícil dizer exatamente onde a linha deve ser traçada. Pessoalmente, não vejo muita diferença entre desabilitar uma máquina com uma nova forma de onda elétrica e tirar um jogador humano do jogo acertando-o no queixo. Dizem que o jogo costumava ser bastante violento quando você jogava, Sr. Ball, e você viu pela exibição de hoje que ainda é violento. Só que hoje, máquinas foram machucadas em vez de homens.”

Os três homens ficaram sentados em silêncio, fumando seus charutos. Após uma longa pausa, Ball começou a falar.

“Eu consigo falar uma dúzia de línguas estrangeiras melhor do que consigo falar inglês, mas há algo que quero dizer a vocês, e espero que eu consiga me fazer entender. Acredito que quando vocês colocaram máquinas para substituir os homens, vocês fizeram a raça humana perder algo. Estou disposto a admitir que os esportes universitários eram um tanto comercializados e especializados. E não há dúvida de que, como exercício, isso atingia apenas uma pequena porcentagem dos universitários. Mas todos eles saíam para ver o jogo, e eles torciam e faziam danças com serpentinas e comícios, e o jogo significava algo para eles. Era parte de suas vidas, os unia, dava aos ex-alunos algo para conversar e uma desculpa para voltar à faculdade uma ou duas vezes por ano e renovar sua juventude. Vocês mataram tudo isso. Por que até os universitários não saem mais para apoiar sua equipe, mas preferem ver o jogo em seus quartos ou casas de fraternidade. Na verdade, há tanto interesse quanto havia nos velhos tempos, quando nosso time jogava xadrez intercolegial.”

“Pelo menos, estamos ganhando dinheiro,” implorou Haggard.

“Dinheiro não é tudo,” retrucou Ball. “Tenho tanto dinheiro que não faço a menor ideia de quanto valho, e ainda assim passei os melhores vinte anos da minha vida colecionando ovos velhos e ossos para nosso museu. É apenas um jogo para mim, e joguei-o com tanto empenho quanto costumava jogar futebol. Você diz que arrecadou cinco milhões nesta temporada para a Universidade. Eu poderia dar essa quantia a você e nem perceber — mas em tudo isso estou pensando em homens, não em dinheiro. Isso me parece perigoso, porque não há como saber onde isso vai parar. Suponha que tenhamos homens para nos representar nos esportes, homens-máquina, e o mesmo tipo de máquinas para fazer nosso trabalho por nós. Posso até imaginar um jogo de golfe entre dois robôs, dirigido por especialistas da galeria do clube. Corremos o risco de perder o uso de nossos músculos. Olhe para esses pobres universitários que estavam na equipe e jantaram conosco esta noite. Eles podem ser brilhantes ao pressionar as teclas, mas não conseguiriam ter sucesso em meia hora de exercícios físicos. São fracos, e toda a nação pode acabar assim. O que acha? Não acha que algo pode ser feito para trazer de volta os velhos tempos, quando os homens eram homens e se orgulhavam da luta e do conflito no esporte, só pelo amor ao jogo?”

“Eu não penso assim,” respondeu Drach. “Esta é uma era de máquinas, uma era de eletricidade, rádio e televisão. Estamos no ar em todos os sentidos. Nossos corpos podem sofrer, mas nossas mentes estão certamente se expandindo. Pense em dez milhões de amadores especialistas em rádio nos Estados Unidos! Pense nos milhões que podem consertar seus próprios automóveis ou aviões! Ninguém mais anda a pé. O pedestre como raça está condenado. Assim como tudo que é antiquado. Estamos vivendo em uma era de jazz. Você tem um bom quarto aqui. Já experimentou sua tela de televisão? Provavelmente nem sabia que tinha uma, sabia? Aqui está, nessa parede em branco. Deixe-me apagar as luzes e sintonizar para você. Você gosta de ópera? Posso pegar uma boa ópera pesada de Berlim, ou, talvez, você prefira ver as Follies ou um bom show burlesco. O que acha? Eles estão jogando críquete na Austrália, e eu posso conseguir isso para você.”

“Vamos ver um bom show de música e dança para o empresário cansado,” sugeriu Haggard. “Ouvi dizer que o show 'ADÃO PRECISA DE UMA MADAME' vale a pena assistir.”

CAPÍTULO III: Um Sonho Ominoso

Então, Drach apagou as luzes e sintonizou a comédia musical. E, pelas próximas duas horas, as coristas dançaram, cantaram, e foram vistas e ouvidas tão bem no quarto do hotel como teriam sido na melhor cadeira do antigo teatro. Depois, alegando cansaço devido à

excitação do dia, o treinador e o eletricitista deixaram seu anfitrião, após a tela da televisão ser desconectada e as luzes acesas.

Ball não conseguia dormir, então mandou buscar o jornal da noite. O mensageiro que o trouxe explicou que ele poderia obter um serviço de notícias atualizado sintonizando a GYX no rádio, mas Ball preferia obter suas notícias da maneira antiga. O primeiro artigo que leu o irritou. Dava um relato completo do policial de trânsito mecânico que a Sociedade Elétrica de Nova York havia finalmente aperfeiçoado e presenteado à cidade. Esse robô de trânsito tinha um olho automático, extremamente sensível à luz. A mudança de luz para sombra colocava os braços do robô em movimento. Ele era controlado por um feixe de luz que brilhava persistentemente em seu olho. Quando um carro atravessava esse feixe de luz, removendo-o do olho, o robô reagia movendo seus braços de tal forma que os sinais de trânsito eram alterados, permitindo que os automóveis que causaram a mudança prosseguissem. Os sinais eram alterados novamente apenas quando se passavam trinta segundos de brilho ininterrupto do feixe no olho do robô, permitindo assim que todos os carros naquela rua avançassem. Era realmente um dispositivo engenhoso. O artigo finalmente se tornou humorístico e sugeriu que, com melhorias adicionais, talvez fosse possível fazer um comissário de polícia a partir de um desses robôs.

Ball foi para a cama, profundamente irritado com seu primeiro dia de contato real com o novo mundo. Em vez de encontrar conforto e relaxamento no sono, foi simplesmente atormentado por sonhos desagradáveis. Ele pensou que estava vivendo em um mundo onde o conflito entre os robôs e os trabalhadores era tão intenso que o desemprego se tornava um problema sério. Em praticamente todas as fases da vida, a máquina estava expulsando o trabalhador de seu emprego. Os robôs estavam vendendo bilhetes nas estações de metrô, dirigindo o trânsito, cavando valas, construindo novos arranha-céus, formando novas e inéditas adições ao exército e à marinha. E alguns deles, conectados a máquinas de somar e a máquinas de escrever em grandes escritórios, estavam realmente mantendo registros contábeis e fazendo parte do trabalho estenográfico de maneira puramente mecânica, por máquinas muito capazes.

Nesses sonhos, Ball via a gradual fome da sociedade, primeiro pelos verdadeiros prazeres da vida, depois pelo conforto, e, mais tarde, pelas necessidades reais. Ele vislumbrou desfiles de trabalhadores desempregados, exigindo do capital o direito de ganhar a vida. Mas esses próprios desfiles eram policiados por robôs vestidos de azul, que eram muito perfeitos em manter a ordem com cacetetes mecanicamente manuseados. Em seu sonho, Ball viu um robô acertar uma pobre mulher na cabeça. O bebê que ela carregava caiu de seus braços sem

vida e teria batido na calçada, mas Ball o segurou com uma mão e golpeou o robô no rosto com a outra. Imediatamente, ele foi o centro de um ataque de uma dúzia de máquinas que o espancaram até a inconsciência. Enquanto caía, ele tentou salvar a criança, gritando em seu terror: “Vocês estão matando a civilização em vez do homem.”

Mas, em vez de bater no concreto, ele flutuou no ar, e a criança se transformou em uma bola de futebol. Vendo que estava usando a antiga armadura de futebol dos tempos passados, ele se lançou loucamente através das nuvens para fazer um touchdown. Ajudando-o estavam dois de seus antigos amigos que haviam morrido. Eles sussurraram para ele que ele poderia salvar o mundo das máquinas eletrificadas se quisesse. Então, com a ajuda deles, ele mergulhou através de um arco-íris e, com os fragmentos rasgados esvoaçando sobre seus ombros, ele fez um touchdown no Grande Trono Branco e acordou com um grito áspero de vitória. Atordoado, ele foi até o chuveiro e tentou recuperar os sentidos sob o jato revigorante. Então, vestiu-se parcialmente e mandou chamar um mensageiro.

“Ligue esse aparelho de televisão e me mostre como ele funciona,” ordenou. “Vá devagar e me dê todos os detalhes e me ensine exatamente como posso chamar as diferentes estações e encontrar o programa no jornal. Ligue para o seu concierge e diga que você estará ocupado pelas próximas horas.”

E pelo resto da noite, ele e o mensageiro trabalharam na máquina televisiva até que Ball estivesse completamente familiarizado com ela. Já era dia quando finalmente pararam. Imediatamente após o café da manhã, Ball pegou um táxi para o escritório de vendas da Robots International. Lá, suas cartas de apresentação lhe proporcionaram uma entrevista muito satisfatória com o gerente, que detalhou o futuro da empresa e como exatamente seus homens mecânicos substituiriam o trabalho humano. O encontro terminou com Ball comprando dez milhões de dólares em ações da empresa. Ao sair do escritório, o gerente o levou para uma sala privada. Uma jovem, simples, mas elegantemente vestida, estava esperando ali em uma cadeira. O gerente sorriu.

“Entendo que você é um homem solteiro, Sr. Ball. Fizemos alguns desses delicados robôs femininos especialmente para homens como você. Eu ficaria feliz em lhe dar este aqui. Ela pode dançar, tem um bom repertório de gírias modernas, pode fumar e, na privacidade do seu quarto de hotel, pode entretê-lo de várias maneiras. Vai levar cerca de meia hora para ensiná-lo a manuseá-la. Você a levará com você?”

Ball, corando, recusou. Ele era um misógino convicto, e o gerente não poderia ter cometido um erro maior ao sugerir tal companheira para um homem como ele.

“Isso é só mais uma razão para lutar contra essa terrível era mecânica,” resmungou Ball enquanto corria para o táxi.

Ball Toma as Rédeas

Por muitos anos, Ball teve uma mente obstinada. Quando começou a caçar ovos de répteis na Ásia Central, continuou até ter um sucesso completo e ter presenteado praticamente todos os grandes museus do mundo com espécimes quase perfeitos. Ele se envolveu em todas as suas explorações com a mesma determinação entusiástica. Essa não foi a primeira vez que entrou em conflito com homens que poderiam se tornar seus inimigos. O perigo nunca foi um obstáculo para ele; na verdade, isso simplesmente o tornava ainda mais determinado a ter sucesso.

Sua primeira ambição era garantir reconhecimento como um acionista importante na Robots International. Isso ele fez facilmente com o investimento de apenas dez milhões. Em seguida, tornou-se interessado em ações de televisão e logo possuía um grande bloco de ações, não suficiente para lhe dar o controle, mas o suficiente para ser imediatamente eleito para um lugar no Conselho de Diretores. Então, ele contratou os melhores engenheiros elétricos que sua riqueza podia pagar e lhes disse para trabalhar com Rudolph Drach e construir um verdadeiro time de futebol robótico para a próxima temporada. Ele lhes disse para não pouparem despesas, mas produzirem um time que pudesse destruir o time da Penn.

Durante anos, as riquezas de Ball haviam sido ignoradas. Agora, suas grandes compras de ações e seu interesse por esportes mecânicos o tornaram uma figura quase diária nas notícias. Descobriram, entre outras coisas, que ele era o terceiro homem mais rico dos Estados Unidos, que era viúvo, que estava noivo pela primeira vez para se casar naquele inverno; que ele nunca se casaria; que ele tinha uma esposa e três filhos. A todas essas especulações ele dava a mesma resposta: ele era um misógino. Essa atitude introduziu a palavra pela primeira vez para noventa e nove por cento da população de Nova York. Assim que seu verdadeiro significado foi entendido, 2700 jovens solteiras da sociedade determinaram se casar com ele antes do final do ano.

Enquanto isso, Ball estava ocupado. Ele aparentemente gostava dos holofotes durante o dia, mas à noite ele tinha uma maneira peculiar de desaparecer. Era comumente pensado que ele estava levando uma vida dupla, mas ninguém tinha coragem de sugerir tal coisa a ele. Ele agora ocupava um apartamento de vinte cômodos na Park Avenue, onde era atendido por vários maravilhosos servos mecânicos. A única exceção a isso era o cozinheiro. Na cozinha, Ball teve que admitir que o chef robô foi um fracasso, e essa descoberta foi uma grande

decepção para ele, pois sabia que cozinheiros mecânicos encontrariam um mercado de vendas constante e, assim, aumentariam muito o valor de suas ações na Robots International.

Era um segredo aberto que grandes dias estavam por vir para esta empresa na fabricação e venda de robôs para todos os tipos de trabalho. Os sindicatos estavam unidos em denunciar todo o programa de substituição universal de máquinas por homens. Mas, apesar dessa oposição, os financistas que controlavam as novas empresas, como Robots International, Televisão e Rádio, estavam determinados a seguir com seu programa e realizar o trabalho manual do mundo com máquinas eletrificadas na forma de homens e mulheres, que seriam incansáveis, infalíveis e sem salário.

Apesar de sua grande atividade nos negócios, Ball encontrou tempo para se envolver em esportes com o entusiasmo que marcava todos os seus esforços. Ele forçou sua eleição para o Comitê de Regras do Futebol Interseccional, e nesse órgão aprovou algumas novas regras. Uma era que, independentemente de como um robô fosse ferido em um jogo, ele tinha que continuar no jogo sem assistência mecânica. Ele também mudou o tempo do jogo para um período de uma hora, em vez de quatro quartos de quinze minutos. Uma regra foi aprovada proibindo que qualquer ser humano, seja como técnico ou mecânico, fosse permitido no campo durante o jogo. Sua declaração constante e argumento era que, se os robôs fossem mecanicamente perfeitos, eles não precisariam de atenção de agências humanas.

Durante todo aquele inverno, havia uma corrente de inquietação fervilhando na cidade de Nova York. Era bem sabido que a Robots International estava fabricando robôs em grande escala, mas não havia vendas reais, apenas o recebimento de pedidos antecipados. Eles anunciaram em suas declarações que esses pedidos seriam atendidos no final de novembro daquele ano e deram como explicação para este atraso que as fábricas grandes levariam bastante tempo para ajustar suas máquinas para que pudessem usar os robôs em vez de mecânicos humanos.

À medida que os meses passavam, e cada vez mais os trabalhadores viam a escrita na parede que milhares e dezenas de milhares de seus companheiros seriam despedidos, a inquietação crescia. Ball teve que suportar o peso de suas críticas. A Robots International era simplesmente uma empresa, mas ele, como homem rico e seu maior acionista, era uma personalidade viva que eles podiam atacar com suas invectivas. Não apenas palavras, mas tijolos foram lançados contra ele. O prédio de apartamentos onde ele morava foi bombardeado.

Ball parecia gostar da situação. Tornou-se verborrágico e quase toda semana emitia uma declaração para os jornais, mostrando as diferentes maneiras pelas quais as empresas em que ele estava envolvido beneficiariam a humanidade e os acionistas. Uma das propostas que fez foi que uma grande porcentagem dos professores fosse dispensada e uma tela de televisão fosse colocada em todas as salas de aula das escolas públicas. Assim, as aulas para toda a nação poderiam ser ministradas a partir das estações de transmissão de televisão por um grupo de professores especialistas, aumentando não apenas a eficiência do ensino e a uniformidade dos métodos, mas também reduzindo significativamente o custo da educação, o que poderia resultar na redução dos impostos. É claro que essa sugestão tornou Ball muito impopular entre os pedagogos de todo o país, concentrando a raiva deles na Companhia de Televisão. O público em geral começou a refletir e a se perguntar se todo esse avanço no conhecimento científico era realmente uma bênção.

No final da primavera, Ball comprou dez mil acres de terra perto da fronteira canadense, cercou a área com uma cerca alta de arame, protegeu a cerca com guardas armados e a chamou nos jornais de sua Estação Experimental. Embora não tenha sido dito uma palavra sobre o tipo de experimentos que seriam realizados lá, não havia dúvida na mente das pessoas comuns de que, de todas as formas, esses experimentos prejudicariam os trabalhadores. Nesse momento, Ball era o homem mais odiado dos Estados Unidos.

Seu dinheiro e os cientistas contratados fizeram maravilhas com o time de futebol robótico da Universidade de Nova York, e naquele outono eles venceram todos os primeiros jogos. É verdade que ganharam por margens bastante estreitas, porque o encontro de dois robôs em campo era como uma força imóvel encontrando um corpo irresistível, mas, ainda assim, a perfeição dos robôs da Universidade e o manuseio habilidoso das máquinas de controle pelos onze universitários bem treinados sempre garantiam a vitória para Nova York. Enquanto isso, todas as atenções estavam voltadas para o jogo entre Nova York e Pensilvânia, marcado para o sábado antes do Dia de Ação de Graças. Como fato singular, os novos robôs de trabalho entrariam em operação na segunda-feira seguinte. Vinte e cinco mil robôs haviam sido distribuídos, e cada um substituíria três homens que trabalhavam oito horas por dia, pois esses robôs eram incansáveis, e um dia de vinte e quatro horas havia sido organizado para suas atividades.

CAPÍTULO IV: Uma Surpresa

O jogo de futebol havia sido largamente anunciado. Mais de sessenta milhões de pessoas o assistiriam nas várias telas de televisão da nação. Naquela manhã de sábado, a

cidade de Nova York testemunhou seu pior tumulto desde os Distúrbios de Recrutamento da Guerra Civil. A paz foi finalmente restaurada apenas depois que o corpo de bombeiros molhou completamente a multidão enlouquecida.

A parte mais pacífica de toda a cidade era o campo de futebol; lá estavam presentes as poucas pessoas como de costume. Os dois times de robôs receberam sua última lubrificação e testes elétricos, enquanto os onze homens de cada lado lubrificavam seus dedos e ansiosamente praticavam bater nas teclas das máquinas à sua frente. O treinador Haggard e o chefe eletricitista Drach estavam sentados perto deles, com Ball entre o treinador e os jogadores. Provavelmente havia cinco espectadores nas arquibancadas, que haviam sido construídas para acomodar oitenta mil pessoas.

Então o jogo começou. Ele deveria durar, de acordo com as novas regras, uma hora, e durante esse tempo apenas os robôs eram permitidos no campo.

Quase imediatamente, um murmúrio surgiu entre os onze pequenos homens que estavam apertando as teclas elétricas pela honra de Nova York. Seus robôs estavam jogando bem, mas não estavam jogando do jeito que estavam sendo direcionados pelos onze jogadores na arquibancada. Eles apelaram ao treinador e, em seguida, ao chefe eletricitista, ambos impotentes para ajudá-los.

“A única explicação que consigo pensar”, disse Drach, praguejando, “é que de alguma forma alguém cortou nosso controle e substituiu por um controle próprio. Essas máquinas não podem pensar; elas precisam ser direcionadas de alguma forma, e se não estão reagindo aos seus comandos, então alguém mais está fazendo isso. É totalmente possível que a Pensilvânia esteja direcionando eles e jogando com os dois times a partir de seus quadros de controle. Se for esse o caso, estamos prestes a sofrer a pior derrota de nossas vidas. O que você acha disso, Ball?”

O grande homem simplesmente bocejou.

“Nossos caras parecem estar se saindo muito bem até agora. Suponho que devemos deixá-los em paz e ver o que acontece. Claro, vocês devem continuar fingindo trabalhar em seus quadros, porque não queremos que os caras da Pensilvânia pensem que estamos perplexos. Olhem para aquele jogador de Nova York fazendo um touchdown! Quem quer que esteja controlando nossos robôs é nosso amigo, ou não teria trabalhado para obter aquele placar.”

E esse foi apenas o primeiro placar. Os robôs de Nova York jogaram com uma habilidade, energia e fervor nunca antes vistos em qualquer time de robôs. Eles corriam em círculos ao redor dos homens da Pensilvânia, os deixavam de cabeça para baixo, os

enganavam de todas as maneiras, jogavam a bola, a carregavam, a chutavam até que o jogo deixou de ser uma competição e se tornou um motim de desespero para os jogadores da Pensilvânia. Não era que os robôs da Pensilvânia jogassem mal, mas o fato era que os robôs de Nova York jogavam muito melhor.

Quando o jogo estava na metade, um fluxo de estudantes da Universidade de Nova York começou a passar pelos portões e, gradualmente, havia gente suficiente presente para começar a torcer. Eles explicaram animadamente que o aparelho de televisão não estava funcionando, ninguém conseguia ver o jogo nas fraternidades ou casas de clube, então decidiram ir ao campo para ver por si mesmos como o jogo estava realmente se desenrolava.

Finalmente, o jogo chegou ao fim. O placar de cento e sessenta a zero só contava parte da história. O time da Pensilvânia havia sido superado em todos os aspectos do jogo, e o melhor de tudo foi que, ao final do jogo, mais de mil estudantes estavam lá para aplaudir os vencedores.

À medida que o jogo progredia, Drach ficava cada vez mais silencioso. Ele olhava de soslaio para Ball, mas este permanecia com a mesma expressão plácida. Quando o jogo estava quase no fim, Drach tocou no ombro de Ball.

“Vamos até a sala das máquinas e dar uma olhada nesses robôs. Eles jogaram muito bem. Quero ver se eles se machucaram,” disse ele.

E, assim, os dois homens mais velhos estavam na sala das máquinas quando o jogo terminou e os robôs saíram do campo. Eles entraram na sala, o velho treinador trancou a porta e então os onze robôs se reuniram ao redor de Ball e, com os braços entrelaçados e corpos balançando, deram uma última saudação para a querida velha Universidade. Ball apenas ficou parado ali, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Finalmente, ele sussurrou:

“Bem jogado, meus queridos rapazes! Vocês não esqueceram uma única lição que ensinamos durante todo aquele verão nos Adirondacks. Vocês venceram o jogo, mas fizeram mais do que isso. Vocês ajudaram a estabelecer para sempre a supremacia do homem sobre a máquina. Não haverá mais robôs no campo de futebol. No próximo ano, haverá oitenta mil espectadores para assistir a um jogo de verdade entre homens de verdade. Drach, o que achou do desempenho dos meus rapazes? Tive a ajuda de mais de vinte jogadores antigos de futebol para treiná-los e, considerando o fato de que não tivemos muita chance de praticar, e que nenhum dos rapazes jamais havia visto um jogo de verdade, acho que eles se saíram muito bem.”

O Chefe de Eletricistas não sabia se ria ou chorava.

“Você me tirou do emprego, Ball. Não haverá mais trabalho para mim na Universidade a partir de agora.”

“Você não deveria se preocupar. Eu te pago o dobro do seu salário se você trabalhar para mim a partir de agora.”

“Mas e a televisão e o rádio, Ball?” perguntou o perplexo mestre mecânico. “Eu consigo entender você substituir jogadores robóticos por homens, mas o que você fez com o sistema de transmissão sem fio? Ou foi apenas coincidência? Um capricho da atmosfera?”

Ball sorriu.

“Você vai ter que adivinhar isso por um tempo. Há muita gente por aqui para discutirmos assuntos importantes como a televisão. Que tal você vir jantar com o time? Estou organizando uma recepção para eles esta noite, e talvez possamos conversar depois que eles se saciarem e forem dormir. Acho que teremos que enfrentar os repórteres na saída. Você e Haggard podem dar as entrevistas. Claro, seria melhor colocar toda a culpa em mim. Não foi muito esportivo tratar o time da Pensilvânia dessa forma, mas eu queria dar uma lição de moral surpreendente para a nação, e quando os jornais derem destaque a isso, acho que o mundo inteiro vai começar a pensar.”

O que aconteceu

O dia seguinte, domingo, foi um dos mais memoráveis na história do país. O fato de que onze homens haviam vencido uma vitória decisiva sobre onze máquinas era apenas parte das notícias que quase excederam a capacidade das edições dominicais. Pessoas que não compravam jornais há vários anos passaram a fazê-lo, pois as estações de transmissão de notícias não estavam funcionando. Algo havia acontecido com o rádio; nenhuma das máquinas em todo o país estava funcionando, e nenhum dos especialistas sabia por quê. Isso, por si só, já era uma notícia. Em seguida, as estações de transmissão de televisão também ficaram fora de serviço, e isso era mais uma notícia. As pessoas tiveram que depender dos jornais para obter informações e se contentar com o telégrafo e o telefone. Naquele sábado à noite e domingo, tiveram que se entreter, e os poucos teatros ainda abertos registraram um recorde de público.

A segunda-feira chegou, um lindo dia de verão índio. A calma da estação era sentida até na agitada Nova York. Ninguém sabia o que estava para acontecer, e, no entanto, todos sentiam que essa tranquilidade poderia ser a calmaria antes de uma tempestade mortal. Os trabalhadores estavam à espreita, prontos para saltar em sua última luta contra as máquinas.

Os vinte e cinco mil robôs haviam sido entregues, instalados, os homens que eles substituíram haviam sido dispensados — e então — nenhum robô começou a funcionar.

Por alguma razão, eles não conseguiam nem mesmo começar.

Eram belos exemplares de maquinaria, mas absolutamente sem vida.

Cada dia de inatividade significava uma enorme perda para os fabricantes.

Desesperados, eles chamaram de volta seus trabalhadores humanos, aumentaram seus salários, reduziram suas horas de trabalho e lançaram perguntas desesperadas aos proprietários da Robots International.

Essas perguntas nunca foram respondidas. Tudo o que os cientistas puderam dizer foi que as ondas etéreas que tornavam possível a televisão, o rádio e os robôs não estavam mais sob o controle e à disposição da humanidade. Algo havia acontecido com elas, não necessariamente para destruí-las, mas para torcê-las ou convertê-las de alguma forma, de modo que não fossem mais capazes de servir aos caprichos da humanidade.

No dia seguinte, terça-feira, houve uma reunião conjunta de todos os Conselhos de Administração das empresas envolvidas na gigantesca mudança nos assuntos da sociedade. A reunião foi convocada a pedido de Ed Ball, mas até ele se levantar para discursar aos Diretores, ninguém percebeu o quanto ele havia influenciado na cessação repentina da televisão, do rádio e de outras formas de atividades, dependentes das ondas sem fio. Pedindo atenção, Ball se levantou e contou-lhes tudo.

“Senhores,” ele começou, “quando voltei à América há um ano, pouco percebi as mudanças na vida humana que foram resultado direto da comercialização das invenções científicas por parte de vocês. Deliberadamente, investi mais de trinta milhões em suas várias empresas para que eu pudesse obter uma visão correta de todo o problema. Descobri que vocês ofereceram ao mundo algumas bênçãos, mas todas estavam enredadas com maldições bastante definitivas. Vocês possibilitaram uma vasta expansão do uso do rádio, da televisão e do controle sem fio de máquinas, que vocês vestiram na forma de homens e mulheres e chamaram de robôs. Com esses robôs, vocês ameaçaram a própria vida do trabalhador americano. Vocês destruíram o que havia de melhor no esporte, tiraram o prazer de assistir a um entretenimento em massa e, ao colocar todos os entretenimentos em casa, transformaram a humanidade em um animal egoísta, introvertido e anti-social, que se importava pouco com algo além do seu próprio entretenimento. Vocês fizeram isso para ganhar dinheiro — havia pouco de altruísmo, de amor à humanidade, em seus esforços para popularizar essas descobertas científicas.

“Preparei-me para ensinar ao mundo uma lição ao derrotar um time de futebol de robôs com um time de jovens americanos bem despertos. Isso foi fácil para mim, porque eu era um ex-astro do futebol. Foi diferente com as ondas sem fio do éter. Finalmente, encontrei um velho inventor que via todo esse problema da mesma forma que eu. Ele estava disposto a trabalhar no controle das ondas sem fio e, finalmente, com meu encorajamento e dinheiro, ele inventou uma pequena máquina elétrica, nada impressionante à primeira vista, mas bastante gigantesca em seu poder. Aperte um botão e todas essas ondas que vocês usam são desorganizadas, de alguma forma distorcidas, de modo que vocês não podem usá-las. Aperte outro botão e elas retornam à sua utilidade anterior. Nós apertamos um botão quando o jogo começou outro dia, e vocês viram o que aconteceu.

“Este senhor idoso que está sentado tão tranquilamente à minha direita é o Sr. Henry Scherer, o brilhante inventor, que por acaso descobriu esse novo poder. Quando ele chegar em sua casa amanhã, ele apertará o outro botão e restaurará a todos vocês o controle anterior do ar. Se ele algum dia apertará esse botão novamente, dependerá de vocês. Suas atividades estarão sob a observação de um grupo de humanitários, homens que amam seu semelhante, e esses homens estarão sob meu comando. Se eles acharem que o trabalho de vocês é prejudicial à humanidade, eles primeiro os avisarão e, depois, os deterão notificando o Sr. Scherer, que apertará o botão apropriado. A humanidade nunca mais deve ser ameaçada pelo peso esmagador das máquinas. O robô deve ser o servo e não o mestre.”

No mês seguinte, Ed Ball embarcou para a Austrália, deixando Scherer para proteger o trabalho americano contra qualquer outro ataque dos robôs.

The Making of Misty Isle

By Stanton A. Coblentz



Once more some power from the unknown reached out after the ship; once more a wave of terrific intensity overtook it, sweeping across the decks and making the craft stagger like a rowboat... while above the fog-bound shore of the island fountain after fountain of bloody flame was hurled aloft.

A Construção da Ilha Nebulosa

Stanton A. Coblentz

CAPÍTULO I: Quatro Conspiradores

Dentro de um escritório revestido de carvalho em uma das capitais do hemisfério ocidental, quatro homens estavam reunidos em uma consulta sóbria. Três deles eram avançados em idade, com a aparência enrugada, os olhos astutos, e o cinismo confirmado de aspecto comum entre políticos idosos; o quarto, um homem que ainda não havia chegado aos trinta, parecia, em alguns aspectos, o mais astuto do grupo, e em seus grandes olhos sagazes havia uma luz tão fria quanto o brilho do gelo no inverno. Era ele quem, com um mapa desdobrado diante de si, estava se dirigindo à pequena reunião; e eles o ouviam com olhares atentos e calculistas enquanto suas palavras fluentes saíam.

“Sim, Sr. Presidente”, ele estava dizendo, com um aceno para o mais grisalho e enrugado de seus companheiros. “O esquema é totalmente viável. E você, Sr. Secretário, e você, General Blackfoot” — aqui ele apontou para os outros dois homens — “terão que concordar. Por dez anos eu tenho trabalhado no plano, e não há detalhe de engenharia que meus especialistas e eu não tenhamos examinado e testado minuciosamente.”

“Então você quer dizer,” arrastou o indivíduo chamado de ‘Sr. Presidente,’ “você quer dizer que será possível criar uma ilha artificialmente? E o procedimento será seguro e eficiente? Podemos contemplar a conclusão do trabalho dentro de dois anos? É essa a ideia, Sr. Turnbull?”

Turnbull assentiu seriamente.

“Além disso,” interveio o General Blackfoot, “podemos ter certeza de que a ilha estará em uma posição de importância estratégica? E que as operações podem ser mantidas em absoluto segredo?”

Mais uma vez Turnbull assentiu. “Olhem para este mapa,” ele pediu, apontando para um ponto em algum lugar do Pacífico Norte. “Vocês veem aqui uma localização bem fora de todas as rotas marítimas regulares. Fica a centenas de milhas de qualquer ilha conhecida, e ainda assim, a pouco mais de mil milhas da costa leste da Ásia. Agora, em um ponto onde investigamos, o fundo do mar se eleva de um desfiladeiro tremendamente profundo para dentro de cinquenta braças da superfície. Este é, evidentemente, o pico de uma montanha submarina — ou, melhor, um vulcão submarino. E é esse pico que propomos elevar até que ultrapasse as ondas.”

O orador fez uma pausa e, com dedos pesados acariciando seu enorme queixo quadrado, olhou através da longa sala com suas fileiras ordenadas de mesas, seus altos armários de arquivos e estantes seccionais.

“Você tem certeza absoluta de que ninguém pode nos ouvir?” ele sussurrou.

“Absoluta certeza,” respondeu o Presidente, com um olhar confiante em direção à porta trancada. “Dei ordens antecipadas ao Serviço Secreto. Não há perigo de espiões.”

Uma luz furtiva brilhou nos olhos gélidos de Turnbull. “Bem, então, esta é a minha proposta,” ele continuou, em tons baixos e significativos. “Induziremos a legislatura a votar um adicional de dez milhões sob o termo genérico de ‘apropriações militares’. Com esses dez milhões, começaremos, em absoluto segredo, a realizar nosso esquema. O principal, claro, será manter os fatos ocultos. Quando nossa ilha for criada, suas utilidades serão muitas. Ela será inestimável como centro militar. Servirá como uma estação de carvão para a marinha; será um centro para o abrigo e o reembarque de forças militares; será indispensável como uma base de submarinos e aviação, de onde nossas embarcações submarinas poderão assolar o comércio asiático e nossos aviões bombardeiros poderão destruir as cidades costeiras. Então, finalmente, a conquista do leste da China ou da Sibéria, ou do próprio Japão, não estará fora de nosso alcance.”

O General Blackfoot já era um homem bem velho; um brilho rapinante apareceu em seus pequenos olhos penetrantes. “Um projeto magnífico,” ele aprovou. “Realmente, um serviço patriótico de primeira classe. Mas ainda não estou convencido de sua viabilidade. Você terá que tornar a primeira parte de seu plano um pouco mais clara, Dr. Turnbull. Como exatamente vamos levantar essa ilha do oceano?”

Turnbull sorriu com certa tolerância e explicou, “Como eu estava dizendo antes, a ideia não oferece dificuldades técnicas excepcionais.

A região que escolhemos não é apenas vulcânica, mas ativamente vulcânica, e inúmeros relatórios, sismográficos e de outras naturezas, mostram que distúrbios constantes estão ocorrendo abaixo da superfície, de fato, o registro de tsunamis sozinho provaria a ocorrência de erupções vulcânicas submarinas. Agora, o que tudo isso implica? Claramente, não muito abaixo do leito do mar, há uma enorme veia de rocha derretida, ou magma, que se acredita dar origem às erupções vulcânicas. Essa rocha superaquecida, juntamente com enormes quantidades de vapor quente, está constantemente pressionando para cima na tentativa de escapar; e apenas a pressão oposta da crosta sólida impede que ela jorre violentamente. Mas ocasionalmente, as torrentes fumegantes abaixo, rompendo por alguma fissura ou falha na terra, tornam-se poderosas o suficiente para superar a pressão da crosta; e

então temos uma erupção vulcânica. Tais erupções até agora têm sido totalmente devidas a causas naturais; mas não há razão para que não possam ser criadas artificialmente. Se a crosta acima for enfraquecida o suficiente, elas podem ser produzidas quase que à vontade. E é meu objetivo realmente produzir uma — e produzir debaixo do mar. Por meio de um novo super-explosivo — eu o chamo de ‘hiperblast’ — serei capaz de explodir o leito do mar até uma profundidade de centenas de pés, diminuindo assim a pressão sobre o magma derretido abaixo, e permitindo que o líquido em brasa e os vapores tórridos rompam a superfície em uma erupção de violência excepcional. O material liberado certamente se acumulará a uma altura considerável, ultrapassando a superfície do mar e dando origem a uma nova ilha. Vocês podem confiar em mim quando digo que isso pode ser feito. Como consultor-chefe de engenharia do governo e inventor do hiperblast, tive a oportunidade de testar o projeto em todos os detalhes.”

Um silêncio impressionante seguiu-se a essa narrativa. O General Blackfoot reclinou-se em sua cadeira giratória, com um brilho de interesse exultante em seus olhos de furão; o Presidente ficou puxando meditativamente o fio fino de sua barba grisalha, como um ruminante mastigando seu bolo alimentar. Somente o Secretário parecia ainda não estar completamente convencido.

“Esse seu hiperblast me deixa curioso, Dr. Turnbull,” confessou. “Como ele será implantado no fundo do mar? Por mergulhadores? Por submarino? Ou você vai dispará-lo com um canhão poderoso?”

O rosto austero do Dr. Turnbull iluminou-se com apenas um leve sorriso. “Você está se tornando frívolo, Sr. Secretário. Não, eu não gostaria de tentar disparar o explosivo com um canhão. Meu método, no entanto, é mais simples do que isso. Envolvido em contêineres à prova d’água e pesados com chumbo, o hiperblast será lançado em pacotes de meia tonelada do lado de um navio. Dezenas de tais bombas serão lançadas, todas operando por meio de fusíveis de tempo lento, e todas calculadas para explodir ao mesmo tempo. É desnecessário dizer que primeiro daremos tempo suficiente para o navio alcançar o porto. Você pode julgar a eficiência do hiperblast quando eu digo que ele é dez mil vezes mais poderoso que a dinamite. Descobri o segredo por acaso; é feito de um óxido de tório, associado a compostos radioativos; e sua qualidade peculiar se deve a um método que encontrei para acelerar a radioatividade até o ponto de explosão. Em comparação com ele, o TNT parece uma pistola de brinquedo. Seis ou oito dessas bombas seriam suficientes para transformar a cidade de Nova York em lenha.”

“Ótimo!” declarou o Secretário, com um aceno entusiástico. “Esplêndido! Então você não tem nenhuma dúvida, Dr. Turnbull? Seu novo explosivo pode explodir a superfície do mar e liberar as forças subterrâneas?”

“Sem dúvida!” afirmou Turnbull.

“Bem, por mim, proponho que adotemos a recomendação,” incentivou o General Blackfoot, esfregando as mãos finas, como diante de alguma perspectiva apetitosa. “Estou certo de que essa medida fará uma história militar.”

E ele soltou uma risada seca e astuta que tinha uma leve sugestão maliciosa.

“Ela fará uma história mundial,” concordou o Presidente, também rindo furtivamente... “Bem, então, se todos estão de acordo, eu pessoalmente apontarei para a legislatura a necessidade de maiores apropriações militares. A necessidade de autodefesa será minha justificativa... Ninguém, exceto nós quatro, é claro, saberá para que os fundos adicionais serão usados.”

E todos os quatro conferentes sorriram e se parabenizaram. E poucos momentos depois, quando saíram da grande sala revestida de carvalho, seguiram com suas expressões sérias e determinadas de homens que contemplam feitos grandiosos.

CAPÍTULO II: Grandes Preparativos

Durante os primeiros meses do ano seguinte, o mundo foi surpreendido pelo relato de uma gigantesca perturbação no Pacífico Norte. Sismógrafos de Londres a Tóquio registraram um terremoto de intensidade excepcional e de vários minutos de duração; e todos os relatos concordavam em colocar o ponto de origem em algum lugar no noroeste do Pacífico, em um ponto não mais do que mil ou mil e quinhentas milhas da costa asiática. Por essa razão, as autoridades concordaram em conectar o terremoto com o maremoto de ocorrência quase simultânea, que foi sentido do Havaí às ilhas Aleutas, e da costa chinesa ao sul da Califórnia. Ninguém sabe quantos barcos de pesca foram submersos, quantas embarcações à vela foram inundadas e viradas nessa cataclísmica elevação das águas, que enviou as ondas a bater em muitas vilas insulares, que levantou grandes navios a vapor e os deixou encalhados em praias inclinadas, que afogou milhares de habitantes das terras baixas costeiras e trouxe luto e angústia para vinte nações. Ninguém pode calcular as perdas; e, no horror do primeiro choque inesperado, ninguém pôde rastrear a origem das nuvens de poeira fina e cinzas, acompanhadas em alguns lugares por vapores sulfúricos, que foram sopradas sobre metade da superfície do Pacífico, e para longe, no interior da China e da Sibéria, como se viessem de

uma erupção vulcânica de grande alcance. Cientistas, claro, não demoraram a reconhecer que deve ter havido uma perturbação vulcânica — provavelmente uma erupção em alguma ilha remota e desabitada bem fora das rotas normais de navegação. O único fato inexplicável era que, mesmo após o passar de meses, nenhuma ilha havia sido observada mostrando sinais de uma recente erupção.

Mas o que o mundo geralmente não imaginava era que atividades estranhas e intensas estavam em andamento em algum lugar não mapeado do Pacífico. Onde os mapas não indicavam nenhuma ilha, uma ilha havia surgido — uma formação negra e desolada de lava irregular, com seis milhas de comprimento e três milhas de largura, elevando-se em alguns lugares a uma altura de sete ou oito centenas de pés acima do nível do mar. “Ilha Nebulosa” foi o nome dado por aqueles poucos que sabiam o segredo de sua existência; e o nome foi bem escolhido, pois a terra estava protegida da possível visão de navios que se aproximassem por um véu perpétuo de neblina.

A neblina, no entanto, não existia por nenhum capricho da natureza. Se alguém se aproximasse a poucos metros da costa, observaria uma infinidade de pequenos tubos, dos quais torrentes de vapor chiavam continuamente; e veria que esses tubos, conectados a uma central de aquecimento, se estendiam completamente ao redor da ilha, liberando seus vapores em tal volume que a terra se tornava invisível a menos de um quarto de milha de distância. Do ponto de vista da luz do sol e do ânimo, isso poderia ser uma desvantagem, já que as neblinas e chuvas finas que perpetuamente pairavam sobre o lugar eram uma provação para todos, exceto para os nervos menos sensíveis; no entanto, do ponto de vista prático, a escuridão mal importava, já que o trabalho na ilha podia ser realizado tão bem à luz elétrica quanto à luz do sol. E quando — como acontecia de vez em quando — a forma cinzenta furtiva de algum navio de carvão naval, ou algum discreto navio de abastecimento ou transporte, deslizava em direção à costa, as brumas sempre se abriam milagrosamente, e o navio encontrava ancoragem segura em um pequeno porto escavado nas rochas salientes. Dizem, no entanto, que em várias ocasiões um navio indesejado se aproximou desajeitadamente da costa; que certa vez um cargueiro japonês, perdido na neblina, naufragou nos recifes periféricos, e que vários navios mercantes e uma canhoneira japonesa, posteriormente dados como desaparecidos, encontraram seu fim entre os baixios não mapeados da Ilha Nebulosa. Mas, quer a presença dessas embarcações tenha sido deliberada ou acidental, é certo que nenhum membro de qualquer uma de suas tripulações jamais retornou para tornar pública a história de suas aventuras.

É certo também que, se algum desses indivíduos tivesse retornado, teria uma história que faria o mundo ficar boquiaberto de espanto e horror. Pois os acontecimentos que estavam ocorrendo seriam suficientes para enviar uma onda de apreensão de uma ponta a outra da Terra. Apesar do calor da lava em resfriamento — um calor que, mesmo após seis meses, mantinha a temperatura da Ilha Nebulosa pairando em torno dos noventa graus Fahrenheit — prodigiosas atividades de engenharia estavam em processo de conclusão. Quase cada centímetro dos treze quilômetros quadrados da ilha era o cenário de operações vigorosas; a superfície irregular da terra, os sulcos profundos e fendas, as cristas e cones irregulares, haviam sido suavizados e tornados transitáveis; uma linha de fortificações rochosas estava aparecendo ao longo de nichos e eminências da costa; um campo de pouso para aviões havia sido feito no centro da ilha; um porto artificial para submarinos e embarcações de superfície havia sido escavado; barracos de madeira rústica para abrigar milhares de homens haviam sido instalados; um grande edifício de concreto para suprimentos militares estava sendo erguido; uma planta para destilar água do mar e para gerar energia elétrica a partir das ondas havia sido estabelecida; um enorme depósito de carvão havia sido criado, e parte do mineral negro já estava sendo usada para produzir as nuvens de vapor em torno da ilha. É claro que, até aquele momento, os planos do Dr. Turnbull e seus associados estavam longe de se realizar; mas o departamento naval, relatando em estrita confidencialidade o progresso do trabalho, informou-o que tudo estava prosseguindo conforme o cronograma, e que havia todas as razões para esperar pelo triunfo final de seus planos.

Pronto para Atacar

Um ano depois, ocorreu outra reunião secreta na grande sala de painéis de carvalho. Os mesmos quatro dignitários participaram; eles se reuniram com a mesma maneira sedada e séria de antes. De fato, poderia se observar neles a mesma expressão de autoconfiança, cinismo, astúcia e sabedoria mundana. Nos vinte e quatro meses intermediários, eles não haviam mudado, exceto em um aspecto; em torno dos olhos de todos havia um olhar de exultação que não existia anteriormente; e, enquanto conversavam em sussurros e de vez em quando riam dissimuladamente, tinham algo da expressão jubilante e exultante de predadores contemplando uma vítima em potencial.

“Bem, Turnbull,” declarou o Presidente, depois de se certificar de que a porta estava bem trancada e que não havia perigo de escutas, “o tão esperado momento chegou! A Ilha Nebulosa está pronta. Resta apenas usá-la.”

Turnbull retirou o charuto de entre seus lábios grossos e respondeu lentamente, “Sim, resta apenas usá-la. Antes de deixar a ilha em minha última inspeção, encontrei todos os detalhes em ordem. Minha parte está feita. O resto está nas mãos do governo.”

Os três companheiros de Turnbull esfregaram as mãos em astuta autossatisfação, e o brilho predatório em seus olhos tornou-se mais pronunciado.

Foi o General Blackfoot quem quebrou o silêncio satisfatório que se seguiu. “Sinto muito ter que confessar, Dr. Turnbull, que sempre tive um medo. Até agora, é claro, ninguém fora do círculo íntimo suspeita do que fizemos. Os dois mil trabalhadores — membros de nossas forças navais e de fuzileiros navais, que foram transportados para a ilha involuntariamente — nunca foram autorizados a sair, e todas as suas cartas foram censuradas. E assim, nenhuma palavra inoportuna deles vai espalhar a notícia. No entanto, tenho receio de que alguma traição entre os altos comandos possa expor nosso segredo. Por essa razão, tenho estado ansioso para atacar, e atacar com força total, e atacar em breve. É um axioma da estratégia militar que a rapidez com que um golpe é desferido...”

“Sim, sim, eu entendo tudo isso,” interrompeu o Presidente, com um aceno de cabeça compreensivo. “Não pense que eu também não estou ansioso por uma ação rápida. O Secretário aqui pode lhe dizer que ele e eu passamos muitas noites juntos elaborando os planos...”

“De fato passamos!” reconheceu o Secretário, mal permitindo que seu superior terminasse. E, tirando um pequeno mapa do bolso interno, ele o desenrolou sobre a mesa diante dos olhos ansiosos de seus companheiros.

“Este é o esquema,” continuou ele, apressadamente, enquanto os outros se inclinavam sobre ele com atenção absorta. “O General Blackfoot e o Dr. Turnbull podem, é claro, ter emendas a oferecer. Começaremos enviando duzentos aviões bombardeiros, de vários tipos, por porta-aviões para a Ilha Nebulosa. Ao mesmo tempo, cinquenta submarinos se concentrarão ao redor da ilha, e vinte navios de guerra e cruzadores, junto com o dobro desse número de destroyers³ e colliers e cem transportes, seguirão para a base, e serão abastecidos até a capacidade máxima. Tudo o que restará será a declaração oficial de guerra. Esta é uma tecnicidade incômoda, que, no entanto, podemos resolver arranjando como insultar o embaixador japonês, ou propondo uma lei anti-japonesa tão agressiva que Tóquio não possa deixar de protestar. Presumo, é claro, que o Japão será nosso primeiro alvo. Podemos então prosseguir com calma em relação ao leste da China e à Sibéria. No momento em que a guerra

³ um tipo de navio

for declarada, ela estará ganha; pois, até lá, nossos aviões bombardeiros estarão se aproximando da costa inimiga, e as descargas de hiper explosão não deixarão pedra sobre pedra em qualquer das importantes cidades japonesas. Naturalmente, no entanto, não causaremos mais danos do que o necessário para fins estritamente militares.”

“Não, naturalmente não,” concordou o General Blackfoot, com uma risada baixa.

“Será a invasão mais repentina e habilidosa da história,” prosseguiu o Secretário. “O golpe será desferido tão rapidamente que ninguém saberá de onde veio. As tropas dos transportes terminarão o que nossas forças aéreas e nossa frota deixarem inacabado. Proponho que ataquemos imediatamente!”

“Eu também!” secundou o General.

“Só um minuto,” aconselhou Turnbull, observando seus companheiros de forma especulativa. “Parece-me que o General Blackfoot, antes de planejar sua campanha, deveria ver a ilha pessoalmente. E o mesmo deveria fazer você, Sr. Presidente, e você, Sr. Secretário. Recomendo pessoalmente que um navio de guerra seja comissionado para nos levar para uma breve visita de inspeção à Ilha Nebulosa. Depois disso, estaremos em melhor posição para agir. O atraso não levará mais de um mês, no máximo.”

Os três oficiais coçaram suas cabeças grisalhas pensativamente, e uma longa discussão se seguiu. Mas os argumentos de Turnbull foram persuasivos, e pouco a pouco ele deixou claro para seus companheiros que a pressa provavelmente significaria desperdício. E tanto o Presidente quanto o Secretário acabaram confessando um desejo secreto de ver a ilha.

Alguns dias depois, os jornais trouxeram a notícia de que o Presidente, estando sobrecarregado com os cuidados do cargo, havia sido orientado por seu médico particular a tirar algumas semanas de férias em absoluta reclusão. As especulações sobre seu paradeiro foram muitas, mas nada foi definitivamente conhecido, exceto que seu Secretário e o General Blackfoot o acompanhariam. Ao mesmo tempo, foi notado que o Dr. Turnbull — como muito frequentemente nos últimos tempos — não estava presente em seus escritórios no Escritório Nacional de Engenharia.

CAPÍTULO III: A Inspeção

Os dois mil fuzileiros navais e recrutas da marinha, ocupados com a rotina de trabalho e treinamento na Ilha Enevoada, não adivinharam a identidade dos quatro indivíduos reservados e rigidamente encapuzados que, acompanhados por uma guarda armada, atravessaram lentamente os alojamentos e as fortificações, parando de vez em quando para

inspecionar algum detalhe interessante ou para dar alguma ordem, mas nunca sendo ouvidos fazendo qualquer comentário exceto os mais triviais. No entanto, se algum dos homens observadores se aproximasse o suficiente, poderia escutar os visitantes ocasionalmente grunhindo em satisfação, em espanto, em antecipações prazerosas; e ele saberia que algo inominável e grandioso estava sendo agitado nas mentes dos quatro enigmáticos.

Em todos os aspectos, exceto um, a ilha havia correspondido às expectativas dos dignitários desconhecidos. Não encontraram falhas no planejamento e na execução do esquema; o porto, o campo de aviação, os depósitos de armazenamento pareciam-lhes ter sido projetados de forma impecável; até mesmo o clima abominável, com o calor úmido e a luz elétrica amarela brilhando perpetuamente através de uma névoa opaca, parecia-lhes necessário e, conseqüentemente, louvável. No entanto, havia uma coisa que causava certa preocupação. Em uma saliência ao norte da ilha, uma manifestação inesperada havia sido observada. Um jato de vapor e água fervente havia saltado do meio da lava; e a investigação revelou que a rocha, a poucos metros abaixo da superfície, havia sido aquecida até brilhar em branco. Considerável aborrecimento e até mesmo um pouco de alarme foram causados por essa evidência persistente de atividade vulcânica; mas o Dr. Turnbull e seus especialistas, após uma cuidadosa análise, concluíram que isso representava apenas o último suspiro da erupção que deu origem à Ilha Nebulosa. Mesmo assim, um dos membros do grupo, adotando uma visão pessimista, sussurrou em segredo uma profecia que fez os rostos de seus companheiros empalidecerem.

Mas seus comentários foram recebidos com vigorosas negações e, no final, foram desacreditados. E os preparativos na Ilha Nebulosa continuaram como no passado. . . .

Antes que os oficiais visitantes embarcassem de volta para casa, eles veriam esses preparativos atingirem a fase final. Eles veriam enormes navios deslizando para o porto como saqueadores fantasmagóricos, e outros navios partindo como ladrões na noite; eles assistiriam tropas desembarcando aos centenas e aos milhares, marchando para quartéis preparados com muita antecedência; eles observariam o descarregamento de armas, torpedos, máscaras de gás e enormes pacotes de explosivos; eles ouviriam mensagens misteriosas sussurradas na escuridão, e avistariam sentinelas em guarda em cada elevação enevoadas; em seus ouvidos, o som de miríades de tropas em treinamento ressoaria, as ordens rápidas dos capitães e tenentes, o clique dos rifles e o ruído surdo das baionetas enquanto os recrutas atacavam alvos de manequins; o zumbido dos motores de aviões encheria o ar, e, de vez em quando, o som abafado de bombas explodindo; enquanto, dentro do secreto dos escritórios bem guardados, homens velhos em uniformes se debruçavam sobre mapas marcados em

vermelho, apontando significativamente para ponto após ponto nas ilhas... ou no continente asiático, e emitindo ordens para subordinados que entravam furtivamente e, com igual furtividade, desapareciam.

Ao mesmo tempo, os quatro dignitários eram frequentemente vistos nas proximidades da bem equipada estação de rádio da ilha; e muitas mensagens em código secreto foram enviadas entre eles e seu país de origem. Pode ter sido por essa razão que, pouco antes do final de sua visita, eventos estranhos e inquietantes começaram a agitar o mundo em geral. Com a inesperada rapidez de uma explosão em um céu sem nuvens, surgiu uma ruptura diplomática entre duas das grandes nações da Terra. O Japão, e aquele império ocidental que era o lar do Dr. Turnbull e do General Blackfoot, estavam quase a ponto de cruzar espadas — e por nenhuma razão convincente que alguém pudesse explicar. Mesmo para aqueles que afirmavam compartilhar o segredo, a origem da perturbação era algo obscuro; havia uma questão de violação de algum tratado insignificante, cuja própria existência era desconhecida, exceto para os diplomatas; e sobre esse tratado, que envolvia o direito à autogovernança de algumas dezenas de ilhéus semissivilizados em algum lugar dos mares do sul, uma mensagem imperiosa foi enviada ao Mikado, redigida de forma tão arrogante que nenhum governante que mantivesse sua autoestima poderia ignorá-la. Como resultado, ambos os países estavam subitamente em tumulto, e rumores de guerra enchiam o ar. . . .

A Vingança do Vulcão

O general Blackfoot e o Presidente, sentados com dois companheiros em um cruzador que navegava lentamente para fora do porto da Ilha Nebulosa, estavam bem cientes das manifestações que agitavam os dois países. Eles sabiam que o tumulto havia sido causado pelo ostentoso treinamento das tropas, e o acenar das bandeiras, e o toque das cornetas, e o retumbar dos tambores; eles sabiam dos discursos inflamados, dos desfiles militares, das ferozes concentrações populares que estavam alimentando as chamas da batalha. Eles olhavam para sua obra, e estavam satisfeitos.

Mesmo assim, eles não estavam tão satisfeitos a ponto de não perceberem a necessidade de uma ação rápida. “As preliminares acabaram agora,” resumiu o Presidente, enquanto, cercado por seus colegas, olhava para a costa da ilha coberta de neblina. “Já demos tempo suficiente para que todos enlouqueçam com a guerra. Portanto, não se poderá dizer que atacamos sem aviso. Ninguém, é claro, suspeita do que está por vir. Não devemos dar ao inimigo nenhuma chance de se preparar. Agora é a hora! O que vocês acham?”

Os outros assentiram em uma aprovação atenta, e o Presidente continuou: “Então, vou enviar um comando via rádio imediatamente ao Vice-Presidente. Ele agirá em minha ausência e emitirá a declaração oficial. E então para o teste real! Amanhã, a esta hora, não haverá um homem, mulher ou criança viva em todas as cidades do Japão!”

E, com uma tentativa de piada que de alguma forma não gerou resposta, o Presidente se levantou e saiu em busca do operador de rádio.

Enquanto ele estava fora, o Dr. Turnbull se dirigiu gravemente aos seus companheiros. “A propósito, aquele gêiser de vapor na extremidade norte da ilha parece estar causando problemas novamente. Eu o vi esta manhã e não gostei do que vi. Estava jorrando como um corpo de bombeiros inteiro e era duas vezes mais alto do que ontem.”

O General Blackfoot deu de ombros. “Mas, é claro, ele vai diminuir com o tempo,” sugeriu, com um sorriso confiante.

“Claro!” acrescentou o Secretário.

O Dr. Turnbull apenas fez uma careta e não respondeu. E a partir daí, até o retorno do Presidente, a conversa diminuiu. . . .

“Feito! Está feito!” anunciou o oficial, reaparecendo e rindo, com uma risada que mais parecia um cacarejo. “Tudo o que resta é acender o fusível final!” E seus três companheiros conspiradores se juntaram a ele em risos baixos e clandestinos.

Por um momento, eles olharam em silêncio para os mares cinzentos e para os céus cinzentos e nebulosos, e para a costa escondida da ilha, de onde, antes que outro dia passasse, uma horda de saqueadores alados voaria como um sopro de destruição em direção a cidades desprevenidas. . . .

Mas, uma destruição de natureza diferente os aguardava. Foi apenas meia hora depois, quando os quatro homens, reunidos em uma conferência secreta, foram despertados pelo súbito tremor e abalo do navio. Embora o mar, um momento antes, estivesse tão calmo quanto vidro, o navio foi sacudido como se por ondas de tempestade, balançando e estremecendo como se lutasse contra um furacão. Após um momento, a agitação cessou e a embarcação prosseguiu em equilíbrio; mas o Dr. Turnbull e seus acompanhantes, correndo excitados para o convés, descobriram que seu alarme não havia sido injustificado.

Pois, embora o oceano, exceto pelas espumas brancas que diminuía, não mostrasse sinais de qualquer anomalia, algo estava claramente errado na Ilha Nebulosa. O que era aquele clarão de chamas vermelhas que, sobrepondo-se às neblinas intermediárias como um sinal recorrente, aparecia intermitentemente na direção da ilha? O que era aquele brilho rosa nos céus? O que era aquele estrondo surdo no ar, como se de uma série de explosões

distantes? E aquelas faíscas amarelas que de vez em quando riscavam os céus, como relâmpagos distantes — exceto que tinham uma intensidade e um brilho duradouro que os relâmpagos raramente possuem? E por que aquela sensação de opressão indefinível que pairava sobre tudo, como se algo terrível estivesse por acontecer, um silêncio e uma pesadez que pairavam ameaçadoramente sobre o mundo, pesando como chumbo invisível sobre os nervos, como se a atmosfera estivesse carregada com presságios sombrios e espíritos malignos em formação?

Entre os homens que observavam, poucas palavras quebravam o longo e lento intervalo de espera. Toda a alegria de momentos antes havia desaparecido de suas expressões; e o tremor de seus lábios e mãos revelava uma agitação que eles não ousavam expressar em palavras. Teria uma bomba de hiperbomba explodido? Ou as forças vulcânicas abaixo da ilha tinham novamente entrado em ação? O experimento de Turnbull havia enfraquecido perigosamente a crosta terrestre? Tais eram os pensamentos que, pode-se conjecturar, passaram pela mente dos oficiais; pois apenas duas explicações para a agitação eram possíveis, e nenhuma delas era bem-vinda.

Mas enquanto Turnbull e seus associados estavam na borda do convés em silenciosa reflexão ou meditativamente se retiravam para suas cabines, o navio prosseguia a um ritmo constante através dos mares sombrios. Durante a primeira hora, manteve uma velocidade de vinte e dois nós; ainda assim, seu progresso, embora rápido, não era rápido o suficiente. Mais uma vez, algum poder desconhecido alcançou o navio; mais uma vez, uma onda de terrível intensidade o atingiu, varrendo o convés e fazendo a embarcação cambalear como um bote em meio a corredeiras. Simultaneamente, acima da costa coberta de neblina da ilha, um gêiser de luz carmesim disparou em direção ao céu, explodindo em meio a torrentes de faíscas brilhantes como o sol. Então, fonte após fonte de chamas sangrentas foi lançada para o alto, como se de canhões ciclópicos; marcas de fogo vermelho que chiavam, se espalharam com trilhas fosforescentes como grandes meteoros; rugidos baixos preencheram o ar e rugiram das nuvens tingidas de fogo; e todo o céu era uma fúria em chamas, na qual bandeiras rasgadas e farrapos de luz laranja e faixas elétricas brilhantes dançavam e cintilavam. E as ondas, sacudidas e torturadas, saltavam em massas tempestuosas, nas quais o navio começou a balançar e oscilar como um brinquedo; enquanto quatro passageiros aterrorizados, assistindo em meio à confusão dos camarotes, se agarravam desesperadamente à mobília em movimento e ofereciam orações sem palavras.

Talvez fosse melhor que eles não vissem a maior onda de todas, que, inchada à altura de uma colina alta, vinha varrendo do horizonte. Talvez fosse melhor que eles não soubessem

os esforços frenéticos que o capitão fazia para virar e enfrentar aquela onda de proa para frente. Tudo o que perceberam foi que, de repente, houve um choque como se montanhas inteiras estivessem se acumulando sobre eles; que tudo fora de sua cabine se perdeu em meio a uma fúria de trovões surdos; que havia um zumbido em seus ouvidos e um medo opressivo em seus corações; que parecia que o navio estava virando completamente, caindo de lado; e que, enquanto ele se erguia e estremecia e depois caía com um rugido que afogava o mundo e quebrava as águas, elas vinham correndo sobre eles, chicoteando-os, sufocando-os, apagando tudo em meio a um caos de luta desesperada e insensata. . . .

Durante os dias seguintes, os jornais trouxeram relatórios interessantes. Foi afirmado que havia ocorrido uma erupção vulcânica de intensidade incomum, a qual um navio em trânsito atribuiu a uma ilha anteriormente não mapeada no Pacífico Norte. Ao mesmo tempo, foi anunciado que a onda gigante resultante daquela erupção havia submergido muitos navios, incluindo o navio de guerra no qual o Presidente, juntamente com o Dr. Turnbull e o General Blackfoot, havia feito um cruzeiro de férias. Mas, atenuando as más notícias, surgiu uma informação mais animadora: o Japão e seu vizinho do outro lado do Pacífico, profundamente chocados com o desastre, haviam encontrado a razão e submetido suas diferenças a uma bem-sucedida arbitragem.

Hoje, se alguém viajasse até a Ilha Nebulosa, veria meia dúzia de recifes negros, o maior deles com menos de cem jardas de comprimento, que se projetam acima da imensidade das águas. Pássaros marinhos são ocasionalmente vistos ali; focas, de vez em quando, escolhem as rochas para se aquecer ao sol; mexilhões, percebes e algas marinhas emaranhadas são abundantes em suas partes inferiores, e às vezes o grande focinho de uma baleia ou os longos e viscosos tentáculos de um polvo podem ser observados se projetando acima das ondas. Mas as névoas que deram à ilha seu nome desapareceram, e o homem e as obras do homem não são mais encontrados naquela desolação tempestuosa.